

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO – UMESP
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

WESLEY SILVA BANDEIRA

**TEOLOGIA PARA A VIDA COTIDIANA: uma análise das *Lições Bíblicas* das
Assembleias de Deus para as Escolas Dominicais.**

São Bernardo do Campo

Março de 2020

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO – UMESP
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

WESLEY SILVA BANDEIRA

**TEOLOGIA PARA A VIDA COTIDIANA: uma análise das *Lições Bíblicas* das
Assembleias de Deus para as Escolas Dominicais**

Tese apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, com vistas à obtenção do título de doutor, sob a orientação do Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth.

São Bernardo do Campo

Março de 2020

FICHA CATALOGRÁFICA

B221t Bandeira, Wesley Silva
Teologia para a vida cotidiana: uma análise das Lições Bíblicas das Assembleias de Deus para as escolas dominicais / Wesley Silva Bandeira -- São Bernardo do Campo, 2020.

253 f.

Tese (Doutorado em Ciências da Religião) --Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020.

Bibliografia

Orientação de: Lauri Emilio Wirth.

1. Revista Lições Bíblicas – Análise de conteúdo 2. Escola bíblica dominical – Assembleia de Deus 3. Teologia 4. Vida cotidiana I. Título

CDD 289.94

Tese apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, com vistas à obtenção do título de doutor, sob orientação do Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth.

A tese de doutorado intitulada “Teologia para a vida cotidiana: uma análise das *Lições Bíblicas* das Assembleias de Deus para as Escolas Dominicais”, elaborada por Wesley Silva Bandeira, foi apresentada e aprovada em 03 de abril de 2020, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth (Presidente UMESP), Profa. Dra. Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa (Titular UFS), Prof. Gedeon Freire de Alencar (Titular PUC/SP), Profa. Dra. Valéria Vilhena (Titular UMESP), Prof. Dr. Jung Mo Sung (Titular UMESP).

Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião

Área de Concentração: Religião, Sociedade e Cultura

Linha de Pesquisa: Religião e Dinâmicas Socioculturais

*Aqueles a quem você trata mal são os inimigos que você é
chamado a amar.”*

Paulo Brabo

AGRADECIMENTOS

A Deus eu dirijo os meus primeiros agradecimentos, por ter me levado por caminhos outrora inimagináveis e ter me sustentado até o presente momento.

Agradeço, em especial, a minha família que sempre esteve ao meu lado, me ajudando e apoiando em todos os momentos. Minha esposa Karina Coppetti, que é minha companheira e amiga há quase uma década, não tenho palavras para descrever sua importância em minha vida. Agradeço também ao fruto de nosso amor, Lara Emili, que é nosso raio de luz e a razão da nossa alegria.

Agradeço ao meu pai, pastor Edvaldo Bandeira, homem íntegro e sincero, sua sabedoria e amor para com a palavra de Deus é sempre motivo de grande admiração. Minha mãe Suely, mulher guerreira e forte que sabe enfrentar os problemas da vida com muita firmeza. Ao meu irmão Edvan Bandeira, sua esposa Kaoana e ao recém-chegado Guto (Augusto). À minha irmã Kezia, seu marido Cássio e filha Yasmin, família linda e abençoada.

Agradeço ao meu cunhado Aguimar Claudio, sua esposa Karolina, por dividir comigo grandes momentos de grande alegria. Agradeço ao Paulo Coppetti, sua esposa Juliana e filhos Luiza e Luiz, todos sempre muito amáveis.

Agradeço, de coração, ao meu orientador, Lauri Emilio Wirth, que foi sinônimo de paciência e amizade ao longo do mestrado e doutorado. Minha gratidão se estende para além do campo acadêmico.

Sou grato a Gedeon Alencar, que ainda em momentos de muitas incertezas em minha pesquisa me ajudou a definir melhor o meu objeto de análise. Não sei se foi a sua genialidade ou o frio desesperador na Alemanha que despertou em mim o *insight* para essa pesquisa. Em todo caso, agradeço de coração a sua contribuição.

Agradeço a alguns amigos e amigas que compartilharam comigo a idealização de um sonho e me ajudaram de alguma forma ao longo desse caminho, são eles Adriel Barbosa, Claudio Correia, Edson Modesto, Petterson Vieira, Jéssica Ruotolo, Ildinei Casagrande e Paulino Peres. Sei que sempre posso contar com o apoio de cada um.

Aos órgãos de fomento CAPES-TAXAS e IEPG, sem essa ajuda não seria possível a realização desse projeto de pesquisa.

BANDEIRA, Wesley Silva. **Teologia para a Vida Cotidiana: uma análise das *Lições Bíblicas*** das Assembleias de Deus para as Escolas Dominicais. 255f. 2020. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 2020.

RESUMO

As Assembleias de Deus são apontadas por muitos autores como sendo a principal e mais influente igreja pentecostal do Brasil. São muitos os textos que se propõem a mostrar sua história e organização institucional. No entanto, lacunas se apresentam ao observarmos elementos de suas teologias e estruturas de pensamentos a partir dos olhares das Ciências Humanas. São poucas as pesquisas que se dedicam a observar a construção das doutrinas e valores dessa instituição para seus fiéis e, conseqüentemente, para a sociedade brasileira. Tendo a compreensão desse hiato acadêmico, objetiva-se, nessa tese, observar em que condições foram construídas as bases dos ensinamentos assembleianos e como foram se dando suas transformações ao longo dos anos. Minha hipótese é a de que a teologia oficial das ADs, presentes nas revistas *Lições Bíblicas* para a Escola Dominical, foi edificada a partir de princípios dados a priori pela leitura literal da Bíblia, que dialoga com as contingências da vida concreta, fazendo com que a teologia pentecostal se manifeste viva e significativa para os crentes dessa instituição. Para verificação dessa hipótese, analiso seu principal material teológico, as *Lições Bíblicas* para as Escolas Bíblicas Dominicais, elegendo quatro eixos temáticos presentes nas LBs, que estão em associação à organização da vida cotidiana, a saber: a família, o trabalho, a educação e a política. O recorte histórico definido nessa tese contempla os anos que vão de 1930 aos anos 2000. Este período subdivide-se em três períodos, correspondentes aos anos iniciais de influência sueca, de 1930 a 1945; dos anos que contemplam a chegada dos missionários norte-americanos, de 1946 a 1972 e finalmente; o período missionário e escatológico que abarca os anos de 1973 aos anos 2000. Concluo por fim que a teologia pentecostal das ADs não é estática e única, como propagam seus principais representantes, mas é fluída e diversa, sempre em diálogo com as transformações identificadas também no meio social e secular.

Palavras-Chave: Lições Bíblicas; Escola Bíblica Dominical; Assembleias de Deus; Teologia; Vida Cotidiana

BANDEIRA, Wesley Silva. **Theology for daily life**: an analysis of the Bible Lessons of Assemblies of God for Sunday Schools. 255p. 2020. Thesis (Doctorate in Sciences of the Religion) – Directory of Post-Graduation and Research. Post-Graduation Program in Religion Sciences of the Methodist University of São Paulo, São Bernardo do Campo. 2020.

ABSTRACT

The Assemblies of God are considered by many authors to be the main and most influential Pentecostal Church in Brazil. Many texts propose to show their history and institutional organization. However, gaps are shown when we observe the elements of their theologies and structures of thoughts from the eyes of Human Sciences. There are a few pieces of research dedicated to observing the construction of the doctrines, and the value of this institution for its believers and therefore for Brazilian society. Having an understanding of this academic gap the objective is in this thesis, to observe in which conditions the bases of the assembly's teachings were built and how their transformations have been taking place over the years. I hypothesize that the official theology of the AGs present in the Bible Lessons for Sunday School magazines was built on principles given a priori by the literal reading of the Bible which dialogues with the contingencies of concrete life, making the Pentecostal theology manifesting itself alive and meaningful to the believers of that institution. To verify this hypothesis, I analyze its main theological material, the Bible Lessons for Sunday Schools, choosing four thematic axes present in the Bible Lessons, which are in association with the organization of daily life, namely: the family, work, education, and the politics. The historical outline defined in this thesis contemplates the years from 1930 to the 2000s. This period is subdivided into three periods corresponding to the initial years of Swedish influence from 1930 to 1945; the years that contemplate the arrival of American missionaries from 1946 to 1972 and finally the missionary and eschatological period spanning the years 1973 to the 2000s. Finally, I conclude that the Pentecostal theology of AGs is not static and unique as propagated by its main representatives but is fluid and diverse always in dialogue with the transformations identified as well in the social and secular environment.

Keywords: Bible Lessons; Sunday School; Assemblies of God; Theology; Daily life

ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Assembleia de Deus

ADs – Assembleias de Deus

AG – *Assemblies of God*

AGO – Assembleia Geral Ordinária

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CAPED – Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical

CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus

CONAMAD – Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil

CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus

EBD – Escola Bíblica Dominical

EBDs – Escolas Bíblicas Dominicais

ED – Escola Dominical

EDs – Escolas Dominicais

EI – Empreendedor Individual

EUA – Estados Unidos da América

FAECAD – Faculdade de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humano

IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus

IBP – Instituto Bíblico Pentecostal

II – Investidor Individual

LBs – Lições Bíblicas

LGBT - *Gays*, Lésbicas Bissexuais e Travestis

LI – Lição Infantil

LIs – Lições Infantis

MP – Mensageiro da Paz

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

REA – Rede de Estudos Assembleianos

RELEP – Rede Latino-americana de Estudos pentecostais

REPAS – Rede de Estudos Pentecostais Assembleianos

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE GRÁFICOS

GRAF. 1 – Descrição em porcentagem dos temas que mais aparecem nas revistas <i>Lições Bíblicas</i> para as EBDs das ADs.	21
GRAF. 2 – Apresentação em ordem cronológica dos temas da revista <i>Lições Bíblicas</i> ao longo dos anos.	22

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa “O Plano divino através dos séculos”	24
Figura 2 – Capas das revistas <i>Lições Bíblicas</i>	25
Figura 3 – Capas das revistas LBs, <i>Maturidade Cristã</i>	26
Figura 4 – Capas das revistas LBs, <i>Maturidade Cristã</i>	28
Figura 5 – Capas das revistas <i>Lições Bíblicas</i>	30
Figura 6 – Publicidade <i>Lições Bíblicas</i> para crianças	42
Figura 7 – Campanha da nova sede da CPAD	49
Figura 8 – Nova sede da CPAD	55
Figura 9 – Materiais para as EBDs das ADs, CPAD	60
Figura 10 – Campanha de evangelismo nas <i>Lições Bíblicas</i>	176
Figura 11 – Campanha Nacional da CPAD	187
Figura 12 – Representação de negros e negras nas <i>Lições Infantis</i>	203
Figura 13 – Representação de negros nas <i>Lições Bíblicas</i> para adultos	205
Figura 14 – Ilustração do personagem bíblico Davi	233

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. Problematizações para a pesquisa	18
2. O lugar das <i>Lições Bíblicas</i> nas ADs	20
3. Breve análise iconoclasta nas <i>Lições Bíblicas</i> : a representação da mensagem pentecostal através das imagens	23
4. Caminhos da pesquisa	31
CAPÍTULO I - AS LIÇÕES BÍBLICAS NAS ESCOLAS BÍBLICAS DOMINICAIS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL: CRIAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E DESAFIOS	33
1.1. A criação oficial das <i>Lições Bíblicas</i> na 1ª AGO	36
1.2. A estrutura das <i>Lições Bíblicas</i> sob domínio dos suecos (1930 a 1945).....	38
1.2.1. Comentário para crianças e início das <i>Lições Infantis</i>	40
1.3. A chegada dos norte-americanos: criação da CPAD e mudanças estruturais nas revistas <i>Lições Bíblicas</i> (1946-1973)	42
1.3.1. Publicidade nas <i>Lições Bíblicas</i>	46
1.3.2. Ensaaios para novos caminhos	49
1.4. A fase escatológica: entre a iminência do arrebatamento e a implantação do império assembleiano (1973 a 2000).....	53
1.4.1 O combate às seitas e heresias e outros enfrentamentos	56
1.5. O que representam as <i>Lições Bíblicas</i> na contemporaneidade?	58
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DO CAPÍTULO	62
CAPÍTULO II - PIONEIRISMO SUECO: ENTRE A LIBERDADE DO ESPÍRITO E A PRISÃO DA LETRA (1930 A 1945)	64
2.1. O comportamento ideal do cristão pentecostal no espaço doméstico	66
2.1.1. Família: um projeto de Deus e uma obsessão dos pastores pentecostais	68
2.1.2. A construção da imagem da mulher nas <i>Lições Bíblicas</i> : o combate à Frida Vingren é o combate a todas as mulheres.....	70
2.1.3. Os jovens entre diversões, casamentos e ministério: o corpo pentecostal e a morada do Espírito Santo	76
2.2. Trabalho e Sociedade: o cristão entre a exaltação da experiência pentecostal e o enfado do trabalho	80

2.2.1. Trabalhe onde Deus colocar, seja justo e mantenha a fé	82
2.2.2. O sofrimento é inerente à vida cristã	86
2.2.3. Cuidado com os ricos e suas posses	88
2.3. A Educação nas Assembleias de Deus: As <i>Lições Bíblicas</i> entre a pedagogia, a teologia e a institucionalização do movimento	91
2.3.1. Analfabetismo no Brasil, um desafio a ser enfrentado?	95
2.3.2. Teologia: nossa luta não é contra carne e sangue, mas é contra Católicos e Sabatistas	98
2.3.3. “É trágico, quando a luz divina do Espírito é substituída pela luz intelectual”	101
2.4. Política, uma abordagem necessária?	104
2.4.1. Buscando o Reino de Deus e zelando pelas leis dos homens	105
2.4.2. O que é de César não nos pertence e o que é de Deus não se nega	110
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DO CAPÍTULO	112
CAPÍTULO III - A CHEGADA DAS MÁQUINAS, DO DINHEIRO E DOS IANQUES NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: INFLUÊNCIA DOS NORTE-AMERICANOS NA PRODUÇÃO DAS <i>LIÇÕES BÍBLICAS</i> (1946-1973)	
3.1. O valor da consciência para a vida cristã	121
3.1.1. Família: entre desejos e ameaças	124
3.1.2. O sucesso dos filhos reflete a conduta dos pais	128
3.2. O cristão na sociedade: Deus aprova a vida social e as festividades inocentes ...	130
3.2.1. A igreja no mundo e o mundo na igreja: a atuação da denominação é um convite ao confronto	132
3.2.1.1. Ataque aos professores: ressentimento ou má-fé?	137
3.2.2. Os ricos também sofrem	140
3.3. Educação: pentecostais e acadêmicos em disputas pela linguagem	144
3.3.1. A leitura da história pela ótica pentecostal	151
3.4. Política: reina o espírito de alienação nas Assembleias de Deus?	154
3.4.1. Tomando partido em um mundo polarizado	156
3.4.2. Israel, o relógio de Deus: a presença do Estado de Israel no imaginário teológico pentecostal	159
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DO CAPÍTULO	162

CAPÍTULO IV - MISSÕES, SANTIDADE E ESCATOLOGIA: ENTRE A IMINÊNCIA DO ARREBATAMENTO E A IMPLANTAÇÃO DO IMPÉRIO

ASSEMBLEIANO (1973 -2000)	165
4.1. Família: a questão da santidade nos lares cristãos	168
4.1.1. Homossexuais são os outros	171
4.1.2. Educar para ser um cidadão ou um missionário? As <i>Brigadas-Mirins</i> pentecostais aos moldes dos escoteiros americanos	174
4.1.3. A mulher não é escrava do homem, desde que fique no seu lugar	179
4.2. Fazendo missões em quaisquer circunstâncias, ou quase isso	181
4.2.1. Depositando no “banco do céu” e emitindo cheques de bênçãos.....	186
4.3. Educação formal e teológica: precisamos falar de pedagogia	188
4.3.1. Criação do CAPED e sua representação para a educação da EBD	190
4.3.2. João Kolenda Lemos e Ruth Dóris Lemos: há limites para buscar conhecimento?	195
4.3.3. O combate às heresias ou a perpetuação do preconceito?	197
4.3.3.1. Religiões de matriz-afro e espiritualistas.....	199
4.3.3.1.1. A representatividade dos negros nas <i>Lições Bíblicas</i> e nas <i>Lições Infantis</i> , um ponto de esperança?.....	202
4.3.3.2. Ateístas	206
4.4. Política: distanciamentos e aproximações das ADs com a <i>res publica</i> a partir do imaginário apocalíptico	208
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DO CAPÍTULO	212
CAPÍTULO V - TEOLOGIA PARA A VIDA COTIDIANA: CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROJEÇÕES	215
5.1. Crescimento das ADs em disputas pelo espaço religioso.....	217
5.2. Revisitando o lar pentecostal: a centralidade do corpo feminino na teologia pentecostal	220
5.2.1. As homossexualidades e os pentecostalismos: o surto do HIV/AIDS nos anos de 1980, e as construções das narrativas religiosas.....	225
5.3. Do honesto disciplinado ao empreendedor individualizado: mudanças paradigmáticas no modelo ideal cristão no mundo do trabalho.	229
5.4. A instrumentalização da educação ou uma “primavera educacional” nas ADs?	235

5.5. Política: da negação à militância	237
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DO CAPÍTULO	239
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	241
FONTES PRIMÁRIAS – REVISTAS	247
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	248

INTRODUÇÃO

Aqueles que já se interessaram pela história das Escolas Bíblicas Dominicais (EBD) certamente já se depararam com a narrativa de seu surgimento, ocorrendo a mais de duzentos anos na Inglaterra, para atender à necessidade de crianças carentes que viviam sem esperança de futuro em contexto da Revolução Industrial.

O idealizador desse projeto é o jornalista Robert Raikes que, incomodado com a ociosidade das crianças no domingo, contrata mulheres para ensinar-lhes algo de útil. O resultado de seu trabalho foi publicado em seu jornal, em 3 de novembro de 1789, quando se comemora, na Inglaterra, sua fundação. A partir daí passou a incentivar essa atividade utilizando para isso o seu jornal.

De acordo com essa narrativa, a razão para a criação das Escolas Dominicais (ED)¹ era a formação secular, mas com motivação religiosa. O público alvo eram as crianças carentes e maltrapilhas que beiravam a delinquência social no contexto do fim do século XVIII. (RAMOS, 2013). A ED seria um espaço para se propagar, acima de tudo, conhecimentos seculares.

Não havia inicialmente uma preocupação direta com o ensino teológico. “Para Ramos, a ED nasceu não da preocupação do ensinamento religioso bíblico, mas da educação para a formação da criança visando o futuro.” (SANTOS & PAIVA, 2017, p. 3).

Não é por acaso que em quase todos os textos, tanto acadêmicos quanto confessionais, se enobrece a atitude de Robert Raikes, que investiu recursos próprios para que crianças fossem contempladas com uma formação humanística. Há até quem veja ligação direta entre o surgimento da educação pública na Inglaterra e o trabalho desse jornalista, o que aumenta ainda mais uma narrativa mística em torno da origem das EBDs no mundo. Essa ideia é reafirmada até por autores que trabalham com uma pedagogia crítica, tal como Abigail Daneluz, que afirma: “A escola pública inglesa surgiu da Escola Dominical de Raikes.” (DANELUZ, 2010, p. 26).

Apesar dessa empolgação com a origem das EDs, pouco se discute sobre o contexto social que gerava a existência de infantes carentes nessa época e que lhes proporcionava apenas

¹ Uso ED (Escola Dominical), para referir-me a esse espaço quando ainda tinham preocupações seculares e não somente de conteúdos bíblicos e EBD (Escola Bíblica Dominical) para referir-me quando ela prioriza exclusivamente o ensino bíblico. Também usarei na forma não contraída para fins estéticos de leitura, sem fins didáticos aparentes.

o domingo livre, pois nos outros seis dias estavam em trabalhos compulsórios nas grandes fábricas da Inglaterra, chegando a jornadas de 12 horas diárias.

A narração mítica do surgimento das EDs esconde tensões sociais existentes que possibilitavam o aparecimento de um quadro social que gerava incômodos e acima de tudo, miséria. Diferente do que muitos propagam, as EDs não oferecem oposição a esse sistema, e sim, a manutenção e legitimação do mesmo.

Ela nunca foi revolucionária, como fazem parecer seus entusiastas. Foi sim, uma acomodação sistêmica da religião para a perpetuação do *status quo*. O objetivo de Raikes era claramente diminuir a criminalidade, usando para isso a religião e não a transformação do sistema pela educação, como vendem os religiosos e os acadêmicos desavisados.

É provável que o motivo principal para Raikes ter incentivado a instrução de tais crianças seja pautada em uma “ética protestante”, tal qual ressaltou Max Weber em seu clássico *A ética protestante e o “Espírito” do Capitalismo*², considerando o tempo livre uma afronta a Deus e a sua ética de trabalho. Nada mais coerente do que preencher esses espaços com o ensino de algo útil.

Apenas como conjectura, me questiono se as crianças estivessem nas fábricas também aos domingos se isso geraria algum incômodo na consciência do referido jornalista?

Levanto esses pontos sobre a narração mítica que se faz em torno da fundação da EBD, porque as principais pesquisas³ sobre esse assunto caminham no sentido de ressaltar sua relevância histórica, focando em um imaginário irreal. Dizem sempre o que elas foram ou devem ser e não trabalham o que elas são de fato, para os crentes, igreja, e sociedade em geral.

Boa parte dos pesquisadores se deixam levar pela sua paixão pela EBD, fruto geralmente de suas experiências religiosas, o que macula o resultado da pesquisa. Porém, ficam frustrados com a evasão dos alunos na contemporaneidade e conseqüentemente na sua perda de relevância social nos dias atuais. Assim, desejam, através da pesquisa acadêmica, resgatar a importância

² WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

³ RAMOS, André Luiz. *Escola Dominical: história e situação atual*. Dissertação de Mestrado, Mackenzie, 2013

social das EBDs para os dias atuais. Fala-se de um passado glorioso e de um futuro promissor, mas pouco sobre o presente real das Escolas Bíblicas Dominicais⁴.

Logo, não faz sentido continuar reafirmando a narrativa do surgimento da Escola Dominical sem maiores reflexões. A ideia de que as crianças não tinham futuro e que beiravam a delinquência no contexto da Revolução Industrial carece de olhares mais atentos: não tinham futuro porque este lhes foi roubado pelo capital industrial da época. Ninguém pode ser chamado de delinquente ou vagabundo, trabalhando 12 horas por dia, principalmente se forem crianças, seja em qual época e contexto for.

Isso obviamente não desmerece o trabalho altruísta de Robert Raikes, que dispendo de recursos próprios certamente fez a diferença na vida daquelas crianças, haja vista o poder humanizante da educação em si (DUARTE, 1999). Questiono, portanto, a real intensão em se promover essa narrativa em torno do passado glorioso da EBD. É provável que haja uma pretensão de reforçar a relevância social da Escola Dominical diante do colapso estrutural que as igrejas protestantes vêm experimentando na contemporaneidade, principalmente em seu setor educacional.

Não são somente as igrejas ligadas ao protestantismo clássico que supervalorizam o surgimento da EBD com Raikes na Inglaterra, em 1789. Mas, as Assembleias de Deus através das *Lições Bíblicas*, também trazem essa data como um marco na educação cristã mundial e assim consideram a história da EBD anterior à própria instituição. (GILBERTO, 1998, p. 114).

Enquanto o protestantismo vê um esvaziamento das EBDs e até questionamentos internos sobre se ainda compensa investir nas Escolas Dominicais como estratégia de evangelismo (DANELUZ, 2010), as igrejas pentecostais, sobretudo as Assembleias de Deus, vivem seu momento de ouro em se tratando de Escolas Dominicais. Com investimentos milionários e a profissionalização de seus recursos materiais e humanos, a CPAD ganha destaque entre os setores evangélicos pela ótima qualidade gráfica de seus produtos para a EBD.

As EDs, controversa em sua origem, foi aos poucos ganhando espaço e garantido presença entre as principais igrejas protestantes da Europa, como canal importante de

⁴ Para mais ver: FILHO, Francisco Negreiros. A Escola Bíblica Dominical, da Assembleia de Deus e sua contribuição para a educação e a cidadania. UNITAS. Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v.5, n. 2, Ago-Dez, 2017

FREITAS, Jorge Wagner de Campos. Adolescência, Escola Dominical e Educação: Perspectivas de um novo processo. Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Metodista de São Paulo, 2016

RAMOS, André Luiz. Escola Dominical: história e situação atual. Dissertação de Mestrado, Mackenzie, 2013

divulgação da mensagem cristã. E, em pouco tempo, já contava com milhares de alunos e simpatizantes em toda a Inglaterra:

Apesar da oposição de alguns, o movimento de escola dominical alcançou uma proporção considerável ganhando mais adeptos às ideias iniciais de Raikes chegando alcançar no ano de 1797 aproximadamente 250 mil crianças matriculadas somente nas escolas da Inglaterra. (RAMOS, 2013, p. 33).

Uma característica das primeiras EDs está na valorização da educação infantil e formação secular. Objetivava-se ensinar às crianças a ler, escrever e fazer contas e não somente aprender conteúdos bíblicos. Apenas lembrando que a Inglaterra foi um dos últimos países a adotar a educação pública como responsabilidade do Estado, por isso as EDs preenchiam bem esse espaço.

Quando as EDs chegam nos Estados Unidos, já haviam se descaracterizado de seus atributos iniciais. Os EUA já contavam com uma educação secular de qualidade que atendia bem as necessidades do povo. O que contribuiu para que o foco das EDs se concentrasse na educação religiosa. E tal como na Europa, as críticas foram intensas a ela, sendo necessário um certo tempo para que fosse aceita por todos⁵.

Torna-se uma tendência: na medida em que os Estados vão assumindo a função de promover educação pública para todos, as EDs vão ficando com a responsabilidade de transmitir apenas o conhecimento religioso. Obviamente que essa perda de encargos diminui seu peso social. Em contrapartida, torna-se fundamental para o evangelismo e a preservação das tradições religiosas nas principais igrejas protestantes em todo o mundo.

As EBDs que chegam ao Brasil pouco têm a ver com aquela pensada por Robert Raikes. Ela é mais voltada para adultos e com objetivos claros de transmitir apenas conteúdos bíblicos.

Sua chegada coincidiu com o advento dos primeiros missionários protestantes. Isso não ocorre por acaso, mas se dá em razão da importância que a Bíblia tem para os protestantes.

⁵ “A chegada da escola dominical aos Estados Unidos não foi bem aceita no começo tendo em vista a prática existente de outro modelo como o “Sabbath School”. Marra diz que a Primeira Igreja Presbiteriana de Princeton só aceitou o novo modelo de Escola dominical em 1818. No que diz respeito às outras denominações, elas levaram mais ou menos tempo para aceitarem a inovação”. (RAMOS, 2013, p. 35).

Nada mais coerente do que ter um espaço para sua leitura e estudo sistemático. Sobre a origem das EDs no Brasil assim escreve André Ramos:

Ao contrário do que muitos pensam a escola dominical no Brasil não começou com o casal Kalley, mas sim com o missionário metodista Spaulding em 29 de abril de 1836. A respeito desde missionário e de seu trabalho, Claudio Marra diz que a chegada dele “foi marcada por tal dinamismo que, apenas quatro meses depois (1 de Setembro de 1836), ele já tinha ótimas notícias a dar ao secretário correspondente da Sociedade Missionária da Igreja Metodista Episcopal” (MARRA, 2007, p. 26). O relatório prestado mostra como o missionário foi bem sucedido no alcance dos seus objetivos. (...) tendo que retornar para o campo de origem, o trabalho iniciado por Spaulding não foi adiante e com isso, o casal de congregacionais Robert Reid Kalley e sua esposa Sarah Pouton Kalley, chegaram ao Brasil em 10 de maio de 1855 assumindo o novo desafio. Logo de início estabeleceram em Petrópolis e no dia 10 de agosto deram início à primeira escola dominical começando com 8 crianças em junho de 1856 e chegando em outubro do mesmo ano com 25 alunos matriculados. (RAMOS, 2013, p. 36-37).

Nas Assembleias de Deus o surgimento das EBDs está ligado diretamente ao início do movimento pentecostal no Brasil. Sobre sua criação e implantação daremos maior atenção no decorrer dessa pesquisa.

1. Problematizações para a pesquisa

No que se refere propriamente às Assembleias de Deus no Brasil, existem interessantes pesquisas que nos informam institucionalmente como essa igreja foi se estruturando ao longo do tempo (ALENCAR, 2013; CORREA, 2013). No entanto, são poucos os trabalhos que priorizam exclusivamente as EBDs e sua produção teológica. Aliás, quando se fala em teologia nas ADs a tendência é optar por sua negação, quando não, supervalorizam a experiência pentecostal esvaziando-a de sentido racional. No entanto, é possível constatar uma teologia presente nessa instituição e que foi registrado nas *Lições Bíblicas* desde o seu início.

De acordo com os dados da própria instituição, a realização da primeira Escola Dominical ocorreu logo após a fundação das Assembleias de Deus ainda em 1911, na casa de José Batista de Carvalho, na Av. São Jerônimo, em Belém PA. Provavelmente uma herança das experiências protestantes dos primeiros missionários que trouxeram em sua bagagem ampla participação nos estudos bíblicos no domingo pela manhã.

Em 1920, começa a circular como suplemento do Jornal *Boa Semente* os Estudos Dominicaes (sic), que eram comentários que serviam de suporte às Escolas Bíblicas das

Assembleias de Deus, mas com circulação apenas no Pará. (BRUNNER, 2004, p. 35). Havia um desejo claro de romper com a antiga teologia protestante, mas ao mesmo tempo existia o reconhecimento de que as EDs proporcionavam ferramentas importantes para o evangelismo e a propagação do evangelho.

Atualmente, as *Lições Bíblicas*, são revistas para as EBDs das ADs, editados pela CPAD. São comentários bíblicos de cunho teológicos lançados trimestralmente e que servem a essas igrejas como orientação prática e doutrinária da fé pentecostal. São escritos e revisados por pastores e professores bem quistos dentro da instituição, sem jamais se repetir uma lição, o que faz com que diversos temas abordados adquiram novas significações com o passar tempo.

Ao longo dos anos foram muitos os personagens que contribuíram para dar respostas teológicas às questões levantadas pelo público assembleiano. Cada autor atuou na tentativa de canalizar as mudanças que ocorriam na sociedade e interpretá-las de acordo com a tradição cristã pentecostal que julgavam corretas. Esses pensamentos foram expostos, de maneira oficial nessas revistas.

Meu objetivo aqui é o de tentar mostrar as principais correntes de pensamentos apresentadas pelas LBs na visão dos comentaristas, descrevendo cada fase de acordo com o seu período histórico. O método privilegiado foi o de análise das fontes primárias, usando como referência as próprias revistas para a EBD. A ideia não é trazer verdades únicas, mas sim apresentar uma versão da teologia pentecostal ainda pouco explorada.

Minha hipótese é que as *Lições Bíblicas* foram apresentando modelos ideais de comportamento aos crentes na medida em que dilemas e problematizações iam surgindo no movimento pentecostal, o que proporcionou a necessidade constante de revisão da leitura bíblica a partir das interpelações do dia-a-dia.

Logo, pode-se dizer que a teologia pentecostal foi construída, nas referidas revistas, a partir das contingências do cotidiano. Portanto, revela rupturas e continuidades ao longo de sua história. E, é exatamente esses pontos que serão analisados nessa pesquisa.

Para não fluir em muitas divagações, selecionei quatro eixos temáticos centrais que dialogam diretamente com a organização da vida cotidiana, a saber: (I) a organização familiar; (II) o cristão em relação ao trabalho & sociedade; (III) a educação formal & teológica; (IV) e questões referente à política. A pesquisa tem como hipótese básica a suspeita de que há, nessas revistas, modelos ideais de comportamento para o crente proceder em seu dia-a-dia.

Sendo este um trabalho de cunho histórico e não teológico⁶, priorizo os primeiros anos da criação oficial das LBs, que ocorrem a partir dos anos de 1930, a partir da 1ª AGO, até os anos 2000⁷, quando a CPAD apresenta o mais recente plano curricular para a revista.

Ao longo dessas 7 décadas foram muitas as mudanças e transformações. Para facilitar a pesquisa, dividi esse período em 3 fases cronológicas, a saber: 1930 a 1945; 1946 a 1972; 1973 a 2000. As razões para tal demarcação são melhor descritas no primeiro capítulo.

2. O lugar das *Lições Bíblicas* nas ADs

De acordo com os representantes da CPAD, há uma união doutrinária nas Assembleias de Deus em todo o país. O motivo? As revistas para a EBD, que estão presente em todo território nacional. Ao menos é assim que são apresentadas as *Lições Bíblicas* nos principais portais e sites da instituição.

Com uma tradição de quase noventa anos, a revista *Lições Bíblicas* da CPAD é a principal responsável pela coesão doutrinária de nossa igreja no Brasil. De Norte a Sul e de Leste a Oeste, verifica-se que, salvo as questões de usos e costumes e pouquíssimas diferenças litúrgicas, as Assembleias de Deus são doutrinariamente coesas.⁸

Embora seja possível questionar a existência dessa “unidade doutrinária” tal como afirmam os porta-vozes da CPAD, é nítido a presença das revistas *Lições Bíblicas* nos lares assembleianos em todo o país. Independentemente da questão geográfica, todos estudam as mesmas lições⁹. Isso faz com que diversos temas e conteúdos sejam observados sob um mesmo ângulo, havendo, portanto, unidade na apresentação do conteúdo nas ADs. A forma como as pessoas leem e interpretam esses textos já é outra questão.

Em um artigo sobre as *Lições Bíblicas*, Francisco Alexandre Gomes (2017), entrevista alunos assíduos da Escola Dominical no estado do Ceará e chega à seguinte conclusão:

⁶ Este trabalho é uma abordagem história “da” teologia pentecostal e não “a partir” da teologia assembleiana.

⁷ Adentrar no século XXI exigiria novas ferramentas metodológicas de análise que fugiria ao caráter histórico dessa pesquisa, por isso essa tese finaliza nos anos 2000.

⁸ Disponível em: <<http://cpadnews.com.br/ensinador-cristao/780/a-importancia-das-licoes-biblicas.html>> Acesso em: 08 jul. 2018.

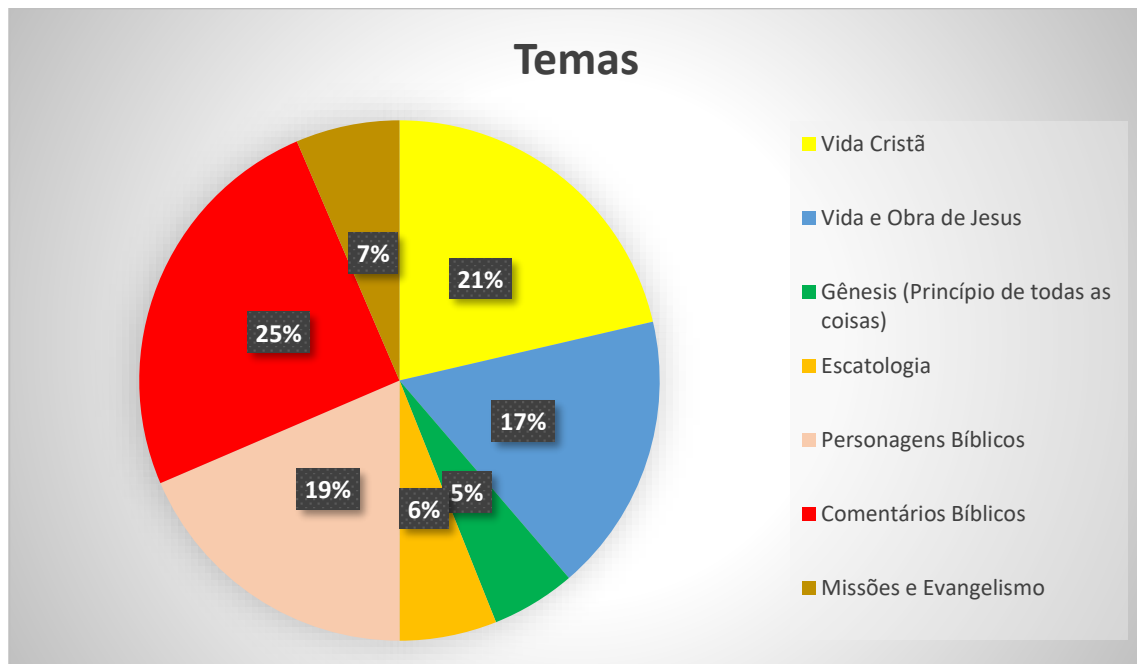
⁹ Somente a partir dos anos de 1992 é que haverá uma revista para concorrer com as *Lições Bíblicas* dentro das Assembleias de Deus. Ela é editada pela Editora Betel em razão da divisão entre Madureira e Belém e mais recentemente o Pr. Silas Malafaia lança seu próprio material pela editora Central Gospel, mas ainda com pouca inserção nas Assembleias de Deus, sendo a CPAD detentora do monopólio editorial das Assembleias de Deus.

[Os entrevistados] destacam o uso da Revista para montagem de sermões pelos pregadores. O que leva a observar a carência literária desses líderes locais, muitas vezes a única literatura que dispunham para seus estudos teológicos e hermenêuticos eram a Bíblia e a Revista Lições Bíblicas. Uma apropriação feita por esses leitores que, sem dúvida, ajudou a reproduzir a ideologia oficial da AD entre os milhares de fiéis que aderiam ao pentecostalismo assembleiano. Mesmo aqueles que não participavam das EBD acabavam por ouvir as lições na forma de pregação nos cultos noturnos. (GOMES, 2017, p. 11).

Alguns pontos destacados por esse autor são importantes. O primeiro deles diz respeito à presença das LBs da CPAD nos lares pentecostais, enquanto outras bibliografias evangélicas não têm o mesmo sucesso. A segunda questão é a contribuição dessa literatura nas pregações. Ou seja, o conteúdo das LBs é endossado pelos pastores nas pregações no domingo à noite.

Na tentativa de entender o lugar das LBs na história das ADs, procurei ter uma visão geral dos principais temas estudados por essas revistas ao longo de sua história. Fiz então um levantamento dos temas que mais aparecem na revista, classifiquei-os em categorias que se aproximavam, ficando descritas assim: vida cristã, vida e obra de Jesus, princípio de todas as coisas, escatologia, biografias bíblicas, comentários bíblicos e missões & evangelismo.

GRAF. 1 – Descrição em porcentagem dos temas que mais aparecem nas revistas *Lições Bíblicas* para a EBD da ADs.



Fonte: Dados coletados pelo autor

O gráfico acima apresenta os conteúdos distribuídos em porcentagem. Pode-se observar os comentários bíblicos ocupando 25% dos assuntos das *Lições Bíblicas*. Nesse campo há análises mais descritivas do texto bíblico, com grande número de citações e uma leitura dos textos sagrados.

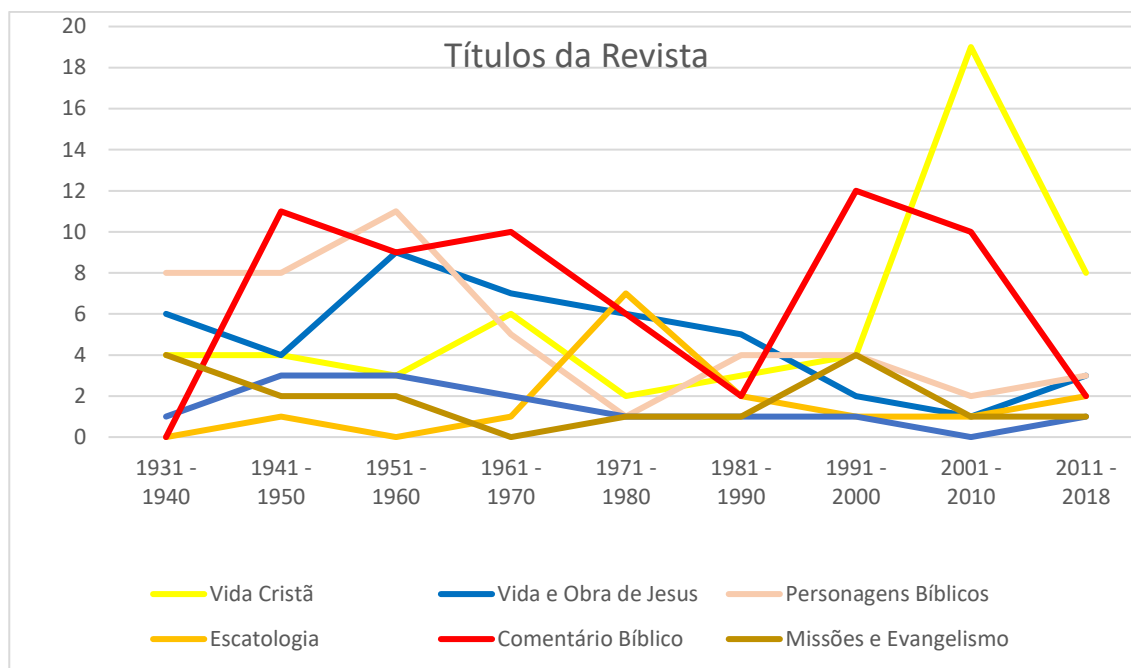
O segundo tema que mais aparece tem a ver com a vida cristã, ocupando 21% dos títulos das *Lições Bíblicas*. Os pontos destinados a esse tópico procuram expressar respostas a possíveis problemas de caráter prático e comportamental, enfrentado pelo crente. Há aqui orientações referentes à conduta do fiel diante no mundo, onde o modelo exemplar a ser seguido são os grandes homens e mulheres da Bíblia.

Fica subtendido, nesse ponto, a construção de um modelo familiar exemplar que agrada a Deus. Os papéis sociais de cada membro da família são claramente descritos, tal como deve ser o proceder do homem, da mulher, dos filhos etc., também como devem ser o agir destes cristãos em seus casamentos, no trabalho, nos estudos, na igreja e na sociedade de uma maneira geral.

Acompanhando esse segundo tópico há o campo dos personagens bíblicos com 19% e Vida e Obra de Jesus com 17% dos temas abordados. Aqui, procura-se descrever a biografia dos homens e mulheres descritos na Bíblia, ressaltando suas atitudes diante das adversidades. Há aqui a tentativas de orientar o leitor a ter as mesmas atitudes que os personagens ali descritos, sendo Jesus o grande modelo a ser seguido.

Em uma primeira observação, pôde-se verificar que os títulos se alteraram com o passar dos anos, dando a impressão de que as necessidades enfrentadas pelas lideranças pentecostais e o contexto histórico insidiam – e ainda incidem – nos estudos a serem transmitidos. Facilita entender esse ponto se olharmos para os temas através de uma perspectiva cronológica:

GRAF. 2 – Apresentação em ordem cronológica dos temas da revista *Lições Bíblicas* ao longo dos anos.



Fonte: Dados coletados pelo autor

Na apresentação acima é possível ver como os conteúdos se alteram com o passar dos anos. Com base no referido gráfico é que as divisões temporais dessa pesquisa foram estabelecidas. Antes, portanto, de descrevê-los é necessário que atentemos para alguns detalhes.

O primeiro deles é o destaque que os comentaristas dão aos personagens e os comentários bíblicos durante todo período analisado, tendo abrupta queda nos anos de 1980-90, mas retomando a ascensão nos anos posteriores.

Outra questão é a valorização da pessoa de Jesus e sua obra. Isso ocorre mais propriamente em meados dos anos de 1940. Também pode-se perceber que a entrada do novo milênio trouxe acentuada atenção a questões da família e da vida cristã. O tema das missões, embora não apareça muito, permeia toda a revista, com leve acentuação no final dos anos de 1980 e 1990.

Tendo compreendido essas questões mais de cunho descritivo do material, vamos abordar, brevemente, como as imagens e a representação do sagrado aparecem nas LBs.

3. Breve análise iconoclasta nas *Lições Bíblicas*: a representação da mensagem pentecostal através das imagens

Ao longo desse trabalho abordarei mudanças e continuidades em diversos temas, conforme dito anteriormente. Nessa fase introdutória quero apontar algumas questões a respeito das imagens usadas nas LBs. Desejo mostrar, de maneira sucinta, como os pentecostais das

ADs ilustraram sua mensagem ao longo dos anos. O objetivo não é exaurir o assunto, mas apontar caminhos para aprofundamentos posteriores.

Apenas internamente é possível dizer se o uso de imagens, na representação do sagrado, é legítimo ou não. A nós não é lícito o julgamento moral da teologia pentecostal. Apenas nos cabe descrever ao máximo o material pesquisado. Buscando sempre ser justo com a história e a tradição da denominação, sem nos furtar à objetividade científica. Isso não significa que a neutralidade total seja possível.

Essa abordagem é necessária uma vez que os pentecostais são herdeiros da tradição protestante, trazendo em seus discursos o cuidado para não cair na idolatria ao representar o sagrado.

Ao longo de todas as revistas é possível ver as críticas que fizeram aos católicos romanos pelo uso excessivo de imagens em suas liturgias. No entanto, não é possível dizer que aspectos similares não estão presentes nas ADs. Veremos aqui, de que forma elas ocorreram – e ainda ocorrem – nas *Lições Bíblicas*.

O uso de símbolos e imagens no processo catequético é extremamente positivos nas religiões, principalmente em regiões como o Brasil, onde os índices de analfabetismos são altíssimos. A ilustração torna mais fácil ao estudante a compreensão da matéria. Os pentecostais das ADs, rapidamente compreenderam isso.

Uma das primeiras representações, para fins pedagógicos nas ADs se deu através do livro *O Plano Divino através dos séculos*. O mapa contido nesse material, além de ilustrar de modo didático a teologia dispensacionalista¹⁰, se torna eficiente em mostrar os acontecimentos escatológicos de acordo com a crença assembleiana.

Nesse material, Deus é apresentado com o rosto resplandecente, aparentemente branco, de meia idade e que tem as pompas de um monarca medieval. Essa representação ocorre de duas a três vezes no mapa a seguir:

FIGURA 1 – Mapa “O Plano divino através dos séculos”

¹⁰ Teologia dispensacionalista, ou em dispensações, é a doutrina de que a Bíblia está dividida em períodos ou fases de tempos onde Deus relaciona com os homens a partir de pactos. De acordo com essa interpretação, são 7 dispensações existentes no texto sagrado, a saber: 1. Inocência; 2. Consciência; 3. Governo Humano; 4. Promessa; 5. Lei; 6. Graça; 7. Reino ou Milenial. Disponível em: <<https://www.monografias.com/pt/trabalhos3/estudo-dispensacoes/estudo-dispensacoes2.shtml>> Acesso em: 01 jan. 2020.



Fonte: OLSON, Lawrence. *O Plano Divino através dos séculos*, 1981

Apesar da preocupação constante em não representar Deus sob nenhuma hipótese, não encontrei nenhuma crítica a esse material. Levanto algumas hipóteses para isso: primeiro, porque ele foi trazido ao Brasil por alguém de muita credibilidade dentro das ADs, que era o pastor Lawrence Olson. E também, porque servia mais às aulas teológicas do que aos cultos devocionais.

Além disso, há o fato de que o divino representado neste mapa, tem os estereótipos do imaginário religioso presente no Brasil. No mais, é possível imaginar que o uso desse material foi positivo para consolidar a visão pentecostal dos acontecimentos escatológicos.

No entanto, as revistas *Lições Bíblicas*, seguiram evitando trazer a representação das coisas sagradas. Isso persistiu somente por mais algum tempo. A busca por tornar o material das EBDs mais apresentáveis comercialmente fez surgir a necessidade de acrescentar imagens em suas capas. Isso se deu apenas a partir do I Trimestre de 1958, quando a parte gráfica da CPAD já estava bem estruturada. Antes disso, as lições traziam apenas dizeres indicando títulos e textos a serem desenvolvidos no interior da revista.

As primeiras figuras usadas são de montanhas, lagos, florestas, flores e etc, não havendo ligações aparentes entre o conteúdo e as imagens de capa. A única correlação parece ser a representação da natureza, “obra prima da criação divina”:

FIGURA 2 – Capas das revistas *Lições Bíblicas*



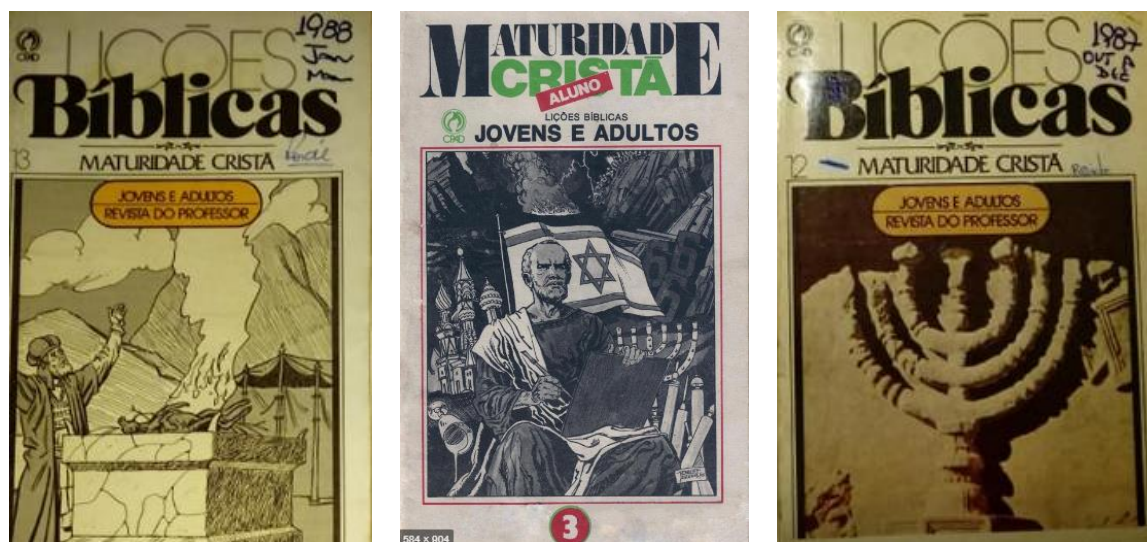
Fonte: Compilação do autor¹¹.

Quando houve uma reestruturação curricular nas revistas, a partir do I Trimestre de 1985, os editores sentiram-se mais livres para fazer as mudanças que julgavam necessárias, principalmente na parte da iconográfica. Além das imagens que ganharam novo aspecto, as revistas também mudaram de nome, para *Maturidade Cristã*. Essas mudanças perduraram até o IV Trimestre de 1993, quando houve nova reestruturação curricular e elas voltaram a se chamar *Lições Bíblicas*. Mostrarei, ao longo dessa tese, que essas alterações só foram possíveis porque foi encabeçada por alguém que gozava de grande prestígio dentro da instituição, o pastor Antonio Gilberto.

Em MC, o foco se acentua em dois temas principais, a saber: (I) valorização do Estado de Israel e (II) escatologia. Nos capítulos 2 e 3, defino como esses dois temas ganharam espaço nas LBs. O enaltecimento das práticas, rituais e símbolos judaicos são clarividentes:

FIGURA 3 – Capas das revistas LBs, *Maturidade Cristã*

¹¹ Montagem a partir das capas das revistas *Lições Bíblicas* referentes respectivamente ao II Trimestre de 1975; III Trimestre de 1973; II Trimestre de 1980.



Fonte: Compilação do autor¹².

Os traços gráficos ganham contornos mais fortes e a valorização do Estado de Israel e sua tradição coadunam com o conteúdo transmitido. É possível perceber que há convergências dos acontecimentos políticos da época com a mensagem pentecostal. A partir daí, os diversos pentecostalismos disputam entre si para saber quem melhor representa os valores do judaísmo.

Se no passado os templos das ADs evitavam o uso de imagens de qualquer tipo, atualmente é comum encontrar a representação dos símbolos judaicos nesses ambientes, principalmente o Menorá e a Estrela de Davi. Também não é difícil encontrar líderes pentecostais usando trajes judaicos no ato litúrgico.

De acordo com Cândido Luiz Santos Maynard (2016), essa alteração se dá pelo desejo de buscar as origens do cristianismo. Um anseio claro em fincar os pés em alguma tradição com maior capital simbólico, para resistir às mudanças da modernidade. O autor, em sua dissertação de mestrado, aponta que a “judaização dos cultos evangélicos” ocorre pela sua falta de simbologia. Ou seja, são estratégias de sobrevivência desses grupos na contemporaneidade (MAYNARD, 2016, p. 15).

Os símbolos do judaísmo não apenas são bem-vindos nos espaços pentecostais, como se confundem com o próprio pentecostalismo. É bem provável que esses religiosos contemporâneos tenham dificuldades em praticar a sua fé sem a presença desses símbolos. A legitimidade disso ocorre em razão da própria formação da cultura brasileira, que é em si

¹² Montagem a partir das capas das revistas LBs, *Maturidade Cristã*, referentes respectivamente ao I Trimestre de 1988; III Trimestre de 1985; IV Trimestre de 1987.

sincrética, híbrida e com forte componente anti-institucional e antiautoritário. (TOPEL, 2011, p. 35).

Há, de fato, uma guerra pela apropriação dos simbolismos na comunidade religiosa. Se por um lado os ícones judaicos foram valorizados, de outro, os pensamentos divergentes e as culturas diferentes ganharam sua parte de atenção. Obviamente que são abordados pelo aspecto negativo, através da demonização e crítica. Selecionei algumas capas, ainda em MC, para exemplificar como ocorreram esses conflitos de simbologias presentes nas revistas para EBDs das ADs. Nos deteremos um pouco mais em cada uma delas:

FIGURA 4 – Capas das revistas LBs, *Maturidade Cristã*



Fonte: Compilação do autor¹³.

Acima encontram-se três capas de revistas da MC. A primeira, referente ao IV Trimestre de 1985, mostra homens e mulheres de pele clara, bem vestidos em oração, gozando de boa saúde e paz. Enquanto há um jovem negro, esquelético, deitado em uma maca, que recebe oração de um homem, também branco. Ao fundo há um jovem negro, com o rosto que transmite preocupação.

Essa revista visa passar alguns valores, que se ligam diretamente a projetos missionários dentro da denominação. A primeira questão é a ideia de que há vidas que estão morrendo, sem

¹³ Montagem a partir das capas das revistas LBs, *Maturidade Cristã*, referentes respectivamente ao IV Trimestre de 1985; I Trimestre de 1986; III Trimestre de 1986.

Deus e sem conhecer a palavra. Isso ocorre ao mesmo tempo em que os crentes estão dentro da igreja vivendo seu momento de devoção.

Esse quadro é passivo de receber dupla interpretação, pode se destacar a atitude dos crentes diante da urgência da obra evangelística, o que serve como um despertamento para que os fiéis se envolvam mais com a obra missionária. E, também, a intercessão da igreja enquanto outros arriscam suas vidas no campo missionário. Essas duas formas de pensar encontram respaldo na teologia pentecostal.

É possível ver, através dessa imagem, quais são as pessoas que mais necessitam de evangelização. São originários dos países africanos, que provavelmente estão morrendo precocemente pelo alto índice de doenças e miséria em seus locais de origens¹⁴. Ao analisar o conteúdo das revistas é admissível perceber que os religiosos associam a origem desse mal às tradições religiosas desses grupos. Nesse caso, a evangelização se faz necessária para expurgar a ação demoníaca e trazer a prosperidade e a paz a esses locais.

A segunda capa selecionada é do I Trimestre de 1986, expressa muito bem as principais correntes de pensamento a serem combatidas. São vários os símbolos presentes nessa imagem. Nelas estão Karl Marx, o símbolo do nazismo, o comunismo, satanismo e outras figuras que expressam culturas e correntes de pensamentos diferentes.

O estigma negativo se dá pela composição das imagens que têm a palavra “espiritismo” estampado bem acima. Além de apresentar uma visão negativa sobre essas religiosidades, se passa a ideia de que todos esses grupos são componentes de uma mesma coisa, tendo sua origem em ações do obscurantismo. Em contraste a esse quadro, apenas o cristianismo de vertente pentecostal oferece alternativas.

Na última imagem selecionada, está a capa do III Trimestre de 1986. Nela, há uma serpente que se contorce, enquanto um pé descalço esmaga a sua cabeça. Também é possível ver a terra infértil onde a cena ocorre. Essa imagem visa ilustrar o texto bíblico de Gênesis 3:15-16, que diz:

Então o Senhor Deus disse à serpente: Portanto fizeste isso, maldita serás tu dentre todos os animais domésticos, e dentre todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida.

¹⁴ Essa afirmação é feita com base no conteúdo desse período que valoriza as missões transculturais em países da África.

Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” (Gênesis 3: 15-16).

Essa lição expressa não apenas o combate entre o “bem e o mal”, como também são representações de Deus e do diabo. Nessa lição está presente o caos, o terror e a urgência no combate às trevas. Os anos de 1970 e 1980 são recheadas de imagens semelhantes a essas, que ilustram bem o espírito da época.

A partir do novo milênio a suavidade das capas são notórias. Não mais se tem aquele ar de caos e conflitos. Mas sim, elementos que mostram vitórias, conquistas e prosperidades. Embora, vez ou outra, haja elementos das ações do mal no mundo.

FIGURA 5 – Capas das revistas *Lições Bíblicas*



Fonte: Compilação do autor¹⁵.

Cresce o número de outros símbolos, tais como de mãos, vasos, espadas, coroas, relógios, chaves e etc. Cada uma delas correspondente a uma mensagem diferente. Por exemplo, as mãos estão sempre associadas à oração, devoção e intercessão; as espadas e coroas estão atreladas à guerra espiritual; os vasos de barro falam do serviço cristão; as chaves e portas estão associadas à prosperidade e bênçãos de Deus; pergaminhos e bíblicas velhas falam da palavra de Deus; as pombas brancas sempre se relacionam à presença e ação do Espírito Santo. Além desses elementos mostrados acima, também é possível perceber que a associação aos símbolos ligados ao judaísmo ainda permanece com grande força nas LBs.

¹⁵ Montagem a partir das capas das revistas *Lições Bíblicas* referentes respectivamente ao III Trimestre de 2002; IV Trimestre de 2012; III Trimestre de 2019.

Ao longo dessa tese, voltarei, vez ou outra, à análise das imagens nas LBs. Farei isso sempre que julgar necessário trazer alguma informação adicional sobre a questão iconoclasta no referido material pesquisado.

4. Caminhos da pesquisa

Esta tese está dividida em cinco capítulos. O capítulo 1 terá a função de melhor descrever o objeto de pesquisa. Foca seus atores, e as mudanças estruturais e históricas nas referidas revistas. As razões dos recortes cronológicos são melhor definidos nesse capítulo.

Os capítulos 2, 3 e 4 analisaram propriamente o conteúdo das revistas *Lições Bíblicas*, a partir da questão histórica e social, sendo cada capítulo responsável por um recorte cronológico: O Capítulo 2 analisará as LBs nos anos de 1930 a 1945, quando há maior presença dos missionários suecos nas ADs; o Capítulo 3 abordará os anos que vão de 1946 a 1972, caracterizados pela forte presença dos missionários norte-americanos no Brasil e; o Capítulo 4, priorizará os anos de 1973 a 2000, onde vigoram temas ligados a escatologia, santidade e a segunda vinda de Jesus.

O capítulo 5 terá a função de retomar a construção da teologia assembleiana, desde os anos de 1930, para apontar, de modo teórico, as rupturas e continuidades presentes nessa teologia. Também terá a preocupação de fazer alguns apontamentos sobre a contemporaneidade dessa teologia.

A ideia principal do capítulo 5 é verificar a hipótese levantada, de que a teologia pentecostal das ADs, presente nas LBs, foi construída a partir de leituras literais da Bíblia em conjunto às contingências da vida cotidiana.

Apenas para deixar registrado: os comentários extraídos das *Lições Bíblicas* não foram feitos de maneira aleatória ou sem critérios metodológicos, pelo contrário. Primeiro tive uma ampla leitura dos materiais, fiz um levantamento dos temas que mais eram recorrentes, dividi-os em grandes blocos temáticos e cronológicos, observei que assuntos eram mais recorrentes e em que período histórico os mesmos ocorriam. Notei então que os argumentos mais persistentes estavam ligados à organização da vida diária.

A partir daí, fiz novas leituras extraíndo os fragmentos em que os autores mostravam suas opiniões ou que as deixavam claras aos leitores como deveria ser o proceder do cristão no espaço da vida privada. Posteriormente, aprofundei-me nas bibliografias existentes sobre as Assembleias de Deus e as Escolas Dominicais, buscando compreender o que os pesquisadores

em Ciências da Religião haviam dito sobre os mais de cem anos dessa instituição no Brasil e da EBD.

A partir daí é que os quatro eixos temáticos, que guiam essa pesquisa, foram selecionados. Sendo assim, os excertos e fragmentos nomeados não o foram ao acaso, mas estão dentro de uma metodologia de pesquisa que respeita os critérios científicos para a elaboração de uma tese com base em fontes históricas.

Baseamo-nos teoricamente nos estudos organizado por Gedeon Freire de Alencar, principalmente em *Matriz Pentecostal Brasileira* (2013); observamos essa instituição a partir das reflexões de Marina Correa em *Assembleia de Deus* (2013) e as relações entre gênero nas ADs em *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)* (2016) de Valéria Vilhena.

Tento esclarecidos esses pontos e feito uma apresentação sucinta do objeto de pesquisa, vamos aos capítulos em questão.

CAPÍTULO I

AS LIÇÕES BÍBLICAS NAS ESCOLAS BÍBLICAS DOMINICAIS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL: CRIAÇÃO, IMPLANTAÇÃO E DESAFIOS

Neste capítulo, preocupo-me com os elementos que colaboraram para a formação das revistas *Lições Bíblicas* e os fatores sociais que contribuíram para estruturação da mesma. Apenas para lembrar, o Brasil do final do século XIX e início do século XX acabara de sair de longo período escravagista e as consequências deixadas pela escravidão ainda eram possíveis de serem vistas em todo território nacional. O elevado número de negros, pobres, analfabetos, ocupando as periferias das principais cidades brasileiras fazia parte do quadro social presente no país.

O crescimento da imigração europeia na substituição da força de trabalho escrava fez parte das políticas públicas de modernização por parte do Estado Nacional. Sendo assim, ao invés de se ter um projeto que incorporasse o negro no trabalho assalariado, optou-se pela mão de obra do imigrante branco europeu. É nesse contexto que temos elevado número de migração alemã, italiana, sueca, dentre outros, compondo o quadro social do Brasil no início do século XX.

É nessa onda de imigração que chega ao Brasil Daniel Berg e Gunnar Vingren, os fundadores das Assembleia de Deus (1911), e também Samuel Nyström, um dos principais líderes das ADs e responsável pela fundação, em 1930, das referidas revistas para a EBD.

Desde o início do movimento, os missionários suecos perceberam a eficácia das EBDs para transmitir o conteúdo religioso. Não há entre os pentecostais nenhuma preocupação com a alfabetização de crianças ou o desejo que elas saíssem das ruas. Aliás, as crianças só serão contempladas no espaço das Escolas Dominicais pentecostais muitas décadas depois, nos anos de 1940, quando Emilio Conde, assume a direção das revistas *Lições Bíblicas*¹⁶.

¹⁶ O missionário Nils Kastberg já havia ensaiado a preocupação em direcionar os recursos da EBD para as crianças, mas com pouca efetivação.

As EBDs nas ADs são inicialmente direcionadas exclusivamente para adultos, para que estes aprendam um pouco mais sobre os textos bíblicos a partir da ótica pentecostal. Aqui a abordagem entre protestantes e pentecostais se diferenciam. Enquanto os primeiros se baseiam em uma leitura mais sistemática da Bíblia, o encontro com o sagrado, entre os pentecostais, se dá mais pela experiência.

David Mesquiati de Oliveira (2017), falando sobre a diferença entre esses dois grupos salienta que:

Ao contrário da maioria das formas de Protestantismo, no mundo pentecostal a noção de centralidade da Bíblia não ocorre preferencialmente pela via cognitiva (sistematização), mas sim pela via da experiência (sensorial), encarnando as Escrituras como palavra viva, ao que chamam de “Palavra de Deus”, em que os textos bíblicos são performatizados, recriando novas realidades. (OLIVEIRA, 2017, p. 119).

Havia estudos bíblicos sendo usados nas EDs protestantes no Brasil¹⁷, mas as lideranças do movimento pentecostal, que acabara de nascer, preferiram elaborar eles mesmos seus materiais. Samuel Nyström, através do jornal *Boa Semente*, produziu conteúdos que posteriormente dariam lugar as revistas *Lições Bíblicas*¹⁸.

Há aqui a intencionalidade em romper de vez com o protestantismo, que apresentava uma teologia que tinha pouco a ver com a realidade dos pentecostais brasileiros. Como escreve Gedeon Alencar, “As relações [das ADs] com as demais igrejas protestantes, desde o início, foram traumáticas...” (ALENCAR, 2018, p. 71).

Pelas diferenças existentes é que não faz sentido usar o material dessas igrejas em seus estudos. Pois se tratava de uma outra compreensão da fé. Seria incoerente fazer uso desses textos. A opção mais viável era a elaboração de uma literatura própria.

A função das *Lições Bíblicas*, desde o início, foi o de comunicar verdades doutrinárias aos crentes pentecostais. Portanto, é ilusão desejar encontrar nesses textos algo que não seja de caráter conservador e de preservação da instituição. No entanto, é impossível desassociar a

¹⁷ Desde 1886, entre os Metodistas havia as “Lições Internacionais para as Escolas Dominicais”, traduzidas diretamente dos Estados Unidos para esse fim. (FREITAS, 2006, p. 62).

¹⁸ Nos primeiros dez anos as lições para a EBD eram apenas um suporte do jornal *Boa Semente*. Em 1930 (com a 1ª AGO), ela se desvincula do jornal e passa a ter edição própria, sendo chamada de *Lições Bíblicas para jovens e adultos*.

produção teológica desses grupos de sua realidade social, o que por si só é capaz de produzir elementos muito interessantes para a pesquisa.

Sobre essa questão assim se expressou o sociólogo Alexandre C. de Souza (2004):

O pentecostalismo assimilou doutrinariamente a exclusão social, legitimando-a mediante estatuto sagrado, construindo uma visão de mundo pautada no extravasamento das dores e das carências pelo emocional, crendo na vigência de outras linguagens, que não a deste mundo, uma língua estranha a todos os códigos linguísticos, o apego às curas e às libertações operados milagrosamente. Essas manifestações tiveram repercussão social e acabaram sendo rotulados pelas classes privilegiadas como características de uma religião bizarra. (SOUZA apud DIAS, 2011, p. 378).

Foi pensando nisso que aumentou meu interesse pelos materiais didáticos produzidos pelas Assembleias de Deus no Brasil. Busco, verificar as formas de leituras orquestradas por esse grupo ao longo dos anos. Interessa aqui observar as chaves de leitura, critérios teológicos e acima de tudo, como se deram as vivências pentecostais no espaço das LBs, projetadas pelos porta-vozes oficiais da instituição.

De acordo com o excerto acima, os pentecostais se descobriram como excluídos e aceitaram essa condição. Não somente isso, mas falaram a partir desse lugar de subalternidade, rompendo claramente com uma teologia cristã elitista. Pode ser que aqui esteja o motivo acionador do sucesso pentecostal, ultrapassando em pouco tempo o número de protestantes no Brasil.

Enquanto as igrejas ditas clássicas reclamam de evasão e crise (FREITAS, 2006), as EBDs pentecostais das ADs só crescem, além de aumentar o número de lições vendidas por trimestre¹⁹, contribuindo para que surjam novas editoras pentecostais para concorrer com a CPAD, disputando parte da fatia desse lucrativo mercado editorial²⁰. Isso, revela, também, constante atualização da mensagem pentecostal nos dias atuais.

¹⁹ Podemos citar como exemplo a comemoração de 75 anos da CPAD, onde foi lançado um novo currículo para a Escola Bíblica Dominical, somando ao todo 13 revistas, cada uma direcionada a uma faixa etária ou nível de instrução dentro da denominação, todos os materiais coloridos e de excelente qualidade gráfica, digno do que há de mais moderno no mercado editorial.

²⁰ A primeira editora que ousou desafiar o monopólio da CPAD foi a Editora Betel, criada em 1991 em resposta ao rompimento da CONAMAD com a CGADB, em 1992 ela lançou as próprias revistas para a EBD, denominada “Lição Betel Dominical”. Posteriormente foi a vez da Editora Central Gospel, sob comando do Pastor Silas Malafaia, essa editora surge em 1999 para apoiar o ministério do referido pastor e em meados de 2004 e 2005 lança a revista “Lições da Palavra de Deus” e; mais recentemente, foi a vez da Assembleia de Deus – Missão de

Somente o fato de existir um material para fins de estudos ligados à EBD pentecostal já no início do século XX, circulando entre esses cristãos, coloca em xeque a ideia de que eram apenas um movimento desorganizado sem princípios teológicos. O fato de criarem um material próprio, não adotando nenhum outro existente, são indícios de que sua doutrina não era vazia de sentido e a mesma deveria ser comunicada de forma clara e sem enganos.

É necessário lembrar que toda a ação missionária pentecostal só tem sentido se compreendida no contexto da experiência do Espírito Santo. Os jornais, periódicos e revistas lançados nesses primeiros anos viam a necessidade de promover e reafirmar a fé pentecostal²¹.

Essa é a novidade que os irmãos suecos desejavam compartilhar com o povo brasileiro. Ou seja, mesmo em meio a recursos escassos os missionários viram a urgência de criar organismos de comunicação entre os crentes pentecostais. É nesse contexto que surgem os jornais *Voz da Verdade*, *Som Alegre* e *Boa Semente*²².

É possível dizer que, com o passar dos anos, os conteúdos das revistas precisaram se adequar aos novos contextos para se fazerem vivas, influentes e significativas na vida do fiel.

Veremos que as primeiras lições trazem preceitos que ainda são defendidos pelas lideranças assembleianas. Mas também há ideias que não encontram mais eco nos meios pentecostais. Isso mostra que a adaptação constante da mensagem pentecostal é marcada por rupturas e continuidades. É o que pretendo demonstrar no decorrer dessa tese.

1.1. A criação oficial das *Lições Bíblicas* na 1ª AGO

Dentre os muitos assuntos tratados na 1ª Assembleia Geral Ordinária (1ª AGO), em Natal-RN entre os dias 05 a 10 de setembro de 1930, foram discutidos também os caminhos da publicidade nas Assembleias de Deus. Os jornais *Boa Semente* e *Som Alegre* se fundem e dão lugar ao *Mensageiro da Paz*, cria-se também, nessa mesma convenção as *Lições Bíblicas* para a EBD (D'AVILA, 2006).

Campo Grande que sob liderança do Pr. Antonio Dionísio lança, em 2018, a revista “Escola Bíblica”. Todas elas com o mesmo formato editorial que as “Lições Bíblicas” da CPAD.

²¹ “Cremos que devemos e podemos entrar em comunhão com o Salvador vivo, pelo seu Espírito-Santo; e que esta comunhão com Jesus é perfeitamente manifesta pelos signaes e prodigios sobrenaturaes, pois ella em nós se opera, quando temos uma vida verdadeiramente espiritual, com dons espirituaes: como lingua extranha, etc; (sic) (*Boa Semente*. Belém, 16 de Abril de 1919, nº 2, p. 1)

²² “As primeiras publicações da AD, que antecederam o jornal Mensageiro da Paz, foram o jornal “Voz da Verdade” (1917 a 1918), por Almeida Sobrinho e João Trigueiro da Silva; o jornal “Boa Semente” (1919 a 1930), por Gunnar Vingren e Samuel Nyström; e o jornal “O Som Alegre” (1929 a 1930), por Gunnar Vingren.” Disponível em: < <http://www.editoracpad.com.br/assembleia/historia/>> Acesso em: 30 abr. 2019.

Vilhena (2016) e Alencar (2013) mostraram que, o que motivou essa reunião extraordinária foram os impasses existentes no interior da igreja, principalmente quanto à questão do sacerdócio feminino. Como catalisador dessas discussões estava Frida Vingren, esposa do pioneiro Gunnar Vingren, que estava se destacando no ministério, o que gerava incomodo para outras autoridades da igreja.

Atentem para o fato de que a criação das *Lições Bíblicas*, enquanto material didático a ser usado semanalmente, serviu para atender a uma necessidade imediata da instituição. O objetivo era resolver problemas teológicos, promover a mensagem pentecostal e manter o controle de quem tem a autoridade de falar em nome da doutrina assembleiana. O problema não é quanto à vivencia da experiência no Espírito Santo, mas sim, na elaboração do dogma que envolve essa experiência.

A partir desse encontro, passa a existir um corpo sacerdotal restrito que decide o que é de Deus e o que não é. Por exemplo, o sacerdócio feminino que contou com amplo apoio de Gunnar Vingren nos primeiros anos, foi considerado heresia a partir da 1ª AGO.

Sendo assim, Frida Vingren, que já vinha tendo problemas com Samuel Nyström e com os pastores locais, continuaria a escrever no *Mensageiro da Paz*, mas não teria a oportunidade de escrever nas *Lições Bíblicas*, pois o ensinamento da teologia ficou a cargo dos homens, enquanto as mulheres só poderiam *testemunhar*²³.

Samuel Nyström²⁴ e Nils Kastberg²⁵ são os principais comentaristas nos anos que se seguem e não há, por parte destes, nenhum objetivo de promover o senso crítico ou mesmo gerar uma educação que vá além da catequização pentecostal. A manutenção do controle da

²³ O começo oficial das *Lições Bíblicas* em 1930 inaugura também uma verdadeira cruzada contra o sacerdócio feminino nas Assembleias de Deus e a tentativa de colocar a mulher em segundo plano e subordiná-la à autoridade masculina.

²⁴ “Samuel Nyström: Nasceu em 1891, na Suécia. Chegou ao Brasil, junto com sua esposa Lina Nyström, em 1916, como o primeiro missionário enviado ao Exterior pela Missão Sueca Livre da Igreja Filadélfia de Estocolmo. Até meados de 1924, trabalhou na evangelização do interior do Pará e foi pastor da AD de Manaus. Depois, substituiu Gunnar Vingren na direção da AD de Belém do Pará. De 1930 a 1932, passou atuar cooperando com as Igrejas em São Paulo e Rio de Janeiro. Novamente substituiu Gunnar Vingren em 1932 no pastorado da AD de São Cristóvão, Rio de Janeiro. Em 1934, retornou a Suécia e em 1935 passou a trabalhar em Portugal, onde permaneceu até 1938, quando reassumiu o pastorado da AD de São Cristóvão. Em 1945, voltou à Suécia e foi escolhido secretário da Missão Sueca Livre. (...) Faleceu em 1960, aos 69 anos, na Suécia. Lina morreu também na Suécia em 1984, aos 96 anos.” (Coleção *Lições Bíblicas* Vol. I, 2012, p. XI-XII).

²⁵ “Nils Kastberg: Nasceu em 5 de janeiro de 1896, na Suécia. Chegou ao Brasil em 1928. De 1929 a 1931, dirigiu a AD em Recife (PE), substituindo temporariamente o missionário Joel Carlson. De 1931 a 1933, dirigiu a AD em Belo Horizonte (MG). De 1934 a 1938, liderou a AD em São Cristóvão, Rio de Janeiro (RJ), tendo inaugurado antes de sua despedida o prédio onde, durante muitos anos, funcionou o templo central daquela igreja. Finalmente, Kastberg também dirigiu a igreja em Nova Friburgo (RJ). Escreveu três livros: **Alerta, A Igreja e Sangue e Fogo**, todos publicados pela CPAD. (...) Faleceu aos 82 anos, em 20 de Fevereiro de 1978, na Argentina, onde também serviu como missionário. Sua esposa Eufrosyne, morreu em 19 de março de 1988. (Idem, p. XII).

instituição é o objetivo central desses comentaristas. Até mesmo as críticas contra o Estado ou à economia servem para reafirmação e manutenção da instituição.

1.2. A estrutura das *Lições Bíblicas* sob domínio dos suecos (1930 a 1945)

Em razão do caráter histórico e os dilemas enfrentados pela igreja, é razoável dizer que houve uma tentativa de afirmar a doutrina pentecostal em coerência com as necessidades práticas da vida cotidiana. Buscou-se nos grandes exemplos bíblicos os meios para isso. Esse ponto abarca os primeiros comentários no jornal *Boa Semente* ainda nos anos de 1920 até os anos de 1930, quando foram criadas as *Lições Bíblicas*, além dos primeiros 15 anos dessa revista desde 1930 até 1945²⁶.

Em questões políticas e sociais, esse período é um dos mais críticos na história da humanidade, pois trata-se do período entreguerras e da horrenda segunda guerra. No entanto, o silêncio sobre tais acontecimentos na revista é no mínimo assustador. Mas revelam os reais interesses desse grupo, que se viam de fato como habitantes dos céus e desconsideravam o mundo terreno e seus acontecimentos.

Se há um silêncio para as questões políticas, o mesmo não ocorre quando se trata do espaço doméstico. Isso nos leva a crer que a preocupação das *Lições Bíblicas* implicava no comportamento do cristão em seu dia-a-dia.

Samuel Nyström é um dos principais responsáveis pela produção das *Lições Bíblicas* nesses primeiros anos, dividindo essa função com seu compatriota Nils Kastberg. Esses missionários tiveram a dura incumbência de estruturar os caminhos da doutrina pentecostal de modo que respeitasse a origem do movimento com a necessidade de institucionalização que se apresentava.

Em uma análise do *layout* da revista pode-se perceber que esses comentaristas tentaram formatos e diagramações diversos na escrita de suas lições. Os primeiros escritos de Samuel Nyström seguiam o formato adotado por ele no jornal *Boa Semente*, com textos corridos e parágrafos mais longos, emitindo opiniões sobre diversos temas.

Em 1937, porém, sob responsabilidade de Nils Kastberg, os comentaristas adotam uma postura diferente na escrita dessas lições, deixando de lado qualquer julgamento pessoal e

²⁶ Vale ressaltar que as divisões dos anos aqui são meramente didáticos, pois busquei periodizações que fossem simbólicas tanto para a instituição quanto para a história da sociedade. Por exemplo, tanto a crise do sistema capitalista em 1973, quanto a reformulação propositiva nas revistas em 1974 são fatores que contribuíram para essa demarcação cronológica.

focando na objetividade do conteúdo bíblico. As frases são encurtadas e acrescidas de perguntas e respostas, sempre com referências bíblicas.

Não é possível saber de onde partiu essa modificação: se foi uma opção do autor, se houve um conselho editorial ou se forças externas determinaram tal mudança. Contudo, após essa data todos os outros comentaristas, inclusive Samuel Nyström adotaram essa diagramação. Levanto duas hipóteses para o ocorrido, a primeira de ordem pedagógica e a segunda por razões políticas. Vamos as duas conjecturas:

Olhando por uma perspectiva pedagógica, a forma inaugurada por Kastberg, em 1937, facilitaria a comunicação entre as lideranças e os novos egressos. Esse método ajudaria os recém convertidos a assimilar melhor as doutrinas pentecostais. Acrescenta-se a isso o fato de que boa parte da população brasileira não sabia ler e escrever. A julgar por esse alto índice de analfabetismo, o novo formato facilitaria uma melhor compreensão da matéria estudada e contribuiria para a memorização dos textos bíblicos, prática essa muito comum entre os pentecostais.

Essa conjectura, apesar de coerente, levanta alguns questionamentos: por que somente agora, tal medida foi adotada? Qual a razão para uma mudança tão radical sendo que o antigo método além de muito eficaz ajudava na reflexão teológica dos fiéis? Isso me leva a uma segunda conjectura: que elementos políticos foram determinantes nessa mudança. Lembrando que 1937 marca a inauguração do Estado Novo de Getúlio Vargas e com ele uma série de controle e censura à imprensa.

Em 10 de novembro de 1937 foi publicado, no Diário Oficial da União, a Nova Constituição, composta de vários elementos repressivos e garantindo poder absoluto ao presidente. A partir da sua promulgação, foi declarada situação de emergência em todo território nacional, o que significava que era permitido ao Estado ordenar prisões, exílio, invasão de domicílio e a legalização da censura de todas as formas de comunicação. Para tanto, o Estado Novo contava com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão responsável pelo controle dos meios de comunicação e pela propaganda favorável ao presidente e ao governo, e com Polícia Secreta, encarregada de repressão violenta aos inimigos da “ordem pública”. (SANTOS & SANTOS, 2007, p. 1).

É possível dizer que a teologia pentecostal também sofreu com perseguição política e monitoramentos ideológicos? Sim e não. Sim, porque os órgãos de censura no governo varguista impuseram controle a todos os jornais, inclusive os religiosos, o que diminuiu drasticamente as opiniões emitidas pelos comentaristas. E não, porque a preocupação dos

pentecostais não ocorriam propriamente no cenário político e sim no campo religioso. Seus principais oponentes ainda eram os católicos e batistas e ainda é possível de ver nessa época o tom beligerante contra esses grupos. Principalmente ao catolicismo que no Estado Novo (1937-1945) se aproximava das forças políticas²⁷.

A questão do respeito à hierarquia perpassa todas as lições. Ressalta-se que a vontade de Deus é que os irmãos respeitem as lideranças constituídas, para que assim, tudo lhe vá bem. (NYSTRÖM, III Trimestre de 1940, p. 38).

1.2.1. Comentário para crianças e início das *Lições Infantis*

Embora não seja meu objetivo analisar a produção da literatura infantil na CPAD, é importante dar atenção à origem e surgimento desse material, pois o cuidado com o público infantil será uma das características principais das EBDs nas ADs com o passar dos anos.

A história oficial das ADs credita às professoras Nair Soares e Calda de Brito, a responsabilidade da criação das lições infantis e informam que isso só foi possível após Emilio Conde assumir a direção das *Lições Bíblicas*, em 1940. Embora isso seja verdade, houve uma primeira tentativa, por parte dos comentaristas suecos, de criar materiais que atendessem a esse público.

O passar dos anos revela o surgimento de uma geração que já nasceu nos lares pentecostais, são crianças que não eram contempladas ainda nas EBDs. O primeiro a perceber essa mudança foi Nils Kastberg. Para ele, de nada adiantava a conquista de novos crentes se não cuidassem da geração que surgia no interior da igreja. E cabia as EBDs a função de educá-las no caminho cristão. Os argumentos utilizados para defender essa ideia são muito similares aos encontrados ainda hoje entre os pentecostais:

Paulo se interessava, também, pela mocidade; por isso, cuidou de Timoteo que, desde sua meninice, sabia as sagradas letras II Tim. 3:14.

É de grande importancia o ambiente em que vivem as crianças.

Os comunistas dizem: “Deixem-nos tomar conta das crianças, até os 12 anos de idade, depois, não acreditarão mais em Deus”.

²⁷ Esse ataque beligerante contra o catolicismo e o protestantismo era herança dos momentos iniciais do jornal *Boa semente*: “...pode-se compreender que o jornal *Boa Semente* não nasce em um jardim de flores e rosas, muito pelo contrário, estava inserido em um verdadeiro campo de luta onde seu estabelecimento dependeu muito da leitura de seus editores e líderes pioneiros fizeram de seu contexto. Exigiu muita perseverança combatido pelos grupos católicos e protestantes”. (BARROS DE LIMA, 2016, p. 312).

Nós cremos que, si uma criança recebe a instrução bíblica, nunca mais se esquecerá do que aprendeu.

A mocidade para Cristo, e Cristo para a mocidade! (sic) (KASTBERG, II Semestre de 1937, p. 78)

Apenas para lembrar, o mundo ainda não havia vivenciado a polarização da guerra fria e os pentecostais já estavam desenvolvendo um medo do ateísmo comunista, tomando conta das escolas e da sociedade. Isso contribuirá para a construção de um imaginário de medo e terror do comunismo invadir o Brasil no período pós-guerra, o que revelaria, o perigo que a cultura secular poderia gerar nas crianças.

A publicação acima é significativa, pois no próximo ano, em 1938, o missionário Jahn Sörheim²⁸ é convidado a escrever os “Comentários as Crianças” (sic). O missionário Sörheim, embora tivesse habilidades para compor hinos e escrever textos teológicos, tinha pouco tato com linguagem infantil, seus textos eram pouco atrativos a qualquer criança e adolescente.

Em janeiro de 1939, as professoras Nair Soares e Calda de Brito, se tornaram responsáveis pelos comentários infantis, trabalhando sempre com a mesma passagem bíblica que os comentários para adultos, mas com uma linguagem mais acessível²⁹.

A CPAD ainda não havia sido fundada, as publicações dessas lições ocorriam em gráficas particulares e por vezes traziam as devidas referências³⁰. Isso inviabilizava a criação de uma revista exclusiva para o público infantil. Nessa época os comentários para as crianças

²⁸ Jahn Sörheim protagonizou um sério problema teológico, ainda nos anos de 1932. Assim descreve Isael de Araújo sobre o acontecido: “Na 4ª edição da Harpa Cristã, de janeiro de 1932, o hino 138, de autoria de José Felinto, declarava, na primeira estrofe, a salvação eterna do crente. Já o hino 418, de autoria do missionário sueco Jahn Sörheim, na última estrofe, admitia a possibilidade de o crente perder a salvação.” (ARAÚJO, 2016, p. 54). “Com essas publicações contraditórias um grupo de religiosos elegeu o Pr. Manoel Higino de Souza, para fazer uma carta ao missionário Nils Kastberg, pedindo para marcar uma convenção onde ele achasse melhor, a fim de que estudassem esses pontos doutrinários. Enviaram, então, uma carta solicitando a convenção. Entre 20 de maio um grupo de dissidentes passou a se reunir em Mossoró para estudos bíblicos, oração e outras práticas, esperando uma resposta divina. Somente em 13 de dezembro de 1932 receberam uma carta, assinada pelo missionário Nils Kastberg, negando a realização da convenção. Na carta o sacerdote dizia “estar de acordo com os ensinamentos da salvação condicional, e quem estivesse aborrecido que saíssem para onde quisessem...”.

Pastores da cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte escreveram à CPAD exigindo que explicações maiores fossem dadas, uma vez que estes eram adeptos da ideia calvinista de que o cristão não perderia sua salvação, uma vez que a referida editora não lhes respondeu os Pastores do Rio Grande do Norte entregaram suas credenciais e formaram a igreja Casa de Oração da Igreja de Cristo, lideradas pelo pastor sueco Manoel Hygino. Esse é o primeiro registro de cisão dentro das Assembleias de Deus.

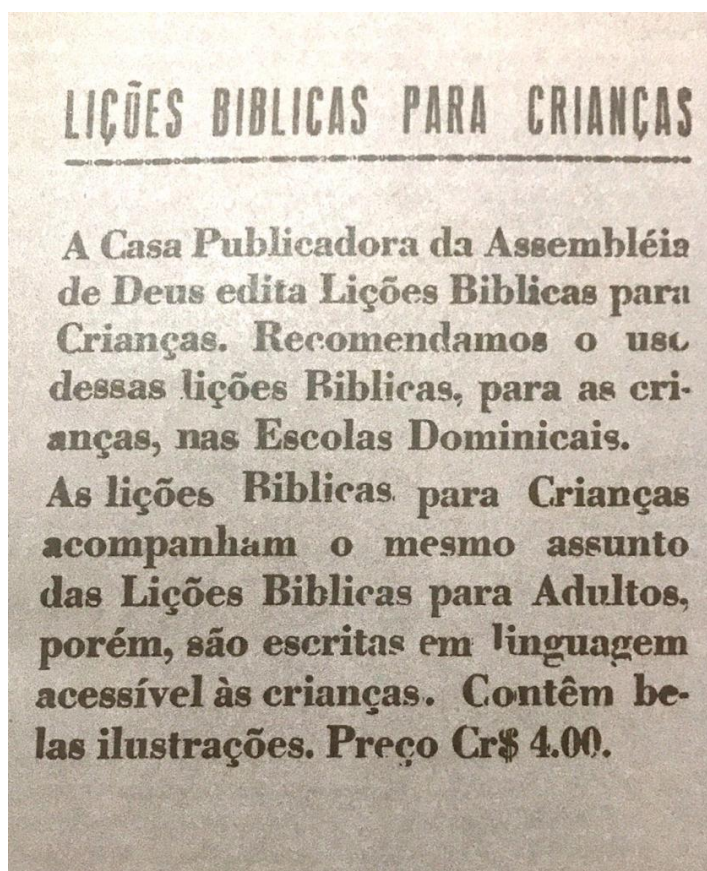
²⁹ O convite a duas mulheres para ser responsável pela educação infantil parte da crença de que a mulher tem por natureza maior habilidade na educação das crianças em razão do seu instinto materno. Esse convite não diminui em nada o preconceito e machismo presente dentro das Assembleias de Deus.

³⁰ “Confecionado no Estab. Graf. “Apollo” . L. Fernandes & Irmão 36, Misericórdia, 38 – Rio.” (sic)

se davam no interior das revistas para jovens e adultos. A criação da CPAD ajudou a melhorar a publicação de novas revistas que atendessem a esse público.

A partir dos anos de 1950, já é possível encontrar publicidades indicando o uso adequado das revistas infantis para as crianças:

Figura 6 – Publicidade *Lições Bíblicas* para crianças



Fonte: *Lições Bíblicas*: IV Trimestre de 1955, p. 65

A CPAD conseguirá, no decorrer dos anos, se estabelecer como importante editora cristã que publica materiais infantis de alta qualidade gráfica, respeitando a faixa etária de cada aluno.

1.3. A chegada dos norte-americanos: criação da CPAD e mudanças estruturais nas revistas *Lições Bíblicas* (1946-1973)

A transição da responsabilidade sueca para os pastores brasileiros e norte-americanos foi se dando aos poucos. Os missionários escandinavos estavam envelhecendo e não existiam mostras de que havia um projeto de continuidade dessa missão em curso, até porque as igrejas brasileiras já as superavam em questões numéricas.

Pode-se dizer que o objetivo inicial de implantação e consolidação da mensagem pentecostal em terras tupiniquins já estava cumprido. Enquanto a missão sueca dava mostras de que estava se encerrando³¹, a presença dos missionários norte-americanos no Brasil estava apenas começando, mas tornava-se cada vez mais uma novidade visível.

Marcelo Lopes (2018) mostra, em sua tese de doutorado, que a presença de missionários norte-americanos teve início no Brasil a partir dos anos de 1930, organizada pela *Assemblies of God*. Esse autor também ressalta que a presença desses missionários se deu mais na influência teológica do que na direção de igrejas.

Não se pode esquecer que está envolvida nesse processo uma questão de poder. Isto é, entre a AG e a Missão Sueca. É interessante registrar que, “na verdade, a Missão Livre Sueca se opunha à entrada das Assembléias de Deus norte-americanas no Brasil. A Missão Sueca sugeriu, certa vez, que os americanos trabalhassem na Argentina, Uruguai e em outros países da América do Sul” (ARAÚJO, 2007, p. 465). Levantamos aqui a hipótese de a AG tenha detectado uma lacuna educacional na AD em função do anti-intelectualismo que imperava a época por parte dos missionários suecos e dos obreiros nacionais. (LOPES, 2018, p. 88).

Em minha tese, mostro que a influência desses autores, que a princípio eram tímidas em relação aos suecos, vai substituindo-os na influência teológica e também na administração das EBDs. A atuação desses personagens só foi possível em cooperação com os obreiros nacionais.

O fim da segunda guerra mundial e o estabelecimento da soberania norte-americana, a partir de 1945, trouxeram possibilidades incríveis aos EUA, que passa a desenvolver uma relação imperialista com as outras nações. Há em curso o desejo de promover o sonho americano ao restante do mundo, o que facilitou a entrada desses imigrantes em diversas regiões. No Brasil isso não foi diferente.

[...] mudanças começaram a ocorrer no final de 1940. A partir das cinzas da Segunda Guerra Mundial, seguiu-se um forte período de crescimento econômico nos Estados Unidos que afetou a sociedade como um todo. Os pentecostais não foram exceção. Durante este período, eles experimentaram uma significativa ascensão social., que os posicionou firmemente nas fileiras de uma classe média em expansão cada vez mais profissionalizada. (OLSON *apud* LOPES, 2018, p. 63).

³¹ O crescente número de missionários suecos vindo ao Brasil acompanhou a onda migratória que ocorreu entre esses dois países em razão do ciclo da borracha (1879-1912).

A presença de pentecostais americanos nas ADs alterou significativamente a forma de os crentes brasileiros enxergarem a sua fé e decompôs, aos poucos, os rumos teológicos construído pelos suecos.

A chegada desses missionários foi vista inicialmente com ressalvas por parte dos pastores brasileiros que, aos poucos se acostumaram com as vantagens de tê-los por perto. Além do apoio financeiro que começa a chegar, há uma nova visão de mundo sendo compartilhada, uma cosmovisão mais apocalíptica e milenarista quanto aos rumos da história (CARVALHO, 2016). A busca de apoio financeiro desses missionários entre seus compatriotas ajudou na criação e consolidação da Casa Publicadora das Assembleias de Deus, a CPAD.

O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) criado, em 1939, exigia que todos os jornais fossem registrados e apresentava restrições para publicação de material escrito. (...) Surge então em março de 1940 a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (...)

A CPAD foi fundada por Lauro Soares, Sansão Batista, Arquimendes Pinto de Vasconcelos, Cícero Canuto de Lima, Samuel Nyström e Francisco L. Coelho, que na ocasião foi nomeado gerente. Em 1946, na Sétima Assembleia Geral a CPAD é vinculada à CGADB e é preparado um plano de expansão da Casa Publicadora. (D'AVILA, 2006, p. 48).

O surgimento dessa editora além de baratear os custos de produção, tanto do *Mensageiro da Paz* quanto das *Lições Bíblicas*, deu maior autonomia aos crentes assembleianos, além de facilitar a comunicação entre as lideranças e os fiéis. Emilio Conde e Lawrence Olson³² passam a ser figuras presentes nas publicações para a EBD, primeiramente como editores e depois como comentaristas desse material.

As pesquisas com as quais tivemos contato sobre a EBD das ADs (DE PAULA, 2013; RAMOS, 2013; MARCHIORI, 2016), atrelam incondicionalmente a teologia pentecostal brasileira a esses homens e diminuem a contribuição nacional e sueca no desenvolvimento do pensamento pentecostal. Essa visão não corresponde de todo à realidade, pois basta uma leitura mínima dos documentos para perceber intensas disputas em curso sobre os rumos da teologia

³² “O missionário estadunidense Lawrence Nels Olson estava no Brasil desde 1938, mas tudo indica que ganhou notoriedade a partir de 1947 quando iniciou um programa de rádio em Lavras. Em 1955 foi ao ar no Rio de Janeiro seu programa radiofônico *Voz das Assembleias de Deus*. Trabalhou na CPAD e trouxe para o Brasil o *Plano Divino Através dos Séculos* – um livro no qual apresentava através de iconografia a doutrina do dispensacionalismo. Em 1961 fundou no Rio de Janeiro o Instituto Bíblico Pentecostal (IBP)”. (CARVALHO, 2016, p. 85).

pentecostal e da instituição, embora, para o público, isso não apareça tão claramente, dando a impressão de que só existiram, e ainda só existem consensos teológicos na denominação.

No mais, é evidente que a teologia norte-americana se sobressaia sobre as outras, não somente pela questão financeira, mas pela contextualização histórica que estava mais em sintonia com a realidade social expressa por eles. Também é interessante ressaltar que esse grupo religioso havia se alterado significativamente e não era mais o mesmo do início do século.

O clima da guerra fria se traduz em teologia milenarista nas *Lições Bíblicas* e em livros que passam a ser comercializados pela CPAD. Isso marcará os direcionamentos reflexivos dessa revista. Também ocorreram modificações nas estruturas desse material.

Para citar algumas dessas mudanças: houve alterações no *layout* da revista, as capas trazem imagens que ilustram os estudos, há maior espaçamento entre os tópicos, uma nova página é destinada para cada lição, os títulos são feitos em caixa alta e destacados em negrito, há o acréscimo de um campo destinado à “Verdade Prática” em conjunto ao “Texto Áureo”³³, mudanças simples que facilitam a leitura e dão um aspecto mais profissional à revista.

Esse período também apresenta uma melhor estruturação dos encargos gráficos e editoriais: responsáveis pela redação ficaram Nair Barata Soares, Cacilda Brito e Samuel Nyström. Novos comentaristas são convidados a compor o quadro de escritores, são eles, Gustavo Kessler³⁴, Adalberto Arraes³⁵, Alcebiades Pereira Vasconcelos e o norte-americano Orlando Boyer. Também se tem uma série de lições que não trazem o nome do comentarista,

³³ O “Texto Áureo” é que um versículo selecionado que sintetiza a ideia que se quer apresentar. Tornou-se comum no final de cada encontro dominical citar de forma decorada esse versículo bíblico.

³⁴ “Gustavo Kessler nasceu no Rio Grande do Sul. Pertencente à Igreja Batista, tornou-se pentecostal em 1933, no Rio de Janeiro, na Assembleia de Deus de São Cristóvão. Foi secretário dos missionários Nils Kastberg e Samuel Nyström, a quem prestou serviços de escrever cartas e livros. Mesmo sendo presbítero atuou na Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil como secretário e foi escolhido em 1946, pela Convenção Geral para liderar a Campanha do Milhão, ao lado do missionário Nels Lawrence Olson, para construir a primeira gráfica e sede da CPAD. Era auditor fiscal do Tesouro Nacional. Atuou na CPAD de 1977 a 1991 nas áreas de revisão e copidesque de textos. No campo eclesial, foi pioneiro e dirigiu várias igrejas na cidade do Rio de Janeiro, especialmente na zona sul. (...) Faleceu em 1995, aos 83 anos.” (Coleção Lições Bíblicas Vol. II, 2012, p. XI)

³⁵ “Adalberto Arraes nasceu em 1903, no Rio de Janeiro. Era contabilista e converteu-se ao evangelho em 1935 e foi membro da Assembleia de Deus de São Cristóvão, Rio de Janeiro (RJ), (...) atuando como tesoureiro durante 40 anos e professor da Escola Dominical. Mesmo não sendo pastor, ocupou cargo na Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADD) como secretário-tesoureiro, eleito em dois mandatos: 1946 e 1947. Além de comentarista das Lições Bíblicas, dedicou-se a escrever artigos para o Mensageiro da Paz, onde também assinou a coluna “Notas e Memórias”. Foi aluno de um curso teológico pioneiro promovido pelo missionário Samuel Nyström na AD de São Cristóvão na década de 40. Finalmente, nas décadas de 60 e 70, atuou como tesoureiro e professor do Instituto Bíblico Pentecostal (IBP), no Rio de Janeiro, fundado pelo missionário norte-americano N. Lawrence Olson. Faleceu em 1979, aos 76 anos.” (Coleção Lições Bíblicas Vol. II, 2012, p. X).

ao que tudo indica são lições que foram traduzidas diretamente do inglês e compiladas pelos redatores responsáveis.

A criação da CPAD por parte das lideranças da AD teve desdobramentos no que tange à educação teológica. O número crescente de publicações possibilitou o acesso a literatura e novas formas de conhecimentos, até então desconhecidas. Naturalmente, os pastores foram tendo contato com subsídios adicionais aos textos bíblicos. Aos poucos, a visão restrita de que bastava somente a Bíblia com a ajuda do Espírito para pregar um bom sermão, foi cedendo espaço a uma prática de consulta a outros textos de conteúdo teológico.

Adiciona-se a isso o aumento da influência dos missionários norte-americanos, em razão de participarem decisivamente na fundação e estruturação da CPAD. (...) A título de exemplo, (...) missionários como John Peter Kolenda, tiveram o papel de levantar recursos nos Estados Unidos para melhorar a infraestrutura da Casa. Orlando Boyer participou das primeiras composições do Conselho Administrativo, escreveu várias obras e comentou lições bíblicas para Escola Dominical. Andrew Hargrave foi um missionário enviado pela Missão das Assembleias de Deus norte-americanas para orientar o funcionamento técnico dos novos equipamentos adquiridos. Elsie Etrahl cooperou no auxílio técnico das máquinas (tipografias e impressoras), e **fez traduções de materiais para a Escola Dominical**. (Grifo nosso). (OSIAN GOMES, 2013, p. 85-86).

Esse ponto ainda carece de maiores explicações, não faz sentido em um momento em que os editores se preocupam tanto com a parte gráfica ocultarem propositalmente o nome dos comentaristas. Contudo, em questões de conteúdo veremos que pouca coisa difere com o que foi produzido nessa fase.

1.3.1. Publicidade nas *Lições Bíblicas*

Inaugura nesse período uma prática que será explorada com mais intensidade nos anos posteriores, que é a utilização da revistas *Lições Bíblicas* como portfolios de venda da CPAD. Essa prática torna-se eficaz, haja vista que os crentes as leem no mínimo uma vez por semana, logo, tem contato com as propagandas e lançamentos durante 3 meses consecutivos.

Os pentecostais, no final dos anos de 1940 e início dos anos de 1950, vivem a euforia de ter com mais facilidade acesso as Bíblias, livros³⁶ e a Harpa Cristã. Além da acessibilidade dos preços, também podem se dar ao luxo de diversificar o formato desses materiais e melhorar a qualidade dos produtos. Como no exemplo abaixo:

³⁶ Os primeiros livros eram traduções de clássicos da literatura cristã, tais como “O Peregrino” ou livros dos missionários, que também tornaram comentaristas das *Lições Bíblicas*, como “Testemunho dos Séculos”.

Avisamos aos irmãos e às Assembleias de Deus que já está a venda a Harpa Cristã com música, ao preço de 40\$000, livre de porte.

O produto da venda deste livro é destinado a impressão da Harpa completa, sem música, e só poderemos fazê-lo quando entrar o capital empregado na Harpa com música. Por esse motivo, e por ser mínimo o lucro com esse livro, não poderemos atender a pedidos que não acompanhem a respectiva importância.

Ao fazerem seus pedidos mandem 40\$000, pois pelos motivos já expostos não tomaremos conhecimento dos pedidos sem a importância já mencionada Encadernação melhor e gravação dourada, 43\$000. (sic)³⁷. (IV Trimestre de 1941).

É possível perceber uma preocupação da editora em não fazer das *Lições Bíblicas* um meio apenas para fins comerciais, durante toda indicação de livros, Bíblias e harpas se tem a inscrição de que tudo isso era feito sem visar lucros e que era para o crescimento do Reino de Deus. Até mesmo o acréscimo do preço das revistas vinha com as justificativas de que o mesmo ocorria em razão da inflação, ou outro motivo exterior as vontades dos responsáveis pela CPAD.

A Revista que o leitor tem nas mãos foi confeccionada com matéria prima três vezes mais cara do que as que se publicaram no mês de abril de 1961.

Além dessa circunstância, os salários também foram majorados de 40 por cento. A despesa global subiu a 330 por cento. Se tivéssemos de aumentar as Revistas na mesma proporção, uma Revista que no início de 1961 custava Cr\$ 15,00, deveria ser vendida por Cr. \$47,00.

Entretanto a Casa Publicadora durante meses evitou aumentar os preços, reconhecendo que o aumento sacrifica o orçamento dos clientes. Agora, porém, novos aumentos vieram agravar a situação de modo a forçar a Casa a elevar os preços das Revistas, não em 330 por cento mas apenas em 25 por cento.

Assim sendo, as Revistas da Escola Dominical passarão a custar Cr. 25, 00 e a Seara Cr. 30,00. Não fossem essas circunstâncias a impor à Casa Publicadora tão grandes sacrifícios financeiros ela jamais tomaria a iniciativa de elevar os preços. (I Trimestre de 1962).

A facilidade de adquirir produtos evangélicos contrasta muito com as dificuldades dos primeiros anos. O que começa de forma tímida, visando esconder o lado comercial da CPAD, se transforma em um dos principais meios de divulgação dos materiais gráficos da editora.

Os primeiros livros apresentados são clássicos dos países de fala inglesa, dentre eles estão o livro “O Peregrino” no valor de 10\$000 e “A Peregrina” no valor de 8\$000, na descrição

³⁷ Nesse trabalho mantive a escrita das LBs em sua grafia original.

de *O peregrino* existe a informação de que já foi traduzido para mais de 400 línguas e no livro *A Peregrina* consta a indicação de que “Sua leitura é agradável e interessante tanto a jovens como para velhos... Pedidos a esta redação”. (sic) (IV Trimestre de 1940).

No próximo capítulo trabalharemos melhor a questão de gênero nas revistas *Lições Bíblicas*, mas por hora podemos ver como essa questão sutilmente aparece. Além do livro *A Peregrina* ser simbolicamente mais barato do que *O Peregrino*, a indicação é que o livro é “...interessante a jovens e velhos...”, dando a impressão de que não o fosse aos homens, ativos e sábios da igreja. Isso se repete aos montes, tal como no caso em que Elias foi humilhado por Deus por ter sido sustentado por uma viúva pobre e além de tudo mulher.³⁸

A segunda volta de Cristo é o tema central dos conteúdos anunciados. Ao mesmo tempo que há o interesse pela escatologia, também se tem a preocupação de estruturar a CPAD como grande empresa do mercado evangélico, cunha-se a inscrição de que “Há pouco tempo para se fazer muito”. Isso é perceptível na campanha para a nova sede, lançada no III trimestre de 1963:

O Conselho Administrativo da Casa Publicadora das Assembléias de Deus, em sua última reunião realizada nos dias 27 a 29 de março de 1963, determinou o início da grande Campanha da Nova Sede, de acordo com o desejo unânime da Convenção Geral realizada em Recife, no mês de Novembro de 1962.

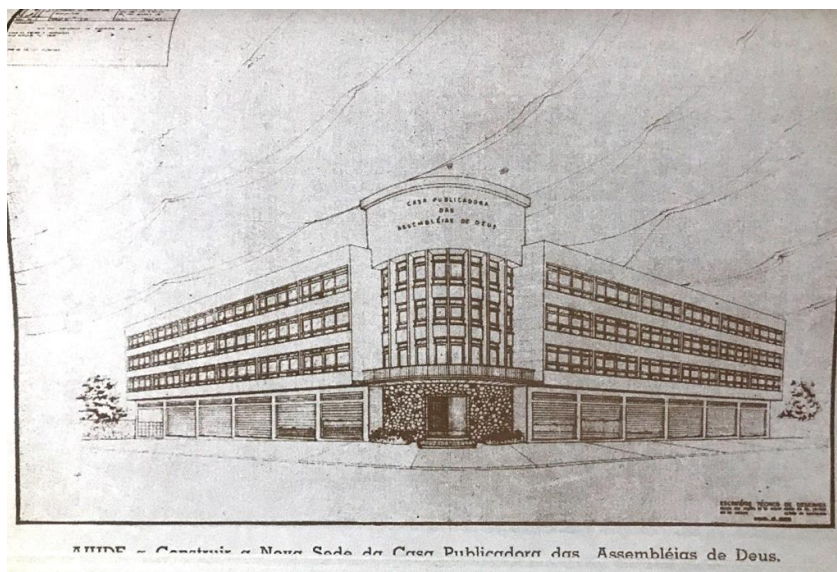
Para a grande Campanha, todos os membros das Assembléias de Deus no Brasil, são convocados não só para contribuir, mas também para incentivarem outros a fazerem o mesmo.

Nenhum, nenhum membro das Assembléias de Deus, no Brasil, que se preze dêse nome, nenhum repetimos, pode ficar alheio à Campanha que visa a grandeza do reino de Deus aqui na terra. (Grifo Nosso). (III Trimestre de 1962).

As campanhas para a criação da nova sede da CPAD continuam:

³⁸ “Agora o profeta é informado que está para ser sustentado por uma viúva e ainda mais era uma gentia. Naturalmente Elias sentia profundamente que êle, um homem, tinha de viver à alheia, à custa de uma mulher. Obedeceu a Deus, porém, apesar de todos estes sentimentos e foi.” (sic) (Autor desconhecido, I Trimestre de 1947, p. 252).

Figura 7 – Campanha da nova sede da CPAD



Fonte: Lições Bíblicas, I Trimestre de 1964, p, 66

No I trimestre de 1964, com a revista custando Cr\$ 80,00, tem-se pela primeira vez uma propaganda da CPAD no corpo do texto e não apenas no final como ocorria até então, tem-se em letras garrafais “Leia o MENSAGEIRO DA PAZ”. Uma indicação literária expressa um pouco o clima da época, o autor do livro é o pastor Francisco Assis Gomes, com o título *Os partidos políticos e a liberdade de votação*.³⁹

1.3.2. Ensaaios para novos caminhos

Algo interessante a acrescentar refere-se ao modo como os comentaristas enxergavam o próprio movimento pentecostal dentro da história do cristianismo. Pode-se perceber referências positivas quanto à Reforma Protestante, desencadeada por Martinho Lutero, sendo ele citado por diversas vezes ao longo das lições. Havia indicações de que os pentecostais das ADs se sentiam ligados, de alguma forma, à reforma religiosa do século XVI.

Enquanto as referências eram positivas a Lutero, nada se diz sobre outros reformadores, tais como Thomas Müntzer, Philipp Melanchthon ou mesmo João Calvino. O que se destaca de Lutero é a volta para Bíblia como único critério de verdade e fé. Também se ressalta sua luta constante contra a Igreja Católica.

³⁹ **OS PARTIDOS POLÍTICOS E A LIBERDADE DE VOTAÇÃO**

Orientação segura sobre a posição do crente, em face da política. Um tema atual. Um assunto interessante.

Autor: Francisco Assis Gomes

Prêço: Cr\$ 20,00

Na fase anterior não era comum os comentaristas fazerem menção à escritores fora do ambiente religioso pentecostal das ADs, mesmo cristãos. Por vezes, quando um autor fazia referência a um teólogo batista ou presbiteriano, ele apenas o citava de maneira indireta “(andam dizendo por aí...)”. Havia um cuidado para que o crente pentecostal não tivesse contatos com outras literaturas fora das ADs.

Nessa nova fase, portanto, os comentaristas não parecem se preocupar com o exclusivismo assembleiano. Embora nos discursos se pressupunha a ação direta do Espírito Santo na elaboração dos textos, na prática se tem a busca em dicionários e comentários teológicos por auxílios a textos difíceis⁴⁰. Por exemplo, quem eram as mulheres que ungirom os pés de Jesus com óleo na passagem de Lucas no capítulo 7?

Esclarecimento: Esta unção (João 12: 1-6) nada tinha em comum com a mencionada por Lucas (Luc. 7:36-50), com exceção do fato de uma mulher ungirom os pés do Salvador, e o nome de Simão, que era um nome comum. Aquêl ato teve lugar em Galiléia, e êste em Betania, perto de Jerusalém. Ali o festejante menosprezou a mulher que ungiu Jesus; aqui seu irmão é um dos hóspedes e sua irmã uma assistente ativa, Ali a mulher era “uma pecadora”- uma mulher notoriamente corrupta – aqui foi Maria, benquista e devota que sentára aos pés do Senhor e ouvira a Sua Palavra. (Broadus). (KESSLER E ARRAES, 1946, p. 26 / LB, 2012, p. 84).

Algumas coisas são interessantes de serem observadas no excerto acima. A primeira, é que a aplicação livre dos textos bíblicos vai dando lugar a argumentações que carecem maior elaboração. A segunda, refere-se à citação de um teólogo que não está ligado diretamente ao movimento pentecostal, trata-se de John Albert Broadus (1827–1895), que foi um pastor batista norte-americano e presidente do Seminário Teológico Batista do Sul (Southern Baptist Theological Seminary).⁴¹

É a primeira vez, na revista, que se tem uma referência direta a uma literatura que não fosse a Bíblia, significando que a ideia de que o Espírito Santo é quem revela a mensagem a ser transmitida vai aos poucos perdendo força, sem contar que agora os pastores brasileiros têm acesso à literatura produzida em outros países, conforme apontou Osean Gomes (2013).

⁴⁰ Passam a aparecer referências não somente à teólogos fora do ambiente pentecostal, mas também a pessoas fora do ambiente religioso, como políticos, jornalistas, literários e etc.

⁴¹ Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/John_Albert_Broadus> Acesso em: 01 mai. 2018.

Outra novidade está na tentativa de responder às questões políticas e econômicas da época sob a ótica pentecostal, o que não era feito até então. Nem nos momentos mais intensos da Segunda Guerra (1939 – 1945), houve uma palavra se quer que fizesse referência a tais acontecimentos. Porém nessa fase começa a aparecer certa preocupação em esclarecer questões políticas, econômicas e sociais vivenciadas na ocasião, dando significados teológicos aos mesmos.

Uma lição que chama a atenção nessa segunda fase é a do III trimestre de 1948. Nessa revista, os fatos históricos, sociais e políticos são interpretados através de uma leitura hermenêutica pentecostal. O autor dessa lição, que não tem seu nome revelado, compreende o lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki como parte do cumprimento das profecias bíblicas:

Depois da última Guerra Mundial e especialmente depois do fabrico da bomba atômica, houve grande ímpeto no movimento em favor de um govêrno mundial. Sem dúvida alguns dos que falam a favor, têm bôas intenções, mas é incompreensível a sua vista curta. Pode-se dizer a êles como Jesus disse aos saduceus: “Errais, não sabendo as Escrituras, nem o poder de Deus”. Mat. 22:29. Se conhecessem as Escrituras proféticas acêrca do tirano, o qual será o cabeça dêste govêrno, pelo qual estão se esforçando, todos os homens e mulheres, com qualquer autoridade nos govêrnos nacionais, combateriam incansavelmente contra a inauguração de uma máquina política, a qual, é fácil conceber, seria aproveitada repentinamente por qualquer espírito mau e usada para escravizar todos os povos da terra. Mas, por fim, “cêgos, guias de cegos” votarão no “mecanismo” que dará ao Anti-cristo sua oportunidade. Esta pequena, nuvem, mas sombria, no horizonte de nosso mundo, torna-se-á grande e negrisima. Porque além do curto reinado do Anti-cristo, está o reino de mil anos de Cristo Jesus, aqui nesta terra! Isto será a Idade Áurea da terra, o Milenio. (sic) (Autor desconhecido, III Trimestre de 1948, p. 41).

Na fase anterior não se tinha o desígnio de decifrar os acontecimentos da política em correlações com a Bíblia. Conforme já apontamos, as leituras eram mais de aplicação moral e prática dos textos. Sendo, portanto, esse ponto uma ruptura possível de ser observado na revista. Agora se tem, como vimos no fragmento acima, um certo anseio em perceber de modo escatológico os acontecimentos históricos. Não somente isso, mas também, uma militância contra as estruturas sistêmicas que dariam condições para o advento do anticristo.

O contexto do pós-guerra, a criação da Organização das Nações Unidas, a expansão do projeto soviético, a criação do Estado de Israel e diversos outros acontecimentos eram preocupações imediatas na mente dos autores, o que foi determinante na construção da hermenêutica bíblica nesse período.

O que segue após essa citação são definições ao cristão do que seriam: “Império mundial”, “paz mundial”, “o milênio” e o lugar dos Judeus ao longo da história. Não é de estranhar que a partir desse período temos um crescimento da mensagem escatológica nas *Lições Bíblicas*, e que irá eclodir na próxima fase estudada, principalmente após os anos de 1970.

Na lição supracitada, se tem a citação de um autor que tradicionalmente não fazia parte do acervo da biblioteca dos pentecostais brasileiros. Seria inconveniente confessar abertamente que se tinha acesso a tal literatura. Trata-se do escritor alemão autor de *Fausto*, Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832):

A solidão é indispensável para cultivar o caráter de crente. No aperto da vida cotidiana são essenciais os tempos de quietude para contrabalançar tudo. Disse Goethe: “Ninguém pode produzir algo de importancia sem se isolar do próximo”. (sic) (Autor Desconhecido, III Trimestre de 1948, p. 45).

No final do II trimestre de 1967, tem-se um texto que expressa o espírito da época, denominado “Inimigos em casa”, informando o crente para ter cuidado com o seu proceder, tanto dentro como fora do ambiente doméstico. Seguindo essa tendência, em 1968 há um texto como suporte das *Lições Bíblicas* que diz “Estamos sendo vigiados”:

De dia e de noite estamos sendo observados, são muitos aqueles que nos vigiam, razão porque devemos estar atentos em tudo quanto realizamos.

(...) há muitos inimigos que nos vigiam, não para nos encorajarem, mas para nos acusarem, diante de Deus e dos homens. Os vizinhos observam todos os nossos atos, e anotam todas as faltas e erros que cometemos, a fim de nos lançarem em rosto essas falhas, logo que tenham oportunidade de fazê-lo. Aquêles com os quais mantemos relações comerciais também nos observam; anotam se somos honestos, se observamos a boa ética comercial, ou se violentamos a consciência cristã, por causa do dinheiro. (...)

Pois bem; se estamos sendo vigiados como Daniel o era em seu tempo, vamos proceder de tal forma que aqueles que procuram acusar-nos, possam anotar que nós também oramos ao nosso Deus, tal como o profeta o fazia. Mas tenhamos cuidado para que eles não encontrem falta mais graves do que essas em nossa conduta, porque então não estaremos imitando a Daniel. (sic)

Certamente é um alerta para o cristão não se envolver com causas políticas que porventura trariam complicações desnecessárias, lembrando que esse também é o momento em

que toda a imprensa brasileira vivencia a censura nas suas diversas formas e o silêncio pode ser impositivo.

1.4. A fase escatológica: entre a iminência do arrebatamento e a implantação do império assembleiano (1973 a 2000)

Como é possível observar, as divisões adotadas nessa pesquisa não são necessariamente de cunho histórico e político. Os critérios usados dizem respeito mais às mudanças estruturas das revistas para a EBD nas ADs. O que permite observar pontos-chaves nas alterações de conteúdo que se quer analisar.

Sendo assim, as questões demarcadas nessa terceira fase são referentes às tentativas de otimização dos espaços destinados à EBD no Brasil, com o propósito de vencer os desafios que se apresentam à instituição.

Nesse quesito é possível observar: a criação do CAPED em 1974⁴², o surgimento de novas revistas, destinadas às diferentes faixas etárias das crianças, adolescente e jovens⁴³, mudanças de nome da revista destinada aos adultos⁴⁴ e as publicações de livros anunciados exclusivamente às Escolas Dominicais, são elementos cruciais para as divisões feitas aqui.

⁴² No II trimestre de 1975 é lançado oficialmente o curso da CAPED, que já vinha sendo elaborado por ele desde 1974, grande responsável pela elaboração de tal curso é o Pr. Antônio Gilberto e seu objetivo é a padronização da Escola Bíblica Dominical das Assembleias de Deus e a capacitação dos professores para boa execução de suas tarefas. Em entrevista recente Antônio Gilberto diz que a decisão de um curso que visasse o aperfeiçoamento dos professores e obreiros ligados a Escola Dominical foi uma decisão que partiu de uma reunião das lideranças assembleianas e seu nome foi logo apontado com unanimidade para a realização desse trabalho. Ele também afirma que suas viagens ao redor do mundo lhe possibilitaram ter contato com as Escolas Dominicais organizadas tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, o que serviu de base para seu trabalho.

⁴³ As denominações das revistas e suas devidas faixas etárias ficaram assim definidas: MINHA REVISTINHA, para 4 e 5 anos de idade; AMIGOS DE JESUS, para 6 a 8 anos de idade; ESTUDANDO A BÍBLIA, para 9 a 11 anos de idade; ARAUTIS DA FÉ, para 12 a 14 anos de idade; VENCEDORES, para 15 a 17 anos de idade; LIÇÕES BÍBLICAS, JOVENS E ADULTOS, para acima de 18 anos.

⁴⁴ Durante o primeiro trimestre de 1985 e o quarto trimestre de 1993 a Revista para adultos foi alterada de *Lições Bíblicas* para *Maturidade Cristã*, as explicações para tais mudanças se deram em razão da criação de outras revistas a faixas etárias diferentes ao público assembleiano. Sobre essas mudanças seguem as explicações encontradas no quarto trimestre de 1984, não se tem explicações porque deixou-se de usar tal nome, voltando a ser denominada posteriormente de *Lições Bíblicas*: “**O novo título** Dentro do novo plano de revista da Escola Bíblica Dominical desenvolvido e publicado pela CPAD, cada publicação tem seu título e capa apropriados, contando um chamamento especial à sua faixa etária. Esta revista, até agora denominada LIÇÕES BÍBLICAS, seguirá o mesmo critério, por uma questão de necessidades, considerando-se os fatores coerência e harmonia de linha de ação dentro de um plano geral. O título LIÇÕES BÍBLICAS fazia sentido durante o tempo em que a revista circulou desacompanhada. Não é o caso agora quando ela integra um grupo de cinco outras revistas destinadas a diferentes idades. Consoante esta linha de pensamento o Conselho da CPAD aprovou novo título para revista: **MATURIDADE CRISTÃ**, o qual aparecerá, bem como a nova capa da revista, a partir de janeiro de 1985.”

Além dos elementos apontados acima, não se pode ignorar as campanhas e promoções que deram outro sentido e propósito à revista, principalmente no quesito comercial⁴⁵.

Nos anos que se seguem, as *Lições Bíblicas* são marcadas pelo aumento de propagandas de livros, discos, panfletos, Bíblias e uma série de materiais editados e distribuídos pela CPAD, algo que certamente irá fortalecer a editora e popularizar a mensagem pentecostal nos diversos cantos do Brasil. Além da mudança gráfica, temos nessa fase uma atenção maior a parte comercial da editora, preços são alterados, propagandas inseridas, discos sendo vendidos⁴⁶ e promoções realizadas, tudo em prol do reino de Deus.

Ligando os fatos narrados acima, em conjunto às questões políticas e sociais pelo qual passava o Brasil, tais como a ditadura militar e a guerra fria, é possível dizer que as ADs precisavam dar respostas a tais questões. Respostas essas que fossem coerentes com sua história e tradição, haja vista que essa igreja não é mais um movimento espontâneo e já exerce considerável relevância social no país.

As mudanças que vimos acontecer nessa nova fase já começam a ser desenhadas no começo dos anos de 1970. Em 1972, por exemplo, tem um recado aos superintendentes das Escolas Dominicais. Eram orientações pessoais e técnicas para que estes desenvolvessem um bom trabalho para Deus. Nas questões pessoais ele deveria ser “...pontual, apresentar-se bem, ser comunicativo, assíduo, ter visão da obra e deve de fato superintender”; sobre os requisitos técnicos deveria “conhecer a Bíblia, conhecer cada lição dominical, conhecer os professores, ter espírito missionário, liderança e, mais uma vez, superintender”. Este era o primeiro passo para a tentativa de alavancar a excelência do ensino da palavra de Deus entre os pentecostais das ADs.

O pastor Antonio Gilberto, ainda nos anos 1970, começa a se destacar nas Assembleias de Deus e terá grande influência na construção do pensamento teológico assembleiano. De formação militar, é considerado um ícone no meio pentecostal.⁴⁷ Ele dividirá esse protagonismo, durante um tempo, com o pastor Geziel Nunes Gomes.

⁴⁵ No I trimestre de 1980 tem-se uma nova campanha denominada 1 milhão de exemplares, uma Campanha Nacional da CPAD, a tiragem do mensageiro da paz e *Lições Bíblicas* são tidas como irrisórias até então. No final dessa revista se tem uma publicidade para alcançar 1 milhão de vendas, denominada “A CHAVE DO SUCESSO”. Uma abertura clara à publicidade e ao marketing.

⁴⁶ No III trimestre de 1962 tem-se a primeira propaganda de discos evangélicos dos cantores do mundo evangélico da época. Boa parte desses cantores não eram pentecostais era o caso de Feliciano Amaral e o Coral da Igreja Batista de Madureira.

⁴⁷ Ocupou até 2018, ano de sua morte, o cargo de consultor teológico da CPAD. Foi o fundador e primeiro diretor, fundador, coordenador e professor do CADEP (CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES DA

Para esses autores, era necessário melhorar a capacitação daqueles que estavam envolvidos com o ensino cristão nas EBDs. Sobre isso eles pedem para que todos sigam o exemplo de Jesus:

Jesus conhecia a matéria que ensinava; 2. Jesus conhecia Seus alunos; 3. Jesus ensinava as verdades bíblicas de modo simples e claro; 4. Jesus variava o método de ensino conforme a ocasião e os tipos de ouvintes; 5. Jesus ensinava através de seu exemplo... PROFESSOR DA ESCOLA DOMINICAL, SIGA O EXEMPLO DE JESUS! (sic). (MENEZES, II Trimestre de 1972, p. 97).

Ao longo de vários anos, foi realizado, nos periódicos das Assembleias de Deus, inúmeras campanhas para a construção de novas sedes e igrejas. Da mesma forma que as campanhas são feitas através da revista, os resultados são demonstrados através delas. Por exemplo, em 1972, finalizou-se uma dessas grandes obras:

Figura 8 – Nova sede da CPAD



Fonte: II Trimestre de 1972

ESCOLA DOMINICAL); Editor da primeira Bíblia de Estudos Pentecostal no Brasil e Organizador e escritor da Primeira Teologia Pentecostal do Brasil. Escreveu mais de 20 livros lançados no Brasil e alguns deles traduzidos para mais de 150 idiomas.

Esse belo prédio vem com a seguinte inscrição: “No propósito de melhor servir à Assembléia de Deus no Brasil a Casa Publicadora está instalada em sua nova sede à Estrada Vicente de Carvalho, 1083 – Vicente Carvalho – Rio-Gb.” Foi apenas uma das primeiras obras, frutos de campanhas realizadas nas LBs. Campanhas semelhantes a essas durará todo o período aqui analisado.

Nesse período histórico tem-se a estruturação e crescimento comercial da CPAD, novas sedes são inauguradas e o dinheiro parece tornar-se uma necessidade fundamental para executar os projetos da igreja, não necessariamente de caráter evangelístico. Campanhas e mais campanhas são apresentadas nas *Lições Bíblicas*, não somente para construções de novos templos, mas para estruturação de uma forma geral da administração das Assembleias de Deus. As estratégias para isso são diversas, tais como carnês de fidelidade, vendas de livros e discos evangélicos, realização de promoções e sorteios.⁴⁸

O que se pode dizer é que as propagandas e vendas da CPAD na revista foram acrescidas gradualmente, não foi uma mudança brusca, caso fosse é bem provável que haveria uma rejeição por parte dos leitores, pois as primeiras revistas condenavam tais práticas, não sendo correto misturar as coisas de Deus com as questões comerciais. Nessa nova fase pode-se dizer que há a profissionalização da publicidade.

1.4.1. O combate às seitas e heresias e outros enfrentamentos

Importante ressaltar que as ADs não detêm mais o monopólio pentecostal no Brasil⁴⁹. Desde os anos de 1950, surgem novas igrejas e movimentos que trazem explicações coerentes e significativas para a vida do fiel, mas apenas nessa terceira fase é que os autores dão maior atenção a elas nas LBs. Ou seja, não somente os católicos e protestantes deveriam ser combatidos, mas também outras igrejas pentecostais concorrentes. Em conjunto a essas igrejas coirmãs estão as religiões de matriz africana e os ateístas.

A estruturação das revistas com largo critério pedagógico, casam bem com um combate forte àquilo que julgam ser heresias e falsas doutrinas. Desde meados da fase anterior esse tema

⁴⁸ No II trimestre de 1980 tem-se pela primeira vez três páginas de propaganda de livros da CPAD entre a lição 7 e 8. No final da lição desse trimestre são mais 7 páginas de avisos e propagandas. A campanha para a venda do mensageiro da Paz não para, nessa mesma lição tem a seguinte inscrição: “Armemos as crianças de nossas igrejas, organizando “Brigadas-Mirins” para a venda do MENSAGEIRO DA PAZ de casa em casa.”

⁴⁹ Embora desde o começo das Assembleias de Deus, haviam outras igrejas de segmento pentecostal com a Congregação Cristã no Brasil, nenhuma delas teve o poder de inserção no cenário nacional tal como as Assembleias de Deus. O que de fato começa a mudar nesse momento.

não é dedicado somente ao catolicismo, mas à diversas religiosidades que ameaçavam o monopólio da produção de sentido dos crentes assembleianos pentecostais.

Embora as coisas se apresentem mais rígidas nessa fase, é possível perceber que mudar não é tanto um problema, o ponto é encontrar coerências nessas alterações dos discursos para defesa dos valores que se julgam essenciais para a sobrevivência e permanência da mensagem pentecostal no Brasil.

Sendo assim, essa fase é recheada de questões que visam romper com os amadorismos das fases anteriores, ao mesmo tempo em que as ADs disputam no cenário nacional o capital simbólico com outras denominações e movimentos religiosos.

Isso fica evidente quando, em 1974, a revista do primeiro trimestre, escrita por João Oliveira, se destina a tratar das heresias e falsas doutrinas. Interessante observar que o ponto chave que o autor apresenta diz respeito a discussões que permeiam o próprio espaço pentecostal das Assembleias de Deus, dialogando posteriormente com as correntes de pensamentos também existentes no país. Um tema que nos chama a atenção é a questão da corporeidade de Jesus Cristo, algo que parece ter causado alguns problemas às lideranças da época:

Neste trimestre estudaremos os cultos falsos, os erros doutrinários e as falsas religiões que procuram assaltar os arraiais cristãos – a igreja. (...)

Todas as falsas doutrinas e o espírito do erro, não confessam que Jesus se encarnou. Os tais não concordam que Deus se manifestou como homem. Negam Fp 2. 6-9; Hb 2.14, etc. Há tempo, num estudo, alguém se manifestou com tais idéias. **Foi necessário combater tenazmente seu ensino...** (sic) (Grifo Nosso, OLIVEIRA, I Trimestre de 1974, p. 8-9).

O combate tenaz aos pensamentos divergentes passa a ser uma constante nas *Lições Bíblicas* e os métodos usados para isso são os mais diversos, vão desde orientações e conselhos amigáveis até a demonização e o descrédito com relação às teologias divergentes. O tom se altera consideravelmente quando abordam temas ligados às religiões espíritas, de matriz africana e aos ateístas.

Além das questões de ordem estrutural e o forte combate às heresias essa fase é demarcada pela acentuada ênfase na mensagem escatológica, algo que também já tinha se destacado na fase anterior, mas que ganha atenção especial neste momento. A iminência da volta de Cristo ressalta o medo constante do espírito do Anticristo se fazer presentes até mesmo

dentro das igrejas, tais como em: “cultos aos falecidos”, “culto de recepções”, “cultos de aniversários” programados especialmente ao pastor⁵⁰, assim ressalta João Oliveira. (OIVEIRA, I Trimestre de 1974, p. 9).

Adentrando na década de 1990, as disputas políticas internas tornam-se latentes entre o ministério de Belém (CGADB) e Madureira (CONAMAD), temos aí um campo propício para cristalização de dogmas pentecostais. As muitas razões para as divisões e separações se legitimam na tentativa de preservar a essência do ser pentecostal.

Nessa fase, Gedeon Alencar (2013) classifica como o início da administração racional-burocrática. São latentes os problemas políticos e administrativos da instituição, havendo disputas pelo capital simbólico do ser pentecostal, o que faz todo o material analisado até aqui um amplo campo de disputas simbólicas.

As contendas político-administrativas entre os ministérios de Belém e Madureira geram o surgimento de novas revistas para o público assembleiano, organizados pela recém-criada editora Betel, ligada a CONAMAD⁵¹, rompendo, assim, a hegemonia da CPAD em relação à Escola Dominical⁵².

1.5. O que representam as *Lições Bíblicas* na contemporaneidade?

Apesar de não ser um período em que damos grande atenção nessa pesquisa. Os anos que seguem a virada do milênio trouxeram novidades para as EBDs das ADs. Os novos contextos impuseram mudanças significativas na forma como as EBDs foram pensadas e estruturadas:

Em 1999 é realizada a Conferência Nacional de Escolas Dominicais, Recife; é lançada a Revista *Ensinador Cristão*, da CPAD, para circular a partir do 1 trimestre de 2000. Também é reformulado e relançado o Plano de Revistas da

⁵⁰ Tornou-se prática comum nas Assembleias de Deus o culto destinado a homenagear os pastores, principalmente os pastores presidentes, o que para esse autor é considerado práticas do Anticristo invadindo à Igreja. Nesses cultos quanto maior o número de personalidades religiosas e autoridades políticas maior se mostra o poder de liderança. É o caso do aniversário do Pastor José Wellington (Presidente da CGADB), que contou com a presença do prefeito de São Paulo João Dória e o Bispo Samuel Ferreira, líder da Assembleia de Deus Madureira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8MEpF1yb81Q>> Acesso em: 29 de mai. 2018.

⁵¹ Embora o alcance da Editora Betel não seja tão significativo quando o alcance da CPAD, esse fato não deixa de ser sintomático, quando o assunto diz respeito à disputas latentes entre os diversos grupos e famílias no meio Assembleiano.

⁵² Enquanto a CPAD gravita em torno da figura de Antonio Gilberto o seu ícone teológico e referencial, a recém-criada editora Betel (1991) não emplaca nenhum nome nesse sentido, a não ser em torno do seu próprio fundador. Pr. Paulo Leivas Macalão. Alguns pesquisadores o têm classificado como influente intelectual, persuasivo orador e que tirou o foco dos pobres conseguindo alcançar a elite Carioca, além de ter escrito inúmeros hinos presentes na Harpa Cristã. (DE OLIVEIRA, 2012; ALMEIRA, 2007).

CPAD da edição de 1994, tendo as primeiras revistas de Escola Dominical no Brasil totalmente coloridas e tendo a inclusão de mais duas revistas: a *Maternal*, para crianças de 2 e 3 anos, e a *Discipulado Mestre*.

Em 2000 é lançada a Cartilha Escola Dominical *Revistas e Currículos*, para pastores, superintendentes, coordenadores de departamentos e professores. Lançado também a campanha *Todos na Escola Dominical. Cada crente um aluno*, a fim de mobilizar as igrejas. Ainda foi realizado o II Congresso Nacional de Escolas Dominicais nas Assembleias de Deus no Riocentro, Rio de Janeiro. (PAIXÃO, 2015, p. 148).

Dentre as novidades aqui estão o lançamento da revista *Ensinador Cristão*,⁵³ campanhas para incentivar os membros da igreja a participarem das Escolas Dominicais, como também a ampliação do investimento destinado à EBD no Brasil.

Os horizontes da CPAD se ampliam também para a América Latina. É lançada a editora Patmos, que é responsável por traduzir o conteúdo das revistas da CPAD para a língua hispânica, ampliando assim o mercado consumidor da mensagem pentecostal. Com esse empreendimento a CPAD se torna referência não apenas no Brasil, mas também é creditada como a maior editora da América Latina no segmento cristão⁵⁴.

Em questão de conteúdo, a mensagem pentecostal acompanha os novos temas e não foge à discussões, por mais polêmico que ela seja. Suas posições são sempre de caráter conservador e contra possíveis novidades que venham ameaçar as estruturas da denominação.

Temas que outrora eram *tabus* ou desconsiderados nas revistas passam a ser de urgente abordagem, tais como as homossexualidades masculinas⁵⁵, sucesso financeiro, trato com os idosos da igreja, aborto, direitos humanos, dentre outros. Provavelmente isso tem ocorrido em razão dos próprios pentecostais se observarem de maneira diferente, assumindo assim novos papéis sociais.

A recente revista do II Trimestre de 2018, aborda temas ligados à ideologia de gênero, direitos humanos, doação de órgãos, aborto, dentre outros temas que estão em debates na contemporaneidade.

⁵³ Com a proposta de oferecer suporte que atenda pastores, superintendentes, líderes, professores de ED e seminaristas, esta revista ajudará você na função de educador e irá renovar a Escola Dominical da sua igreja. Por meio da revista *Ensinador Cristão*, todos os que militam na área de docência cristã encontram ricos subsídios, dinâmicas e orientações para melhor se equiparem no desempenho de suas atividades na obra de Deus. A revista é a maior deste segmento em todo o país. Disponível em: <<https://www.cpad.com.br/revista-ensinador-cristao--assinatura--02-anos--112586/p>> Acesso em: 08 jul. 2018.

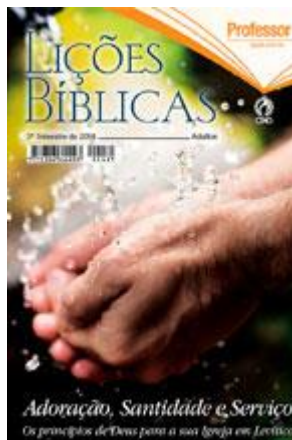
⁵⁴ Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra-gerencia.php?s=2&i=24>> Acesso em: 29 jul. 2018.

⁵⁵ As homossexualidades femininas não tem ganhado a mesma atenção.

Em 2014, a CPAD se prepara para a comemoração dos 75 anos da CPAD e para isso lança uma nova grade curricular:

Antes, o currículo que era dividido em dois segmentos: Infanto-Juvenil e Adultos, agora ganha mais um material exclusivo para o público jovem (18-25 anos) (...)Divididas por faixa etária, as publicações da CPAD para a Escola Dominical somam 13 revistas, que são: Berçário, Maternal, Jardim de Infância, Primários, Juniores, Pré-adolescentes, Adolescentes, Juvenis, Jovens, Adultos, Novos Convertidos (discipulado 1 e 2) e “O caminho para o céu” – desenvolvido para os não crentes.⁵⁶

Figura 9 – Materiais para as EBDs das ADs, CPAD



Lições Bíblicas – Adultos: Essas revistas representam o fio condutor de nossa pesquisa. Durante muito tempo ela permaneceu sendo o único subsídio para a Escola Dominical das Assembleias de Deus. Contudo, após 75 anos de história essa editora já conta com outros materiais para suporte na educação cristã, cada uma correspondendo a uma faixa etária específica, ou nível de inicialização no pentecostalismo, conforme podemos ver a seguir:



Jovens
18 a 25 anos



Juvenis
15 a 17 anos

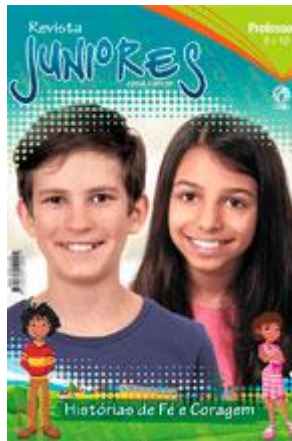


Adolescentes
13 e 14 anos



Pré-Adolescentes
11 e 12 anos

⁵⁶ Disponível em <<http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/25210/cpad-lanca-novo-curriculo-para-escola-dominical.html>> Acesso em 28 de jul. de 2018.



Juniões
9 e 10 anos



Primários
7 e 8 anos



Jardim de Infância
5 e 6 anos



Maternal
3 a 4 anos



Berçário
0 a 2 anos



O Caminho para o Céu
Não crentes



Discipulado
Novos convertidos



Discipulando
Novos convertidos

Fonte: <http://www.ebdadtimon.com>

Onofre Ferreira Alves, em seu TCC, identifica que o problema da ineficácia das Escolas Dominicais nos dias atuais não se dá em razão do material didático produzido pela CPAD e sim pela desqualificação dos professores das EBDs que são em sua maioria leigos. Outro problema apontado pelo autor é que em muitas igrejas não há o respeito às faixas etárias propostas pelo currículo dos organizadores da revista.

Embora as revistas destinadas aos professores tragam importantes subsídios didáticos para facilitar a ministração das aulas, o problema reside no fato de que a grande maioria dos professores é constituída de pessoas com as melhores intenções, mas completamente leigas quanto a normas pedagógicas. Muitos limitam a ler *ipsis litteris* toda a lição, o que torna a aula cansativa e os alunos sem concentração.

Outro grande problema encontrado foi a questão da existência de classes onde não se observa a questão da faixa etária dos alunos. Crianças assistindo aulas junto aos adultos, totalmente alheias aos assuntos abordados.⁵⁷

A pesquisa de Onofre, embora interessante, cai no erro de fazer prognósticos. Diz muito em como as EBDs deveriam ser e pouco naquilo que elas realmente são. É mais um olhar de um religioso que deseja ver os valores da instituição sendo aplicados com maior eficácia, sem que haja o espírito crítico dessa mensagem. Essa tem sido a tendência das pesquisas sobre as EBDs das ADs feitas nos últimos anos, mas que não é seguida por mim neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DO CAPÍTULO

A Escola Dominical é o principal ambiente para o desenvolvimento da educação cristã nas igrejas, tanto reformadas quanto pentecostais. Trabalhamos aqui a origem das Escolas Dominicais na Inglaterra e como ela foi se adaptando até chegar ao Brasil. Mostramos que, apesar das EBD ter origem nas igrejas protestantes, no pentecostalismo assembleiano ela adquiriu larga aceitação desde o início desse movimento religioso.

No que diz respeito ao seu material didático, ele veio adquirindo transformações desde quando foi idealizado pelo pastor Samuel Nyström ainda no jornal *Boa Semente*. Visei mostrar nesse capítulo as mudanças estruturais das revistas ao longo de quase um século de produção. Embora não tenha entrado propriamente nos conteúdos, já é possível ver algumas mudanças estruturais e de mentalidade que foram se dando ao longo dessa tradição religiosa.

Apesar de em muitas igrejas pentecostais das ADs terem seminários próprios em suas cidades, as EBDs continuam sendo espaço onde seus membros podem aprender um pouco mais sobre os conteúdos que são relevantes para igreja, pois todos têm acesso a ela. As igrejas pentecostais redescobrem com o passar dos anos as contribuições positivas das EBDs para a transmissão do conhecimento bíblico e da visão de mundo pentecostal.

Vimos até o presente momento que as *Lições Bíblicas*, principal literatura para as EBDs das ADs não é homogênea em seus conteúdos, como gostam de apresentar os pastores dessa denominação. Há uma espécie de teologia que vai se fazendo com o passar dos anos. Vimos também, que as condições históricas foram substanciais para influenciar na formatação da revista e na tendência teológica que se constitui com o passar do tempo.

⁵⁷ Disponível em < <https://www.webartigos.com/artigos/a-escola-biblica-dominical-nas-assembleias-de-deus-do-campo-ecclesiastico-de-ribeirao-preto/118287>> Acesso em 29 de jul. de 2018.

A credibilidade das LBs é fundamental para as ADs, pois é o principal órgão de comunicação teológica entre as lideranças e os fiéis.

As três fases delineadas aqui mostraram que as alterações estruturais dessa revista foram muitas. Mas cabe perguntar: houve de fato alguma mudança significativa na teologia pentecostal?

A fim de responder essa pergunta é que essa pesquisa está sendo feita. O objetivo é encontrar as rupturas e continuidades com a teologia pentecostal das ADs. Esse primeiro capítulo servirá como âncora para o desenrolar da pesquisa. A partir de agora olharemos para as revistas não ressaltando tanto seu formato e sua produção, mas sim o seu conteúdo.

CAPÍTULO II

PIONEIRISMO SUECO: ENTRE A LIBERDADE DO ESPÍRITO E A PRISÃO DA LETRA (1930 A 1945)

Para se ter clareza de qual o ideário de família, trabalho, educação teológica & secular e política que a Igreja Evangélica Assembleia de Deus procurou construir desde o começo do século XX até os dias atuais, a partir das *Lições Bíblicas* é necessário refletir sobre a sociedade que acolhe essa mensagem pentecostal. Não somente isso, mas o contexto para o qual a mesma é designada.

A doutrina assembleiana presente, nas *Lições Bíblicas* passou, ao longo da sua história, por ajustes de acordo com os desafios enfrentados no cotidiano, o que é de se esperar de qualquer instituição centenária de sucesso. Por isso, entender a missiva das *Lições Bíblicas* é de suma importância para contextualizar sua epístola religiosa, para isso recorreremos à interdisciplinaridade das ciências humanas para maior clareza do debate.

Conforme explicitado no capítulo anterior, me dedico mais ao tema da organização familiar, ao trabalho, educação e política nesse capítulo, mas focando propriamente nos anos iniciais da revista, que são de 1930 a 1945. Os critérios para delimitação desse tema dizem respeito a um período inicial de dominação exclusivamente dos missionários suecos. Fase anterior a criação da CPAD, que traduz a visão dos pastores escandinavos, ainda no período inicial do movimento.

Esse primeiro período pode ser dividido em três fases: os primeiros 10 anos onde os estudos dominicais eram um apêndice do jornal *Boa Semente*; a segunda fase, que vai de 1930 a 1940, onde a revista ganha edição própria e tem os missionários Samuel Nyström e Nils Kastberg como os principais comentaristas e; os cinco anos finais que correspondem à transição da revista para um domínio maior dos missionários norte-americanos. Nesse caso as revistas foram escritas pelos brasileiros Adalberto Arraes e Gustavo Kessler. Apesar dessa divisão, isso incide pouco no conteúdo transmitido aos crentes e por isso foram tratados no mesmo espectro histórico aqui.

Procuo não cair no engodo de considerar os conceitos na sua forma reduzida ou apenas pelos atributos contemporâneos que nos são pertinentes, mas sim compreende-los tanto pelo ideal apresentado nas revistas em aderência à realidade social enfrentada por esse grupo em questão.

Não podemos conceber que a organização do espaço privado diz respeito somente aos indivíduos e suas vontades pessoais, ou apenas aos membros que a constituem, como se o âmbito social não tivesse nenhum poder de influência sobre a mesma. Em outras palavras, entendemos a vida cotidiana nas suas distintas constituições e concepções, tanto na forma em que se apresenta socialmente quanto nos impactos que a mesmas teve – e ainda tem – no discurso religioso, havendo assim, trocas de informações e valores sempre em permanentes mudanças.

Já abordei questões históricas sobre as Assembleias de Deus e as revistas para as EBDs no primeiro capítulo. Neste, portanto, focarei no conteúdo em si, retomando as questões históricas apenas quando necessário. A estruturação desse capítulo terá o mesmo formato que os subsequentes. Preocupar-me-ei com 4 temas recorrentes, que aparecem nas *Lições Bíblicas* e que se relacionam diretamente à vida cotidiana, a saber: a família, o trabalho, a educação teológica & secular e a política, abordando como esses temas apareceram nas revistas durante cada período.

Considero a hipótese de que a construção teológica do pentecostalismo assembleiano presente nessas revistas foi sendo elaborada a partir dos dilemas e necessidades do cotidiano. Sendo assim, as abordagens trazidas nesses materiais são sempre atuais e dizem respeito às perguntas presentes na comunidade. Isso ajuda a explicar o fato de que em tempos de internet, onde a maioria das Escolas Dominicais das igrejas tradicionais estão entrando em decréscimo (RAMOS, 2013, p. 14), as Assembleias de Deus dão mostras de florescimento, tanto financeiro quanto numérico (BRUNNER, 2004, p. 15).

Mostrarei que no quesito de construção teológica o foco caminha sempre em respostas a dilemas e necessidades enfrentadas pela instituição no momento de sua escrita. Até mesmo os assuntos doutrinários mais dogmáticos são sempre atualizados para ajudar o fiel na organização do seu dia-a-dia e na compreensão da vida a partir da ótica pentecostal.

Vale lembrar que o primeiro capítulo quer ser um esforço de contextualização, onde mostrei por outras fontes os acontecimentos internos e externos que contribuíram para que determinadas posições fossem priorizadas ou não ao longo desses anos nas Assembleias de Deus. Logo, o modo como essas citações aparecem nessa pesquisa não necessitam sempre de novas contextualizações, haja vista a mesma já fora feita no primeiro capítulo. Neste também estão explícitos os critérios metodológicos usados para elaboração dessa tese, mas ressalto que o mesmo será sempre lembrando quando julgar necessário.

2.1. O comportamento ideal do cristão pentecostal no espaço doméstico

A importância da estrutura familiar enquanto organização mais importante da sociedade é supervalorizada pelos pentecostais. São raras as revistas da EBD que ao falar da família, não ressaltam seu projeto divino. Destaca-se também a ação ativa do diabo em tentar acabar com esse projeto, como se diz no meio pentecostal, “...é necessário ter cuidado com as artimanhas do diabo, pois ele quer destruir a família e para isso irá relativizar os padrões morais estabelecidos por Deus na criação do mundo”⁵⁸.

Desde o princípio já é possível ver que esse grupo religioso tem um ideal de família estabelecido por Deus antes mesmo da criação dos humanos, ou seja, entende-se que a organização social não é uma construção feita pelas pessoas em suas relações humanas, mas são adaptações ou desvirtuações a uma vontade preestabelecida por um ser superior. Não por acaso, esse grupo religioso é temeroso às transformações sociais e tende a demonizar as mudanças que ocorrem na contemporaneidade. Se tem um assunto que ganha destaque nas revistas *Lições Bíblicas*, desde as primeiras edições até as atuais, esse tema é o da família.

Apenas para lembrar, os estudos sobre a organização familiar no Brasil já ganharam ampla atenção por parte dos historiadores, sociólogos e pesquisadores em geral. Clássicos da literatura brasileira têm como ponto de partida a questão da família. Podemos lembrar *Casa-Grande & Senzala*⁵⁹ na sociologia. Mais recentemente esse tema voltou a discussão através do livro *A tolice da inteligência brasileira*⁶⁰ do sociólogo Jessé Souza⁶¹. Este, baseando-se em Pierre Bourdieu e Charles Taylor, diz que as identificações de classe não dependem apenas do aspecto econômico, como afirmam o marxismo ortodoxo, sendo este apenas um dos fatores para sua identificação. Para ele, existem meios pelos quais *habitus* cotidianos são criados nas crianças que serão fundamentais para seu sucesso ou fracasso no mercado de trabalho, logo, esse comportamento é adquirido já na primeira infância no seio familiar. (SOUZA, 2015, p. 103).

A disciplina para os estudos, concentração diária, poder de síntese e cálculos são habilidades que os infantes adquirem antes mesmo de chegar à fase escolar, são passadas de

⁵⁸ Frases similares são encontradas em diversas lições, principalmente aquelas que falam sobre a organização familiar e os “Valores Cristãos”.

⁵⁹ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*, 50ª edição. Global Editora. 2005.

⁶⁰ SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixou manipular pela elite*. São Paulo: Editora Leya, 2015.

⁶¹ Ao fazer referência a Jessé Souza estamos aceitando sua crítica à sociologia tradicional que encarou como naturalização a inferioridade do Brasil em relação às grandes potências econômicas, como Estados Unidos e grande parte dos países europeus.

forma afetiva mediante os exemplos em casa. Isso explica o fato da “ralé”⁶² ser destinada ao fracasso em razão do não cultivo diários dessas condutas em casa, ou seja, a produção dos *habitus* necessários para sucesso no mercado capitalista são escassos e não estão disponíveis materialmente aos menos favorecidos. Sendo assim, vivenciamos hierarquias morais em nosso inconsciente que não sabemos ao certo de onde vem, mas que claramente estão relacionadas às nossas primeiras experiências familiares.⁶³

Isso não significa que as mães da classe média são melhores e mais atenciosas que as mães da “ralé”. A questão é que essa classe tem condições de reproduzir comportamentos que a subclasse não tem. Preocupações primeiras, tais como comer, beber e vestir já foram superados pelos mais ricos, o que lhes disponibiliza tempo livre e estrutura emocional para se dedicar a outros elementos da vida que não somente a sobrevivência diária dos membros da família.

Obviamente que os pentecostais ressaltam a importância familiar pela questão sensitiva e experiencial e nem tanto através de critérios sociológicos, como é o caso de Jessé Souza, mas ambos estão se referindo ao mesmo grupo de pessoas. A diferença é que Jessé Souza olha a partir de fora, como um pesquisador, enquanto que as *Lições Bíblicas* entendem a organização da família a partir da própria comunidade. Enquanto para os pentecostais, os valores familiares são indissolúveis em razão do seu projeto divino, para esse sociólogo estes são circunstanciais e dependentes do momento histórico.

É comum grupos religiosos naturalizarem relações circunstanciais e contingenciais tendo-as como universais. Com as Assembleias de Deus isso não será diferente. Ou seja, o ideal de homem, mulher, jovens e crianças pentecostais presentes nas *Lições Bíblicas* serão sempre reações a construções cotidianas do modo de se viver exigidos por Deus. Para isso os comentaristas levam em consideração o modo de vida dos fiéis e seus dilemas contemporâneos.

⁶² A “ralé brasileira”, além de ser um importante conceito de Jessé Souza é também um dos títulos de seus livros de sucesso. É um termo provocativo e crítico denominado aqueles que não tem acesso aos elementos básicos da reprodução da vida. A crítica não é feita diretamente à “ralé”, mas sim às estruturas sociais que não lhes permitem acesso aos meios que possibilitem a saída dessa classe, o que perpetua seu abandono e fracasso social.

⁶³ “Só percebemos refletidamente efeito do dinheiro e poder de comandando o comportamento social. A força da moralidade como produto de um consenso social inarticulado é imperceptível. Sentimos a moralidade e sua força quando somos expostos a emoções morais, como o remorso, a culpa, a vergonha, etc., mas não sabemos de onde ela vem, nem porquê. Imaginamos que são os indivíduos que criam a moralidade, o que leva a ideia contraditória nos seus termos de um subjetivismo moral.” (SOUZA, 2018, p. 42).

Sabe-se da precariedade de recursos que os primeiros missionários tinham para o desenvolvimento de seu trabalho missionário. Aqui veremos de que forma a teologia dos anos iniciais tratava os temas da construção familiar.

2.1.1. Família: um projeto de Deus e uma obsessão dos pastores pentecostais

Antes de falarmos sobre o ideal de família no lar pentecostal é necessário mostrar o que eles entendiam – e entendem – por esse termo. O lar é projeto de Deus e, portanto, deve ser valorizado como tal. No entanto, algumas coisas referentes a questões práticas estão postas em jogo. Por exemplo, o que fazer quando um jovem aceita a Jesus, mas é rejeitado pelos pais? O que fazer quando uma mulher ou homem se converte, mas seu cônjuge não? São questões de interesse deste grupo nascente.

Embora se tenha a valorização do espaço doméstico, nem toda organização de família é aceita, ou seja, nem tudo o que os parentes decidem e fazem deve ser acatado. Isso porque os membros do lar podem ter motivações erradas. A casa ideal é com um casamento monogâmico, com filhos responsáveis e que todos sejam pentecostais.

Pressupõe-se uma realidade nem sempre encontrada no dia-a-dia. Por exemplo, muitos que aderiram ao pentecostalismo enfrentaram a rejeição em seu seio de origem, sendo expulsas de casa por conta disso, também havia os casos de famílias que eram lideradas por pessoas que tinham algum tipo de vício. Como valorizá-la conciliando a vivência pentecostal nesses ambientes hostis?

Obviamente que o lar pretensamente projetado por Deus não era o que se encontrava facilmente no mundo, este, na verdade, consistia em uma desvirtuação do projeto divino, porém, tudo estava no controle das Suas mãos. Nils Kastberg apontou que uma das formas que Deus usava para testar a fé do crente condizia com a fidelidade do indivíduo apesar da rejeição em seu lar:

Quando eu estava na Suécia, no ano passado, fui, certo domingo, pregar num culto ao ar livre, num grande parque, em Stocholmo. Enquanto caminhava, um irmão, que comigo estava, me dizia: “Estás vendo aquela moça que vai á nossa frente.” Eu disse: “Sim, vejo-a”. Então, êle falou: “Aquela moça foi expulsa do seu lar, quando aceitou Jesús; entretanto, ela continuou firme.” E, como essa, quantas outras moças e moços não têm sido maltratados, da mesma fôrma, por causa da justiça! Pedro disse que o sofrimento, por amor da justiça, traz bem-aventurança. Isto é muito certo; e essa bem-aventurança é para esta vida e por toda a eternidade. Convém, portanto, padeceremos, resignadamente, todas as vezes que o fôr necessário. (KASTBERG, I Semestre de 1935, p. 27-28).

O autor dá um ar de autenticidade à narrativa teológica quando a exemplifica com um fato, supostamente real, testemunhado por ele. Essa forma de construção argumentativa é extremamente eficaz no meio pentecostal. Pois é a confirmação de uma crença por alguém que tem crédito institucional e carismático dentro da comunidade religiosa.

Ao citar o exemplo de uma moça rejeitada em sua casa por aceitar a fé pentecostal, ele ressalta que não era difícil encontrar jovens que estavam em situação semelhante, mas que permaneceram firmes mesmo havendo o rompimento no lar de origem. Em questão de prioridade temos aqui a visão mais aceita por essa liderança: considerava que mais valia ser esquecido pelos homens do que cair em descrédito com Deus. O fato de saber que havia alguém no controle de tudo consistia em um bálsamo para suportar as provações diárias.

Havemos de lembrar que era comum jovens fugirem de casa para casar com alguém que não era aprovado pelos pais. Também é recorrente a fuga de casa por problemas familiares, tal com violência doméstica, alcoolismo, maus tratos físicos, abusos sexuais intrafamiliares, dependência química etc. Figaro-Garcia (2017) aponta que fugir de casa pode ter inúmeras razões sociais. (FIGARO-GARCIA, 2017, p. 49).

Ou seja, o rompimento brusco com os laços familiares tem o seu elemento cultural, podendo ser uma forma de mostrar independência na passagem da adolescência para a vida adulta. Se por um lado o matrimônio contribuía para isso, reforçar esse comportamento através do viés religioso tinha sua âncora social. (FIGARO-GARCIA, 2017, p. 50).

Esses conselhos consistiam em uma via de mão única. Ou seja, os jovens eram instigados a saírem de seus lares para aderir ao pentecostalismo⁶⁴, mas nunca poderiam sair de um seio pentecostal para casar com alguém de outra denominação, mesmo que evangélica. Fazê-lo seria agir contra Deus e seria “blasfêmia contra o Espírito Santo”, pecado que não tem perdão.

Se os jovens são encorajados a cortar laços com os seus pais quando estes não os deixam viver na íntegra a experiência religiosa, por outro, um cônjuge nunca é aconselhado a deixar seu parceiro (a), mesmo nas piores circunstâncias. Este caso se dá principalmente com as

⁶⁴ “Além de tudo, a renúncia de família, pais, irmãos e filhos, dos seus planos e desejos, é necessária, porque estes planos e desejos sempre pertencem a esfera terrena e estão contrapostos aos planos do Senhor. (...) Quantas ambições dum belo futuro, aqui no mundo, quantos desejos nobres, humanamente falando tiveram de ser sacrificados pelo imperioso: segue-me? (KASTBERG, III Trimestre de 1940, p. 54-55).

mulheres, que aceitaram a Jesus, mas tem um marido que é hostil a essa mensagem. Qual o parecer nesses casos?

As esposas nunca são aconselhadas a deixá-los, mesmo em circunstâncias de violência doméstica, alto índice de embriaguez e descompromisso por parte do homem. A crença é que o poder do Espírito Santo pode transformar o pior vil pecador em uma nova pessoa e essa deve ser a oração da esposa. Ela deve suportar sua cruz até o momento em que Deus realizar o milagre e este venha a se converter.

Esse ponto está muito ligado aos papéis sociais pensados para cada gênero dentro da denominação. Nos próximos tópicos trabalharei como essa questão aparece nas *Lições Bíblicas*, a fim de contextualizar esse ponto farei referências à pessoa de Frida Vingren e Samuel Nyström que protagonizaram ferrenho embate sobre essa questão nos primeiros anos das Assembleias de Deus.

2.1.2. A construção da imagem da mulher nas *Lições Bíblicas*: o combate à Frida Vingren é o combate a todas as mulheres

A convenção, encabeçada pelo pastor Cícero Canuto de Lima, em 1930, tratou de muitos temas, conforme vimos no primeiro capítulo. Nesse momento abordo apenas dois desses pontos que aparentemente são distintos, mas que mantêm ligações diretas entre si, a saber: a criação de materiais didáticos para a Escola Bíblica Dominical e o lugar das mulheres na instituição.

Sobre a criação das revistas *Lições Bíblicas*, a questão, a princípio, parece despreziosa e legítima: como transmitir a mensagem pentecostal de maneira correta e eficaz de modo que o movimento pentecostal não perca sua essência teológica com o tempo? A resposta mais lógica e eficiente é certamente a de maior investimento no material didático que já era usado para as Escolas Dominicais, como também o fortalecimento desse setor dentro da igreja. Foi o que de fato fizeram. O conteúdo presente no periódico *Boa Semente* para Escolas Dominicaes (sic) ganha edição própria e chega com maior facilidade aos lares pentecostais.

No que diz respeito à questão de gênero, pode-se dizer que as consequências da convenção de 30 foram acompanhadas de simbologias e significados sobre os lugares dos homens e das mulheres na sociedade. Valéria Vilhena (2016) e Gedeon Alencar (2013), mostraram que as decisões tomadas nessa convenção atacaram diretamente a pessoa de Frida Vingren e impossibilitou sua participação e de outras tantas no sacerdócio da igreja. Sendo

assim, resolvia-se um problema pontual, de disputa por poder e construía-se uma doutrina teológica.⁶⁵

Frida Vingren estava incomodando demais os pastores nordestinos. Sua presença e seus conhecimentos bíblicos e ministeriais na direção dos trabalhos da igreja, não se harmonizava com os costumes “machistas” brasileiros. (...)

Frida incomodava a liderança assembleiana brasileira, pois na ausência de Gunnar nos cultos, sempre procurava dirigir os cultos em detrimento da presença de outros pastores. A “gota d’água” deu-se quando, em 1929, o casal Gunnar e Frida Vingren, organizou e produziu o jornal “O Som Alegre”, no Rio de Janeiro, com artigos de colaboradores e informações do setor Sul do Brasil. Quando alguns desses periódicos chegaram ao conhecimento dos líderes com artigos e informações que conflitavam com os costumes e projetos das igrejas “do Norte e Nordeste” do Brasil, esses pastores convocaram a primeira “Convenção Geral Das Assembleias de Deus no Brasil” (CGADB) aconteceu de cinco a dez de setembro de 1930, em Natal, Rio Grande do Norte e, em sua pauta, sob a liderança do Pastor Cícero Canuto de Lima, pastor presidente da Igreja em Natal, constavam alguns itens, nos quais os temas mais relevantes eram:

_Relatório do trabalho realizado pelos missionários.

_A nova direção do trabalho pentecostal no Norte e Nordeste do Brasil.

_A circulação dos jornais “Boa Semente” e “O Som Alegre”.

_O trabalho feminino na igreja.

Baseados nisso, após cinco dias de deliberação os convencionais definiram:

A – Manter a identidade e união doutrinária em todo Brasil.

B – Criação do jornal “Mensageiro da Paz” em substituição aos jornais “Boa Semente”, que circulava na região Norte e “O Som Alegre” distribuído na região Sul.⁶⁶

C – O trabalho feminino na igreja seria limitado a testificar de Jesus e sua salvação e ensinar, quando se fizesse necessário. Porém, as mulheres não poderiam pastorear igrejas. (Grifo nosso) (ALMEIDA, 2007, p. 84-85).

As decisões tomadas nessa convenção⁶⁷ foram significativas para o futuro das Assembleias de Deus enquanto instituição e do pentecostalismo enquanto movimento religioso, pois os atos demarcados ali estabeleceriam de modo prático e cotidiano a ação de Deus no trato

⁶⁵ Aqui temos um exemplo claro de nossa tese, que vai se repetir sobre os outros temas analisados, que aparecem da seguinte forma: Dilema cotidiano não previstos → necessidade de decisões imediatas → reflexões sobre as decisões tomadas → construção de uma narrativa teológica sobre o ocorrido → cristalização do dogma. Este é um ciclo constante que se repete nas LBs.

⁶⁶ Criação também das Lições Bíblicas para a Escola Dominical.

⁶⁷ “Essa não foi a primeira convenção de obreiros das Assembleias de Deus no Brasil, pois em 1921, na Vila São Luiz, no município de Agapapé-Açu (Pará), ocorreu o primeiro encontro entre os dirigentes das igrejas “Assembleia de Deus” existentes no Brasil. A falta de aceitação desta convenção e de outras subsequentes deu-se em razão da presença de brasileiros nas reuniões, já que até 1930 todas as reuniões eram lideradas pelos missionários suecos.” (ALMEIDA, 2007, p. 86).

com as figuras masculinas e femininas dentro da igreja. Mas não somente isso, foi uma cartada onde estavam em disputas questões ligadas ao gênero, que colocou Frida Vingren fora do baralho, pois como já afirmaram Valéria e Alencar, este encontro a tira de cena e demarca a não possibilidade das mulheres em ocupar cargos eclesiásticos.

Nesta tese mostro que uma coisa não está desassociada da outra, pois, com o objetivo de endossar as decisões tomadas nessa primeira convenção, narrativas teológicas foram criadas nas LBs para legitimar as decisões adotadas na 1ª AGO. Pode-se dizer que o ódio particular a Frida resultou no surgimento de um dogma e na cristalização de uma doutrina, sem contar a institucionalização do machismo.

O fato de as revistas *Lições Bíblicas* já nascerem como resposta às necessidades institucionais das Assembleias de Deus, torna-a um motor político em sua gênese. Ou seja, não se trata apenas de um veículo de transmissão da mensagem pentecostal para os novos convertidos, mas é a demarcação de território entre aqueles que se dizem no direito de falar em nome da instituição e de Deus, nesse caso, ficou decretado que as mulheres não poderiam pregar, mas somente *testemunhar*.

Que diferença faz? Em questões práticas: Frida poderia continuar escrevendo nos jornais, mas não nas *Lições Bíblicas*. Em termos simbólicos significa que as mulheres eram incapazes de separar a experiência pentecostal de suas emoções. Logo, seu testemunho deveria ser revisado pela ótica teológica dos homens. Para esses primeiros comentaristas, principalmente para Samuel Nyström, as mulheres não conseguiriam fazer tal distinção pois eram naturalmente dadas às emoções e à maternidade.

Isso aparece com mais clareza na primeira vez que este autor fez inferência direta ao lugar das mulheres nas *Lições Bíblicas*. Foi no III Trimestre de 1940, onde ele diz “...com a introdução da poligamia, a mulher ficou, entre muitos, não valendo mais do que um animal doméstico. Mas com a lei de Deus revelada e com a vinda da revelação de Deus-Cristo, a mulher tem recuperado o lugar que deve ter entre os homens...”.

Interessante ponto de vista: enquanto a poligamia diminuía a mulher, a monogamia, instituída pelo cristianismo, resgatou seu valor entre os homens. Ou seja, por causa de Cristo e de sua mensagem elas deixaram de ser vistas como objetos e passaram a ser encaradas como pessoas, dignas de ocuparem o seu papel social. Porém, as reticências não param por aí e ele continua dizendo “...e em muitos lugares tem ultrapassado os limites, sendo isto outro sinal da

perversão dos ensinamentos divinos.” (NYSTRÖM, III Trimestre de 1940, p. 12). Logo, a mulher deve cumprir o seu papel social instituído por Deus e nada mais.

Qual, portanto, são esses afazeres que devem ser ocupados pela mulher? A resposta vem logo em sequência:

“...a mulher que só pensa em preparar a sua casa e sua cozinha, pode tornar-se uma boa cozinheira e arrumadeira do seu marido, e pode criar os seus filhos, mas se não consumir nos interesses intelectuais do seu marido, e, além de tudo, se não comungar dos interesses do reino de Deus, sempre haverá desarmonia, o lar será incompleto.” (sic) (NYSTRÖM, III Trimestre de 1940, p. 12).

O tipo ideal de mulher pentecostal pensada por Samuel Nyström é a boa cozinheira, arrumadeira, que cuida bem dos filhos e comunga com os interesses intelectuais do marido, caso isso não ocorra o lar será sempre desarmônico e incompleto. Isso diz muito sobre a visão que os comentaristas tinham das suas mulheres, pois quando são consideradas emotivas e pouco racionais, estabelece-se como deve ser a relação no próprio lar. O homem, por ser racional deve ser o líder e o chefe da mulher, além de ser o chefe da igreja.

Entender a mulher dada como dona de casa já era algo naturalizado por Nyström, por isso sua implicância com Frida, pois certamente ela fugia desse estereótipo. Ela não tinha vocação para ser submissa e talvez por isso foi perseguida e dada como louca, como tantas na Idade Média. Por coincidência, esse estudo se deu dois meses antes da morte de Frida Vingren, pois a mesma veio a falecer em 30 de setembro de 1940, e essa lição, data de 21 de julho de 1940.

O que aconteceu em 1930 que denotou a morte ministerial de Frida e posteriormente sua morte física, não foi uma fatalidade, mas sim o desdobramento de uma teologia. E o recado estava dado a todas que não se condicionassem a normatividade proposta, pois teriam o mesmo fim que Frida. A questão que levanto não é o aspecto cultural que subjuga a mulher. Isso de fato é um problema. Mas o que aponto é se fazer dessa questão circunstancial uma doutrina, sendo este um exemplo claro da edificação de uma teologia pentecostal feita a partir das vivências cotidianas.

Enquanto se mantém a proibição do sacerdócio feminino as causas da morte de Frida podem ser relativizadas. No momento em que se revisar esse dogma terá que creditar o desgosto e a loucura pelo qual ela se encontrou, minutos antes de sua morte, na conta dos pais da igreja⁶⁸.

Obviamente, é mais fácil considerar que Frida era louca ou que se perdeu ao longo do caminho do que revisar uma doutrina que se tornou um dos pilares da instituição e que está ligada diretamente à história da denominação. É isso que as *Lições Bíblicas*, através de seus comentaristas farão. Apagar-se-á da história qualquer lastro de que tenha existido uma personagem como Frida Vingren e se reforçará o modelo de mulher, proposta por Samuel Nyström. Modelo este que certamente não era aquele defendido pelo fundador da denominação, o pastor Gunnar Vingren.

Por aí já conseguiremos entender que a falta de mulheres de destaque nas lideranças do pentecostalismo no Brasil não é uma coincidência e sim o desdobramento de uma teologia que tem impactos diretos na vida cotidiana. As pressões do feminismo e dos movimentos sociais apenas reforçaram o ódio dos líderes pentecostais às mulheres e aos movimentos sociais de minorias.

Estes movimentos serão sempre apontados como artimanhas do diabo para acabar com o projeto de família estabelecido pelo próprio Deus. Veremos mais à frente que esse modelo de família resultará também em projeto político dentro das Assembleias de Deus.

A morte de Frida é simbólica e representativa de inúmeras outras mortes decorrentes dessa forma de pensar. Por isso a insistência na imagem da mulher submissa construída já nos primeiros anos da instituição. Apenas para salientar que a vida de Frida é uma lembrança clara de que essa denominação teria condições de ter seguido por outros caminhos, mas o fundador do movimento pentecostal e sua esposa foram derrotados quando o movimento se institucionalizou.

⁶⁸ Frida Maria Strandberg Vingren nasceu em 9 de junho de 1891, em Sjalevad, Vanternorrlands, Suécia. Filha de Jonas Strandberg e Kristina Margareta Sundelin, de religião luterana, igreja que participou em sua infância e adolescência. (...) Coursou dois anos de enfermagem no Hospital de Vanersborg, Suécia, além de outros três meses numa casa infantil em Estocolmo. (...) Neste período conheceu Gunnar Vingren, missionário sueco, fundador da Igreja pentecostal, Assembleia de Deus no Brasil, juntamente com Daniel Berg, que havia retornado à Suécia depois de completar cinco anos de ministério, entre 1915 e 1917, se tornando casal de namorados. (...) Preparando-se para o ministério de missões, Frida fez um curso de oito meses no SvenskaBibel-Institutet (Instituto Bíblico Sueco), patrocinado pela Evangéliska Forsterlands-Stiftelsens (Associação Evangélica da Pátria). Frida partiu para o Brasil, no dia 12 de junho de 1917, no navio Bergensfjord, passando por Nova York, onde se encontrou com Gunnar Vingren. Seguiu viagem em 21 de junho no navio Rio de Janeiro, chegando ao Pará em três de julho de 1917. (...) Em 16 de outubro de 1917, Frida casa-se com Gunnar Vingren, cerimônia celebrada por Samuel Nyström. Desta união nasce Ivar Vingren, seu primeiro filho em primeiro de julho de 1918, e pouco mais de um ano depois, o segundo filho do casal, Ruben Gunnar, em onze de agosto de 1919.” (BISPO, 2017, 121-124).

A forma como Nyström estruturou a sua teologia será seguida pelos próximos comentaristas, atentem para a seguinte descrição:

Os sociólogos dividem a evolução da família em três períodos: a) promiscuidade (primitiva), b) matriarcado (domínio da mãe sobre a família), c) patriarcado (domínio do homem sobre a família). A Bíblia diverge dos sociólogos e afirma que a **família foi criada no estado de patriarcado** e assim compreendemos que os períodos a e b **não são evolutivos mas degenerativos da família**; em consequência do pecado do homem criado à imagem e semelhança de Deus para constituir um lar santo, do qual fosse o chefe, tendo como adjutora a mulher (2:18), **degenerou para a promiscuidade e o matriarcado.(...) o lar ideal que estava no plano de Deus, só foi conseguido com o cristianismo** (Grifo nosso) (KESSLER & ARRAES, IV Trimestre de 1942, p. 57).

No fragmento acima defende que um lar ser chefiado por uma mulher é sinal de “promiscuidade”, com todas as implicações que essa palavra denota. A questão que levanto é, quem cometeu a promiscuidade? O homem que abandonou o lar ou a mulher que decidiu viver sem um marido debaixo do teto? No entanto, essas perguntas nunca são feitas pelos comentaristas, apenas reforçam o modelo de vida que entendem como o projetado por Deus.

Para sustentar seus pontos de vista os autores resgatam argumentos da sociologia que dizem ter divergências com a Bíblia. Essa questão não é isolada, como veremos quando falarmos de educação, onde a referência às ciências humanas compõe um quadro de suspeita com a educação produzida nas universidades. Apenas para lembrar, os jovens pentecostais mal tinham acesso à educação básica, quanto mais ao ensino superior.

Todavia, engana-se quem pensa que o problema dos pastores com Frida, ou com as mulheres em geral, seja apenas uma questão de cunho religioso e institucional. Pelo contrário, era antes de tudo uma manifestação inconsciente de seus próprios papéis sociais em jogo. Ou seja, o trato com Frida foi em decorrência da visão que estes tinham de si mesmos e de seu lugar no mundo, que será sempre ameaçado pela disposição da mulher na corporação.

Alguém como Frida não ameaçava somente o controle dos homens, mas também era péssimo exemplo, do ponto de vista das lideranças pentecostais, para as mulheres no espaço doméstico. Sua proatividade poderia ser visto como possibilidade real de ação por parte das brasileiras no alcance à sua independência. Isso demonstra que os papéis sociais entre gêneros não estavam muito bem definidos dentro do pentecostalismo brasileiro, talvez por isso a

necessidade constante dos comentaristas lembrarem de Gênesis 2:18 ou Efésios 5:22⁶⁹, como forma de construção de comportamentos femininos aceitáveis.

Conforme vimos, desde o início temos em jogo a virilidade masculina, sempre em ameaça e as demarcações dos limites da mulher, tanto no espaço doméstico quanto na sociedade. Isso já se dá desde as primeiras décadas do movimento pentecostal assembleiano, que vai reverberar na teologia pentecostal com o passar dos anos.

2.1.3. Os jovens entre diversões, casamentos e ministério: o corpo pentecostal e a morada do Espírito Santo

Que relações poderiam haver entre diversões, casamentos e ministérios nas *Lições Bíblicas*? Apenas um: esses três temas são direcionados tão-somente aos jovens da igreja. Desde o início das LBs, os pastores se preocuparam com a mensagem que deveria ser transmitida a eles, pois entendiam que estes eram os mais vulneráveis às tentações mundanas.

A dedicação intensa a esse público tinha a ver também com a preservação do próprio movimento pentecostal, pois entendia-se que os jovens possuíam uma vida inteira pela frente de provável dedicação à obra de Deus. Portanto, era fundamental que estes não se contaminassem com os prazeres do mundo, escolhessem bem seus matrimônios e seguissem, com fé, a chamada pentecostal.

Certamente que o modelo de vida apresentado aos moços e moças deveria ser seguido por todos. Porém, a admoestação principal era dirigida a eles, considerando-os o elo mais fraco da corrente. Junto com a tentativa de transmitir o comportamento ideal esperado, se tem a descrição do que os comentaristas compreendiam por “diversões mundanas”, como deveria ser contraído o casamento e os critérios para saber se o jovem tem a chamada ministerial ou não. Aqui se tem os pontos mais fortes do asceticismo pentecostal identificados por nós nas revistas analisadas. Descreverei esses pontos mostrando que os mesmos foram pensados diretamente na organização do lar.

No que diz respeito às diversões mundanas as proibições são bem claras e definitivas, tanto do que não poderiam fazer, quanto dos lugares que não poderiam frequentar. Dançar, jogar bola, ouvir rádio, ir ao estádio, bailes, parques de diversão e cinema estavam fora de cogitação. Veremos que a proposta nunca era a proibição pela simples proibição, mas há sempre

⁶⁹ Geralmente quando Gn 2:18 é citado nas LB aborda-se a ideia de que Deus cria a mulher para ser adjutora do homem e Efésios 5:22 enfoca-se na sujeição das mulheres aos vossos maridos. Quase nunca são tratadas como protagonista da ação, a não ser para o cuidado da casa e dos filhos.

a contextualização do porquê não se deve ter tal atitude e em qual lugar da Bíblia tal prática é condenada, o que dá legitimação à proibição⁷⁰.

Para se entender essa relação é fundamental dar atenção ao uso do corpo nas diversas tradições religiosas. De acordo com Paulo Barreira, todas proibições presentes nas religiões, inclusive no pentecostalismo, estão ligadas diretamente ao uso corporal. Para ele:

A forma normal do uso do corpo é resultado de um processo educativo. Aprende-se o que se deve e o que não se deve fazer com o corpo desde que se nasce, e através de um processo simultâneo de transmissão/aquisição. Esse processo é chamado por Mauss de *imitation prestigieuse*. Imitam-se atos e comportamentos que foram bem sucedidos, que tiveram êxito, permitindo alcançar prestígio. (BARREIRA, 2018, p. 14).

Como a função das *Lições Bíblicas* era ajudar os crentes a lidar com os conflitos diários e norteá-los a viver de acordo com a vontade de Deus, associações foram feitas ligando a prática à teoria. Sendo assim, orientações diárias, através do que Mauss chamou de *imitation prestigieuse*, foram configuradas aos jovens através de um material didático com fins pedagógicos, o que não elimina de forma alguma o valor da tradição oral. Houve, na verdade, a compilação daquilo que era concordância entre os pentecostais, de fato, foi a elaboração de uma narrativa teológica com base nas experiências cotidianas.

Nem mesmo as crianças escaparam das exigências impostas pelas lideranças pentecostais, a título de exemplo podemos citar os comentários às crianças presentes nas *Lições Bíblicas*, antes mesmo de haver um material didático direcionado exclusivamente a elas:

[...] assim, proceda todo menino, ou menina, que tem provado a bondade de Deus. Prefere levar, neste mundo, a cruz de Cristo, do que gozar nos bailes, cinemas, teatros, futebol, que são prazêres vãos e nada valem, ante a glória que nos espera, no céu. (...) quando quiserem que vocês participem das brincadeiras e conversas mundanas: cinemas, *futebol* etc.; é mostrar Jesús, quando os amigos lhes oferecerem livros e revistas com histórias de roubos e crimes. (sic) (BRITO & SOARES, Comentario as crianças II Semestre de 1939, p. 4-6).

Toda uma geração foi educada a não ser complacente com as distrações mundanas e sim, a viver para a glória de Deus. Isso não significa que não deveriam ter alegria na vida, pelo

⁷⁰ Isso, não significa que, no mundo real, todos seguissem essas diretrizes. O que mostro aqui são apenas indicações do que as *Lições Bíblicas* apresentavam como o modelo ideal de se viver. Apenas lembrando que os pontos apresentados são do período que vai de 1930 a 1945, que é a fase analisada neste tópico, nos próximos capítulos mostrarei como esse assunto foi se transformando com o passar do tempo.

contrário, a ideia de felicidade é ressignificada e o prazer do cristão fica associado diretamente à cosmovisão pentecostal.

Os crentes devem ser alegres? O mundo tem alegria? Qual a diferença entre a alegria do mundo e a do povo de Deus? Muitos pensam que o povo de Deus deve ser um povo triste, um povo que não se pôde alegrar; entretanto, só o povo de Deus tem motivo de se alegrar, porque o seu nome está escrito no céu. (sic) (SÖRHEIM, Comentario as crianças II Semestre de 1938, p. 38).

Claramente se tem uma ressignificação do conceito de diversão entre os crentes assembleianos, que é sempre conectada à relação do indivíduo atinente à experiência com o Espírito Santo. No entanto, ameaças são feitas àqueles que não seguem o comportamento esperado, advertências essas também direcionadas aos infantes: “Que recebe as crianças, quando são desobedientes? O castigo, para aprenderem a ser obedientes.” (SÖRHEIM, Comentario as crianças II Semestre de 1938, p. 5).

A imagem de Deus apresentado tanto às crianças quanto aos jovens era sim de um ser punitivo e castigador que sempre estava disposto a penitenciar aqueles que saíam fora das regras estabelecidas. É somente com o passar do tempo que essa imagem é abrandada e conexas a um ser amoroso e perdoador.

As pesquisas nos revelam que, mesmo com tantas proibições, o pentecostalismo torna-se cada vez mais atrativo aos jovens, principalmente das classes menos favorecidas, mostrando que os ganhos de sentidos compensam as interdições no campo das diversões. Talvez a falta de recursos em satisfazer os prazeres cobrados no capitalismo os levavam a considerar outras formas de entretenimento, sendo a religiosa uma delas.

De se “proibir as diversões mundanas”, para “restringir as formas de contrair matrimônio” é apenas um pulo. Os comentaristas deixam claro que os crentes das ADs não devem casar com pessoas fora da igreja, mesmo que sejam de outra denominação evangélica.

Sansão tinha uma vida ricamente abençoada, a princípio; mas, um dia, êle se encontrou com uma moça dos filisteus, da qual gostou. Embora que os pais fossem contra e que a palavra de Deus proibisse a um israelita casar-se com uma mulher dos gentios, a carne venceu e, a seu gosto êle se casou com ela. Muitos crentes abençoados têm feito o mesmo – rejeitando os conselhos dos pastores da igreja, conselhos dos pais crentes e feito segundo a sua vontade. O crente, porém, que se casa com um incrédulo, **deve ser excluído da igreja,**

sem misericórdia. (sic) (Grifo nosso) (KASTBERG, II Trimestre de 1935, p. 43-44).

Falta de misericórdia era algo que os líderes das ADs conheciam bem, haja vista a crueldade com que Frida Vingren foi tratada em razão de um suposto adultério e por sua desobediência sistêmica da ordem estabelecida pelos homens da época. (VILHENA, 2016, p. 34).

A ideia de que, ao excluir alguém da igreja porque desobedeceu ao pastor local, contraindo casamento fora do instituído estava associado ao conceito de pureza entre os pentecostais. Há uma ligação direta entre os casamentos desiguais⁷¹ e a idolatria presente no antigo testamento. Os pastores lembram sempre do fracasso de Israel quando estes se uniam às mulheres gentias, o que gerava a ruína do povo de Deus. A imagem de que poderiam estar trazendo o impuro e adorando falsos ídolos com esse tipo de casamento prevalecia sobre outras narrativas.

Nesse caso, os pastores aconselhavam os moços da igreja a orarem bastante antes de casar, pois um mau casamento poderia impedi-los de seguir em sua chamada ministerial. Nesse ponto, as lições aconselham os mancebos a ter um cuidado especial com a lascívia da mulher, pois o diabo era astuto em usá-las para desvirtuar os homens do caminho do Senhor.

A forma como os comentaristas tratam o corpo da mulher merece uma atenção especial aqui, pois é um desdobramento da construção da imagem da mulher citado anteriormente. Elas não deveriam ser apenas submissas aos homens, ou boas donas de casa, mas também eram usadas pelo diabo para fazer a mensagem pentecostal fracassar. Responsabilidade obviamente nunca atribuída aos homens.

Novamente se tem aqui uma reflexão sobre a questão de gênero. A imagem delas é construída como sendo provocantes e dadas ao sensualismo. Quem poderia fazer os homens de Deus sair fora do seu chamado se não a lascívia e promiscuidade da mulher?

A bem da verdade, a ideia de ser o pastor local o responsável pela aprovação ou não de casamento corresponde a uma forma de controle dentro da comunidade. A partir do momento em que a decisão mais íntima de uma pessoa, que diz respeito à escolha daquele(a) que vai

⁷¹ O casamento entre o crente e o não crente é o que chamam de julgo desigual, ou união entre luz e trevas, que resultado pode surgir daí?

passar do seu lado o resto da sua vida está nas mãos de uma liderança religiosa, a vida desse indivíduo já pertence completamente a essa comunidade de fé.

Diversão secular zero, casamento somente com alguém de dentro da igreja e que compartilha dos mesmos valores religiosos, nos levam a um terceiro ponto, que tem a ver com a chamada ministerial. Veja que há um afunilamento nos pontos traçados, sempre no objetivo de trazer os jovens à uma vida voltada internamente para a comunidade. Estes são aconselhados a abandonar carreiras e estudos para viver da obra do Senhor.

Esse ponto está bem próximo aos assuntos posteriores. Primeiro, a ideia de que o crente não deveria trabalhar para ficar rico e sim para se sustentar, sendo a riqueza um meio usado pelo diabo para tirar o crente dos caminhos de Deus. E também, a suspeita de que as escolas estavam cheias de professores ateus que doutrinariam negativamente os jovens e adolescentes, sendo preferível ter pouca formação escolar, mas ser um crente fiel, do que ter muito conhecimento e duvidar das doutrinas pentecostais.

Descobrir e se dedicar a carreira ministerial é fundamental, pois caso o crente busque um outro caminho, negligenciando o seu chamado, será punido pelo próprio Deus que o escolheu como ferramenta para sua obra.

Por agora cabe retomar o caminho seguido até aqui, mostrei que as primeiras lições tinham preocupações claras em construir modelos ideais de homem, mulher e de jovens que agradariam a Deus. O que dariam a certeza de que o crescimento das Assembleias de Deus não produziria comportamentos que fugiam à regra estabelecida.

No próximo tópico abordarei questões ligadas ao trabalho e a sociedade entre os pentecostais assembleianos.

2.2. Trabalho e Sociedade: o cristão entre a exaltação da experiência pentecostal e o enfado do trabalho

Saindo do espaço doméstico e adentrando no âmbito da vida secular ou profana, devemos considerar orientações das *Lições Bíblicas* sobre a conduta ideal do cristão nesses ambientes. Ao falar sobre o mundo do trabalho, o objetivo aqui não é incorrer em críticas ao sistema capitalista ou estabelecer ligações entre o mercado financeiro e a busca de sentidos

religiosos nesse meio, já fiz isso em minha dissertação de mestrado e não pretendo retomar essa discussão, ao menos no momento⁷².

No entanto, neste ponto, quero mostrar como os pentecostais, através das *Lições Bíblicas*, apresentaram modelos ideais de comportamentos em relação ao mercado trabalho e à vida secular como um todo. Desejo construir um quadro de referências de modo que o leitor possa ter uma visão clara de como temas ligados à vida profana apareciam, e ainda aparecem, nas referidas lições.

Antes de tudo é necessário abranger o contexto vivido por esses religiosos para compreender o sentido de suas palavras e o conjunto de suas argumentações, levando sempre em consideração que a mensagem das LBs responde a questões conexas à organização da vida cotidiana.

Gedeon Alencar (2013), mostrou que a chegada dos primeiros pentecostais no Brasil acompanhou uma crescente onda de migração europeia, onde o objetivo principal era buscar modos de vida melhor para si e para os seus familiares. Ou seja, esses crentes já estavam condicionados a uma realidade de precarização e escassez que os forçaram a sair de suas terras de origem em busca de uma vida melhor.

Importante constatar também que boa parte destes migrantes aceitaram a mensagem pentecostal em terras americanas, haja vista o rompimento com a tradição religiosa de origem e a busca de sentido necessária ao novo contexto. Também há o fato de que os próprios brasileiros estavam vivendo experiências de ruptura social em razão do êxodo rural e a crescente urbanização no início do século XX.

O ciclo da borracha, neste período, proporcionou oportunidades incríveis para que uma leva de pessoas pobres saísse de seus países e encontrasse abrigo no Brasil. A visão de Daniel Berg e Gunnar Vingren, de que foram enviados por Deus para a missão a um lugar que nunca ouviram falar, apenas os torna donos de uma narrativa, mas não exclui o fato de que a migração entre Suécia e Brasil era realidade intensa nessa época (VALÉRIO, 2019, p. 35).

Como se sabe, duas interpretações do passado estão postas aqui, a primeira de ordem religiosa, que incide na revelação mística dos missionários suecos e, a segunda, mais sintonizada com os estudos sociológicos, que versam sobre o fato de que o Brasil era destino migratório entre os povos escandinavos nessa época.

⁷² BANDEIRA, Wesley. *Ética Neopentecostal e o mundo do trabalho*, 2015

Constatar isso não diminui em nada o valor de suas experiências, apenas os liga diretamente à vida real da qual são participantes. É nesse ponto que quero me atentar a partir de agora, nas narrativas construídas a partir da experiência pentecostal e das contingências da vida cotidiana. Busco mostrar que a mensagem pentecostal estava mais sintonizada com as realidades e necessidades do dia-a-dia dessas pessoas do que com as antigas tradições cristãs no Brasil, como o catolicismo e o protestantismo histórico.

Esclarecendo esses pontos vamos ao conteúdo das *Lições Bíblicas* e aos modelos ideais pensados para o mundo do trabalho e da sociedade nesse período, apenas lembrando que nos limitamos aqui aos anos de 1930 a 1945, que compõe o primeiro período analisado.

2.2.1. Trabalhe onde Deus colocar, seja justo e mantenha a fé

Quando os primeiros missionários chegaram à América trazendo consigo a mensagem pentecostal, não imaginavam que teriam de lidar de imediato com problemas de ordem cultural. Como se sabe, os primeiros evangelizadores não passaram por um treinamento aos moldes do que é feito hoje nos grandes seminários, que prepara o candidato ao conhecimento da língua, cultura e hábitos alimentares do povo a ser conquistado. Tampouco contaram com financiamento de uma grande organização missionária em seu país de origem.

Estava no horizonte dos missionários a busca pela própria sobrevivência, sem qualquer preocupação inicial se Deus aprovava ou não o trabalho secular. Este consistia em uma obrigação inerente à sobrevivência humana, portanto imprescindível. Isso implica a necessidade direta dos irmãos e irmãs conviverem com aqueles que não eram adeptos da mensagem pentecostal, o que constituía uma grande oportunidade de evangelização.

Isso nos leva a crer que não existiria a atividade pastoral e o ensino bíblico de Gunnar Vingren sem o trabalho na fábrica e o evangelismo pessoal de Daniel Berg. Compreender isso é ponto crucial para entendermos a lógica adotada na construção da teologia pentecostal para a vida cotidiana nessa primeira fase.

Daniel Berg era um leigo, homem fisicamente forte, trabalhador de serviços metalúrgicos e não possuía formação teológica. Em 1902 desembarcou nos Estados Unidos fugindo da crise financeira que assolara a Suécia. No país norte-americano trabalhou numa fazenda e posteriormente se especializou em fundição. Somente em 1909 teve a experiência do “batismo com o Espírito Santo”. No mesmo ano Berg conheceu Gunnar Vingren numa conferência em Chicago. A partir dessa amizade, surgiu o projeto comum de se tornarem-se missionários no Brasil. Ao chegarem às terras brasileiras, coube a Berg o trabalho braçal para o sustento dos dois, enquanto Vingren estudava a língua

portuguesa. Anos depois, Berg dedicou-se à distribuição de literatura evangélica nas Estradas de Ferro Belém-Bragança, ao passo que seu companheiro dirigia as atividades do movimento recém-iniciado. (OZEAN GOMES, 2013, p. 42).

Pode-se dizer que Vingren e Berg são dois lados da mesma moeda, são a síntese de como cresceu o trabalho pentecostal no país. A vida, portanto, é dividida entre o trabalho diário nas fábricas e construções civis e a noite recebendo o poder do Espírito Santo e profetizando.

Os jovens eram aconselhados a seguir a chamada ministerial e fazerem de tudo para viver para a glória de Deus. No entanto, sabe-se que nem todos tinham aptidões para o ministério pastoral e, mesmo que tivessem, boa parte deles trabalhava em atividades seculares para sobreviver, haja vista a precariedade das condições financeiras. Nessa primeira fase, os pastores e missionários viviam em condições análogas aos membros da igreja e boa parte deles não contava com auxílio das missões externas.

Para o crente comum, não dava muito para escolher onde trabalhar. Em primeiro lugar havia a escassez de oportunidades de empregos e como boa parte dos irmãos era de baixa formação educacional isso limitava ainda mais seu poder de escolha no trabalho. No entanto, não há restrições, onde quer que o crente seja posto, sendo um trabalho digno e honesto que execute bem para a glória de Deus.

Porém, havia alguns lugares que os pastores aconselhavam os irmãos a evitarem, por serem impróprios à vida cristã, principalmente lugares que vendiam bebidas alcoólicas. Também havia a questão do caráter cristão que não era compatível com muitos lugares, por exemplo, o comércio:

Um dos mais difíceis lugares para o crente dar seu testemunho é na vida comercial, por causa de estar a maioria do comércio baseado na mentira e na fraude; o atacadista mente ao varejista, do mesmo modo, mente ao freguês e obriga os seus empregados a fazer o mesmo. Todos eles fazem propaganda mentirosa. Mas o crente não deve proceder assim... (sic) (KESSLER & ARRAES, IV Trimestre de 1945, p. 75).

Essa fala é reveladora, pois é a manifestação de como os comentaristas entendiam sua relação com o comércio. Tinham as experiências diárias de que eram enganados, de que cobravam muito mais caro pelo produto do que ele valia. Eram roubados na balança, mas

estavam impossibilitados de fazer alguma coisa contra isso, pois, boa parte dos irmãos e irmãs eram analfabetos e tinham dificuldade de conferir os produtos na hora de serem pesados.

Essa mensagem não os faz indiferentes ao sistema, apenas os leva a perceber o mundo a partir de baixo, daqueles que sentiam diariamente a exploração. Osiel Lourenço de Carvalho em sua tese de doutorado, denominada *(In)Versões político-escatológico no pentecostalismo brasileiro*⁷³, mostra que a pouca participação pentecostal na política não era alienação, mas sim uma forma de resistência a partir dos esquecidos e ignorado pelas forças do Estado. Era uma resistência, ao seu modo, contra uma lógica opressora.

Esses grupos periféricos farão da religião seu espaço de resistência. As relações entre subalternidade e resistência, sofrimento e marginalização se firmarão no assembleianismo brasileiro. Resistência não como oposição explícita, mas como a construção de novos sentidos. Poremos estabelecer certo paralelo com aquilo que Foucault chamou de “linhas de fuga” (FOUCAULT, 2002, p. 12) em que o empoderamento discursivo – nesse caso o discurso religioso – no plano simbólico cria condições materiais de emancipação de minorias. Pois os grupos marginalizados “circulam em uma atmosfera que os mantêm atados a uma imobilidade asfíxiante” (SILVA, 2011, p. 38). (CARVALHO, 2016, p. 53).

A perspectiva de Osiel Carvalho (2016) coloca os pentecostais como agentes ativos de sua história e não vítimas. Essa visão é confirmada ao analisarmos atentamente as lições para as EBDs.

Os primeiros pentecostais evangelizaram a classe trabalhadora da qual eles mesmos eram participantes, não era alguém de fora que trazia um conhecimento difícil de se entender e muito abstrato. Era alguém que estava junto, que entendia do mesmo sofrimento e que poderiam dividir as mesmas alegrias. Os comentários bíblicos levam em conta essa realidade na hora de elaborar sua teologia.

Como a crença na liberdade do Espírito Santo era muito grande, por vezes Deus poderia levar o crente a um ambiente de pessoas ímpias, mas até mesmo nesses lugares é que este deveria mostrar o comportamento cristão verdadeiro, podendo atrair muitos que seriam evangelizados pelo testemunho de um crente fiel.

⁷³ CARVALHO, Osiel Lourenço de. (In) Versões político-escatológicas no pentecostalismo brasileiro: Uma análise da posição e ação política das Assembleias de Deus de 1930-1945 e 1978-1988 a partir do jornal *Mensageiro da Paz*. São Bernardo do Campo-SP UMESP, tese de doutorado, 2016

Em todo o momento há um forte apelo para que os irmãos fossem justos em seu trabalho, não mentissem para os clientes e nem desenvolvessem atividades ilícitas, mesmo que o emprego estivesse ameaçado. É preferível perder o serviço do que ter o nome apagado do livro da vida. A moralização do trabalho consistia em um jeito de representar Cristo na vida cotidiana. Ou seja, através da honestidade e do bom exemplo se poderia estender os valores pentecostais para a vida secular. Conforme diz Samuel Nyström “Os homens fieis a Deus são os salvadores da Pátria.” (NYSTRÖM, III Trimestre de 1940, p. 27).

Os testemunhos nos cultos de oração reforçam essa ideia, muitos irmãos contavam as experiências de que foram tentados a mentir para fazer um grande negócio, mas resistiram ao desejo carnal e Deus os abençoou grandemente. Essa benção poderia vir através de uma cura, da conversão do cônjuge, de um filho ou até mesmo de um emprego melhor, onde se tinha mais tempo para ir à igreja e não apenas por ter melhor remuneração financeira.

As primeiras lições também comentam sobre o crente emprestar dinheiro a juro? Pode isso, uma vez que a usura era pecado? Para eles a indicação era simples, se o objetivo do dinheiro emprestado fosse socorrer algum irmão por estar em dificuldade, precisando comprar alimentos para casa, esse dinheiro deveria ser emprestado e não poderia cobrar juros. Mas, caso fosse para o irmão investir em algum negócio que geraria retorno posteriormente este poderia emprestar com um juro estabelecido pelo mercado.

E aqui entramos nos próximos temas, pois o trabalho, seja ele qual for, não era para o enriquecimento pessoal, e sim para a sobrevivência diária. O trabalho não consistia para a acumulação e sim para satisfação das necessidades habituais. Os ricos nesse caso eram sempre identificados como causadores do mal.

A opressão ao necessitado não é proveniente de qualquer má qualidade do homem, se não comente da falta de amor de Deus. **Geralmente são os ricos os autores dessa opressão...** (Grifo nosso) (ARRAES, III Trimestre de 1942, p. 35).

Na citação acima, o autor tem a clareza de que a opressão é ocasionada pelos homens e não tem origem espiritual. Não se trata de uma “má qualidade” da natureza humana e sim da falta do amor de Deus. Para ele “Quem, pois, não respeita as angústias do seu próximo, são os incrédulos, os desviados e destemorosos de Deus.” (ARRAES, III Trimestre de 1942, p. 35). No excerto, também é possível constatar que os ricos são mais propensos a ocasionarem essa

opressão, ocasionando assim, o sofrimento dos justos. No próximo tópico procuraremos desenvolver melhor essa relação.

2.2.2. O sofrimento é inerente à vida cristã

Nessas primeiras lições o trabalho era necessário, mas não prioritário. A preferência sempre era buscar primeiro o reino de Deus que é a fonte de toda bondade e justiça, enquanto no mundo o que se encontrava era amargura, desgosto, inverdades e todo tipo de sofrimento humano. Essas aflições se davam tanto em razão do pecado quanto pela ganância presente nos corações dos homens, que buscavam desenfreadamente o lucro a qualquer custo.

Por isso havia sempre a necessidade de ajuda mútua entre os irmãos e irmãs, partilhando os recursos escassos e ajustando as injustiças ocasionadas pelo sistema. Isso ajudava na sobrevivência da comunidade e na vivência da fé. Não era creditado na conta do capitalismo nenhuma fonte de sabedoria transcendente e justiça perene tal qual nos dias atuais. Havia sempre uma desconfiança total com qualquer norma social que não partisse da igreja.

Nada mais coerente do que constatar aquilo que era evidente a todos os pentecostais, de que o sofrimento era inerente à condição humana e porque não dizer à vida cristã. Não havia nada que justificasse a ideia de que a pobreza estava relacionada ao castigo de Deus e ao pecado individual. Talvez aqui se tenha a chave do sucesso dos pentecostais nesses primeiros anos: não importava a condição econômica, Deus estaria de braços abertos para lhe receber e perdoar os seus pecados.

Fazendo uma breve abordagem sobre o crescimento pentecostal no Brasil, Macedo diz que “...o Pentecostalismo, conseguiu chegar mais próximo aos marginalizados urbanos, oferecendo principalmente soluções aos seus problemas cotidianos.” (MACEDO, 2007, p. 73). Apenas para lembrar, essas soluções nada têm a ver com a teologia da prosperidade dos dias atuais, pelo contrário, a ideia que se tem é que o sofrimento não diminui ao aceitar a mensagem pentecostal, mas aumenta com as perseguições do mundo e do diabo.

Muitos homens, mesmo crentes, querem escapar á provação e á tribulação da vida. Deus nunca nos prometeu fazer-nos escapar da provação; pelo contrário, os santos que Deus mais tem usado, no Seu reino, têm sido muito provados. E parece que, conforme cresce a nossa fé, assim crescem, também, as provações. Deus mandou Abraão sacrificar o seu filho, filho amado, sendo êle já idoso. Por muitas provações, esse patriarca tinha passado, mas, a maior, foi a última. E, por que provou Deus a Abraão? Porque estava gostando mais do seu filho, do que a Deus, porque essa provação seria, saudavel para a vida espiritual de Abraão; porque, finalmente, o sacrificio de Isaac serviria para simbolo do

sacrifício de Cristo. Conheces o amor de Deus na prova? Si não conheces, Êle quer eninar-te e faze-te conhecê-lo. (sic) (KASTBERG, I Sem. 1936, p. 19).

Saber dar valor a isso e glorificar a Deus em tudo é uma das alegrias do cristão, pois foi o próprio Deus quem o escolheu em meio a tantos capacitados. Sempre é lembrado nas LBs o texto bíblico que diz: “Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes” (1ª Coríntios 1:27, Almeida Revista e Atualizada).

Mas, se o pentecostalismo não promete melhoras imediatas nas condições de vida das pessoas, quais as vantagens de se aceitar a mensagem pentecostal além da experiência religiosa? Apresento aqui duas narrativas que se complementam e que estão ligadas à teologia para a vida cotidiana, a primeira mais sociológica e a segunda extraída diretamente das LBs:

A primária, diz respeito ao sentimento de pertença que um grupo religioso promove em condições de alta vulnerabilidade social e de constante estado de anomia proporcionando uma narrativa que faz sentido e os tira da condição de vítimas da história (GEERTZ) e; a segunda, referente ao fato de que o pentecostalismo incentivou a prática da irmandade, não deixando nenhum membro da igreja passar necessidades. Samuel Nyström diz, “(...) onde há união entre os irmãos, aí não há irmãos que passam necessidades.” (NYSTRÖM, II Semestre de 1934, p. 57).

Observe-se que, de acordo com a fala de Nyström, os irmãos não passavam necessidades não é porque haviam forças espirituais e mágicas que lhes davam condições de sobreviver, mas porque os irmãos estavam em constante união e dispostos a se ajudarem. “Uma característica comum dos pastores locais era sua realidade de pobreza. Alguns, sem escolaridade e posses, trabalhavam durante o dia e à noite conduziam as reuniões e atividades da comunidade religiosa.” (OZEAN GOMES, 2013, p. 51).

Se tinha a ideia de que o sofrimento e a pobreza não eram impedimentos para fazer os homens se achegarem a Deus e a condição precária também não diminuía o trabalho dos pastores. Essa teologia pode ser vista tanto em hinos da Harpa Cristã como em lições nas revistas.

Muitos pensam que, depois de serem selados com o selo da promessa, não lhes virão mais provações. Isto, porém, é um pensamento errado. O crente encontrará, como Jesús, mais provações, depois do batismo no Espírito Santo;

mas, em compensação, tem, também, mais poder, para resistí-las. (sic) (KASTBERG, I Semestre de 1936, p. 53).

Apesar de todo o sofrimento e angústia que a vida pode proporcionar, havia a certeza de que Deus cuidava dos seus, por isso não precisariam correr atrás das riquezas, ou até mesmo pedir ajudas e benefícios do Estado, pois Deus daria a providência. Se Ele é bom para cuidar dos pássaros e das aves dos céus que não plantam e nem colhem, quanto mais cuidaria dos escolhidos. (Mateus 6:25-34).

2.2.3. Cuidado com os ricos e suas posses

Se por um lado a mensagem de Nyström era forte contra as mulheres, nenhum outro comentarista foi tão combativo ao sistema capitalista e aos ricos como ele. Esse autor deixa claro que as causas do sofrimento dos pobres não eram apenas resultado do pecado ou da ação do diabo, mas principalmente pela cobiça dos ricos e de uma lógica econômica que oprimia o pobre. Embora sua fala seja abrandada por outros comentaristas, inclusive conterrâneos, como o missionário Nils Kastberg⁷⁴, não se pode negar que essa forma de raciocinar tenha seu lugar no pensamento assembleiano da época.

Os primeiros pentecostais estavam ligados às classes menos favorecidas e claramente expressavam os clamores dessas pessoas, identificando seus algozes através daqueles que possuíam posses, que geralmente eram os patrões. Essa primeira fase é caracterizada por um ataque ferrenho aos endinheirados. Se tem a clareza de que não foi através da meritocracia e do merecimento pessoal que conquistaram tal riqueza. Samuel Nyström não mede palavras para combatê-los, acusando-os de agentes do diabo, pecadores e propagadores da injustiça.

Onde não há temor do Senhor, aí todas as obras carnis se manifestam; há opressão do pobre e do justo; o egoísmo se manifesta em todos os ramos e ações da vida. O necessitado sofre, enquanto os que estão no poder aproveitam para se enriquecerem.

Tiago anuncia a vaidade e a incerteza das riquezas, e especialmente, nos últimos dias. A fraude e o clamor dos oprimidos chegarão aos ouvidos do Senhor. Lêde Tia. 5:1-6. (sic) (NYSTRÖM, II Semestre de 1934, p. 20).

⁷⁴ Não é que Nils Kastberg discorde dos pontos levantados por Nyström, é que ele não dá a mesma importância ao tema, preferindo trilar por explanação das histórias bíblicas.

Os comentaristas das LBs não levavam em perspectiva a visão das classes médias ou altas, até porque estes não eram muito receptivos à mensagem pentecostal. Logo, poderiam identificar nesse grupo a origem de seu mal, sem perigo de perderem adeptos, simpatizantes ou financiadores.

Havia até narrativas mais conspiratórias de que os ricos usavam do álcool para manter os pobres em sua condição de miséria, podendo pagar assim um salário injusto.

Operários e jornaleiros tem sido, por patrões avarentos, por meio do álcool, mantidos num estado deplorável, física e psiquicamente, em completo estado de analfabetismo para melhor poderem aproveitar deles, nessa escravidão. (sic) (NYSTRÖN, IV Trimestre de 1940, p. 20).

Ao mesmo tempo que se tem a reafirmação da proibição da bebida alcoólica, se propaga a ideia de que deixar de beber é uma forma de resistência contra os ricos, diminuindo o seu poder de ação. Reparem que essa forma de pensar é uma reflexão sobre a vida que levavam os pobres. Apesar desse tom mais fantasioso, não é possível dizer que sua interpretação estava de todo errada, haja vista o contexto progresso da história brasileira.

Como Samuel Nystron gostava de lembrar: “A amizade do mundo é inimizade contra Deus”. As possessões do mundo envaidecem e tornam-se idolatria; mas Deus resiste e as derruba, dando graça aos humildes” (sic). (SAMUEL NYSTRÖM, II Sem. 1934). Essa será a tônica da mensagem pentecostal nas *Lições Bíblicas* na primeira fase analisada.

O trabalho era para sustento e não para o enriquecimento. E mesmo aqueles que tinham enriquecido pelo seu próprio esforço estavam mais propensos ao pecado do que aqueles que permaneciam na escassez de suprimentos, pois dependeriam mais de Deus.

Seus comentários são ricos na sensibilidade de mostrar os malefícios e injustiças que o sistema econômico gerava na vida das pessoas. Não somente isso, mas o dinheiro é apontado como ídolo e a fé em Jesus não combina com a busca das posses terrenas:

Alguns animais que vivem no escuro, ficam sem vista e sem olhos; assim, também, quem serve a Mamom, fica em trevas densas.

Jesús mostrou a impossibilidade de servir a dois senhores. (NYSTRÖM, II Semestre de 1934, p. 15).

Sua mensagem é profética nesse sentido. De acordo com essa visão, o mundo não estava dado a priori, mas era construído socialmente. Ele associa que a causa da pobreza estava na mesquinhez dos ricos, mas Deus não os deixará impunes. Deus punirá a ambição dos ricos, dizia.

Esse autor não vê meios de conseguir riquezas a não ser pelo engano, mentira e opressão aos mais necessitados. Portanto, “O homem que fala a verdade é o maior empecilho contra esse sistema corrupto, do presente século (...).” (NYSTRÖM, II Semestre de 1934, p. 15).

Temos aqui, então, dois pontos relevantes da teologia de Samuel Nyström. Os homens são vítimas de injustiças e a pobreza não é de sua responsabilidade. Porém, suportar esse martírio como Cristo suportou a cruz é credenciamento para a conquista dos céus. É um pouco o que ele expressa no excerto abaixo:

Miquéias aparece, nesta nossa lição, combatendo os altivos e fortes em si mesmos, e representa o Senhor, na controvérsia contra êstes que se julgam invencíveis como os montes, e inabaláveis como os fundamentos da terra; ao mesmo tempo, **êle defende os oprimidos que sofrem as violencia dos ricos.** (sic) (Grifo nosso) (NYSTRÖM, II Semestre de 1934, p. 27).

De acordo com a leitura do livro de Miqueias, Nyström mostra que a pobreza não é natural, mas que são consequências das ações dos ricos. Por essa perspectiva, Deus sempre tem um lado e é contra aqueles que se julgam “invencíveis como os montes e inabaláveis como o fundamento da terra”. Deus está contra a violência dos abastados para defender os oprimidos.

O título da lição do dia 2 de setembro de 1934 é revelador, quando diz: “Miquéias, campeão dos oprimidos”. De acordo com essa leitura Deus levantou Miquéias para defender aqueles que por suas próprias forças não conseguiriam se defender sozinhos. Deus combate os altivos e mostra que Cristo “...defende os oprimidos que sofrem as violências dos ricos.”

A vara de Deus é para o ímpio e os seus tesouros; para os que falsificam medidas e pêsos; para os mentirosos e todos os que praticam a violência. Ninguém que tais coisas pratica pôde escapar a essa vara; do juízo e do castigo poderá fugir, mas não, da vara de Deus. (sic) (SAMUEL NYSTRÖM, II Sem. 1934, p. 28 / LB, 2012, p. 102).

Essa leitura se apresenta como um balsamo para os crentes, pois em algum grau os primeiros pentecostais se sentiam injustiçados. Ao exemplo do texto bíblico, não tinham forças para se defender sozinhos, mas quando buscassem a Deus, Ele mandaria auxílio no momento certo. O que se tem é a atualização de uma passagem bíblica, pois como Deus foi no passado Ele poderia ser no presente. Se tem aqui a transformação de um texto bíblico em um motor propulsor de enfrentamento da vida, uma teologia construída para a vida real e não apenas para alimentar livros nas prateleiras das bibliotecas.

Essa tônica de combate, diminui com as próximas lições, mas de vez em quando aparecem em lampejos de esperança, é o que acontece em 1942:

Sábios e ignorantes juntam-se, muitas vezes, para explorarem a pobreza. Aqueles que temem a Deus, porém, são incapazes de se prevalecer das circunstâncias para extorquir o suor do pobre, (ARRAES, III Trimestre de 1942, p. 35).

Não há nenhuma indicação entre os autores, nessa primeira fase, que considerará o dinheiro como bênção divina. Pelo contrário, conforme as referências acima, a posse do dinheiro é a causa da cegueira espiritual de muitas pessoas, pois não se pode seguir a dois senhores. Conforme veremos nos próximos capítulos, os comentaristas norte-americanos tendem a ser mais complacentes com essa questão, tentando relativizar a causa da pobreza no mundo. Isso permanece até que comentaristas já começam a aconselhar, no sentido de fazer a obra de Deus visando a possibilidade de ganhar dinheiro.

2.3. A Educação nas Assembleias de Deus: As *Lições Bíblicas* entre a pedagogia, a teologia e a institucionalização do movimento

O tema da educação já foi longamente abordado por pesquisadores das Assembleias de Deus⁷⁵. Geralmente esses textos caminham no objetivo de mostrar a relação da igreja com o ensino secular e a formação de obreiros através de seminários bíblicos. É consenso que, os

⁷⁵ DE PAULA, Wesley Américo Bergamin Granado. Assembleia de Deus avante vai!?: transformações e tensões na construção da Igreja evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1911 - 1980). Dissertação de Mestrado apresentado a Universidade Estadual de Londrina, 2013

FERNANDES, Rubeneide de Oliveira Lima. Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal. Dissertação de Mestrado apresentado a UNIMEP, 2006

DE OLIVEIRA, Sérgio Batista. O lugar da hermenêutica bíblica na formação teológica da Igreja evangélica Assembleia de Deus. Dissertação de Mestrado apresentado a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012

SOUZA, Heitor Galvão. Educação e a Assembleia de Deus no Brasil: comparações, resultado, tendências. Dissertação de Mestrado apresentado a Universidade Metodista de São Paulo, 2013

pastores suecos, a princípio, eram contra a criação de qualquer instituição educacional. As causas disso? Certamente, uma questão de prioridade: a falta de recursos, a péssima experiência que tinham com igrejas que adotavam esse sistema educacional e a frieza com que tratavam a ação do Espírito Santo abriam margens para se desconsiderar essa possibilidade. Veremos aqui mais detidamente como esses assuntos aparecem nas revistas *Lições Bíblicas* durante os anos que vão de 1930 a 1945.

O mais coerente era investir em cursos de formação rápida de obreiros, dado a carência e urgência da obra missionária.

[...]os suecos eram contra qualquer seminário, porque eles acreditavam que não havia de erudição para o pastorado, visto que eles conheciam uma igreja protestantes oficial – a luterana – que era muito erudita, mas que na ótica deles havia traído o Evangelho, havia se mesclado com a alta cultura e vendido seu compromisso com o Evangelho. (FREESTON *apud* OZEAN GOMES, 2013, p. 44).

Apesar de grande foco na educação, entre os estudiosos das Assembleias de Deus, são quase inexistentes pesquisas que relacionam a educação às *Lições Bíblicas*, a não ser alguns artigos e ensaios que versam sobre o tema. Nesse tópico procuro mostrar que a questão educacional não foi desconsiderada nas referidas revistas, porém, tinham as especificidades de uma igreja nascente, vibrante e centrada na pessoa do Espírito Santo.

Nenhum outro ponto rebuscou tanto o poder do Espírito Santo por parte dos comentaristas quanto o tema da educação, ao menos nesses primeiros anos. A ideia da compensação, onde Deus contrabalançaria a falta de capacidade dos escolhidos vem a calhar muito bem aqui.

A certeza de uma força sobrenatural que assegurava os bens negados (incluindo a educação) pelas estruturas sociais excludentes, gerava no indivíduo religioso um sentimento de compensação, já que, ao sentir-se incluído na comunidade e tendo acesso a espaços e posições que somente as classes letradas tinham, não considerou a necessidade de educação formal. (OZEAN GOMES, 2013, p. 46).

O fato de os pentecostais não terem acesso à educação formal era uma das principais críticas atribuídas a eles pelos protestantes tradicionais. Eram acusados de iletrados e, portanto, não tinham autoridade para propagar uma nova doutrina. Buscar a confirmação das narrativas

através do poder do Espírito Santo era mais do que uma construção teológica, era a legitimação da própria existência.

Na mesma medida em que sofrem ataques, os pentecostais sabem atacar também. São inúmeros os pontos onde os pentecostais mostram os “erros” teológicos dos protestantes tradicionais, principalmente, Adventistas do Sétimo dia e Batistas que, muito letrados, teriam perdido a essência do evangelho e se tornado frios em relação à ação do Espírito Santo no dia-a-dia. Dedicarei um tópico somente para falar como isso aparece nas referidas lições.

Os Católicos igualmente não eram poupados:

Os católicos dizem que a igreja mais antiga é a igreja católica, mas estão completamente errados, A igreja mais antiga e mais perfeita é a igreja pentecostal, pois foi fundada no dia de Pentecostes. Vamos, com Pedro, trabalhar para o bem dela, até a morte. (sic) (KASTBERG, I Semestre de 1935, p. 16).

Quando se observa com mais atenção as revistas para a EBD das Assembleias de Deus é possível perceber que esse tema está intimamente ligado a três outros elementos, a saber: ao conteúdo, as estruturas e ao propósito das revistas. Sintetizo essas questões em três campos de estudos, sendo a pedagogia, a teologia e a relação com o ensino secular.

No setor político esses anos são marcados por discussões acaloradas sobre os rumos da educação no país. O projeto de reforma educacional proposto por Getúlio Vargas, no início dos anos 30, abriu caminhos de debates para o aparecimento de concepções pedagógicas que se divergiam entre si.

Os principais temas de debates giravam em torno da “obrigatoriedade para todos do ensino elementar; gratuidade desse mesmo ensino; currículo escolar laico e coeducação dos sexos.” (PALMA FILHO, S/D, p. 5). Em torno dessas discussões estão dois grandes grupos:

De um lado, estão os intelectuais liberais, socialistas e comunistas, (...) agrupados em torno do movimento conhecido como Escola Nova; de outro lado, católicos e conservadores de diferentes matizes ideológicos, reunidos em torno de um projeto conservador de renovação educacional. (PALMA FILHO, S/D, p. 5).

Se nos dias atuais os pentecostais protagonizam discussões sobre os rumos da educação no país, o mesmo não acontecia naquela época. Embora os pastores estivessem empenhados na publicação de um material didático para a EBD, a reflexão não ia para além do contexto da igreja.

Não há indicação de que os pentecostais se identificavam com algum desses polos de discussão, a começar pelas suspeitas que tinham com ambos os grupos, a Escola Nova por serem compostos de comunistas e socialistas e o segundo por estarem ligados aos interesses da Igreja Católica, que era tratada entre os pentecostais como a besta do apocalipse.

A associação acima é coerente em contexto em que o catolicismo romano visava dominar o ensino religioso nas escolas.

O autor (Scott Mainwaring, 2004) enfatiza a relação da Igreja Católica com Getúlio Vargas, afirmando que a maioria dos bispos, padres e leigos apoiava seu governo, não só por causa dos privilégios que recebera, mas também devido à afinidade política. A ênfase que a Igreja atribuía à ordem, ao nacionalismo, ao patriotismo e ao anticomunismo coincidia com a orientação de Vargas. Clérigos destacados acreditavam que a legislação de Vargas realizava a doutrina social da Igreja e que o Estado Novo conseguia superar os males do liberalismo e do comunismo. (GRECO, 2016, p. 18).

Vendo o ensino público hegemônico pelo catolicismo romano, isso gerou certa indiferença dos pentecostais a esse setor. Embora compartilhassem de similaridades de opiniões, tais a aversão ao comunismo, não estava nos planos das ADs contribuir com interesses da igreja romana.

Além disso vale observar que tanto os adultos quanto as crianças das classes menos favorecidas, da qual os pentecostais eram originários, não haviam frequentado a escola ou viam a necessidade de cursá-la. Ou seja, não tinham acesso real aos benefícios da educação de qualidade, tampouco viviam em um contexto que exigia tal saber. Suas preocupações eram mais pontuais e menos ambiciosas, tinham mais a ver com a transmissão da mensagem pentecostal do que com qualquer outra coisa.

Sendo assim, quando abordo a pedagogia presente nessas revistas estou falando mais de uma reflexão interna à igreja do que referente às discussões presentes na sociedade brasileira. Embora reconheçamos que muitas pautas que estavam na ordem do dia no governo Vargas

apareçam de modo nas revistas analisadas, um desses temas diz respeito aos rumos educacionais, conforme veremos a seguir.

2.3.1. Analfabetismo no Brasil, um desafio a ser enfrentado?

A proposta da escrita de uma teologia pentecostal passa invariavelmente pela cultura educacional da época. Duas coisas devem ser levadas em consideração: a primeira, diz respeito ao público alvo dos pentecostais e a segunda, versa sobre o registro das doutrinas essenciais do evangelho.

Se por um lado era evidente que a maneira como os protestantes tradicionais escreviam sua teologia não eram condizentes com as necessidades dos crentes pentecostais, que outra forma haveria para se registrar e comunicar a fé a não ser pela escrita?⁷⁶ Havemos de considerar que:

(...)o sistema educacional brasileiro sofria graves problemas por conta da desigualdade social. A formação superior ainda era um direito exclusivo das classes abastadas. Não havia um projeto nacional voltado para educação em todos os níveis. As influências europeias e católica eram obstáculo ao plano pedagógico contextualizado à realidade brasileira. Segundo Guiraldelli Jr. (2001, p. 21). “em 1920, 75% de nossa população em idade escolar ou mais era analfabeta.” (GUIRALDELLI JR. *apud* OZEAN GOMES, 2013, p. 57).

O fato de o pentecostalismo ser vivenciado, em grande parte, pelas experiências místicas individuais, levou muitos pesquisadores a considerar apenas essa forma de transmissão da mensagem pentecostal, ou ponderar a inexistência de uma teologia escrita, esquecendo de que estes também deixaram registrados sua fé através das *Lições Bíblicas*.

É possível que muitos crentes nunca tivessem sentido a necessidade de aprender a ler e escrever até aderir ao pentecostalismo. Na medida em que aceitaram a mensagem pentecostal encontraram uma utilidade para a prática da leitura. Pois agora estavam em contato com textos sagrados que exigem tal atividade. São muitos os relatos de crentes que aprenderam a ler utilizando a Bíblia como ferramenta de estudo, há também aqueles que só conseguiam ler este texto sagrado, apresentando dificuldades com outros materiais.

⁷⁶ Observem que aqui não diminuo em nada o poder da experiência do carisma e da tradição oral que é marcante no pentecostalismo das Assembleias de Deus para transmissão da fé, apenas restrinjo a comunicação ao âmbito das Escolas Dominicais, o que nos leva a elaborar a referida questão.

Apesar dessa contribuição não havia um projeto institucional por parte das Assembleias de Deus para promover o aprendizado da leitura. O que ocorreu foi uma corrida contra o tempo para ganhar o maior número de pessoas possível através da conversão e da confissão pessoal. Em meio a essa missiva, acreditava-se que o Espírito Santo estaria presente para auxiliar quando faltasse a capacidade humana.

Mediante a força do Espírito, pessoas socialmente marginalizadas passaram a se perceber dignas e vocacionadas a uma grande missão. Em razão do rápido crescimento e de uma mobilização intensa que objetivava converter o maior número de pessoas possível, buscava-se a experiência carismática como “revestimento de poder”, “para desafios esperados”. (OZEAN GOMES, 2013, p. 61).

A maneira como os comentaristas escreviam seus textos nos revela algumas questões, dentre elas: consideravam a mensagem pentecostal a única capaz de explicar o mundo e a dar sentido à vida das pessoas. Ou seja, uma vida cristã sem a experiência pentecostal era uma existência incompleta. Nesse ponto, viver o evangelho era mais importante do que compreendê-lo.

Havemos de considerar que a mídia impressa era o meio de comunicação mais moderno da época, do qual desde o início os missionários lançaram mão para propagar a mensagem pentecostal, através de revistas e periódicos como *Som Alegre* e o *Voz da Verdade*. Porém, havia o fato de grande parte da população brasileira permanecer analfabeta e incapaz de consumir na íntegra estes conteúdos, o que os tornavam completamente dependentes da leitura de terceiros. Até obreiros, responsáveis pelas igrejas, não eram dados aos estudos. Eram sim, pessoas simples que trabalhava durante o dia e cuidavam dos afazeres religiosos à noite. (OZEAN GOMES, 2013).

Em boa medida os textos escritos, tanto a Bíblia, jornais e revistas tinham mais um poder simbólico do que efetivamente prático. De acordo com Gedeon Alencar, torna-se uma forma de empoderamento quando o crente, mesmo analfabeto, desfila de terno e gravata pelas ruas com um jornal ou revista da EBD debaixo do braço. Ele passa a mensagem, tanto para si quanto para os outros de que Deus transformou sua vida e que agora pode andar de cabeça erguida pela cidade, apesar de sua precária condição social.

Isso, contudo não diminui o fato de que o real objetivo das *Lições Bíblicas* estava comprometido com o alto índice de analfabetismos, o que fazer? Certamente a promoção de

um projeto de alfabetização dos crentes pentecostais era inviável e estava fora de cogitação. A solução, portanto, parece ter vindo com Nils Kastberg, em 1937, quando este muda a forma como as lições passaram a ser diagramadas, com textos mais simples, curtos e de fácil memorização.

Discuti no primeiro capítulo as causas para essa mudança, se foi uma decisão interna para facilitar a didática da mensagem, se partiu exclusivamente do próprio comentarista ou se foi mesmo uma proposta coletiva. Há até a possibilidade de ter sido uma reação ao controle de imprensa organizado no governo Vargas. No entanto, em se tratando da pedagogia, os ganhos foram positivos para os objetivos das lideranças pentecostais. Para um amplo grupo analfabeto e semianalfabeto a memorização de textos chaves para a vivencia e prática da fé torna-se essencial.

Quando se propôs, na 1ª AGO, um material didático direcionado a todas as igrejas, não estava no horizonte de discussão a questão do analfabetismo no Brasil, logo, não faz sentido pesquisadores das Assembleias de Deus retomarem ao passado social e histórico das Escolas Dominicais na Inglaterra e transferir como que por osmose à história da EBD assembleiana. São duas realidades completamente diferentes e distintas. A EBD das ADs nunca teve um caráter pedagógico para além dos limites da religião.

Muitas vezes o crente tem preocupação exagerada quanto à educação de seus filhos, forçando-os e escolhendo-lhes carreiras a seguir, quando o importante é que tudo seja encaminhado pelo Senhor. De que nos serve ver os nossos filhos muito educados no mundo, tendo a alma no pecado? Se o homem, penetrando em muitas ciências vier a endurecer o coração, é bem melhor que saiba menos aqui e espere mais nas coisas de Deus, pois o mundo passa, mas a Palavra do Senhor permanece. A educação verdadeiramente cristã é a única educação que sobressai a todas as demais, porque tem raízes eternas e perfeitas. (ARRAES, III Trimestre de 1942, p. 46).

O analfabetismo não era um grande problema a ser enfrentado, pelo contrário, José Ozean Gomes mostra que havia muita desconfiança com os jovens que se dedicavam longamente aos estudos, mesmo teológico, sofrendo até ameaças por parte de suas lideranças de que seriam excluídos da igreja caso continuassem nessa prática. Esse autor também mostra que a causa do ante intelectualismo na AD tem origem entre os pastores suecos, o que deixou marcas indeléveis à história da denominação.

Em geral, somos pobres e não podemos deixar os nossos filhos uma fortuna como herança, mas podemos, pelo nosso exemplo, infundir nêles um caráter cristão, uma vida piedosa, que vale mais do que fortuna.

Podemos ensinar-lhes a Palavra de Deus e o respeito que a ela é devido, precavendo-os contra o cepticismo que encontraram nas escolas, para que não venham a ser vítimas da incredulidade que domina o magistério moderno. (KESSLER & ARRAES, IV Trimestre de 1945, p. 58).

Conforme vimos no excerto acima, a vida piedosa e o caráter cristão estão em contraponto à vida aprendida nas escolas. Essa fala é fundamental para entender a suspeita que nutriam, tanto com o ensino secular quanto à imagem que constroem a respeito dos professores. Em 1937, já se falava de um projeto comunista adentrando nas escolas através desses profissionais que julgavam ateus e mal-intencionados. (KASTBERG, II Trimestre de 1937).

A bem da verdade, quando os pesquisadores das EBDs ressaltam a existência de um caráter social educacional para além dos âmbitos da igreja, eles estão revelando mais um desejo pessoal do que correspondendo à realidade. Como muitos são pertencentes a essa denominação e confessam sua paixão pelas Escolas Dominicais deixam transparecer como gostariam que ela fosse e não o que ela é de fato.

Pode-se resumir então da seguinte forma o que foi apresentado aqui: o analfabetismo no Brasil nunca foi um problema para os estudos das LBs e não há um projeto por parte da igreja para enfrentar isso.

Pais crentes que enriquecesteis, mantende, no meio dos vossos filhos, a boa educação cristã, não deixeis a vaidade dos recursos estragar os vossos filhos.

A vaidade das riquezas e do luxo, tem estragada muitas famílias que outrora mantinham como herança o temor de Deus, e os bons-costumes. (NYSTRÖM, III Trimestre de 1940, p.17).

Há uma forte crença no poder do Espírito Santo na compensação das incapacidades humanas, o que nos leva aos próximos tópicos.

2.3.2. Teologia: nossa luta não é contra carne e sangue, mas é contra Católicos e Sabatistas

Uma das primeiras questões que levantei quando iniciei as pesquisas sobre as *Lições Bíblicas* refere-se ao fato das Assembleias de Deus não usarem os livros teológicos já

produzidos por outras denominações cristãs no Brasil. Qual a razão de tão grande esforço para produzir o próprio material didático sendo que os recursos eram severamente escassos?

A resposta vem a partir do contato com esses escritos, são muitos os jornais que atacavam a fé pentecostal, julgando-os como fanáticos. Também há o fato de que os assembleianos estavam dispostos a dizer coisas que não poderiam ser encontradas em outros textos. Tem-se clareza de que a mensagem pentecostal é nova, no sentido de que as outras igrejas não a anunciavam. Essa mensagem pretende ser pura e bíblica quando resgata sua origem a partir de Atos 2, referente ao dia de Pentecostes.

Havia uma preocupação para que a mensagem pentecostal não se maculasse com outras correntes de pensamento, seja através de doutrinas cristãs ou pela cultura secular. A liberdade com que essa epístola poderia ser anunciada entre o movimento pentecostal correspondia a uma novidade aos diversos grupos religiosos existentes no Brasil. Aqueles que resistiram à sedução de se converter ao pentecostalismo não mediram esforços para atacá-lo ou deixá-lo sob suspeita. Nas *Lições Bíblicas* é possível encontrar a existência dessa beligerância. Sempre que tinham a oportunidade os comentaristas teciam críticas aos “erros teológicos” dos outros grupos.

São duas as instituições mais contempladas nessa cruzada, a primeira delas são os católicos, de quem os crentes divergiam claramente. Estes são chamados de ídólatras e mundanos, além de estar associadas ao anticristo.

Em Roma, onde, hoje, está assentado o papa, como um ditador espiritual, sem espiritualidade, um chefe que prega moralidade, sem ter moral, esteve, ha quase 20 séculos passados, um homem, pequeno em estatura, mas grande perante Deus e os homens, enfim, um revolucionário espiritual. Quem era, êsse homem? Paulo de Tarso, batizado no Espírito Santo, um gigante espiritual, um herói da fé, um homem que brilhou mais do que cem papas. Os papas morrem e são esquecidos; Paulo morreu, mas as suas palavras vivem e ecoam, em todos os cantos do mundo. (sic) (KASTBERG, II Semestre de 1937, p. 37-38).

Qual foi o grande mandamento que Jeová deu ao Seu povo, no monte Sinai?
 1. °-*Eu sou o Senhor teu Deus.* Ex. 20:2. 2. °-*Não terás outros deuse, diante de mim.* Ex. 20:3 3. °-*Não farás para ti imagem de escultura.* Ex. 20:4. 4. °-*Não te encurvarás a elas, nem as servirá.* Ex. 20:5.

Estas regras e mais outras, pertencem ao primeiro mandamento. O pensamento capital, nestes versos, é combater a idolatria, que tanto oprimiu o povo d'Israel. Deus não habita junto a um rival. Ele quer o lugar principal, pois é o Deus supremo, eternamente.

Não sei como a igreja católica romana que, em muitos pontos, segue o Velho Testamento, não obedece a esses mandamentos. (KASTBERTG, I Semestre de 1938, p. 18).

A idolatria sempre leva o homem a uma brutalidade horrível. Vemos como a igreja romana, com toda a sua idolatria, tem perseguido os santos, em todos os tempos. A idolatria cria a ira, mas, a adoração ao Deus vivo e verdadeiro, gera o amor. Jesús disse: “Amai os vossos inimigos”. Mat. 5: 44. O rabiscador destas linhas foi apedrejado, em Minas, por um padre, á frente de 200 homens; mas, a mão do Senhor o guardou, deixando-o escapar com vida. Que mal fizeram? Apenas, pregava o Evangelho de Jesús Cristo, conforme ordenou o Mestre em Marcos. 16:16. (NYSTRÖM, I Semestre de 1939, p. 25).

O segundo grupo são os Adventistas do Sétimo dia, chamados de legalistas e hipócritas, por se dizerem cumpridores da lei bíblica, mas desprezarem a mensagem pentecostal. “Os sabatistas, de hoje, que estão debaixo da lei, não fazem caso destas regras, e ainda mentem, dizendo que guardam o sábadó. Que hipocrisia!” (KASTBERG, II Trimestre de 1935).

Os fariseus ficaram cheios de furor, quando viram Jesús curar um doente, no sábadó; não porque eles mesmos guardassem o sábadó, mas, porque, procuravam alguma coisa para poderem acusar o Mestre. Ainda hoje, os sábatistas fazem o mesmo, pois não conhecem nem as Escrituras Sagradas e nem o Poder de Deus. Todavia, querem mostrar uma falsa santidade, dizendo que guardam os mandamentos do Senhor, os quais porém, eles desfazem, com as suas obras. Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós. Gal. 3:13. (sic) (NILS KASTBERG, 1935, p. 41).

As igrejas protestantes que não faziam questão de diferenciar seus membros através de usos e costumes também eram atacados de maneira indireta, identificando-os como mundanos:

Depois de ter mostrado Cristo, como exemplo, Pedro deu uns conselhos fortes aos crentes, dizendo-lhes para que não andassem segundo as concupiscencias da carne, ou segundo o modo do mundo, porém, segundo a vontade de Deus. Quando o mundanismo entra na igreja, o Senhor e a Sua Glória ficam fóra, pois Jesús não se une com o mundo, Aqui muitas igrejas evangélicas abrem as portas para as modas do mundo, de sorte que é bem difícil distinguir os crentes, dos ímpios. Lançai o mundanismo fora da igreja, e tereis um despertamento nunca visto. (sic) (KASTBERG, I Semestre de 1935, p. 20).

A educação interna visa mostrar os erros dessas outras religiosidades: os sabatistas eram hipócritas porque buscavam nas observâncias das leis um meio de alcançar a justificação. Os Batistas e Presbiterianos tinham apenas o conhecimento teológico, mas eram frios pois não

acreditavam na efusão do Espírito Santo e toda sorte de pecados e mundanismos eram creditados ao catolicismo.

Até mesmo para fazer referências positivas a teólogos de outras correntes, tomava-se o cuidado para não citar a denominação ou o autor em questão, apenas diziam “...dizem por aí que...”, sem dar crédito ao pensador dessa ideia. Porém, esse mesmo cuidado com as referências positivas não existia quando era para as críticas.

O único personagem que é citado livremente, e em larga escala, é o reformador Martinho Lutero. Louva-se seu trabalho de oposição a Igreja Católica durante a Reforma Protestante e ao fato deste buscar na centralidade da Bíblia na sua mensagem. No entanto, nada é dito sobre o trabalho da Igreja Luterana no Brasil.

É sintomática a constante referência a Lutero, haja vista que era a igreja oficial na Suécia era a luterana. Isso pode ser um sinal de que não tinham nada contra a mensagem dessa denominação, mas sim com sua burocratização e ligação com as vias opressoras do Estado, o que gerava perseguição às Igrejas Livres no país de origem.

A educação pentecostal, portanto, visa dar credibilidade à ação do Espírito Santo e combater aqueles que não entendiam o projeto de Deus da forma como os pentecostais a entendiam. Com o passar do tempo, aqueles que eram seus desafetos passam a se tornar aliados e outros grupos são identificados como dignos da crítica teológica pentecostal.

Esses grupos vão se deslocando do setor religioso para o setor político e social, dentre esses grupos estão as causas das minorias sociais e também a própria ciência, conforme veremos mais adiante.

2.3.3. “É trágico, quando a luz divina do Espírito é substituída pela luz intelectual”

Iniciamos esse tópico com uma fala síntese de Samuel Nyström: “É trágico, quando a luz divina do Espírito é substituída por uma luz intelectual, ou, por meros costumes religiosos”. (NYSTRÖM, IV Trimestre de 1940, p. 34). Para ele existe um problema quando as pessoas consideram a luz intelectual superior à luz do Espírito, ou quando passam a viver por meros formalismos, deixando a liberdade pentecostal de lado.

É bem provável que aqui ele não esteja falando somente da educação, mas também a outros elementos da vida cotidiana. A desconfiança não é somente com a questão educacional, mas com tudo aquilo que vem de instituições fora da igreja. Há fortes críticas ao uso da

medicina e aos recursos financeiros que não somente diminuía o poder do Espírito Santo como deixavam os crentes menos dependentes de Deus⁷⁷.

Nesta simples frase estão presentes alguns pontos que gostaria de desenvolver melhor aqui: o primeiro diz respeito à constatação de formalidades e rituais, que ele chamou de “costumes religiosos”; e a segunda é a busca de recursos humanos para resolver problemas humanos, o que ele denomina de “substituição da luz intelectual à luz divina do Espírito”. Acostumado a depender sempre da “provisão divina”, estranha quando a igreja passa a ter facilidade de acesso a recursos naturais.

Para embasar contextualmente sua mensagem usa as cartas dos apóstolos Paulo e de João às igrejas de Éfeso e de Pérgamo⁷⁸, aconselhando os irmãos contemporâneos a não caírem nos mesmos erros. Também ressalta que a mensagem é endereçada ao anjo da igreja, que no seu entender é o pastor local. Observa-se que as falhas apontadas eram exatamente aquelas que poderiam afligir uma instituição estruturada e de sucesso, como era o caso de alguns templos das Assembleias de Deus nos anos de 1940, época da escrita dessa lição. Essa crítica é feita, apesar dele mesmo ser responsável por uma grande igreja nessa época⁷⁹.

Durante o desenvolvimento de sua fala resgata o que chamou de “doutrina de Balaão”. Este preceito consiste no seguinte: havendo o diabo tentado de todas as formas acabar com o “povo escolhido” pela maldição e perseguição, não conseguiu porque a nação de Israel estava protegida por Deus. No entanto, o profeta Balaão, visando recursos financeiros, ensina o rei inimigo a fazê-los pecar, com festas, homenagens e bebedeiras, o que consistiria na retirada da benção de Deus e o fracasso da nação, o que pela narração bíblica aconteceu.

Samuel Nyström, considera que o mesmo poderia ocorrer com as ADs. Após inúmeras vitórias, vencendo tempos absolutamente difíceis, com recursos escassos, perseguições

⁷⁷ “Pérgamo era séde do governo romano na Asia. Era, também, um centro de idolatria, de saber e de ciência médica. Esculápio, era alí adorado sob a fórma de serpente. A idolatria, acompanhada da medicina daquela época, e feitiçaria, (e esta sempre acompanhada a idolatria), eram as fôrças que dominavam. Eis a razão da definição de Pérgamo, onde está o trono de Satanás, onde Satanás habita. Lá, a Serpente dominava com o auxílio das autoridades pagãs, para destruir a igreja. (...)”

Existem muitos trabalhos religiosos, extensos e inteligentemente movidos por sentimentos de idealismo, de grandeza, de vantagens pessoais ou por interesses sectários; estas coisas, porém, não são aprovadas pelo Senhor.” (sic) (NYSTRÖM, IV Trimestre de 1940, p. 34).

⁷⁸ De acordo com a narrativa bíblica, as igrejas instaladas nas cidades de Éfeso e em Pérgamo haviam crescido e se tornado forte. Porém, Deus tinha contra elas por abandonarem princípios básicos da fé, tais como o “primeiro amor” e aceitaram doutrinas que vão contra aos ensinamentos dos apóstolos, denominada de “doutrina de balaão.” (Apocalipse 2:1-7, 12-17).

⁷⁹ Na época em questão Samuel Nyström era pastor da AD em São Cristovão (RJ).

políticas e religiosas. O que poderia derrotar o movimento pentecostal era a ligação da igreja às facilidades do mundo. Para ele, alguns pastores estavam entrando por essa via, aceitando as soluções de homens de classes mais altas que tinham interesses escusos.

Na igreja de Pérgamo, havia-se infiltrado a doutrina de Balaão, que enganou e venceu com divertimentos mundanos e festas pagânísticas, quando não os pôde vencer pela força. O mesmo perigo jaz sempre a porta, quando a igreja começa a receber apóio e consideração dos homens, a aceitar homenagens; é então, que se perde a aprovação divina, se encontrar ocupação e prazer em os novos amigos, muitas vezes numa classe social mais elevada do que a sua, os quais lhe mostram o seu interesse pelo número de membros, pelos recursos de que dispõe, para vêr se existe campo propício para exploração; quando isto acontece, perde-se o gôzo e o brilho da glória e da comunhão com o Senhor. (sic) (NYSTRÖM, IV Trimestre de 1940, p. 35).

Não é possível saber se o pastor Nyström estava falando do financiamento que os missionários norte-americanos conseguiram para fundar a CPAD, se estava se referindo a políticos que começavam a visitar a igreja para fins eleitoreiros ou se tratava de empresários que se convertiam ao evangelho e assim aumentavam o número de potenciais clientes. Seja qual for a situação ele a denomina como trágico.

É como se fosse um desabafo, uma incompreensão dos rumos que se apresentavam à instituição que havia se tornado bem maior do que suas lideranças e que estavam tomando caminhos não previstos. Ele, que havia dado início ao processo de institucionalização do movimento, parece não gostar dos resultados obtidos.

Coincidência ou não, essa é a última lição escrita por Nyström, o que encerra a participação sueca no primeiro ciclo das *Lições Bíblicas*. As próximas lições serão divididas entre pastores brasileiros e norte-americanos. Bem provável que suas críticas já não eram mais condizentes com os novos tempos de prosperidade que se anunciam à igreja.

Não havemos de esquecer o embate existente entre pastores suecos e brasileiros existentes na época. Estes últimos, reivindicando maior autonomia em suas igrejas locais, tecem fortes críticas ao controle exercido pelos líderes escandinavos. (OZEAN GOMES, 2013).

Se nos apropriarmos do pensamento de Max Weber, podemos entender que Nyström está sentido os efeitos da intensificação da rotina do carisma, que ele próprio deu início a certa de duas décadas atrás. Havemos de considerar que nos anos de 1940 já se passaram três décadas de pentecostalismo assembleiano no Brasil e uma década desde que as *Lições Bíblicas* foram

criadas, o que é mais do que suficiente para que qualquer movimento religioso se institucionalize, o que facilita muito o acesso a novos recursos.

Contudo, entendemos que as mudanças as quais esse pastor previu demorariam muito para ocorrer. Veremos que, durante o contexto da guerra fria, a igreja pentecostal se fechará cada vez mais às modernidades e às facilidades do mundo. Por outro lado, saberá lidar muito bem com a obtenção de recursos para fazer os ideais institucionais da igreja avançarem.

Maxwell Fajardo no artigo intitulado *Assembleia de Deus no Brasil*⁸⁰, chamou a atenção para o fato de que as ADs vão se pluralizando na medida em que cresce. Logo, é possível encontrar igrejas centrais, com acesso a recursos financeiros, convivendo com igrejas periféricas, carecendo das maiores necessidades. Assimetrias assim ocorrem a poucos metros de distancias uma das outras.

As *Lições Bíblicas*, no entanto, permanecem as mesmas para todos e a diversidade de igrejas não atrapalharam o conteúdo da mensagem, pois cada pastor ou professor da EBD dará foco nos pontos que lhes são mais pertinentes e que condizem com a realidade do momento. Para nós aqui é lícito continuarmos focando nos estudos das LBs e a construção de uma teologia para a vida cotidiana.

2.4. Política, uma abordagem necessária?

Desde a primeira hora os comentaristas das *Lições Bíblicas* fizeram questão de mostrar que o fiel era uma pessoa comum na sociedade: devia trabalhar, buscar seu sustento, pagar os impostos e ser um cidadão de bem nos termos que a lei exige. Em se tratando propriamente do tema da política, essa não deveria ser uma preocupação central na vida do crente, este deveria apenas ser grato a Deus por viver em um país com liberdade religiosa e buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça que as demais coisas lhes seriam acrescentadas.

No entanto, vimos por outros trabalhos acadêmicos que não é tão simples assim entender essa relação, principalmente pelos caminhos que se desdobraram com o passar dos anos. O asceticismo, a alienação, a relação com as leis são temas que entram em discussão quando visa-se abordar o pentecostal e sua participação na sociedade. Este tema, por vezes, se relaciona com o tópico 2, onde abordo questões sobre o cristão entre o trabalho e a sociedade, sendo assim, retornarei a pontos já elencados anteriormente.

⁸⁰ FAJARDO, Maxwell. *Assembleia de Deus no Brasil: uma igreja que cresce enquanto se fragmenta*. AZUZA – Revista de Estudos Pentecostais v. 5 n. 2, 2014.

Sabendo da existência de excelentes pesquisas sobre esses assuntos, usá-las-ei como apoio teórico, priorizando a mensagem presente nas *Lições Bíblicas* e como elas foram transmitidas a seu público consumidor.

Este caminho é deveras importante pois os crentes passam de uma quase inexistente participação política a protagonistas no cenário nacional. Portanto, aqui cabe uma tarefa dupla de tentar entender o lugar das Assembleias de Deus: (I) como força religiosa produtora de sentido e; (II) como força política capaz de exercer influência na sociedade civil. É possível ver essa alteração ao longo dos anos nas *Lições Bíblicas*.

Esclarecendo esses pontos, vamos às categorias de análises que aparecem com grande força nas LBs no período estudado.

2.4.1. Buscando o Reino de Deus e zelando pelas leis dos homens

Em todo o tempo é possível ver que a mensagem central era buscar o Reino de Deus, porém, existem situações do dia-a-dia que exigiam maiores participações cívicas por parte do fiel. Como entender essa estreita relação? O que significava, e ainda significa, buscar primeiro o Reino de Deus em meio ao reino dos homens? Como poderia o crente se afastar do mundo ao mesmo tempo em que precisava estar inserido nele para garantir a própria sobrevivência?

A mensagem pentecostal através das *Lições Bíblicas* era para que o crente se afastasse do pecado e da maldade e vivesse uma vida santa para Cristo. Essas regras de fé gerariam comportamentos sociais de boa índole, o que resultaria em melhores cidadãos. São muitos os textos que estabelecem as razões pelas quais os crentes devem obedecer incondicionalmente às leis e autoridades constituídas, como fica evidente em algumas citações nesse sentido:

Retribuir o bem com o bem, é obrar segundo as leis humanas; porém, a lei divina, a lei da perfeição cristã exige a retribuição do mal com o bem; se assim fizermos, seremos imitadores do Pai Celeste. (sic) (NYSTRÖM, II Semestre de 1934, p. 13).

Para haver boa ordem, dentro de um país, é necessário completa obediência às suas leis, desde a maior até a menor; tudo o que foi dito pelos que estão em autoridade, deve ser cumprido... (sic) (NYSTRÖM, II Sem. 1934, p. 70).

...Pedro teve a mesma doutrina que Jesús, a respeito de obedecer às ordenanças humanas. A autoridade é posta por Deus, mesmo sendo emanada de um poder descrente. “Pois, não ha autoridade que não seja posta por Deus,” disse Paulo. Rm 13:1. Em geral, os crentes são bons cidadãos e, aquele que não é um

cidadão respeitável, não é bom crente. Temos visto muitos que, tendo dado muito trabalho á policia, antes de serem salvos, depois de remidos têm se tornado pessoas direitas, em todo o modo de viver.

“Honrai a todos. Amai a fraternidade; temeí a Deus. Honrai o rei”. Amém. (sic) (KASTBERG, II Semestre de 1935, p. 48-49).

Paulo falou, também, a respeito da nossa posição perante a autoridade. Nós devemos nos sujeitar á autoridade e estar preparados para toda a bôa obra. Si a autoridade tem direitos de exigir obediencia dos homens do mundo, quanto mais de nós, crentes, que temos recebido, a benignidade de Deus, em nossos corações. A autoridade é posta por Deus, e os filhos de Deus devem mostrar uma outra vida diferente da do mundo. (sic) (KASTBERG, II Trimestre de 1935, p. 68).

A própria mensagem de Jesus apresenta uma contradição, pois ninguém sendo melhor do que Ele foi tão injustiçado pelas leis humanas e morto de maneira tão violenta pelo Estado. A constatação da injustiça social, não era motivo para os crentes se insurgirem contra os governantes, ou mesmo se envolver com a política em busca de reparar esse dano. Acreditava-se que a única coisa capaz de melhorar a sociedade era a conversão ao pentecostalismo. Por isso, se devia apenas orar pelas autoridades constituídas.

Essa relação dúbia com o Estado, autoridades e leis constituídas, por vezes são diferenciadas nas *Lições Bíblicas*, mas nem sempre isso ocorria. O critério consistia do crente ser melhor cidadão do que as pessoas do mundo e obedecer às regras que garantiam a ordem. Só havia um momento em que as leis poderiam ser desobedecidas, quando estas levavam os crentes a viver uma vida de pecados, ou ser condescendentes com eles. No mais, deviam deixar a política para os homens mundanos, pois a função do cristão consistia em buscar primeiro o Reino de Deus.

A manutenção da ordem e a obediência às leis civis pode parecer a mesma coisa, mas, na verdade não são. Manter a ordem é central no pentecostalismo, nunca se desejou outra coisa senão a paz e a liberdade de culto. Porém, as leis civis são circunstanciais a depender do regime político e do contexto em que se vive. Para o crente pentecostal, a conciliação dessas duas coisas nem sempre é possível em razão das contingencias cotidianas.

A ordem desejada, geralmente ligada ao campo da moralidade, pode não encontrar respaldo nas leis do Estado. Apesar dos comentaristas nem sempre fazer essa diferenciação é

possível perceber o desejo ardente que eles tinham de seguir as leis civis e que estas estivessem de acordo com as leis divinas⁸¹.

Nessa primeira fase estudada, essa contradição não aparece com tanta clareza. Mas, na medida em que o tempo passa e as formas de governo no Brasil vão se alterando, os comentaristas veem a necessidade de fazer melhores diferenciações entre a ordem desejada e a possível. Isso em um país de religiosidades plurais em que o pentecostalismo ainda não têm hegemonia.

Por vezes, as próprias forças do Estado se insurgiam contra esses religiosos, o que levava os comentaristas a refletir melhor sobre o comportamento ideal do cristão nessa situação de crise e perseguição. Conforme vimos anteriormente, esse contexto nunca foi um problema para os pentecostais, significava até sinal de aprovação divina pelo belo trabalho que estavam desempenhando. A dupla cidadania do fiel o levava a fazer escolhas de prioridades, para um melhor jeito de se viver. Acreditava-se que a vida aqui é passageira e caso o devoto conseguisse passar incólume em sua existência teria o seu galardão garantido.

Ilustrando esse ponto podemos usar o caso da Igreja Católica. Em muitas regiões do interior do país as regras que vigoravam eram as impostas pelo pároco da cidade, nesse caso, a subversão dos pentecostais era aconselhável e os embates tornavam-se inevitável. Pois, além dessa igreja ser associada a tudo de ruim que existia no mundo, como idolatria e promiscuidade. Submeter a essas leis, era ser condescendente com o próprio anticristo.

Nos próximos capítulos será possível perceber como as lideranças pentecostais se preocuparam menos com essa questão em épocas de ditaduras do que em momentos de maior participação popular e democrática no país. É possível ver os comentaristas mais eufóricos quanto a essa questão quando sentem que forças plurais estão em disputas pela organização do Estado brasileiro, crescendo o número de conselhos para os crentes tomarem cuidado com as leis que visam a derrota da igreja.

É possível também perceber que em uma mesma lição pode-se convocar os crentes a obedecer às leis instituídas ao mesmo tempo em que se alerta a ter cuidado com o mundo que “...jaz do maligno” (1ª João 5:19, Almeida Revista e Atualizada).

Essa questão pode ser interpretada de duas formas: ou os comentaristas atribuem a vida de pecado somente no âmbito das escolhas individuais e particulares, onde as forças da lei não

⁸¹ Esse princípio será a tônica que fará com que os pentecostais participem cada vez mais da vida política, pois perceberão que seguir as leis civis será ser condescendentes com o mundo.

têm poder algum de infringir sobre ela alguma determinação. Ou, o que se está querendo dizer é para se manter a ordem e a obediência as leis o máximo possível, porém, poderiam ser desobedecidas quando atentassem contra os princípios do Reino de Deus.

Seja qual a interpretação que se dê essa conciliação entre as leis dos homens e o sistema mundano, pode-se constatar que a mensagem construída nesses textos é de preocupação imediata na organização da vida cotidiana. Como o crente entenderá isso em suas escolhas diárias já é uma outra questão. Para citar Certeau, nem sempre as orientações nos campos estratégicos correspondem às escolhas da vida tática (CERTEAU, 1998, p. 99).

Há, portanto, um assunto prioritário aqui, onde a lei de Deus é o parâmetro da vida cristã. Não existe nenhuma tentativa de fazer do Estado uma extensão dos valores morais encontrados na igreja, como nos dias atuais. O que existe é uma busca por se viver a fé pentecostal com maior liberdade possível e menos problemas com as instituições governamentais. Tem-se a clareza de que o movimento pentecostal é feito por pessoas simples, que pouca importância têm para esse mundo, mas que para Deus tem um grande valor.

Há o respeito às leis, mas ela não é capaz de gerar salvação, tampouco é natural. Conforme disse Samuel Nyström: “Não há justiça que o injusto possa alcançar pelas obras da lei, pois a justiça de Deus, é aquela que se descobre, de fé em fé. Rom. 1:17”. (NYSTRÖM, II Semestre de 1934, p. 28). Conforme vimos no tópico que fala sobre trabalho, Nils Kastberg considerava que a política, os negócios e todo o sistema humano estavam baseados na mentira, portanto não o consideravam sacro:

A humanidade traz sempre, um véu, atrás do qual se vislumbra, com toda a sua hodiönidade, a mentira; os negócios, a **política**, enfim, tudo está edificado sobre mentira. Eu li, num jornal, que, si os negociantes na cidade de Chicago, deixassem de mentir, durante 24 horas, haveria uma falência comercial completa. (Grifo nosso) (NILS KASTBERG, I Semestre de 1935, p. 24).

Tanto pelas falas de Samuel Nyström, quanto pelas falas de Nils Kastberg, o sistema político e econômico não tem a última palavra. Pelo contrário, eles deveriam estar sempre em análise e em confrontação com a palavra de Deus, que era ela mesma a garantidora de toda a justiça. É justamente essa perspectiva que vai se perdendo com o passar dos anos. Pois, na medida em que a igreja cresce, tende a olhar cada vez mais com complacência ao campo político e econômico. Este ponto será melhor discutido nos próximos capítulos.

Os comentaristas das LBs diziam saber que o sistema era baseado em mentiras e entendiam-no, controlado por ímpios pecadores. No entanto, nunca houve uma proposta revolucionária entre eles que os levassem a questionar qualquer autoridade, mesmo que fossem compostas por homens hereges, corruptos e devassos. Pelo contrário, se os não crentes obedeciam às leis quanto mais os crentes. Sendo Deus soberano e controlador da história, Ele teria suas razões para encaminhar a política nesses termos.

A nós não pertence julgar porque certos reis têm sido péssimos governantes, nem porque algumas autoridades usaram a espada para impedir o conhecimento do bem, a nós pertence obedecer, respeitar, e orar pelos que estão em eminência, ou elevados em dignidade, para que vivamos uma vida sossegada e tranquila, em toda a piedade e honestidade. I Ped. 2:13,14, I Tim 2:2 (NYSTRÖM, III Trimestre de 1940, p. 27).

Esse pouco envolvimento com a política diz bem qual o lugar dos crentes na sociedade, estavam preocupados com a reprodução da vida e pretensões maiores não faziam parte do horizonte de programa dos pentecostais. Conforme Oziel Lourenço (2016), isso não constitui alienação, mas uma forma de resistência a partir daqueles que estão em condições de subalternidade. E, compreendendo sua exclusão das benesses do Estado, encontram outras formas para dar sentido a suas vidas, sendo a experiência religiosa uma delas.

No excerto supracitado tem uma frase que sintetiza esse pensamento e que vai ganhar cada vez mais força na medida em que os anos passam. Ele diz: “Os homens fieis a Deus são os salvadores da pátria”. Cada vez mais se configurará a ideia de que Deus não destruiu o mundo ainda por causa da fidelidade e justiça dos pentecostais. Logo, o mundo deve-lhes gratidão por tal benfeitoria, sem contar que os pentecostais elevam a moralidade da sociedade com seu modo de viver, atitude nem sempre reconhecida pelos poderosos.

Sobre esse ponto, transcrevo um comentário de Samuel Nyström que resume bem como os pastores entendiam essa relação do cristão com as leis e os impostos a serem pagos, o tema da lição em questão é *O PADRÃO DA VIDA NACIONAL*:

O Cristão, ainda que pela fé na graça de Deus tenha sido participante do poder de Deus e do Seu reino, mesmo sabendo que tem uma patria celeste, não deve se esquecer de que enquanto vive sobre a terra, tem deveres e responsabilidades para com a patria terrestre. Constituir família é uma ordenação de Deus que deve ser mantida; a autoridade, igualmente, é uma constituição de Deus (Gên. 9: 5-7). As nações são resultado de famílias da mesma raça e línguas se unirem;

se as nações, diretamente, não foram formadas por Deus, são entretanto, reconhecidas por Deus como tal. Se, segundo as Escrituras, o descuidar dos deveres para com a família, no caso de ser crente, é igual a negar a fé, é ser pior do que incrédulo, não deve ser menor a falta negligenciar as coisas da pátria. Há crentes que, talvez, pensam assim: eu sou herdeiro do reino de Deus e, portanto, peregrino sôbre a terra, nada tenho a fazer com as obrigações terrestres; mas quem assim pensar, é egoísta e não corresponde ao modelo de cristão verdadeiro. Jesus disse: “Dai, pois, a Cesar o que é de Cesar”.

Cada indivíduo, dentro de uma nação, goza de benefícios das leis por pertencer à nação. Está protegido pelas leis e pelas autoridades constituídas que mantêm as leis em vigor. Goza da cooperação que existe no meio da comunidade. Um exemplo entre milhares que podem apresentar: uma carta bota no correio em Manaus com o destino a Porto Alegre e custa quatrocentos reis, quanto não seria o custo de transporte desta carta, se não houvesse uma nação com as suas autoridades e seu correio? Eis aí um privilégio. Viajamos com um navio da costa, não precisamos levar metralhadoras conosco, para nossa defesa: para nos defender contra corsários, por que? A nação tem a sua marinha de guerra e seu exército que impõe respeito, de forma que os aventureiros e criminosos se mantêm a distância.

Tudo isto são privilégios de que todos os habitantes da nação gozam logo que há privilégios, há também, responsabilidades. Logo que há despesas para manter esses privilégios, é justíssimo que os beneficiados contribuam com seus impostos, com satisfação.

Jesús foi interrogado sôbre o tributo, porque pensavam metê-lo em dificuldades e poder apanhá-lo em alguma palavra, isto porque os judeus eram contrários ao pagamento do imposto de Cesar, porque eram um povo vencido. Se Jesús tivesse dito que estava contra o tributo, O teriam acusado de revoltoso; se tivesse dito que era justo pagar o tributo a Cesar, O teriam acusado de não ser patriota. Perguntando-lhes Jesús: De quem é esta esfinge e inscrição? De Cesar: “Dai a Cesar o que é de Cesar”. Se negociais com a moeda de Cesar, dai-lhe a parte que lhe pertence, por causa dêste privilégio, de que gosais. (sic) (NYSTRÖM, III Trimestre de 1940, p. 24-25).

O autor deixa claro que o cristão é uma pessoa comum e deve ser fiel às leis do Estado, pois como mostrado as vantagens de se viver em uma sociedade são maiores do que viver de forma individual. Também chamo a atenção aqui para o fato de o pastor ressaltar a importância de o cristão ser cumpridor das obrigações quanto ao pagamento de impostos.

2.4.2. O que é de César não nos pertence e o que é de Deus não se nega

A questão dos impostos é um tema sempre presente nas *Lições Bíblicas*, questiona-se a obrigatoriedade das contribuições e a legitimidade do Estado em cobrá-los. Quando se discute esse assunto deixa-se a sensação de que existiam pessoas que ponderavam o melhor uso desse dinheiro no gasto das finanças pessoais. Consideravam que a vida cristã isentava o crente de pagar tributos, pois a sua pátria era a celestial.

As respostas dos comentaristas a esse questionamento terão ligações claras com o tópico anterior e implica em melhor organização da vida cotidiana. Dizer não aos impostos seria uma forma de subverter a ordem, o que atrapalharia os objetivos do movimento pentecostal que consistiam na paz e liberdade religiosa para se propagar o evangelho.

Não seria bom para esses pastores serem acusados de incitar a desobediência civil. Logo, pagar os impostos e cumprir a lei, sem questionar se era justo ou não, é uma forma de não se incomodarem com as forças do Estado e assim poder viver a plenitude do evangelho. Sendo Jesus o grande modelo a ser seguido os comentaristas buscavam nele o principal exemplo:

Os servos mandados pelos sacerdotes, para atacar o Mestre, perguntaram: “É-nos lícito dar tributo a Cesar ou não? (...) Nós cremos que o crente deve, pagar o seu imposto ao govêrno, pois isto é agradável a Deus, mas, não deve esquecer-se de dar a Deus, o que é de Deus. (KASTBERG, II Semestre de 1935, p. 53-54).

A ideia síntese vem do texto bíblico: “dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Ou seja, sendo legítimo e necessário que o cristão cumpra suas obrigações sociais o mesmo não deveria esquecer de seus deveres para com Deus e sua igreja. Logo, não somente era válido a cobrança de impostos pelo Estado como era autêntico e necessário que o cristão fosse fiel nos dízimos e ofertas. Nesse caso, a ordem é mantida e a igreja encontra um meio de sustentar as suas obrigações diárias.

Entende-se que os benefícios do pentecostalismo são positivos, não somente para quem aceita a mensagem pentecostal como também para a sociedade como um todo, pois quando se converte alguém ao pentecostalismo é menos um delinquente, ébrio, ladrão, mentiroso e enganador nas ruas.

O evangelho tinha esse caráter triplo de benefícios: (I) bom para o crente, pois viveria melhor sem os vícios mundanos, além de ter o nome escrito no livro da vida, o que garantia um lugar nos céus; (II) bom para o Estado que não terá que arcar com os delitos desse indivíduo e; (III) bom para a igreja que terá um dízimista a mais no rol de membros e assim poderá continuar seu trabalho de evangelização.

Quem goza da ordem e segurança das instituições governamentais que servem á sociedade dum país, tem, também, o dever de contribuir com os tributos

exigidos, para manter a autoridade e as instituições estabelecidas. (NYSTRÖM, I Semestre de 1934, p. 20).

Tendo apresentado essas ideias podemos finalizar dizendo que o tema da organização social e da cobrança dos impostos não tem nenhuma proposta para além da vida na igreja. Buscar primeiro o Reino de Deus é ter os olhos voltados para Cristo almejando o dia em que Ele voltará e buscará sua igreja para morar com Deus nos céus.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DO CAPÍTULO

Finalizo esse capítulo fazendo um breve resumo dos caminhos já trilhados por nós nesse projeto. Vimos no primeiro capítulo as origens históricas das Escolas Dominicais na Inglaterra com o jornalista Robert Raikes em meados de 1789, e como ela foi se configurando até chegar ao Brasil. Mostrei que o sentido original de educação secular para crianças foi se limitando apenas aos interesses das instituições religiosas enquanto que o Estado se responsabilizava cada vez mais pela educação formal.

Durante essa exposição, fiz questão de mostrar que as pesquisas existentes sobre as EBDs no Brasil, tanto de igrejas pentecostais quanto de protestantes, preocupam-se mais em projetar no texto um ideal de ED do que revelar a realidade dessas instituições e suas contradições internas.

Considerando a existência de uma teologia escrita presente nas *Lições Bíblicas* para Escola Dominical, mostrei que essa doutrina não é estática, mas acompanha o movimento da história, o que denominei aqui como a construção de uma teologia pentecostal para a vida cotidiana.

Nesse capítulo tive a preocupação de mostrar o período inicial dessas revistas que vão de 1930 a 1945. Os critérios para delimitação desse tema foram dois, diz respeito ao período inicial de dominação exclusivamente dos missionários suecos e foi caracterizado pela fase anterior à criação da CPAD, portanto sua produção traz uma visão dos pastores escandinavos, que não tem o profissionalismo editorial que se configurará posteriormente.

Esse período pode ser dividido em 3 fases: os primeiros 10 anos onde os estudos dominicais eram apenas um apêndice do jornal *Boa Semente*, a segunda fase que vai de 1930 a 1940, onde a revista ganha edição própria e tem os missionários Samuel Nyström e Nils Kastberg como os principais comentaristas, por fim os cinco anos finais que correspondem à

transição da revista para um domínio maior dos norte-americanos, nesse caso as revistas foram escritas pelos brasileiros Adalberto Arraes e Gustavo Kessler.

Quatro temas perpassam toda a revista e correspondem a assuntos centrais nas *Lições Bíblicas*, pois estão ligados diretamente à organização da vida cotidiana. Os temas contemplados são família, trabalho, educação teológica & secular e a política. A depender do momento vivido pelas ADs um assunto terá maior proeminência do que outros. Isso faz parte das necessidades imediatas desses religiosos, que dão respostas a dilemas da vida concreta.

A nós aqui coube sintetizá-los e contextualizá-los com a bibliografia e metodologia de pesquisa selecionada. A considerar a abrangência do material pesquisado não nego a possibilidade de existência de novas narrativas que venham completar aquela que é priorizada aqui.

Sobre os conteúdos apresentados, foi importante que os pastores delimitassem os modelos ideais a serem seguidos por cada um dos sexos. Destacou-se a liderança masculina e a submissão da mulher a essa liderança. Complementando esse espectro temos proibições a toda e qualquer forma de diversão, principalmente à juventude.

O segundo ponto tratou das questões referentes ao trabalho. Vimos a suspeita dos comentaristas com os ricos e suas posses, além de orientações aos cristãos para que estes não se maculassem com setores pecaminosos do sistema econômico. Sendo assim, o cristão deveria ter uma postura moral diferente daquelas encontradas no meio secular.

No que diz respeito ao tema da educação, os pastores tiveram que lidar com questões externas à igreja, referente à educação secular. Mostrou-se insatisfação com os rumos educacionais do país. Destacavam a possibilidade de os professores influenciar negativamente as crianças.

Por fim, no campo da política, as orientações eram para que os crentes não se envolvessem com ela. Estes deviam apenas cumprir as obrigações cívicas e se preocuparem com as coisas espirituais. No máximo, cabia ao crente orar pelas autoridades constituídas.

Esses quatro eixos temáticos continuaram sendo norteadores em nossa pesquisa. Procurarei mostrar sutis transformações que foram ocorrendo na teologia pentecostal ao longo dos anos e contextualizando as posições dos comentaristas com o tempo histórico vivido por essa denominação religiosa. Observar-se-á que posições foram mantidas, revistas e

abandonadas, revelando o caráter vivo e dinâmico do pentecostalismo assembleiano que se configura no Brasil, desde o início do século XX até os dias de hoje.

CAPÍTULO III

A CHEGADA DAS MÁQUINAS, DO DINHEIRO E DOS IANQUES NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: INFLUÊNCIA DOS NORTE-AMERICANOS NA PRODUÇÃO DAS *LIÇÕES BÍBLICAS* (1946-1973)

Mostramos no capítulo anterior como os missionários suecos, em contato com a realidade brasileira, contribuíram para a formação da teologia pentecostal. Vimos também que os principais nomes dessa teologia foram Samuel Nyström e Nils Kastberg. São eles os pastores responsáveis pela construção da narrativa bíblica no primeiro período dessa pesquisa, bem como principais interessados em dar respostas às questões surgidas no movimento sobre o jeito correto do cristão viver.

Este capítulo terá o objetivo de estudar parte da teologia pentecostal produzida nas *Lições Bíblicas* sob a direção e influência dos missionários norte-americanos, que substituíram aos poucos os pastores suecos na ocupação das principais igrejas no Brasil. O fato de eles se colocarem à frente da criação da CPAD também os alocam como principais responsáveis pela produção da teologia pentecostal construída a partir de então.

A presença de norte-americanos no Brasil, motivados por questões exclusivamente religiosas não era de todo uma novidade. Pelo contrário, sabe-se de destacados missionários desta nacionalidade que atuaram na implantação de igrejas protestantes, como também nas Assembleias de Deus, mas, sem o protagonismo que adquiriram com o fim da segunda guerra mundial e com as novas possibilidades econômicas vivenciadas em seu país de origem⁸². Não desconsidero o trabalho que tiveram até então, mas afirmo que houve uma alteração paulatina da influência sueca para a norte-americana nesta instituição.

Ao nosso entender, inaugura-se um novo período na forma de se produzir as revistas para a Escola Bíblica Dominical, período esse que vigorará entre os anos de 1946 a 1973, quando houve uma reestruturação na fabricação do referido material pesquisado. Cabe,

⁸² Descarto aqui toda e qualquer teoria da conspiração que considera essa mudança fruto de tramas secretas para livrar o Brasil de possível dominação comunista. Essa narrativa não tem comprovação histórica válida e não contribui para o bom entendimento das mudanças detectadas aqui. A diminuição da presença escandinava se deu mais pelo fim da onda migratória entre Brasil e Suécia do que em razão de planos escusos de governos e instituições pelo mundo a fora. Sabe-se que o fim da II Guerra Mundial e a estruturação da nova ordem mundial abriram campos para que a presença americana pudesse ser notada com mais força não somente no Brasil, mas no restante do mundo, presença essa confirmada tanto por questões numéricas quanto pela força econômica, mas que nada tem a ver com planos macabros da CIA ou da Casa Branca.

portanto, compreender a influência que esses missionários tiveram na elaboração da teologia pentecostal a partir de então.

Brasileiros e norte-americanos trabalham em conjunto. Esses dois grupos tomam a frente das *Lições Bíblicas* e atualizam narrativas teológicas que são correspondentes aos novos tempos. Essas mudanças foram se dando aos poucos, mas não sem rupturas e continuidades que marcaram a história da teologia assembleiana.

O período abordado aqui já foi analisado por outros pesquisadores. Dentre eles estão Paul freston (1993) e Gedeon Alencar (2013). Freston busca fazer uma análise histórica do pentecostalismo no Brasil. Diz que esses anos inauguram aquilo que chamou de “segunda onda do pentecostalismo brasileiro”⁸³. Alencar apontou a institucionalização das Assembleias de Deus nesse período, focando nos fenômenos sociológicos apresentados pelos atores da denominação.

A proposta apresentada nessa tese caminha em colaboração com esses autores, mas priorizando as discussões internas das Assembleias de Deus que ocorreram nas *Lições Bíblicas*. Tanto o crescimento urbano, ressaltado por Freston, quanto o processo de burocratização das Assembleias de Deus, levantadas por Alencar, entraram em debates na teologia produzida a partir de então. Cabe, portanto, entender as respostas apresentadas pela denominação a esses problemas reais do cotidiano.

Importante salientar aqui que priorizo narrativas que escapam às vontades dos personagens envolvidos. Isso significa que no âmbito da vida privada nem mesmo esses indivíduos compreendiam que participavam de mudanças fundamentais na forma de produzir a mensagem pentecostal.⁸⁴ Neste capítulo, cabe continuar na proposta inicial que é encontrar elementos que nos ajudam a compreender a relação da produção da teologia pentecostal e a organização da vida diária.

Isso só pode ser feito por nós do presente que conseguimos olhar para o passado com ferramentas históricas suficientes para afirmarmos que houve sim mudanças na forma de se

⁸³ As considerações de Freston têm recebido recentes críticas exatamente por se preocupar apenas com as questões históricas e sociológicas e não dar foco nas particularidades de cada instituição religiosa.

⁸⁴ Contribuo aqui com uma visão no espectro geral da configuração da teologia pentecostal ao longo de sua história. Há, portanto, outras formas de abordagem que devem ser levadas em consideração caso se queira compreender a configuração atual da teologia pentecostal assembleiana. (Ver: MESQUIATI E TERRA. *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: reflexões e propostas para construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro, CPAD, 2018).

produzir a teologia pentecostal nas *Lições Bíblicas*. E que isso só foi possível porque o próprio público pentecostal também estava em processo de transformação.

A produção da teologia pentecostal nas *Lições Bíblicas* teve alterações significativas a partir da administração dos missionários norte-americanos. Isso trouxe novos elementos para o formato da revista e também para a estrutura do conteúdo apresentado. Compondo o quadro significativo de participação desses missionários, não podemos nos esquecer da criação da CPAD. Que foi um marco na produção e divulgação da teologia pentecostal no Brasil.

Nesse período, a relação dos pentecostais com a imprensa e publicidade se intensificam. A narrativa oferecida pelos pentecostais nem sempre condizia com aquelas que eram lidas nos jornais e revistas seculares. A ideia é então oferecer um material alternativo a essa visão de mundo. Professores, cientistas e jornalistas, de acordo com esse pentecostais, estariam a serviço do diabo para trazer a desinformação e lascívia para os jovens.

A literatura secular para propagar a notícia, tais como revistas e jornais não eram de todo proibido. No entanto, era preciso ter cuidado com o tipo de informação que estava sendo consumido. A ordem era para duvidar de tudo que ia contra os princípios bíblicos aprendidos na EBD.

A escrita subserviente vai dando lugar a uma postura mais ativa na organização de sua própria história, nesse contexto, os autores não dizem mais que o mundo os ignorava, mas sim que tinham inveja deles e por isso os perseguiram, tinham ciúmes de sua retidão moral e da preferência divina por eles⁸⁵. Os comentaristas são mais seguros de si e do lugar de destaque que a igreja pentecostal pode exercer na sociedade. Mas, ao mesmo tempo, reconhecem não ter prestígio social a ponto de seus interesses serem levados a sério pelos governantes da época.

Podemos citar alguns nomes que passaram a ser figuras importantes nesse período. O primeiro deles é Nels Lawrence Olson⁸⁶ que busca uma visão do movimento pentecostal mais ligado à questão histórica. Visa mostrar que o pentecostalismo faz parte de um plano divino projetado antes mesmo da fundação do mundo.

⁸⁵ “Quantas vezes o clero e as igrejas estabelecidas têm se oposto aos cultos de despertamento e às campanhas missionárias sempre em nome de pureza de religião, mas sendo o verdadeiro motivo à inveja.” (OLSON, I Trimestre de 1964, p. 45).

⁸⁶ “Nels Lawrence Olson nasceu em 1910, nos Estados Unidos. Converteu-se aos 11 anos de idade, recebeu o batismo com o Espírito Santo aos 16 anos. Formado em Teologia pelo Central Bible College, pastoreou duas igrejas antes de vir para o Brasil. Chegou ao solo brasileiro, com a família, em 1938. Atuou na fundação de várias igrejas no interior do Estado de Minas Gerais, onde também iniciou o seu ministério de radioevangelismo (...) Durante mais de 30 anos foi comentarista das *Lições Bíblicas*. Faleceu em 1993, nos Estados Unidos aos 83 anos.” (Coleção *Lições Bíblicas*, Volume 4, p. XI).

Lawrence Olson é o principal autor responsável para trazer a teologia dispensacionalista ao Brasil, em seu livro *O Plano divino através dos séculos*. A importância desse material é fundamental pois é um dos primeiros livros editados e vendidos pela CPAD e propagandeado em larga escala nas *Lições Bíblicas*. Torna-se, portanto, a base da narrativa teológica que vigorará nas Assembleias de Deus a partir de então⁸⁷. Na parte sobre a educação, darei maior atenção a esse livro e o papel fundamental de Olson nas *Lições Bíblicas*.

A questão histórica ajuda o leitor a identificar em seu cotidiano os caminhos de Deus para a humanidade. Compreende o lugar da igreja diante do mundo polarizado e a beira de um iminente caos apocalíptico. Não é por acaso que aumentam, nessa época, as mensagens baseadas no Juízo Final e no cumprimento das profecias bíblicas sobre a volta de Jesus. Os autores deram grande destaque à autoridade inquestionável de Deus nos rumos da história e a sua onipotência no controle das vidas humanas. Com essa mensagem o crente pentecostal adquire uma certeza em tempos incertos e o futuro já não causa tanto medo como outrora.

A questão histórica é acompanhada de uma segunda mudança nas revistas que é estrutural e linguística. Se é creditado a Lawrence Olson a narrativa histórica do pentecostalismo, pode-se atribuir a Eurico Bergstén⁸⁸ a profissionalização da escrita teológica. Este foi o primeiro a abstrair-se das questões imediatas do cotidiano para responder perguntas que só os teólogos estavam preocupados em fazer. Nada diferente do que era já feito nas igrejas protestantes, mas consistia em uma novidade para o público pentecostal que não tinha muito acesso à literatura religiosa fora das *Lições Bíblicas*.

A sistematização de sua mensagem satisfaz às mentes mais inquietas que desejavam explicações teológicas para complementar as experiências vivenciadas na igreja. Ao que parece, os anos de 1950 e 1960 já contavam com um público pentecostal interessado em obter respostas dessa natureza. O que é totalmente plausível à uma instituição que estava chegando ao seu cinquentenário. O trabalho de Olson e Bergstén se complementam nas *Lições Bíblicas*, diante das necessidades imediatas pelo qual passava a denominação.

⁸⁷ O fato de que agora a igreja disponibiliza dos recursos de uma editora própria facilita a propagação desse material que vem acompanhado de mapa didático para ilustração das ideias apresentadas.

⁸⁸ “Eurico Bergstén nasceu em 1913, na Finlândia. Chegou ao Brasil em 1948, com a família, enviado pela Missão Sueca. Atuou junto às Assembleias de Deus de Belo Horizonte (MG), Salvador (BA), Recife (PE), Belenzinho (SP) e Rio de Janeiro (SP). Foi articulista e colunista dos periódicos da CPAD e escreveu livros. Ensinador frequente da Palavra de Deus em escolas bíblicas por todo o país, escreveu 35 comentários para as *Lições Bíblicas*. Em 1999, a CPAD juntou seus cinco livros teológicos e editou a obra *Teologia Sistemática*. Faleceu em 1999, na cidade de São Paulo, aos 85 anos.” (Coleção Lições Bíblicas, Volume 5, p. XI).

Podemos citar alguns nomes que também foram importantes para a construção da teologia pentecostal dessa época. Emilio Conde é um desses personagens, que atuou grandemente na parte organizacional e editorial da revista. Foi Diretor responsável desde 1947 até o final dos anos de 1960, além de escrever e traduzir muitas outras lições. Também devemos lembrar dos pastores brasileiros José Menezes, João de Oliveira e Alcebiades Vasconcelos⁸⁹, que também tiveram sua parcela de contribuição no período analisado.

A crescente urbanização e as novas gerências de culto, com foco na cura divina, são características dessa fase. Enquanto a *Igreja do Evangelho Quadrangular* e *Deus é amor* sentem-se mais livres para imprimir formas de cultos que sejam mais adequadas às questões urbanas. As Assembleias de Deus estão a rever narrativas teológicas construídas outrora a partir de uma realidade rural. Os pastores assembleianos tiveram que abordar temas que não estavam na ordem do dia. E, em muitos casos, rever posições e certezas defendidas anteriormente com muita veemência.

No que diz respeito ao uso das ferramentas que estavam disponíveis para evangelismo, tais como o rádio, publicidade impressa e fundação de instituições teológicas, existia pastores que enxergavam nisso muletas para a ação do Espírito Santo, portanto, desnecessárias. Mas, também haviam aqueles que abraçaram essas inovações com muito entusiasmo, enxergando a chance de aumentar o alcance da mensagem pentecostal e melhorar a qualidade de trabalho dos novos obreiros⁹⁰.

A teologia pentecostal está em contato com essas tensões. Além da questão organizacional das ADs, também há nas *Lições Bíblicas*, referências ao comunismo, guerra fria, acordos econômicos e políticos entre as nações. Isso não significa que a mensagem pentecostal se tornasse menos conservadora, mas é indício de que não existe mais a percepção de que a igreja era uma ilha de santidade no mundo. Os comentaristas têm uma visão mais ampla do que está ocorrendo ao seu redor, se comparados com os autores da primeira fase.

Os conflitos vivenciados no Brasil e no mundo ganham mais a atenção dos comentaristas das *Lições Bíblicas*. Se anteriormente os autores buscavam promover a separação

⁸⁹ Os referidos pastores terão características mais conservadoras e anti-intelectualistas nas revistas. Serão ferrenhos defensores dos usos e costumes mais rígidos às mulheres e na proibição dos jovens obreiros se envolverem com estudos seculares e teológicos. Obviamente que os autores destoaram em alguns pontos específicos.

⁹⁰ “Certamente um dos sinais mais notáveis é que o mundo evangélico movimenta-se como nunca para evangelizar o mundo. Todos os meios modernos são empregados para apressar o resultado. Especialmente o rádio e a imprensa meios muito uteis para êsse fim.” (Autor desconhecido, I Trimestre de 1956, p. 59).

completa da vida, tanto social quanto religiosa, esse afastamento tão claro outrora agora não parece mais possível. A identificação do que era pecado se espalhou de tal forma nesse contexto, que todos pareciam estar em suspeição diante do pecado.

Ao mesmo tempo que isso ocorria, os pastores das igrejas sedes demonstravam não conseguirem mais controlar o que ocorria em suas congregações. Os comentaristas alertam recorrentemente que a igreja está sendo alvo de constantes divisões, o que tem manchado a imagem do evangelho. Os estudos de Marina Correa (2013), mostram os inúmeros ministérios assembleianos ligados por uma “filiação fraternal”. Mas ressalta as divisões entre ministérios e campos que foram se dando ao longo do tempo.

Diz Eurico Bérgegn, em 1961: “A nossa união é um testemunho de Jesus perante o mundo, João 17:23. As contínuas divisões – em certos lugares tão frequentes – têm trazido lamentáveis consequências para a causa do Evangelho.” (BERGESTÉN, IV Trimestre de 1961, p. 52). Citações como essas se repetem em larga escala nas referidas lições.

O reconhecimento público diante das divisões é indício claro de que as Assembleias de Deus se tornavam ingovernáveis. Esse fato acentua ainda mais a busca por uma organização que seja coerente com o crescimento avassalador que as ADs têm nesse período. O tema das divisões ministeriais também foi abordado longamente pelo pastor José Menezes.

Que belo exemplo [de Paulo] para os pregadores modernos, gulosos, que invadem campos já em maturidade, para fazerem confusão e escândalo, não olhando para as consequências. Para estes, aconselho que deixem tal vício e procurem, com Paulo, almas perdidas (e há inúmeras perecendo) que precisam de comer; “...dai-lhes vós de comer...” Mat. 14:16 b. (sic) (MENEZES, IV Trimestre de 1962, p. 62).

A preocupação de Menezes vai além daquelas apontadas por Bérgegn. Ele diz que a causa das divisões não é somente uma disputa por poder. Segundo ele, essas disputas têm origem nos seminários e institutos bíblicos, que fabricam obreiros esvaziados do poder do Espírito Santo, o que teria causado inúmeros males. De acordo com ele, a hierarquia entre pastores deve ser obedecida à risca para que haja bom andamento da obra de Deus.

Ele fala muito dos pregadores que estavam trazendo novidades que não eram comuns às Assembleias de Deus. Na medida em que isso vai ocorrendo com maior força, a mensagem também é direcionada a esses dissidentes para se concertarem diante de Deus. Enquanto isso os

crentes são convidados a identificar quem são essas pessoas e fugir de tais obreiros, exigindo dos fiéis maior cuidado com a sua fé.

Os impedimentos para as diversões da juventude vão adquirindo novos elementos e cada vez mais força. A proibição ao cinema, futebol, bebidas alcólicas recebem a complementação das danças de salão e músicas com ritmos profanos, inclusive aquelas que trazem mensagens cristãs.

Os comentaristas alertam que o burburinho da cidade grande facilitava o acesso do crente às tentações e ao pecado. A lascívia, a luxúria e as palavras torpes e ofensivas estão presentes em todos os lugares. Podem estar em um cartaz de cinema, na esquina com a prostituta, na violência urbana, nas bancas de jornais, nos livros, nas escolas e também nas igrejas que se dizem evangélicas, mas que aceitam a modernidade em seu meio. Cabe ao crente cuidar da sua consciência e da sua relação íntima com o Espírito Santo para que não seja rejeitado por Deus.

Entendemos que as questões supracitadas são por si elementos suficientes para configurar uma nova abordagem a respeito da construção da teologia pentecostal nas *Lições Bíblicas*. Por isso, a necessidade de um capítulo à parte que configure todas as nuances aqui apresentadas.

Este capítulo se preocupará, portanto, com os dilemas e questões apresentadas pelas referidas revistas sobre a questão da família, o trabalho, a educação e política, temas que são estruturantes dessa pesquisa. Constataremos o modelo de vida pentecostal imaginado pela teologia oficial das Assembleias de Deus e se de fato isso tem recorrência na vida prática.

Sobre o primeiro ponto, a família, veremos como a valorização da consciência individual deu outro sentido à participação do crente em seu lar. Sobre o trabalho, veremos como há uma alteração no valor que se dá ao uso do dinheiro na igreja. Estudaremos também a questão contraditória que o tema da educação terá nas revistas e, por fim, consideraremos o convite dos pastores para os crentes se inteirarem sobre o que está acontecendo na política. Apresentando resumidamente essas questões, vamos aos temas estudados.

3.1. O valor da consciência para a vida cristã

Esse tópico tem a preocupação de apresentar a forma como os comentaristas pensaram a organização familiar. Antes, porém, de darmos atenção a esse tema é fundamental considerar

a importância que os autores deram à consciência dos indivíduos no seu processo de busca pessoal pela salvação.

A consciência torna-se lugar fundamental para operação do Espírito Santo para convencer o homem do “pecado da justiça e do juízo”. Embora essa concepção seja consenso atualmente entre esse grupo religioso, não configurava uma realidade detectada por nós na fase de domínio sueco. Ou seja, não era uma locução usual entre os missionários escandinavos.

Não é exagero dizer que a consciência do crente se torna central para a vivência da prática pentecostal. É neste ambiente que o Espírito Santo tem contato direto com o indivíduo e transmite sua vontade. Os autores insistem que nada pode se comparar a uma consciência tranquila⁹¹. E, o crente, sabe dos seus erros quando sua consciência lhe acusa de algo.

Trazer o conceito de consciência para o meio pentecostal fez parte de uma série de mudanças que ocorreram nessa época às quais já nos referimos na introdução desse capítulo. Há uma reestruturação da linguagem teológica feita por Eurico Bergstén e uma abordagem macro histórica do pentecostalismo, organizada por Lawrence Olson. Nesse caso, Deus aparece no controle de todas as coisas, enquanto a consciência do indivíduo diz ao crente como deve ser o seu proceder. Ter a mente tranquila significava estar de acordo com os preceitos divinos estabelecidos antes mesmo da fundação do mundo.

O que muda na produção das *Lições Bíblicas* não é apenas a linguagem, mas a forma dos comentaristas entenderem a composição anatômica do ser humano. Pode-se dizer que o corpo humano é mais complexo do que se imaginava e a atuação do Espírito Santo é mais profunda do que concebiam.

As relações sociais, seja na igreja ou na sociedade terão a autofiscalização por parte do crente diante de sua própria consciência. No que diz respeito à questão da família, isso não é diferente. O modelo de crente que se deseja é de alguém que precisa estar em paz consigo mesmo antes de estar em paz com Deus e com os seus familiares. Ter a certeza de que se está cumprindo as diretrizes de Deus é essencial para a vida do crente.

Na valorização da consciência e da subjetividade humana também estão em crédito a questão da intenção, na hora de escolher uma ação. O que passa a valer é o julgamento da consciência e não necessariamente as consequências dos atos. Por exemplo, algo aparentemente

⁹¹ A aproximação com a linguagem utilizada na psicologia não era uma exclusividade dos pentecostais. Conceitos outrora usados apenas nessa área do conhecimento tornam-se cada vez mais populares na sociedade.

sem importância para o homem comum, que não terá impactos negativos na comunidade, pode ser considerado algo ruim se não for feito com boa intenção:

Há sempre certas coisas que parecem sem importância. Acerca dessas coisas, devemos perguntar: **São elas essenciais para termos uma boa consciência?** Afinal, cada um de nós tem de morar consigo mesmo, com sua consciência e recordações. O que tem uma boa consciência acha a sua moradia consigo mesmo, muito alegre. Pode haver no mundo inteiro, fama e dinheiro suficientes para nos recompensar a perda da paz interna? (Autor desconhecido, II Trimestre de 1953, p. 53).

Essa paz interior do qual fala o autor pode ser concedida somente pela atuação do Espírito Santo que julgará o indivíduo em seu ser interior. Não somente os crentes hodiernos podem ser guiados pela consciência, mas também os pecadores, pois esse é o meio que Deus usa para trazê-los até o “conhecimento da verdade”. Exemplos para isso não faltam, são sempre textos extraídos da Bíblia. É o caso do excerto abaixo que mostra a posição de Davi diante do autojulgamento.

A CONSCIENCIA – CONDENOU A DAVÍ. 2 Sam. 24:10.

Mesmo que a consciência por algum tempo possa ser amortecida, um dia tornará a despertar, e condenar todo o mal. É importante que agora andemos com uma boa consciência Atos 23:1, pois os que não o fazem, sofrem naufrágio na fé, I Tim. 1:19, pois o segredo da fé é uma boa consciência. I Tim. 3:19. Feliz quem vive de modo que a sua consciência um dia não repreve aquilo que hoje provou como certo. Rom. 14:22. (Autor desconhecido, III Trimestre de 1956, p. 59-60).

Não é propósito deste tópico aprofundar nessa questão. Caminho no objetivo de mostrar que a forma de se escrever a teologia pentecostal teve alterações em suas estruturas e linguagens. Veremos nos próximos tópicos como a valorização da consciência ajudará o crente a lidar com temas mais complexos, tais como o dinheiro, trabalho, educação e até mesmo a política.

As escolhas difíceis passam a não mais obedecer a uma cartilha pré-programada. O importante é não ser julgado pelo mundo, mas sim pela própria consciência e pelo Espírito Santo. Contraditoriamente as pessoas que visam viver por si são disciplinadas ou expulsas da

comunidade por não viver de acordo com o esperado⁹². Ou seja, viver pela consciência só tem sentido se for de acordo com a consciência das lideranças.

Nas estruturas familiares veremos que a valorização da consciência só tem sentido se os personagens aceitarem os papéis sociais que lhes são postos sem questionamento. Sendo assim, acolher a condição de vida à qual se está exposto em um lar pentecostal nada mais é do que naturalizar relações, tendo Deus como autor de tais comportamentos.

Tendo feito essas considerações preliminares, aprofundaremos no tema de maior interesse nesse tópico que trata propriamente da concepção de família abordado nas *Lições Bíblicas* entre os anos delineados de 1946 a 1973.

3.1.1. Família: entre desejos e ameaças

No capítulo anterior destacamos alguns pontos fundamentais na organização familiar. Mostramos o forte interesse que os comentaristas tiveram com esse tema, além da preocupação em construir modelos ideais para homens e mulheres pentecostais. Vimos como esse assunto ajudou na elaboração de narrativas em curso desde então. Enquanto os homens deveriam ocupar a função líder do lar, tal como Cristo era o condutor da igreja, as mulheres careceriam de submissão a essa autoridade.

Nesse novo período pode-se dizer que esses valores são reiterados, a novidade consiste em tentativas de articular esses temas dentro de argumentações minimamente coerentes com a teologia pentecostal em construção. Logo, sabendo Deus de todas as coisas, em sua soberania criou a mulher envolta em uma anatomia naturalmente dada à vida doméstica e para a criação dos filhos. Enquanto os homens, “mais racionais”, foram concebidos, também de forma natural

⁹² “A falta de disciplina em tempo próprio, traz sempre dissabores para o futuro, porque o espírito de orgulho, ambição e de falta de temor de Deus entra e se enraíza no coração. A disciplina é uma escola preparatória para os que desejam melhor servir a Deus. Não é possível ser um bom discípulo se não houver um espírito de renúncia às paixões e pretensões próprias (Luc. 14:33, Fil. 3:7-8) A falta de disciplina em Adonias fê-lo desobediente.” (OLIVEIRA, II Trimestre de 1957, p. 4).

“...a disciplina é como o isolamento do hospital, onde não há perigo de contágio, mas onde o docente se restabelece.” (...).

Não havendo outro meio, a Igreja aplica o mais rigoroso da disciplina eclesial – a exclusão. Mat. 17:20. Jesus disse: “Se não escutar à Igreja, considerai-o gentio e publicano”. A igreja, em outras palavras, separa de si o pecador. I Cor. 5:9-13. É uma operação dolorosa, mas inevitável. E para que pecados se aplica essa espécie de disciplina? Quando um membro já perdeu a vida em Deus e vive no mundo, deve ser excluído. Jesus já o separou da videira, João 15:2,6, e o ato da Igreja é apenas uma confirmação do que Jesus já fez. Temos como motivos da exclusão: prostituição, I Cor. 5: 5-13, falatórios profanos que se expalham como gangrena, II Tim. 2:16-18, disseminação incontida de falsas doutrinas, Tito 3: 9-11; I Tim. 4:7; II Tim. 2:23; II João 10,11; Apoc. 2:14,15. Em II Cor. 6:14-18 vemos que matrimônio com descrentes de maneira alguma é tolerado.” (BERGSTÉN, IV Trimestre de 1958, p. 31-32).

para o trabalho, liderança e sustentação espiritual do lar. Consideram esses valores a diferença fundamental entre homens e mulheres. Negar isso seria negar a própria onisciência divina.

Como exemplo ao referido podemos citar a primeira lição do II Trimestre de 1959 escrita por Emilio Conde⁹³. Nessa lição, aquilo que era citado de modo desconexo e aleatório, na primeira fase, foi sistematizado como doutrina essencial do evangelho. Segue suas considerações sobre os deveres da esposa.

Assunto: “O lar, plano divino”

I – DEVERES DA ESPOSA Efésios 5:22-24

Quando estudamos êste assunto, sentimos imediatamente grandes falhas nos lares, que se dizem cristãos.

Sob o título: Deveres da Mulher, podemos notar a grande importância espiritual. “Sujeitas aos maridos, como ao Senhor”. Quem pode apreciar o vocábulo na sua profundidade espiritual, pode notar que o trabalho da mulher e seu papel no lar, é muito importante. Pois ela ministra ao lado de seu esposo, conforme a ordem divina. Gênesis 2:18.

Infelizmente muitas esposas hoje somente se preocupam em agradar aos maridos, exteriormente, através dos encantos da beleza natural, e despreza os encantos da graça de Deus. I Pedro 3:3-4.

A sujeição da mulher ao marido deve manifestar-se na vida de amor e de obediência aos preceitos divinos.

A mulher é a coroa de seu marido. Provérbios 12:4.

Assim sendo, ela edificará a sua casa. Provérbios 14:1.

Notemos uma série de coisas boas, numa mulher que vive verdadeiramente dentro do plano divino. Vide Provérbios 31:10 etc.

Portanto podemos estudar, nesta lição, os deveres da esposa no lar para com o esposo, filhos, administração econômica e, também, para com a vida de oração e de fé. II Timóteo 1:5 e I Pedro 3:1.

A esposa, podemos dizer sem medo de errar, é a pêndula do lar. (CONDE, II Trimestre de 1959, p. 3).

Do mesmo modo que houve uma construção da imagem da mulher, ocorre com a figura masculina. Pensar o homem ideal no lar cristão é encontrar na Bíblia o grande exemplo. Neste sentido, as indicações de Paulo em Efésios 5: 22-24⁹⁴ vem a calhar: os homens devem ser o cabeça do lar tal como Cristo é o líder da igreja.

O homem ideal, desejado por Deus, prioriza a sobriedade, a responsabilidade no cumprimento de suas funções e a vida religiosa em detrimento da vida secular. Essa associação

⁹³ Essa é a primeira lição de Emilio Conde como comentarista. Ele já estava atuando nas *Lições Bíblicas* como editor chefe desde 1947.

⁹⁴ “Esposas, cada uma de vós respeitai ao vosso marido, porquanto sois submissas ao Senhor; porque o marido é o cabeça da esposa, assim como Cristo é o cabeça da Igreja, que é o seu Corpo, do qual Ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, de igual modo as esposas estejam em tudo sujeitas a seus próprios maridos.” (Efésios 5: 22-24; King James atualizada).

de Cristo com a figura masculina é muito forte, pois diz de modo claro como devem ser as relações afetivas dentro do lar pentecostal, principalmente do marido com sua esposa e filhos. Este sempre será apontado como líder legítimo do lar e como tal deve ser respeitado e obedecido e, porque não dizer, temido.

II DEVERES DO ESPÔSO – Vs. 25

A vida doméstica é um verdadeiro mistério, pois Paulo compara a vida de marido e espôsa, com Cristo e a Sua igreja. Vs. 32.

Sendo assim, há necessidade de um viver segundo o plano divino, para poder alcançar vitória em todos os sentidos, material e espiritualmente.

Se a espôsa necessita de obedecer ao esposo, o esposo necessita viver uma vida inteiramente dedicada à espôsa e ao lar. O dever infinitamente grande, de amar sua espôsa como Cristo amou a Sua Igreja e por ela se entregou. Portanto, dentro dessa palavra amor, está o segredo da vitória espiritual do espôso. O amor não faz mal ao próximo. Romanos 13:10.

O amor é a maior gema engastada no coração humano.

Portanto o dever do esposo está dentro dessa gloriosa revelação da Palavra de Deus Vs. 26.

O esposo não deve lançar sobre a espôsa toda a pesada carga dos seus afazeres, mas, como companheiro, fazer tudo para que as orações e outros deveres não sejam impedidos. Vide I Pedro 3:7

O dever do esposo, depois de dar toda a assistência ao lar, conforme (Efésios 5:29) êle demonstra que sua personalidade foi moldada e está conforme o que se lê no Salmo 128: “Feliz é o homem que teme ao Senhor.”

Eis aí, uma seqüência de coisas importantes e boas.

O amor não deve esfriar no lar, pois do contrário refletirá em todos os ângulos tal como na Igreja. A falta do primeiro amor, permitirá a entrada no lar de uma série de coisas perigosas e, por fim, o descalabro espiritual. Vide Apocalipse 2:4. (CONDE, II Trimestre de 1959, p. 4).

Os maridos são aconselhados a não usar de violência com o seu cônjuge, devem gastar o dinheiro no mercado e não no bar, devem amar os filhos e ser fiel à sua esposa, além de se entregar incondicionalmente aos compromissos da igreja. Este ideal de homem que se desenha nas ADs no início do século XX, será reafirmado com o passar dos anos nas *Lições Bíblicas*.

Reparem que existe pouca ou nenhuma diferenciação quando falam da mulher. Ela sempre é associada ao seu papel de mãe e esposa. Não as entende para além dessas relações sociais. Logo, a mulher submissa, boa cozinheira, fiel, honesta que criava os filhos bem crentes, dando bons testemunhos, que nutriam por seus maridos eterna obediência é mais uma projeção do que os homens queriam ter do que uma constatação real do que encontravam. Até mesmo a mensagem endereçada às jovens solteiras são admoestações para este momento de suas vidas, onde finalmente exercerão a plena vontade de Deus.

Nem mesmo as viúvas escapavam desse estigma. Sobre isso há um comentário revelador onde o autor aconselha as “mulheres sem marido” a buscar novos casamentos ou ficarem em

casa, onde é seu lugar. Não de casa em casa, promovendo boatos e “ensinando o que não convém”.

As viúvas devem casar-se e viver de modo a agradar ao Senhor e as que não desejam casar-se, então, devem ficar no seu estado conforme manda a Palavra do Senhor. V. 14:1. O perigo é as viúvas andarem de casa em casa ensinando o que não convém. V.13.” (OLIVEIRA, II Trimestre de 1960, p. 29).

Possivelmente o autor referia-se às profetizas, que são muito comuns no meio pentecostal. São senhoras que não têm cargo eclesiástico, mas são reconhecidas pela comunidade como “mulheres de Deus”, que “entregam aquilo que Deus manda”. Sem medo ou interesses próprios. Há algumas que vivem somente das ofertas que recebem por suas profecias. Mas, para o referido pastor, elas viviam “ensinando o que não convém”.

Outro ponto que podemos destacar no comentário de Emílio Conde, que vai aparecer em outros comentaristas, diz respeito à afetividade que se espera das esposas. Como já visto, elas não são nutridas de desejos e vontades, a ponto delas mesmas terem autonomia para escolher a carreira profissional ou ministerial. Se lhes é negado a carreira profissional, também lhes negam o amor e o direito de amar⁹⁵.

Lhes é ordenado para que se “sujeitem ao marido e amem os preceitos divinos”. Ao fazer isso estarão cumprindo os planos de Deus para suas vidas, que às criou para ser “a coroa de seu marido” e para “edificar a sua casa” (CONDE, II Trimestre de 1959, p. 3). Na concepção desses comentaristas elas não foram feitas para si mesmas. Devem viver apenas em função de outrem. Os comentários referidos a esse tema, na verdade, são atualizações do mito fundante encontrado no livro de Gênesis, onde Eva é concebida para satisfazer as necessidades de Adão.

Sendo assim, pode-se dizer que a concepção de mulher construída aqui molda as estruturas da teologia pentecostal no que diz respeito à organização do lar. Implica nas relações sociais firmadas no cotidiano. Portanto, o feminismo não ameaçava somente a ocupação de seus

⁹⁵ Pode-se dizer que a teologia pentecostal, como toda boa utopia, é um mar de desejos não realizados. É a própria idealização da virilidade masculina negada todos os dias no cotidiano. É o sucesso financeiro e de carreira tolhido em prol do ministério. É sobretudo uma afirmação da própria identidade projetada inconscientemente nas *Lições Bíblicas*.

A eles sim é exigido o amor, tal como Cristo amou a igreja. O amor conjugal é uma responsabilidade do homem e o sentimento deles é que é capaz de sustentar o casamento. Na medida em estes começam a se aborrecer com a mulher é sinal de que o casamento não está indo bem, o que certamente contraria a vontade de Deus. Por isso, as meninas, ainda jovens, eram ensinadas a agradar seus futuros maridos, para que estes não viessem a se aborrecer com elas e o casamento se perdesse. Fazendo assim, Deus não viria a puni-las por não ter feito um bom trabalho.

cargos eclesiásticos, mas oferecia narrativas que poderiam fazê-las desejar ser outra coisa além de ser mães e esposas.

Insistir para que amem a palavra de Deus era condicioná-las de modo afetivo à obediência e a ordem instituída. Na medida em que o movimento feminista cresce, crescem também os ataques e combates a esse grupo social.

Ser pentecostal nessa época não é apenas ausentar-se do mundo para viver uma vida santa, mas é também combater as intenções do diabo que pretende acabar com o modelo familiar projetado por Deus, antes mesmo da fundação do mundo.

Enquanto as meninas pentecostais já nasciam com o seu destino traçado, os meninos eram mais versáteis nas escolhas que lhes eram apresentadas. Mesmo assim, havia restrições que os mesmos deveriam seguir. A principal questão diz respeito à santidade moral e sexual com que deveriam pautar as suas vidas, padrão esse humanamente inalcançável.

Eles eram guiados para uma educação onde deveriam priorizar o ministério pastoral e assim descobrir o quanto antes a origem de sua chamada. O que nos leva ao próximo tópico, que estudará a educação oferecida às crianças pentecostais no lar cristão em relação ao trabalho desenvolvido pelos pais.

3.1.2. O sucesso dos filhos reflete a conduta dos pais

Na fase anterior não se deu tanta atenção a criação dos filhos. Nesse novo período, questões aparecem no que tange à responsabilidade dos pais. Por exemplo: se cada um é responsável diante de Deus por suas atitudes, poderiam os pais se sentirem culpados pelas opções erradas de seus filhos? Estariam eles em condições de controlar a fé dos seus rebentos? Esse tema ganha cada vez mais lugar nas páginas das *Lições Bíblicas* e entra em discussão o poder dos progenitores na formação do caráter de sua prole.

O texto chave para entender essa relação é Provérbios 22:6 “Ensina a criança no Caminho em que deve andar, e mesmo quando for idoso não se desviará dele!”. Em outras palavras, pode-se dizer que o sucesso ou fracasso dos filhos reflete a conduta dos pais. No entanto, homens e mulheres têm funções diferentes na educação das crianças, o texto abaixo resume bem as funções apresentadas a cada um deles:

Os pais são exortados a “Criar seus filhos na doutrina e admoestação do Senhor (Efe. 6:4). Como fazê-lo? Compreendemos haver dupla responsabilidade neste treino dos filhos: 1.o) – Estranho como pareça, colocamos em primeiro lugar a

mãe de família nesta responsabilidade! Por quê? Porque ela está sempre em casa e sempre em contato com os filhinhos. (...) Vem em seguida a responsabilidade paterna. Ao pai, vivendo sempre em trabalhos na maioria dos casos fora do lar, cumpre se esforçar por fornecer à família sustento condigno, um exemplo de vida íntegra e de amor (Efé. 5:25-31); no viver diário, não desprezar o culto doméstico, a leitura da Bíblia e a oração, e os cultos no templo, empregando todo o esforço para ser em tudo seguido por toda a sua família nessas práticas cristãs. Destarte, estarão trabalhando num esforço conjugado por treinar seus filhos e a si próprios nesta vida gloriosa que deve ser vivida aqui na terra e depois perpetuada nos céus! (VASCONCELOS, IV Trimestre de 1955, p. 14).

O próprio comentarista estranha o fato de ter que colocar a mulher em primeiro lugar em alguma coisa. Neste excerto, o autor mostra que a principal responsabilidade da educação dos filhos é das mães: as razões para isso? “Porque ela está sempre em casa em contato com os filhinhos”. Logo, a desobediência dos rebentos é atribuída ao erro delas por não ter cumprido bem a sua função de “treinar” as crianças nos caminhos do Senhor.

Podemos citar aqui o artigo do filósofo Paulo Guiraldelli (2011), que nos ajuda a entender essa intensa atribuição de encargos sobre às mães na modernidade. É o que ele denomina de “ditadura do amor”. Através desse conceito, o autor diz que existem pressões colocadas sobre as mulheres através da afetividade. Ou seja, há encargos tão grandes na obrigação delas na obrigatoriedade de amar seus filhos que tudo suportam para tal.

A mãe que mostra qualquer gesto visto como o do não-amor ao filho só tem equivalente em monstruosidade ao homem que é acusado de pedofilia. Essa moral das cavernas é reproduzida no lar, na manicure, no trabalho e na universidade. A mulher pode não mais saber cozinhar e pode falar com gosto que “cuidar do marido” é coisa do passado. Mas, ser mãe e amar os filhos, ou ela faz isso e, mais importante, diz que faz, ou será posta para escanteio. A mulher não perdoo a mulher por não viver a ditadura do amor à prole.⁹⁶

Em nome do amor aos filhos, as mulheres têm maiores dificuldades em concorrer com os homens no mercado de trabalho e alcançar a independência em relação a eles. Pois, estão sempre em múltiplas tarefas, dividindo seu espaço no lar, trabalho e educação dos filhos. Quando os comentaristas das *Lições Bíblicas* constatarem esses fatos, dão uma roupagem sacra à

⁹⁶ Disponível em <<https://ghiraldelli.wordpress.com/2011/01/18/a-ditadura-do-amor/>> Pesquisado em 10 de Jun. de 2019.

situação vivida por elas. Através dessa narrativa, reafirmam o *status quo* e tem elementos teológicos para lutar contra as causas femininas que já se apresentavam nessa época.

Até mesmo o uso dos termos reflete isso. Quando falam da obrigatoriedade da mulher na educação da criança usam o termo “filhinhos”, no diminutivo. Resgatando o caráter afetivo exigido para o cuidado com as crianças. A palavra parece perdida entre termos e conceitos mais rígidos que não trazem essa amabilidade que querem passar quando abordam a relação mãe-filhos.

A contribuição dos homens na educação é através da manutenção da oração e cultos domésticos e principalmente dos exemplos. Ainda não se fala aqui sobre a sexualidade dos meninos. Não parece que este fosse um problema digno de nota, os maiores pecados pelo qual estava propenso a mocidade era as diversões, o cinema, o futebol, os bailes e as músicas profanas. Na medida em que o tempo passa, um dos principais exemplos que os pais devem dar aos filhos é a masculinidade, para que eles não cresçam sem uma figura paterna e tornem-se afeminados⁹⁷.

Podemos resumir que, embora os filhos tivessem livre arbítrio para escolher seu próprio caminho. A conduta que estes manifestassem no decorrer de suas vidas mostraria a todos se os pais fizeram um bom trabalho ou não. Principalmente as mulheres, pois elas eram as principais responsáveis pela formação de seus rebentos. Logo, o fracasso espiritual dos filhos apenas mostraria a incapacidade das mulheres em cumprir seu papel social, da mesma forma que um menino afeminado revelará a ausência física e espiritual do homem no lar.

3.2. O cristão na sociedade: Deus aprova a vida social e as festividades inocentes

Trabalhamos nessa pesquisa com alterações que ocorreram na teologia pentecostal ao longo dos anos. Constatamos que mudanças aconteceram do primeiro período. Se outrora os crentes deveriam estar relegados somente à vida religiosa, com um contato mínimo com o mundo exterior, uma nova revelação parece ter aparecido ao comentarista da primeira lição de 1951. Ele diz: “Deus aprova a vida social” e “as festividades inocentes”. Seguem suas considerações:

Cristo aprovava a vida social. Jesus não andava como alguns religiosos, com semblante triste e afastado dos homens. Comia com fariseus e publicanos, mostrando-se amigável e sem parcialidade. Parece que não recusava os

⁹⁷ Sobre esse tema falaremos nos capítulos posteriores quando o tema da sexualidade começa a aparecer com mais força.

convites de hospedar-se com qualquer classe. De fato, os formalistas se queixaram de que era “glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores”. A acusação era falsa mas indica a verdade, isto é que Cristo não sentia qualquer aversão aos ajuntamentos sociais, mas, ao contrário, gostava de companhia dos homens. Frequentava a sociedade dos homens para aumentar Sua influência e para que o povo pudesse ouvir a proclamação da sua mensagem, a fim de O conhecerem e por meio d’Ele conhecer a graça de Deus. O Senhor Jesus era tanto a favor da separação como o eram os fariseus (o partido dos “separatistas”); contudo, enquanto eles se conservava separado do **pecado** enquanto se associava com os pecadores, para poder salvá-los. Isto é, no interior, Ele se guardava separado dos pecadores apesar de exteriormente ter contado com eles. Devemos seguir Seu exemplo nisto. Somos o sal da terra – mas para ser efetivos devemos ficar em contacto com aquilo que precisa de ser “salgado”; se quisermos pescar os homens, devemos frequentar os lugares onde há “peixes”: se somos a luz do mundo, devemos sair e brilhar.” (...)

Ao dizer que a vida social não pode ser desprezada, usa o exemplo de Jesus, dizendo que Cristo não desprezou o convida dos publicanos e pecadores para assentar-se com Ele à mesa, o que legitima o comportamento do cristão para proceder de tal modo. Ele andava com essas pessoas, sem se deixar macular por elas. Ou seja, o pecado não estava em aproximar-se do mundo, mas se deixar contaminar por ele.

A citação acima é exemplo da identificação e condenação dos “hipócritas” que desejam demonstrar uma exterioridade de santidade, mas que não viviam de acordo com tal procedimento. São os chamados “religiosos” que exigem muito dos fiéis, mas não estão dispostos a pagar o preço que colocam sobre a vida dos congregados. Embora esse autor faça essa identificação, não diz claramente quem são essas pessoas. Mas deixa explícito que estão dentro da igreja, maculando a “verdadeira obra de Deus”.

A constatação dessa mensagem não diminui o caráter conservador do pentecostalismo. Pelo contrário, passa-se a buscar uma pureza de comportamento que não se contamina, mesmo estando nas piores situações possíveis. A santidade exigida cada vez mais é individualizada. Essa busca de pureza não esconde o conflito interno pelo qual estava passando a denominação. Pois, ao mesmo tempo em que uns atacavam os “religiosos hipócritas”, mandavam os crentes tomar cuidado com os “lobos travestidos de ovelhas”. Ou seja, tanto membros, quanto líderes poderiam estar a serviço do diabo atrapalhando o andamento da igreja.

Ao mesmo tempo em que insistem na pureza e santificação, precisam especificar o que poderia ou não ser feito pelo crente. As festividades inocentes são liberadas, ao mesmo tempo em que se acentua a cobrança dos usos e costumes:

Cristo aprova as festividades inocentes. Apesar do Senhor Jesus ser Varão de dores, levando profundamente no íntimo o peso do pecado e tristezas do mundo, parece que apresentava ao povo a parte da Sua natureza alegre. Seu nascimento foi anunciado como uma “nova de grande gozo”, e a palavra “gôzo” tinha um lugar de honra no Seu vocabulário. Levava os homens a pensar sôbre as realidades solenes da vida, porém, comunicava-lhes também um gozo indizível e cheio de glória. Uma das Suas ilustrações do reino dos céus foi referente às bodas de casamento. (Autor desconhecido, I Trimestre de 1951, p. 3-4).

O autor parece não se preocupar em ser mal compreendido quando diz que “Cristo aprova as festividades inocentes”. Mas, ressalta que essa festividade corresponde à alegria de viver e não a outras práticas de festas mundanas. Apenas lembrando que os bailes, cinemas, futebol e outras atividades continuam sendo grande pecado e ofensa contra Deus. Obviamente não é esse tipo de festividade de que o autor fala.

“Deus aprova a vida social e as festividades inocentes”, mas o crente não pode abaixar a sua guarda. O sal precisa estar em contato com o alimento para ser útil, da mesma forma que o crente precisa estar próximo do mundo para exercer o seu trabalho. Na medida em que deixa de cumprir sua função é jogado no chão para ser pisado. Assim será com o crente que ao invés de influenciar se deixar contaminar com o mundo.

Não deve este abaixar a guarda nem um segundo sequer, podendo ser este o momento de sua derrota. Há um medo corrente de que pessoas estejam infiltradas dentro da denominação a mando de satanás. Por isso, aumenta-se a preocupação com a santidade individual, mesmo que “lobos vestidos de ovelhas” estejam ao redor. Esse comportamento espelha muito a tensão vivida na época, através da guerra fria.

A vigilância constante é sinal de que o crente percebe os perigos pelo qual está envolto. Aliás, quando se fala de Assembleias de Deus e a escrita teológica registrada nas *Lições Bíblicas* pode-se perceber uma crescente acentuação do discurso com convites ao belicismo.

3.2.1. A igreja no mundo e o mundo na igreja: a atuação da denominação é um convite ao confronto

O processo de institucionalização das Assembleias de Deus cobra seu preço, fazendo os comentaristas dedicarem longos textos para falar de problemas internos e externos à denominação. O confronto torna-se o meio de atuação dos pentecostais. Apenas devemos salientar que esse convite não era real ou prático, mas no âmbito da vida espiritual, afinal, “o combate não é contra a carne e sangue”. (Efésios 6:12).

Os autores falam de problemas internos, tais como: obreiros que estavam se rebelando contra suas lideranças⁹⁸, os crentes que se chateavam por não terem oportunidades de testemunho, os métodos ilícitos de “certos pastores”, que usavam da fé para benefício próprio, da concorrência religiosa que surgia no cenário nacional e até de obreiros que deixavam os costumes assembleianos para incorporar “métodos mundanos” para aumentar o número de membros⁹⁹.

As *Lições Bíblicas* são usadas para dar conselhos aos novos líderes. Ressalta-se a obediência que deveriam ter para com os pastores antigos. Era uma comunicação direta com o núcleo central de colaboradores responsáveis pelo andamento e crescimento da denominação. Claiton Pommeling (2008), analisando a produção teológica nas *Lições Bíblicas* e a tradição oral, diz:

Certamente as lições bíblicas utilizadas pela Escola Bíblica Dominical (EBD) são os melhores componentes de convergência entre a escrita e a oralidade no pentecostalismo, pois através delas o professor/ensinador lança mão tanto do texto escrito quanto de suas considerações próprias (de forma oral) acerca do texto lido e ainda pode conduzir uma reação de êxtase por parte dos alunos. É também um espaço relativamente livre de manifestação da oralidade, onde os alunos efetuam perguntas e expõem ideias. (...) Estas lições exercem grande autoridade sobre os fiéis, considerando-se até mesmo ser mais crente quem frequenta a EBD.

As lições bíblicas utilizadas na EBD certamente são a maior fonte de imposição verticalizada do pensamento pentecostal assembleiano. É também uma perfeita combinação de boa convivência entre oralidade e escrita. A escrita – lição bíblica – é o norteador do discurso oral, ou seja, a partir dela, como teologia escrita, o professor transmite na forma de teologia oral o que a liderança nacional maior pensa sobre a doutrina pentecostal. É doutrinariamente ortodoxo, sadio, simples, direto e contextualizado. Este foi o objetivo perseguido pela instituição da EBD e que, segundo a liderança eclesiástica responsável, tem sido alcançado. (POMMERENINNG, 2008, p. 23-24).

⁹⁸ “Assim há muitos descontentes que procuram posição, III João, 9,10, e quando Deus não lhes faz prosperar, procuram, por meio de revolta, criar uma Igreja para si. (...) Coré lhes tinha prometido cargos ou posições, para conseguir a sua adesão.

É o método usado pelos rebeldes de hoje. Prometem “consagrações” a varejo e por atacado. Por isso vemos hoje um tão grande número de excluídos e elementos indignos, trazendo o “rótulo” de pastor ou presbítero – uma das consequências das divisões.” (...).

“A nossa unicão é um testemunho de Jesus perante o mundo, João 17:23. As contínuas divisões – em certos lugares tão frequentes – têm trazido lamentáveis consequências para a causa do Evangelho.” (BERGSTÉN, IV Trimestre de 1961, p. 52).

⁹⁹ “O coração do crente é o templo de Deus; há nêle alguma coisa que não está conforme a santidade? Então lançai fora os “Tobias!” A igreja é o templo de Deus. Estão sendo introduzidas nelas algumas normas e práticas mundanas? Então com oração expulsemos os Tobias!

A comunicação direta da qual fala o autor é mediatizada e contextualizada através da tradição oral, da qual já falamos outrora, e o texto escrito para a EBD. No entanto, quero ressaltar aqui a comunicação da liderança nacional para com os obreiros e igrejas mais distante. Em época de difícil comunicação, os pastores encontraram nas *Lições Bíblicas* meios de orientar e auxiliar as igrejas locais nos possíveis problemas institucionais que viriam a ter.

A lição do IV trimestre de 1960 escrita pelo pastor José Menezes é exemplo perfeito de como as narrativas foram construídas. A passagem refere-se a contenda entre Abraão e Ló¹⁰⁰. O autor usa esse conflito para mostrar o que, hipoteticamente, poderia ocorrer na igreja, caso os crentes e obreiros deixassem a ganancia e o orgulho adentrar em seus corações.

As disputas por campo entre os pastores de ovelhas, presentes no texto bíblico, são assemelhados aos conflitos contemporâneos entre líderes assembleianos por novos membros. Abraão é referenciado como pastor mais velho, que estava sob a direção de Deus, enquanto Ló é apontado como obreiro ciumento e ganancioso. O conselho? Tem campo de trabalho para todos:

Aprendamos: Não pôr o coração na riqueza ou bens (se os possuimos) tal gesto vai contra a Palavra de Deus. Sal. 62:10. b) Não brigar porque o espaço da terra (Campo) ou insuficiência do mesmo não permite ficarem juntos, para não prejudicar o desenvolvimento da obra de Deus, a qual merece todo cuidado e vigilância. Prov. 27:23. Não consistamos que, cobiçando, os vossos corações, sejam atacados pelo micróbio do ciúme, que é o espôso da contenda, e sejamos expostos a censura dos cananeus e fariseus (mundo que nos espreita) gloriando-se da nossa vaidade. (7), O mundo é muito grande: se um filisteu entulha o nosso poço, passemos frente, deixemos, Eséque e S'tna (contenda e inimizade) e chegamos adiante, aí temos Reobóte, (alargamento) do Amazonas ao Rio Grande do Sul, onde podemos atender o brado macedônico, trabalhar e crescer sem prejudicar trabalhos de outrem. II Cor. 10:14-16)." (sic) (MENEZES, IV Trimestre de 1960, p. 12).

A dubiedade de linguagem deixa para o leitor parte da interpretação necessária para entendimento da narrativa. Assim, o consumidor da mensagem preenche as lacunas deixadas pelo comentarista com exemplos e situações de sua própria vida. Aqueles mais envolvidos com o trabalho missionário entenderão a referida mensagem como orientações ao seu ministério. Nesse caso o autor diz que ciúmes e contendas podem resultar em “prejuízos à obra de Deus”.

¹⁰⁰ Uso essa passagem apenas como exemplo de um método de ensino que se repete constantemente. As muitas citações das outras passagens inviabilizariam a construção estrutural dessa pesquisa, fugindo ao objetivo da mesma.

Este é um método eficaz nesse grupo religioso. As pregações nos cultos públicos podem ser tão genéricas que cada um pode interpretar a mensagem de acordo com suas necessidades imediatas, tendo a certeza de que Deus usou o pregador para lhe comunicar algo. Essa é uma característica típica de uma religiosidade baseada em grande parte na tradição oral, como é o caso das Assembleias de Deus (POMMERENG, 2008). Os comentaristas atribuem aí o poder de operação do Espírito Santo, falando a cada um o que convém.

Os lobos travestidos de ovelhas podem estar em todos os lugares, inclusive nos púlpitos pentecostais. A referência acima mostra isso. Revela aqueles que estão descompromissados com a palavra, mas que atuam na chefia de alguma congregação. É o “joio crescendo junto com o trigo” (Mateus 13:24-30). Nesse caso, a responsabilidade do crente aumenta ainda mais para identificar quem são essas pessoas. Por isso, os autores recomendam que os fiéis sempre façam autoanálise para estar em paz com sua consciência e não serem eles mesmos usados pelo diabo.

Estes procuram diferenciar a igreja terrena da igreja universal. Enquanto a primeira pode estar sujeita às intempéries da vida, podendo até se deixar enganar por “agentes do diabo”, a igreja universal faz parte do corpo de Cristo e não pode ser maculada. O crente deve lutar para fazer parte da igreja espiritual e não somente da igreja física.

Se o mundo pode adentrar na igreja e manchar a obra de Deus, será que o oposto também pode acontecer? A igreja física deve sair de suas quatro paredes para influenciar o mundo? Se sim, que tipo de influência seria essa?

Até os anos de 1960, a postura dos comentaristas era mais reservada. A influência da igreja seria mais através do seu exemplo moral. Ou seja, o mundo veria nos pentecostais um jeito correto de se viver e tenderia a mudar seu comportamento. Após a década de 1960, a postura dos autores se tornam mais proativas. Passa a ser dever dos cristãos saber dos projetos de leis que vigoravam na sociedade. Inclusive sobre aqueles que têm o caráter de macular a vida moral da igreja. A educação, a política e a ciência de uma maneira geral são criticadas. Professores, jornalistas e cientistas são postos sob suspeita por promover a incredulidade, a lascívia e o pecado perante a juventude¹⁰¹. Os comunistas parecem estar em todos os lugares.

Em 1961, o comentarista Eurico Bergstén,, ressalta que a ciência estava sendo usada para cometer o pecado de infanticídio, aos moldes do que Faraó fez no antigo Egito. Ele aplica

¹⁰¹ Devemos resguardar as devidas proporções, a participação pentecostal na política nessa época não se pode comparar aos dias de hoje. O processo de redemocratização no final dos anos de 1980 trouxe possibilidades políticas inimagináveis aos pentecostais. Mas já aqui se percebe que as pautas defendidas pelos parlamentares contemporâneos já eram discutidas nas décadas anteriores.

essa passagem ao tempo presente e ressalta que o mesmo vem ocorrendo através de “decretos” e da ciência. Embora essa pudesse ser prática comum no mundo, a igreja deveria se portar contra tais atitudes e denunciar tais atos. Segue uma parte da argumentação construída por esse autor.

“O decreto que impunha a morte das crianças ao nascerem, era do diabo. Era agressivo ao plano natural do Criador. Lemos em Apoc. 12:4 sobre o dragão que procurava tragar o filho recém-nascido da mulher. Ainda hoje temos reedições desta tremenda ordem de Faraó... Apesar de delicado, o assunto merece uma referência. Há uma infinidade de “métodos científicos” para interromper uma gravidez em curso – tudo dentro do espírito mundano da época, que evita quaisquer responsabilidades, inclusive no matrimônio. E este tráfico diabólico vem assumindo proporções alarmantes...

Salvo indicação médica, para salvar a vida da mãe, o aborto é sempre pecado. O Deus da Vida não consente nunca a extinção da vida humana, pelo homem. “Não matarás”, Êxo. 20:3, é a Sua Palavra. O homicídio é sempre um crime, quer seja a vítima uma pessoa adulta, quer seja um feto ainda não nascido. E se os critérios de vida modernos têm “evoluído”, pouca diferença faz, pois DEUS NÃO MUDOU. Nós crentes, como defensores e sustentáculos da verdade, devemos protestar sempre, em atos e palavras, contra a corrupção moral de nossa época. Temos que mostrar como são funestas à sociedade, de “fazedoras de anjos” – reservando, porém, para estas uma preciosa palavra de Deus: “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão como a neve”. Isa. 1:18.” (BERGSTÉN, IV Trimestre de 1961, p. 3).

Nessa lição, Bergstén considera que o diabo mudou sua estratégia de atuação e por isso a igreja deve mudar sua reação diante do mundo. O ataque à família e a obra de Deus podem vir por várias frentes. Tanto pelas leis, pela ciência, ou mesmo pela escola através de professores ateus que promoveriam um certo tipo de “infanticídio intelectual”, colocando a incredulidade na mente das crianças. É contra essa postura que deve ser o desempenho da igreja.

Reparem que, no uso da linguagem, o autor não está discutindo propriamente a passagem bíblica, mas usa da mesma para referir-se a um problema imediato. Problema esse enfrentado não somente pela denominação, mas por toda a sociedade. Essa é uma resposta moral e cristã para um tema polêmico, que diz respeito à descriminalização do aborto.

Foram assuntos como esses que levaram a igreja a sair da sua zona de conforto para tomar posição nas questões sociais. Sempre que o contexto envolvia a família, os comentaristas sentiam a necessidade de participar da discussão tendo como parâmetro os valores que defendiam. Na medida em que cresce o debate na sociedade sobre esses pontos, cresce também o número de textos, nas *Lições Bíblicas*, sobre eles.

A seletividade da participação pentecostal é notória. Dizem pouco ou quase nada sobre a desigualdade social, o desemprego, a exploração no trabalho ou pautas sociais de qualquer tipo. Mas, sentem-se impelidos a tomar partido e posição quando o tema é o modelo familiar e a questão da moralidade sexual.

O discurso conservador, que se acentua a partir dos anos de 1960, vem acompanhado de orientações de usos e costumes que outrora não eram abordados. A proibição de adornos e joias para as mulheres era uma orientação mais à nível da tradição oral. No entanto, os comentaristas, dessa fase, associam essa prática à santidade cristã e pentecostal, dizendo ser esse um elemento importante que diferencia o crente do mundo.

O pastor José Menezes é o mais entusiasta na propagação dessa doutrina. Diz constantemente “...há tantas mulheres e moças que se enfeitam e pintam-se até, mas não possuem coisa alguma [da] riqueza do céu.” (MENEZES, IV Trimestre de 1963, p. 60).

O período da ditadura militar no Brasil não parece ter mudado o conteúdo no que diz respeito aos usos e costumes. Mas, arrefecem as críticas políticas que começavam a despontar a partir dos anos de 1960. Se a classe política e artística sofreu com esse regime, os evangélicos não têm do que reclamar. Foi o período de maior crescimento desse movimento (ALENCAR, 2013, p. 160).

O conservadorismo foi importante pilar de sustentação desse regime, o que torna os pentecostais aliados importantes do mesmo. Temas outrora pouco abordados, tais como uso de maiô, ir à praia, cortar o cabelo (para as mulheres), vem de maneira crescente no final dos anos de 1963 e continuam nos anos posteriores, tornando-se um dos assuntos cada vez mais frequentes.

...quando, por falta de renovação, o despertamento perde o seu vigor, começam a aparecer as “pequenas faltas, que não chegam a ser pecado”. Fumar, frequentar cinemas ou teatros, casar com descrente, cortar o cabelo (as irmãs), frequentar football, etc., etc., etc., aparecem como coisas inteiramente permissíveis. Assim o fermento entre e o seu poder de contágio é tremendo! Já ninguém mais reage contra o pecado, as consciências se tornam insensíveis, o caminho aparece bem mais largo, e os “protestantes” já não protestam contra o pecado. O fermento acabou por levedar toda a massa. (BERGSTÉN, III Trimestre de 1963, p. 24).

3.2.1.1. Ataque aos professores: ressentimento ou má-fé?

Nesse espectro, é espantoso como os professores se tornam uma ameaça a ser combatida. Inclusive para aqueles que eram afeitos aos estudos teológicos, tal como Eurico

Bergstén. Ele chama a atenção para um outro tipo de infanticídio que ocorria nas escolas pelos “corruptores da infância”. Eram os professores que atuavam de forma diabólica contra a obra da igreja.

Existe outra forma de “infanticídio” muito cruel! O Diabo visa as almas das crianças – buscando a sua morte espiritual. Procura subtrair das almas infantis a crença espontânea em Deus – e possui para isto um grande número de artifícios. Frequentemente levanta dúvidas sobre a Palavra de Deus – em última análise sobre Deus mesmo. Existem escolas que ensinam que as ciências desmentem a Bíblia! Que venenoso perigo para as almas e para as mentes! E muitos pais displicentes não querem assumir a responsabilidade de educadores de seus filhos, deixando-os entregues a si próprios, quando em ruas e clubes absorvem péssimos exemplos que arruinam a formação do seu caráter. E a nova interpretação da vida – os novos conceitos de moral e de decência – proclamados em rádio, televisão e revistas duvidosas, vêm causando perniciosos danos à infância e à juventude moderna. Infelizmente as estatísticas comprovam o sucesso dos esforços do Diabo!

A Palavra de Deus diz: “Ai daquele homem por quem o escândalo vem” Mat 18:6,7. Deveriam pensar nesta palavra os profissionais da sedução corruptora da infância.” (sic) (BERGSTÉN, IV Trimestre de 1961, p. 4-5).

Já há algum tempo que os professores são alvos de ataques por parte dos comentaristas das LBs. Sempre que possível são usados como exemplos negativos com os quais os pais devem ter cuidado. No entanto, esse assunto cresce nos anos de 1960 em diante. É possível dizer que esses profissionais foram um dos primeiros a sofrer com a paranoia pentecostal, que via o diabo em tudo. A exemplo, podemos citar uma ilustração feita Lawrence Olson no I Trimestre de 1960:

Um professor, certa vez, cometeu um crime de morte e foi encarcerado à espera do julgamento. Certo dia êle chamou o carcereiro para acusar os demais detentos de o terem insultado, alegando que, através das paredes, lhes lançaram a seguinte acusação: “Você é um homem sanguinário”, “Você é um homem sanguinário!” Na investigação do caso, foi provado que tais acusações eram infundadas. As vozes que êle ouvira eram tão somente fruto da imaginação de sua consciência que o atormentava. (sic) (Grifo nosso) (OLSON, I Trimestre de 1960, p. 39-40).

Percebam que não há nenhuma ligação da profissão dessa pessoa com seu crime. O autor poderia muito bem ter se referido a ele de uma maneira genérica que a história não sofreria alterações. Mas há a intensão de ligar sua profissão com a disposição natural para cometer crimes e subverter a lei.

É possível perceber que um espírito anti-intelectualista impera no movimento pentecostal. A ciência, as escolas e os profissionais ligados ao ramo de produção e reprodução do conhecimento, são postas em suspeição. Os comentaristas orientam os crentes a tomarem cuidado com tais profissionais. Estes se colocam como principais inimigos do pentecostalismo, superando em alguns momentos até mesmo os outros grupos religiosos.

Havia o princípio de que cuidar da educação dos filhos era responsabilidade dos pais. No entanto, para os pentecostais, os professores e a escola rivalizavam com a família e com a igreja nessa função. É o mesmo discurso usado na ditadura militar para perseguir os intelectuais que serviam ao comunismo. Como vimos, a suspeita com essa classe de profissionais não era uma exclusividade das Assembleias de Deus.

Mostramos, no capítulo anterior, que em 1937, Nels Kastberg já revelava essa suspeita. De acordo com sua argumentação esse grupo tinha a ideia de montar um exército de ateus. Para isso, usariam das escolas e da educação das crianças. Este foi um dos argumentos usados por ele para defender o investimento em LIs que falassem exclusivamente à educação infantil. Obviamente que a polarização e o clima político que vigorou a partir de então apenas contribuíram para aumento dessa suspeita.

A ação dos pentecostais na sociedade, principalmente pela ingerência norte-americana, foi marcada por esse traço de perseguição aos professores. A crença de que a mensagem pentecostal resolveria todos os problemas sociais, inclusive aqueles mais técnicos e científicos, permeava essa comunidade. É o que escreve Eurico Bergstén no final da lição do III Trimestre de 1963:

Estudo de idiomas estrangeiros não substitui o dom de línguas estranhas; tampouco o estudo de medicina substitui o dom de curar. Da mesma forma a preparação humana ou os diplomas dos seminários não substituem a preparação divina para o exercício do ministério. (BERGSTÉN, III Trimestre de 1963, p. 62).

Essa fala não é algo isolado nas revistas. Os pentecostais se lançam em cruzadas ferrenhas contra setores da sociedade que poderiam oferecer outras narrativas que não tomavam a Bíblia aos moldes da leitura pentecostal. A teologia assembleiana contribui assim para que o obscurantismo e a suspeita com qualquer área do conhecimento se acentuassem.

O convite ao belicismo e ao confronto não são características exclusivas das *Lições Bíblicas*, mas torna-se presente nos hinos e pregações do movimento pentecostal. Paulo Ayres

Mattos (2013), diz que o movimento pentecostal no Brasil incorporou em sua teologia aquilo de mais sanguinário, belicista e violento que a cultura norte-americana tinha para oferecer. A morte vicária de Jesus, os hinos com convites para a guerra e o derramamento de sangue necessário para perdoar o homem do pecado, fizeram parte das narrativas teológicas que ganharam forças a partir dessa influência.

Vimos aqui que a igreja sai de uma posição de passividade para uma reação mais acentuada diante do pecado e da suposta falta de moralidade na sociedade. Constatamos que o objetivo nunca era atacar diretamente as autoridades ou questionar injustiças sociais, mas sim responder ao segmento que consideravam promover a decadência moral entre as crianças.

Nesse caso, escolhem um grupo social que não tinham condições, ou interesses, de reagir a esses ataques. Aliás, essa tem sido uma característica muito presente nas ADs. Os grupos selecionados como opositores do pentecostalismo têm algum tipo de poder na sociedade. E são, geralmente, algum capital simbólico da qual os pentecostais querem se apropriar. Isso explicaria as alternâncias dos inimigos das ADs ao longo dos anos, haja vista que os interesses da instituição também se alteram.

3.2.2. Os ricos também sofrem

Não poderíamos terminar esse tópico sobre o cristão na sociedade, sem considerar uma mudança que ocorreu nas *Lições Bíblicas* sobre o modo como viam o lugar dos ricos no mundo. Já mostramos em outros momentos como o primeiro período das lições foi marcado pela visão de Samuel Nyström sobre a insensibilidade e ganancia dos ricos gerando toda a miséria para com os pobres. Esse autor não considerava a possibilidade de ser um bom crente portando riquezas.

Nas lições, a partir dos anos de 1950, essa visão tende a mudar. Os autores consideram que os crentes não devem ter inveja de ninguém. Tampouco julgar os ricos por sua posição social. Nesse caso, os ricos não são de todo ruins, eles também sofrem:

Não é bom ter inveja dos ricos e dos elevados em dignidade. Eles podem ter problemas que nós não conhecemos. De qualquer maneira, o que realmente tem valor não se compra com riquezas, nem se adquire por ocupar alta posição. (...)

Não é bom sentir inveja dos que parecem mais abençoados do que nós. Muitos dos tais carregam realmente uma cruz da qual não desejaríamos compartilhar. Pela mesma razão não é bom julgar o próximo. Certas pessoas parecem irascíveis; sentimos que o amor esfriou para conosco; porém, se soubéssemos das provações secretas, pelas quais tais pessoas estão passando

nosso ressentimento tornar-se ia em compaixão.” (sic) (Grifo nosso) (Autor desconhecido, IV Trimestre de 1952, p. 12, 26).

Embora os autores falem da cruz que os ricos têm que carregar, nenhum deles enumerou quais são esses problemas, que são tão terríveis a ponto da pessoa preferir a pobreza do que a angústia de ser abastado. Ocorre, a bem da verdade, uma mudança paradigmática sobre a posição que os endinheirados ocupam na sociedade. Começa-se a valoriza-los como se estes fossem benfeitores e não mais exploradores. Considera-se que são úteis ao Reino de Deus caso sejam solícitos para com a obra. Afinal, nada nessa vida se faz sem dinheiro, inclusive na igreja.

Apesar de ainda haver a crença de que essas pessoas tinham maiores dificuldade em seguir a Cristo, acreditava-se que eles não eram de todo ruins e poderiam até seguir o evangelho em algum momento de suas vidas. Aqueles que conseguiam tal feito deveriam ser reconhecidos por isso. Pois era mais difícil ser fiel nas riquezas do que na escassez.

Geralmente se pensa que há mais probabilidade de perder a fé quando as provas são grandes, e que, alcançada a prosperidade, tudo se torna fácil. A prática, porém demonstra que na prosperidade há tentações muito mais sutis do que na pobreza. Vêde Deut. 8:10-28. Assim escreveu Spurgeon: “Se um período de bom tempo por extenso demais nos vales da Itália, cria-se tão grande quantidade de pó que o viajante suspira por uma chuva. Sente-se sufocado, os olhos ardem. Sente a areia entre os dentes, a qual passa até à garganta. A prosperidade, de maneira semelhante, se continuar por muito tempo, produz uma peste de pó, porém ainda mais danosa, porque faz cegar o espírito e com sutileza penetra na alma. Uma ou duas chuvas de desânimo dão grande alívio, porque evitam que as coisas terrenas a sufoquem. (sic) (Autor desconhecido, IV Trimestre de 1952, p. 47).

O que ocorre na citação acima não é a simples valorização do sofrimento, mas a minimização da visão negativa que os pentecostais tinham dos que tem prosperidade financeira. A visão dos líderes pentecostais aos poucos vai se transformando, a ponto dessa mensagem ser mais palatável aos ricos. É o que denuncia o comentarista do II Trimestre de 1951:

Repete-se o mesmo em nós: redimidos pelo sangue de Cristo, filho do Pai altíssimo, e ainda não sendo manifesto o que havemos de ser, desejamos confortar-nos com os filhos do mundo. Envergonhamo-nos de nossos templos humildes, nossas orações, hinos, sermões e cultos; começamos a confiar mais e mais em edifícios de luxo, ensaiar orquestras e fazer conferências para agradar as classes cultas. (sic) (Autor desconhecido, II Trimestre de 1951, p. 17).

O sentido de sua mensagem caminha na ideia de dizer que o crente não deveria se envergonhar dos templos humildes, dos sermões e orações. Mas, ao mesmo tempo detecta que muitos pastores estavam construindo edifícios de luxo, ensaiando orquestras e fazendo conferências para agradar às classes cultas. A ideia de que os pobres não tem lugar garantido no céu por conta de seu sofrimento terreno persiste nas lições a partir de então. O que garante a salvação, tanto para o rico, quanto para o pobre, é a fé em Jesus.

Devemos lembrar que essa fase é marcada por ousadas campanhas e empreendimento organizados pela cúpula das Assembleias de Deus para construção de novos templos e sedes. Todas as revistas passam a trazer campanhas de incentivo para que as pessoas contribuam e ofertem para esses projetos. Era sempre lembrado que as campanhas eram à parte dos dízimos e que, se o crente quisesse, poderia solicitar um carnê de contribuição mensal para esse fim.

Obviamente que, se a visão de Nyström sobre os ricos continuasse, tendo lugar na revista, estes poderiam ficar desestimulados a contribuir ou mesmo participar da igreja. Ressaltam sempre que, se Jesus não rejeitou ninguém, não seria eles que o fariam. Porém, a quem Deus muito dá, também cobra:

Pessoas elevadas em dignidade e honra têm uma responsabilidade correspondente à posição que ocupam. Se abusarem de suas oportunidades entregando-se ao luxo e ociosidade, geralmente tem de sofrer...” (Autor desconhecido, II Trimestre de 1953, p. 47).

A passagem do jovem rico, que teve um encontro com Jesus passa a ter uma nova narrativa. Se Nyström dizia que, o que impediu ele de se achegar a Cristo foi a sua riqueza, os comentaristas dessa nova fase dirão que o problema não estava na riqueza em si, mas na mesma ter se tornado uma idolatria a ponto deste homem preferi-la ao invés de Cristo. Uma mudança sutil, mas que dá base para orientar os irmãos que tem posses, de que sua riqueza pode ser benção ao Reino de Deus, para isso era necessário que a avareza não tomasse o seu coração.

Assim, se propagava sempre de que o evangelho era suficiente para resolver todos os problemas sociais das pessoas:

As escrituras voltaram a ter vida e logo manifestaram seu poder por meio dum avivamento nacional. O povo abandonou a idolatria, renovou a aliança e a nação gozou da mais gloriosa festa da Páscoa da sua história. Foi, pois, muito grande a influência do Livro.

O grande historiador, Lecky, escreveu o seguinte acêrca das condições da Europa, antes do avivamento no tempo de Carlos e Wesley: “Predominava antes de tudo, um ódio contra tôda a autoridade, um desejo insaciável por uma mudança, a aceitação de rebelião como a forma mais nobre de defesa política; o anelo de nivelar todas as classes e submeter todos os estabelecimentos; o propósito firme de avançar, não por melhoramento progressivo e sábio, mas por uma mudança repentina, violenta e revolucionária. A rebelião, a propriedade, a autoridade civil e a vida doméstica, tôdas eram atacadas; doutrinas inconciliáveis com a própria existência do govêrno eram aceitas com fervor duma religião.

“A Inglaterra, na maior parte, escapou do contágio. Muitas coisas contribuíram para salvá-la, mas antes de tudo, creio, devemos dar crédito ao entusiasmo veemente e religioso, o qual passou pelas classes média e baixa do povo, o qual fêz o povo sentir um horror aos dogmas anti-cristãos que acompanhavam a revolução na França.

Foi em tal época que Deus enviou João Wesley com uma Bíblia aberta na mão; Deus o usou para levar a Inglaterra a um avivamento, o qual transbordou e serviu de benção para outras nações também.” (Autor desconhecido, II Trimestre de 1953, p. 38-39).

Usar o dinheiro para causas sociais era desperdício. Pois a maneira mais correta de resolver os problemas da humanidade, tais como fome, pobreza, violência urbana e etc. era investindo em evangelismo. Assim as pessoas se converterão a cristo e esses problemas que tem origem no pecado desaparecerão.

Se os ricos têm privilégios pode-se dizer que os miseráveis também têm, seguem as vantagens de ser pobre:

A vantagem dos pobres. “Ninguém ficou senão os mais pobres dentre o povo da terra.” Como se diz; Não é desonra ser pobre, mas é muito inconveniente: neste caso de Judá, os pobres tinham a vantagem sôbre os ricos, não sendo desterrados como os ricos. De fato os pobres escapam de muitos outros desastres que sobrevêm àqueles que possuem mais bens deste mundo. Vêde 1 Tim. 6:6-10.” (Autor desconhecido, II Trimestre de 1953, p. 48).

A vantagem da indigência é que não tem como a desgraça aumentar. Seria essa uma consideração digna de nota? Pelo visto, a decepção de ficar pobre parece ser maior do que a decepção de não ter o que comer. A associação do aumento da pobreza em razão da atividade dos ricos se perdeu. A partir de então não há mais nenhuma associação do aumento da miséria com as atividades dos endinheirados.

Há pessoas que acham impossível um comerciante ser crente e se ocupar nas coisas espirituais. Lídia entretanto é um desafio aos tais, pois aceitou com fidelidade a Palavra de Deus consagrou-se com ardor porque a palavra entrou em seu coração. (OLIVEIRA, II Trimestre de 1960, p. 39).

Nyström havia formulado a ideia de que era impossível ser um bom crente atuando no comércio, ainda em 1935. No entanto, bem provável que Oliveira não estivesse falando aqui diretamente a Nyström. Até porque este já se tornara um ícone no pentecostalismo e não ousaria criticar pessoalmente alguém do estipe desse autor. Mas é provável que essa ideia ainda perdurava entre os pentecostais.

A fala acima revela que o lugar dos ricos no pentecostalismo era algo que já estava ocupando os principais debates. Deveria o pentecostalismo aceita-los ou não? Ora, a CPAD não será construída somente com oração.

3.3. Educação: pentecostais e acadêmicos em disputas pela linguagem

Abordamos no tópico anterior como os professores tornaram-se alvos da suspeita pentecostal. Porém essas ofensivas não foram exclusividades dessa classe. Além dos professores, os cientistas, jornalistas e outros profissionais que trabalham com a produção e transmissão do conhecimento também sofreram ataques. Contraditoriamente, isso ocorre ao mesmo tempo em que houve, por parte dos comentaristas, apropriações da linguagem usada nesse meio, o que, de certa forma, acaba por legitimar as áreas que queriam acometer¹⁰².

Marcelo Lopes (2018), identifica esse período como anti-intelectualista, onde os autores desmerecem as faculdades, universidades e seminários bíblicos. O crente não é proibido de frequentar uma faculdade, desde que continue legitimando as narrativas oferecidas pela instituição.

Obviamente que isso gera, internamente, disputas e debates que forçam à revisão de alguns elementos. O pastor Vasconcelos ressalta: “...nas escolas e faculdades devem aprender somente ciências e letras e não coisas relativas à vida espiritual.”

O Pastor José Menezes diz:

O Espírito Santo vivificava a mensagem (6:8;835-37), de tal maneira que mesmo sem Bíblias e muito menos com esboço esquelético, levaram os

¹⁰² Importante trazer à discussão se o que os pentecostais estavam fazendo eram ataques gratuitos ou apenas reação desse grupo à setores que a muito os desprezavam.

pecadores aos pés de Cristo, atraídos pelo Espírito Santo e gozavam simpatia dos que se convertiam, (10:39-48). Aqui temos um bom colégio ou Instituto, essencial para a preparação de obreiros pentecostais, que cheios do Espírito Santo, pregam com simplicidade a Palavra de Deus, que dá luz e entendimento. Atos 8:14-17.

Os verdadeiros pregadores do Evangelho são chamados pelo Senhor e preparados na escola do “Pentecoste”, sem mulêtas do modernismo e isso desde os primórdios. Num. 8:13-16, Rom. 1:1. Estevão o fervoroso pregador, mencionado nesta lição, era poderoso e forte, porque aprendeu na escola de Jesus e recebeu o diploma do Espírito Santo. Atos 5:5, e falava com fé e poder, (v.7). Pedro e João, eram simples pescadores, pregadores leigos. Mas quando orava a terra tremia e os doentes eram curados. Atos 4:29:31; 3:1-8. Que Deus nos livre de uma fábrica de pregadores; que continuemos na simplicidade e norma do Novo Testamento, até ao fim, buscando aquilo que foi prometido aos que são chamados à salvação. Atos 2:29, firmados no sangue de Jesus para a salvação e no batismo do Espírito Santo que pode ensinar os pregadores e dar-lhes perfeita vitória, Jo. 14:26, e fôrça contra o poder de Satanás. Atos 13:9-12. A Bíblia diz: “A exposição das tuas palavras dá luz”, Sal. 119:130. Então deixemos o Espírito Santo nos ensinar e o Senhor nos dará vitória sem sectarismo. O pregador não deve ser ignorante a sua própria língua para se expressar bem perante o auditório que o ouve e a Igreja que apascenta, mas não fazer das letras o objeto dirêto de sua arma para pregar o Evangelho, e deve fugir das escolas diplomadoras; o Espírito Santo pode dar sabedoria, coragem e almas salvas, pois êsse sempre foi e será o verdadeiro método do Senhor Jesus na sua Igreja, (Atos 2:42-47), onde Êle permanecerá até o fim sem mudança. Mat. 28:20, Heb. 13:8. Que Êle nos conserve na simplicidade da sua Santa Palavra sem removermos os antigos marcos. Prov. 22:28. (MENEZES, IV Trimestre de 1962, p. 5-6).

Sempre que o pastor Menezes tinha a chance de desmerecer ou ironizar os institutos bíblicos ele assim o fazia. Inclusive revela que muitos desses jovens que estavam saindo dessas faculdades estavam gerando problemas quando iam para o trabalho na igreja, disputando e rivalizando com os pastores mais velhos sobre pontos doutrinários.

Que exemplo de obediência! Com humildade e reverência, esperaram orando e jejuando até receberem a resposta certa e decisiva para saberem que estavam na vontade de Deus. (22:14) É diferente de meter um moço vaidoso num seminário, e, passados três ou mais anos dar-lhe uma carta, ou Certificado de Ordenação, e manda-lo para uma igreja fazer discursos e gerar confusão.

O ministério espiritual, revestido... não tem fábrica de ministros à semelhança dos que fazem “Pão de Ló”. Se o ministério atual pensasse como os apóstolos, muitos males e até desmembramentos, seriam evitados, outros seriam o rumo e resultados em muitos lugares, não havendo lugar para os grupos facciosos que pleiteiam posições. (MENEZES, IV Trimestre de 1962, p. 19).

A suspeita com os estudos vem acompanhada de busca intensa pela pureza moral e sexual, que se torna cada vez mais uma obsessão. Pode-se atribuir essa busca incessante por

santidade à herança que o pentecostalismo tem do movimento *Holliness* nos Estados Unidos¹⁰³. Isso pode ser visto desde a primeira lição. No entanto é possível perceber que há mudanças na identificação do que era o pecado.

As *Lições Bíblicas* estão a todo tempo em disputas contra outros setores da sociedade para fornecer ao crente uma visão de mundo que satisfaça sua busca de sentido. Elas acompanham os principais debates dando as considerações que satisfaçam as necessidades imediatas da instituição. Assim, privilegiam narrativas que colaboram para legitimação do pentecostalismo no Brasil.

As disciplinas mais combatidas, nesse período, estavam ligadas aos campos da biologia, filosofia e a história¹⁰⁴. Para os comentaristas, a Bíblia tem respostas definitivas a qualquer questão levantada por essas disciplinas. Os autores afirmam que o trabalho desenvolvido por estes profissionais não corresponde à verdade objetiva. Não é somente questão de má índole por parte dessas pessoas. Mas é também a atuação do diabo que visa relativizar as verdades cristãs e destruir a igreja.

Pode-se observar que o ataque dos comentaristas consiste também em uma autodefesa. É forma de proteger os valores e crenças que faziam parte do imaginário pentecostal. Uma das estratégias usadas é colocar sob suspeição a profissão e o trabalho dos desafetos. Os autores se preocupam em fornecer informações do próprio campo científico para negar e combater os professores e cientistas. Por exemplo, para mostrar que a teoria da evolução estava errada, Lawrence Olson usa a astronomia para esse fim. Como nas declarações de seu famoso livro *Plano divino através dos séculos*¹⁰⁵:

Todas pesquisas de astronomia indicam que a lei do universo é calcada na estabilidade e na ordem, e não transformação, provando que a teoria da evolução não passa de uma criação da imaginação humana. (OLSON, 1994, p. 20).

¹⁰³ “O pentecostalismo originou-se no movimento internacional “*holliness*” no fim do século XIX e início do XX. Este movimento enfatizava, no início, o batismo no Espírito Santo, cura e a glossolalia. As raízes do pentecostalismo podem ser encontradas na teologia de Wesley, fundador do metodismo no século XVIII.” (ARANSEM apud PICOLOTTO, S/D, p. 70).

¹⁰⁴ A biologia por explicar a origem humana para além das narrativas míticas do livro de Gênesis, a filosofia por oferecer uma visão de mundo com tendências ateístas e a história por pretensamente desconsiderar o controle de Deus no decurso da história.

¹⁰⁵ Neste livro há uma apresentação de Deus como controlador da história e isso é expresso através das dispensações. Há fortes referências ao livro de Daniel, dando destaques ao sonho de Nabucodonosor. Acrescenta-se a isso a leitura literal do livro de apocalipse, onde o fim catastrófico é iminente. Nesse espectro, a volta de Jesus ganha narrativas apocalípticas e passa a ser tema central na mensagem pentecostal em associação com os cumprimentos bíblicos contemporâneos ligados a Israel.

A construção de argumentos, a exemplo do referido, se repete aos montes nas *Lições Bíblicas*. Não importa ao certo se os dados apresentados são verdadeiros ou falsos. Eles são muito abstratos para que público médio pentecostal possa checar as informações. O que importa é a construção da narrativa, que visa mostrar a debilidade dos opositores, mesmo sendo peritos na sua área de atuação. Ou seja, se não tinham domínio nem sobre o que estudavam a anos, como poderiam falar alguma coisa sobre a Bíblia e a vida espiritual?

Pode-se dizer que há uma seletividade nos argumentos que são usados. Preferem aqueles que legitimam as crenças pentecostais e desconsideram as informações que podem ser usadas contra sua teologia.

Usar dados científicos para vencer um debate ou apenas para reforçar uma ideia da Bíblia vai se tornando cada vez mais natural. Como no exemplo abaixo onde o autor ilustra uma conhecida passagem bíblica com argumentos extraídos da física.

Tendo Jesus orado, a glória divina e eterna, que era sempre Sua, desde a eternidade (Fil. 2:6; Heb. 1:3), transpôs não somente a Sua carne, como também sua roupa, que ficou resplandecente como o sol. Mat. 17:2; **Para usar uma fraca ilustração; quando a corrente passa na resistência na lâmpada elétrica esta faz a mesma incandescente, e seu brilho ultrapassa o vidro em volta dea** (sic). Assim o brilho ultrapassou o veio da carne. (sic) (Grifo nosso) (Autor desconhecido, I Trimestre de 1956, p. 33).

Ao mesmo tempo em que o autor usa argumentos provindo da ciência, diz ser “uma fraca ilustração”, desmerecendo ao mesmo tempo esse campo. A relação que os comentaristas têm com a produção do conhecimento torna-se cada vez mais dúbia. Haverá pastores que são completamente contra qualquer contato com esse meio, inclusive para fins teológicos. E haverá aqueles que se entusiasmarão com a possibilidade do seu uso para o Reino de Deus. A título de exemplo podemos citar o pastor José Menezes como alguém que nega os estudos teológicos e o pastor Lawrence Olson, como grande entusiasta dos estudos sistemáticos e do uso dos meios midiáticos para o evangelismo.

Este último diz que se a pesquisa científica for feita de maneira séria poderá trazer muitos benefícios. E não desmentirá a Bíblia, pois ela é a verdade absoluta. Não contradirá nem mesmo os textos com têm licença poética, tal como o livro de Jó. Há aqueles que vão mais longe e ousam dizer que a ciência pertence primeiramente a Deus e, portanto, os crentes são

seus legítimos expoentes. Sobre essa última argumentação, veremos ela ganhando mais força sobretudo no próximo período a ser aferido.

Sem perceber, e de modo intuitivo, os comentaristas entram em disputas pela linguagem com o meio acadêmico. Essa disputa ocorre em duas frentes. A primeira já apresentamos, que é a busca por legitimar a passagem bíblica com informações extraídas da produção científica. A segunda é usando discriminadamente textos e conceitos que são próprios do campo científico¹⁰⁶.

A título de exemplo, podemos citar aqui a forma como os autores passaram a usar a palavra “materialismo”. Sabe-se que esse termo foi popularizado primeiramente pela linha de estudos marxistas. No entanto, os comentaristas das *Lições Bíblicas*, a partir dos anos, passam a usá-lo em demasia e indiscriminadamente, cada um ao seu modo. Mas, geralmente, identificando o mundo sendo dividido entre materialistas que se opõem aos espiritualistas.

Percebe-se que cada autor tem a sua própria definição do que seja materialismo, não respeitando os sentidos colocados pelos meios de origem. Apenas para fazer uma diferenciação: o pastor Alcebiades Vasconcelos associa o termo aos professores ateus, enquanto que Lawrence Olson tende a dizer que materialismo se refere à pessoa que é afeita ao dinheiro e ao consumismo. Segue primeiramente uma citação do pastor Vasconcelos usando esse conceito.

Os professores **materialistas** de nossas faculdades, estão semeando nas almas da mocidade de nossa época, a semente má do ateísmo e do indiferentismo pela vida espiritual, chegando mesmo ao desplante de ensinar ser a Bíblia um amontoado de lendas orientais; que somente deve ser lida pelo saber literário que representa e não com sentimento espiritual. É preciso que os pais cristãos tenham cuidado com seus filhos, fazendo-os compreender que nas escolas e faculdades devem aprender somente ciências e letras e não coisas relativas à vida espiritual. Se desaparecer a influência dos pais cristãos, o **materialismo** dominará nossa mocidade! Os pais cristãos são exortados por Paulo a “criar os filhos na doutrina e admoestação do Senhor.” (Efé. 6:4). Para que eles o possam fazer, é necessário os pais darem exemplo aos seus filhos de que crêem de fato na Palavra de Deus, mediante a prática dos seus ensinamentos; pois, se lhes ministrarem ensino sem exemplo, estão errados e serão tomados por hipócritas. Todo cuidado é pouco nesta época de incredulidade. (sic) (Grifo nosso) (VASCONCELOS, IV Trimestre de 1955, p. 12).

¹⁰⁶ Já falamos da importância que o termo “consciência” passou a ter na teologia assembleiana a partir da gerência norte-americana. Conceito cunhado primeiro pela psicologia torna-se central para entendimento da teologia pentecostal a partir de então. O que ocorre nesse campo, também sucede em outras áreas do conhecimento.

No comentário acima, percebem-se duas coisas. A primeira é a identificação indiscriminada dos professores ao comunismo e ateísmo. Há uma generalização negativa dessa profissão, como se todos estivessem agindo intencionalmente para destruir moralmente a sociedade brasileira e macular as crianças¹⁰⁷.

O segundo elemento é o uso do conceito que não corresponde ao modo como os marxistas o usavam. Enquanto estes falam de materialismo referindo-se um método científico de abordagem da história a partir do modo de produção que advém do trabalho material dos homens, o autor o usa, em sentido genérico, para aqueles que negam a vida espiritual. A nível de comparação, podemos citar também um texto de Lawrence Olson:

A lição de hoje é muito necessária e apropriada aos nossos dias, por combater o **materialismo** que, de modo geral, reina nos corações da humanidade. Baseia-se no Sermão da Montanha e trata dos problemas práticos da vida. Precisamos, como crente, demonstrar perante um mundo cético que o cristianismo é dotado de valor prático, que resolve qualquer problema da vida humana.” (sic) (Gtifo nosso) (OLSON, I Trimestre de 1959, p. 24).

No excerto acima o comentarista convida os leitores a “combater o materialismo”, que além de propagar o ceticismo se opõe à vida cristã. Ressalta também que o “cristianismo é dotado de valor prático, que resolve qualquer problema da vida humana”. Logo, não há razão de buscar outras formas de agir no mundo se não através da fé pentecostal. O uso dessa palavra, ao que tudo indica, era apenas para satisfazer uma necessidade imediata de comunicação.

Embora houvesse ruídos no uso e apropriação do conceito, o que inviabiliza diálogos entre os pentecostais e a academia, a circulação dessa palavra em larga escala no meio pentecostal revela mudanças pelo qual estava passando a sociedade brasileira, onde a linguagem acadêmica e científica se espria pela vida cotidiana. O conhecimento outrora restrito aos meios mais elitizados da academia ganha novos contornos, inclusive entre os religiosos.

É provável que essa palavra tenha se disseminado através dos meios convencionais do jornalismo tradicional. Haja vista o confronto entre o capitalismo norte-americano e o comunismo soviético, durante este período. Mas também podemos considerar a atividade das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base¹⁰⁸), que se tornaram muito atuantes nessa fase.

¹⁰⁷ Sobre isso falaremos com mais propriedade no próximo tópico.

¹⁰⁸ Contribuindo para que houvesse novos diálogos entre as comunidades mais simples da sociedade, os meios religiosos e a academia, não podemos nos esquecer das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), que tiveram nos anos de 1960 ativa participação entre os pobres. O que gerou novas percepções dessas comunidades sobre a

Os próprios políticos e ativistas ligados às esquerdas se identificavam como materialistas. Portanto, considerar essa palavra previamente como algo negativo, esvaziando-a do conceito original é uma estratégia de atuação que inviabiliza o fiel de se identificar previamente com esses grupos, embora reconheçamos existir na prática pessoas que eram pentecostais com posições políticas mais às esquerdas.

As políticas públicas que visavam a alfabetização de crianças e adolescentes também contribuíram para que cientistas e professores ganhassem certa notoriedade no país e que a linguagem própria desses meios se espraiasse rapidamente na sociedade. Isso reacende a suspeita de que os campos científicos tendiam a negar a Bíblia.

Os ataques outrora direcionados ao catolicismo romano e aos protestantes se estende aos representantes da ciência. Suspeitar que a academia seja lugar onde se prolifera a secularização e o ateísmo já foi constatado em outros momentos da história recente do cristianismo, tal como mostra Marcelo Lopes (2018) em sua tese de doutorado. (LOPES, 2018, p. 10).

Já mostramos que uma das preocupações dos pentecostais na criação das *Lições Bíblicas* era para oferecer narrativas bíblicas que fossem coerentes com sua visão de mundo. Sendo assim, torna-se importante que os líderes pentecostais tivessem o controle dos códigos linguísticos que circulam nesse meio.

Pierre Bourdieu diz que o domínio dos códigos linguísticos é uma forma de disputa por poder. Ou seja, quem tem o controle da linguagem tem melhores chances de ter o comando das narrativas e imprimir sua visão de mundo sobre as outras. Para ele “...o poder diz respeito à disputa pela autoridade e pelo domínio dos signos, dos sentidos e das interpretações.” (BOURDIEU *apud* LIMA, 2010, p. 14).

É impensável para os comentaristas dessa época dividirem o espaço com algum campo que discordasse minimamente de suas teses, que se baseavam na centralidade da Bíblia, na atuação do Espírito Santo e na segunda vinda de Jesus. O combate aos professores, jornalistas, cientistas etc., se dava por essas vias, disputando com esses meios para imprimir a melhor narrativa de explicação do mundo e da realidade. Sendo assim, a educação oferecida nas escolas e faculdades para as crianças e jovens continuavam sofrendo ataques.

Os pentecostais não trabalham apenas para negar os estudos seculares, também se esforçam para oferecer uma narrativa que preencha as lacunas deixadas pelo abandono do Estado às classes menos favorecidas. Há, portanto, um esforço em oferecer uma leitura da história que seja condizente com a realidade vivida por cada uma dessas pessoas.

Nessas novas narrativas, o pentecostalismo e o cristianismo ganham centralidade. Ou seja, a compreensão da história resgata o pentecostalismo não mais como um acidente ou obra do acaso. Mas o coloca como centro da vontade de Deus. A respeito desse último tema vamos ao tópico seguinte.

3.3.1. A leitura da história pela ótica pentecostal

Vimos no capítulo anterior que uma forma que os autores encontraram para minimizar os prejuízos que a falta de escolaridade e alfabetização trouxeram foi a utilização de textos curtos e catequéticos para memorização. Não houve nenhum projeto mais abrangente por parte dessa instituição para fornecer educação secular e de qualidade aos seus membros¹⁰⁹. Eles apenas conseguiam detectar o problema, mas suas forças de atuação se limitavam até certo ponto. Não tomaram medidas de intervenção na sociedade para resolve-los.

Pode-se dizer que havia uma predisposição teológica para aceitar o instituído como vontade de Deus. Algo semelhante à interpretação de Lutero na época da Reforma Protestante, que apontava a origem da injustiça social, mas resistia a toda proposta de agir na sociedade para transformá-la¹¹⁰.

A partir da contribuição dos missionários norte-americanos houve novas estratégias de atuação, bem mais eficazes no sentido de sintetizar a mensagem pentecostal e ilustrá-la a todo o público consumidor, embora permanecesse a ideia de que não é função do crente atuar na sociedade para atenuar problemas sociais. A solução vem com Lawrence Olson e seu livro *O plano divino através dos séculos*.

Este livro contribui para fornecer uma melhor compreensão da história do cristianismo ao crente pentecostal. Isso ocorre, ao mesmo tempo em se quer combater veementemente as escolas seculares e instituições de ensino, o que reforça a ideia de que a liderança nacional não

¹⁰⁹ Apenas lembrando que essa pesquisa se relaciona às Escolas Dominicais e não contempla outras frentes de atuação que visaram o debate pela criação de institutos bíblicos.

¹¹⁰ A relação de Martinho Lutero com os camponeses é exemplar nesse sentido. Sabia da exploração sofrida contra esse grupo, mas não teve coragem de se indispor contra os príncipes da época.

propôs aos conversos uma educação crítica¹¹¹. Tampouco a educação secular foi vista como auxiliar para a leitura da Bíblia. Bastava apenas que o indivíduo entendesse os caminhos estabelecidos por Deus através das dispensações que já era suficiente para se ter um bom crente, salvo, atuante e capaz de responder coerentemente aos seus interpeladores.

O objetivo desse livro atende a uma questão de ordem prática e didática. O crente, sem muitos estudos, pode entender a complexidade da Bíblia em simples esquemas mentais. As aparentes contradições, da relação divina para com os homens podem ser interpretadas a partir do conhecimento das dispensações. Em cada “era” a relação de Deus com a humanidade terá uma característica. Ou seja, o que mudou não foi Deus e sim os limites estabelecidos por Ele para se relacionar com os homens. Através dessa interpretação o crente poderia ao mesmo tempo dizer que Deus perdoa o pecado com amor, mas punirá com forte ira os amantes do mal.

Esse livro traz a estátua de Nabucodonozor, figura de uma das passagens do texto de Daniel, como forte ilustração dos governos e da política. Não é por acaso que nessa fase cresce o número de comentários sobre essa ilustração e acentuam-se os estudos escatológicos. (Vede Gráfico 2)

Era interessante o crente compreender que a polarização política entre ocidente e oriente, em iminente eclosão nuclear, estava prevista por Deus e fazia parte dos cumprimentos das profecias bíblicas. Essa narrativa ajudava os fiéis a se sentirem seguros e participantes da história. Pois, se a humanidade ainda não fora destruída, isso se deu pela presença física da igreja no mundo. Essa elucidação, além de dar um sentimento de altivez ao pobre e necessitado pentecostal, também o ajuda a compreender os acontecimentos hodiernos, outrora confusos, como parte dos planos divinos.

Nesse quesito, acontece um elemento interessante: o passado histórico passa a ser largamente citado. Personagens conhecidos, como imperados, reis e generais são mencionados à revelia. Não da forma como os historiadores faziam, buscando elementos sociais e comprobatórios que explicassem suas atitudes. Mas, o foco se dava em um julgamento moral, sem citar fontes que confirmassem tais falas e atos.

Nesse revisionismo histórico os atos de fé ou blasfêmias, por parte dessas figuras, são os pontos que determinaram o sucesso ou fracasso do personagem em questão. É como se o

¹¹¹ É fundamental ressaltar esse ponto porque muitas pesquisas sobre as Escolas Dominicais, a fim de valorizar a sua importância, dizem exatamente o contrário. Ressaltam que as Assembleias de Deus seguiram a proposta social de Robert Raikes, fundador da ED e assim contribuiu para a educação no Brasil. Algo que consegui verificar em minha pesquisa.

poder de decisão do indivíduo fosse suficiente para determinar os rumos da história e mudar os destinos de uma nação pela qual eles eram responsáveis.

Por exemplo, a segunda guerra mundial, as revoluções inglesa e francesa, a era napoleônica ou qualquer outro elemento importante do passado são tidos como punição ou bênção de Deus a um governante ou povo que foi arrogante ou fiel a Ele. Dos pontos acima, o personagem que se destaca pelo número de citações é Napoleão Bonaparte. Os exemplos geralmente nunca são positivos. Sua derrota é atribuída à desobediência a Deus. Sua ganância e soberba são os motivos principais de sua queda.

Napoleão, certa vez, disse zombando, que Deus está no lado do batalhão maior. Em sua marcha, à Rússia, porém, chegou a saber, para sua tristeza e humilhação, que Deus pode usar as forças da natureza para destruir o exército maior do mundo. Deus está ao lado da justiça, e apesar do mal ganhar algumas batalhas, Deus será vitorioso na guerra, e vem o dia quando veremos o mundo “no qual habita a justiça” ¹¹². (Autor desconhecido, II Trimestre de 1953, p. 20).

Nesse caso, Napoleão foi derrotado não por um erro estratégico, mas sim por punição de Deus por sua arrogância. Observa-se que o objetivo do comentarista não é abordar o elemento histórico em si, este serve como um apoio à mensagem central que se quer anunciar. Nesse caso, o autor deseja mostrar que a justiça de Deus é capaz de superar a força e a injustiça humana e para isso usa esse personagem histórico como exemplo.

Como vimos, conhecer a história a partir da ótica pentecostal é fundamental, pois a crença da iminente volta de Cristo é, de acordo com esses comentaristas, um acontecimento que acompanha o desenrolar da história. Logo, já estava previsto por Deus. E não há homem ou mulher, do passado, presente ou futuro que consiga fugir aos seus desígnios. Ou seja, Napoleão Bonaparte, por maior que tenha sido, só o foi pela vontade e permissão de Deus.

Ao tratar propriamente de Israel os comentaristas mostram que a eleição desse povo e seus iminentes erros fizeram com que Deus escolhesse um novo grupo, para ser mais santos e justos, que são os cristãos. Também dão destaque aos acontecimentos hodiernos, que de acordo com esses comentaristas, são cumprimentos das profecias bíblicas dadas ainda no Antigo Testamento. O olhar ao passado era a forma de dar sentido aos acontecimentos do presente. Sendo assim, o holocausto, a criação do Estado de Israel, em 1948, e a volta de judeus à terra

¹¹² Citação provavelmente da campanha que o exército francês, sob a direção de Napoleão Bonaparte, empreendeu contra a Rússia, em 1812, que marcou a derrocada do domínio francês na Europa.

santa já estavam previstos e são cumprimentos a olho nu das profecias bíblicas, garantindo assim a veracidade da palavra de Deus.

Essa metodologia, além de acalmar os ânimos diante do novo e das transformações sociais que ocorriam de maneira acelerada, dava um sentido lógico e compreensivo a todos os participantes da denominação. O mal causado aos judeus na II guerra mundial não foi algo vão, mas era o sinal dos tempos das promessas de Deus que haveriam de se cumprir. A partir daí a teologia pentecostal não pode ser mais desassociada do Estado de Israel. Repete-se constantemente:

“Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem”
Através dos séculos, as nações que trataram os judeus benignamente, prosperaram, enquanto os povos que os maltrataram sofreram grandemente as consequências. Sal. 105:9.15.” (Autor desconhecido, III Trimestre de 1954, p. 39).

Israel passa a adquirir cada vez mais centralidade no imaginário e na teologia pentecostal. As revistas começam a fazer referências explícitas a esse país como referência contemporânea e não mais somente nos termos bíblicos. As opções mais complexas, tais como as políticas econômicas levam em consideração o apoio ou não aos judeus. Seguindo esse raciocínio, os autores alimentam o projeto capitalista norte-americano e ressaltam sua aproximação com o “povo escolhido”, o que os leva a admoestar programas políticos que se aproximavam do comunismo soviético e do ateísmo. Sobre esse ponto falaremos com maior propriedade no próximo tópico.

3.4. Política: reina o espírito de alienação nas Assembleias de Deus?

Os pontos estudados por nós nesse capítulo contemplam o período democrático, pós era Vargas (1946-1963), e os primeiros anos da ditadura militar no Brasil, que teve início em abril de 1964. O interessante aqui não é mostrar a relação das Assembleias de Deus com o regime militar, ou algo nesse sentido. Mas sim, revelar as alterações teológicas registradas nas *Lições Bíblicas* durante essa demarcação temporal. Sendo assim, a temporalidade desse capítulo respeita as demarcações estruturais da revista e não propriamente a história política do país.

Não são muitos os textos que mostram a participação dos pentecostais assembleianos durante essa fase. Por isso esse texto caminhará no sentido de atualizar essa discussão.

Antes de adentrarmos nas questões centrais desse conteúdo, torna-se imprescindível mostrar como se deram antigas relações das ADs com as questões governamentais ao longo de sua história. Os textos existentes seguem por diferentes tendências. A principal delas caminha no sentido de registrar um espírito de alienação e omissão durante toda a biografia assembleiana, dando a alusão de que as questões relacionadas aos mandos dos governos pouco afetaram a organização estrutural da denominação.

A tese de Osiel Lourenço de Carvalho¹¹³ é um dos poucos textos que caminha no sentido de promover uma visão mais complexa ao instituído. O autor mostra que a noção de alienação e participação política dos assembleianos não pode estar desassociada da vivência cotidiana dessas pessoas. Sendo assim, a não-participação dos crentes das ADs na política estava associada às poucas chances efetivas de serem vistos e ouvidos na sociedade. Logo, o asceticismo pentecostal era uma forma de resistir ao mundo que primeiramente os excluía, o que os isenta, ao menos de modo teórico, de serem considerados dentro do aspecto de alienados.

Para Osiel Lourenço, a não participação mais ativa dos pentecostais nas questões políticas era uma resposta efetiva às classes dominantes. Se negar aos interesses da vida pública, dedicando a vida espiritual, era, na verdade, uma forma de dar sentido aos silêncios outrora recebidos, o que faz dessas pessoas, agentes ativos de sua história e não meramente espectadores.

Sua abordagem é uma outra forma de analisar a história da denominação, que a pesar de não trazer novos elementos para se pensar a participação dos evangélicos na política, revela-nos um outro olhar sobre os crentes que compunham diretamente a sua organização. No entanto, veremos que a teologia pentecostal recebe influências diretas do que ocorria nos setores políticos no Brasil, sem que os pastores precisassem fazer ligações explícitas a elas. Os medos, anseios e desejos expressos em sua teologia ligam-se diretamente ao clima social vivido no país, o que gera intensos debates internos sobre o tema (ALMEIDA, 2016).

Dada a questão social pelo qual passava o Brasil em meados dos anos de 1960, o país entrou por uma longa fase de ditadura militar (1964-1985), o que deixou marcas deletérias em sua história recente. Nesse ponto, portanto, veremos como a fase anterior à ditadura preocupou os crentes quanto às suas possibilidades de culto e como ocupação dos militares no poder arrefeceram essa preocupação.

¹¹³ CARVALHO, Osiel Lourenço de. (In) Versões político-escatológicas no pentecostalismo brasileiro, 2016

Nesse capítulo contemplo pontos que precedem a essa fase, tendo complementação no próximo capítulo, o que terá a função de dar sequência aos estudos aqui estabelecidos. Ao longo desse processo será necessário maior apoio de outras pesquisas sobre as Assembleias de Deus, em relação à política para abordagem mais apropriada do tema em questão.

3.4.1. Tomando partido em um mundo polarizado

Os comentaristas não tem, à priori, um modelo de governo ideal. Falam de democracia e monarquia, tanto em termos positivos quanto negativos. A obediência à vontade de Deus está acima de qualquer reino ou governança. Porém, aguardam ansiosamente a época em que Jesus e seus anjos reinariam sobre a humanidade que, de acordo com a crença pentecostal, será no milênio após a segunda vinda de Cristo. Comparado a este, todas as outras formas de governo são imperfeitas.

No entanto, pode-se perceber, nas entrelinhas dos escritos, que tinham preferência pelo capitalismo, mais do que por qualquer outro regime. As razões? Exatamente pela liberdade de culto oferecidas por ele.

Deus tem abençoado a nossa terra em muitas maneiras. Há uma constituição que garante a liberdade a todos. Mas apesar disso, não¹¹⁴ há pecados nacionais que enfraquecem a fibra moral de nosso povo tanto como a bebedice, a infidelidade conjugal, a diminuição de fé em Deus, e o aumento de publicidades imorais. (Grifo nosso) (Autor desconhecido, II Trimestre de 1953, p. 10).

Como visto no escrito de 1953, os pontos positivos do Brasil se davam exatamente pela constituição que garantia a liberdade de culto. Porém, a democracia também trazia seus riscos. Pois era nesse espaço que havia maior pluralidade de debates e diversidade de correntes de pensamentos que eram destoantes ao pensamento pentecostal. Também fazia com que houvesse a proliferação da imoralidade sem que o Estado fosse eficiente para minimizar esse problema.

Um dos maiores estadistas dos tempos modernos escreveu o seguinte ao grande pregador Gypsy Smith: “É uma realidade que há esperança para nosso país e para o mundo. O Evangelho apesar de ser antigo, é sempre novo no apelo que faz ao coração e aos pensamentos dos homens e no apelo que faz ao coração e aos pensamentos dos homens e no seu poder de os segurar. **Não pode haver coisa melhor para nossa terra do que um avivamento religioso... Duvido**

¹¹⁴ No original a palavra “não” aparece no texto, mas pelo sentido da frase a ideia sugere que “há pecados nacionais que enfraquecem a fibra moral...” e não o oposto.

que exista um problema, social, político ou econômico, que não se derretesse e não desaparecesse perante o fogo de tal despertamento espiritual.” (Grifo nosso) (Autor desconhecido, II Trimestre de 1953, p. 10)

É para conter os avanços da imoralidade que legitimavam a presença da igreja no mundo. Pois, se o estado não conseguia controlar moralmente as pessoas, essa será a função da igreja. A parte destacada acima sintetiza bem a crença das ações pentecostais. Todo e qualquer problema que envolve uma ação do Estado para resolver é tida como vã se não houver a adesão ao cristianismo de corrente pentecostal. Pois somente assim acreditam que a sociedade será melhor.

Há até um certo desdém e menosprezo pelos políticos que querem melhorar a sociedade, mas não o fazem pela via religiosa. Os comentaristas acreditam que estão fazendo muito mais pelo bem da sociedade com suas pregações, evangelismo e oração do que os políticos com seus planos econômicos para aprimorar o país.

Os autores também criticam os crentes que querem ser mais santos do que exige a palavra de Deus, que ao invés de darem seus dízimos na igreja, optaram por dar cestas básicas e ajudar os pobres. Essa atitude, além de ser hipocrisia por parte desses religiosos, tirava recursos que poderiam ser encaminhados para o Reino de Deus e ser investido em evangelismo.

Em análise das revistas, não pude perceber a ideia de alienação política tão presente nas pesquisas sobre esse grupo religioso. Eram conscientes da exploração, ao modo de Samuel Nyström, e sabiam dos acontecimentos políticos da época em questão. Apenas a forma desse grupo agir não se dava pelas vias práticas. Acreditavam que tudo estava nas mãos de Deus, inclusive os governantes. Cabia à igreja orar por eles.

Porém, não se pode dizer que eram de todo imparciais. O medo da falta de liberdade de culto os fazia ponderar sobre as opções que tinham enquanto cidadãos. Nesse caso, as revistas para a EBD também expressam os debates existentes na época. O medo do comunismo soviético adentrar na sociedade brasileira tomava conta das narrativas.

As críticas a regimes políticos de tradição comunista aumentam ou diminuíam de acordo com as discussões existentes na sociedade. Não havia atrelamento natural ao capitalismo norte-americano, mas o reconhecimento de que nele tinham maior liberdade para fazer a vontade de Deus. Os autores não deixam de criticar o endividamento no qual as pessoas estavam entrando, mas julgavam isso mais como um laço do diabo do que algo próprio do sistema capitalista.

A dívida não é simplesmente uma falta, como muitas vezes a consideramos no sistema doutrinário; é um laço do demônio para destruir o plano divino na vida cristã. Prov. 30:8-9. Não se deve ter outra dívida a não ser o amor. Romanos 13:8. (OLSON, II Trimestre de 1959, p. 34-35).

Aos poucos, essa mensagem de neutralidade vai dando espaço para uma posição firme contra o regime soviético. Livros começam a ser editados para mostrar como os irmãos sofriam nos regimes comunistas e como as pessoas não tinham condições de adorar a Deus em tais regimes. Não há, nesse período analisado, nenhuma referência positiva quanto ao capitalismo no quesito econômico. Valoriza-se a liberdade de culto na democracia, mas não a meritocracia para ascensão social.

As nuvens são escuríssimas; os ventos batem com tremendo ímpeto. O comunismo está fechando as portas contra o Evangelho; os fiéis discípulos de Cristo sofrem constante perseguição. Assim diz o Mestre; “Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima. Lucas 21:28. (Autor desconhecido, IV Trimestre de 1951, p. 44).

O período de maior intensidade de referência e ataques aos regimes comunistas ocorre nos cinco anos que antecedem o regime militar. Os autores demonstravam-se preocupados com o comunismo adentrando sorrateiramente o Brasil. As orientações eram para que os crentes tomassem cuidado com esse mal. Principalmente os pais, para que não deixassem as crianças serem influenciados pelos materialistas nas escolas.

Após o golpe de 1964 e o estabelecimento de um regime autoritário, os comentaristas deslocaram suas falas para temas mais abstratos e menos conectados com a realidade imediata das pessoas. Os autores passam a falar de salvação, santidade e adoração. O assunto sobre a falta de liberdade simplesmente desaparece das lições. Não encontrei indicativos de que a CPAD ou mesmo as revistas para a EBD sofressem com a censura do regime militar, talvez porque seus pensamentos quanto à questão moral estivessem alinhados com esse regime.

Finalizando esse ponto sobre a orientação das lideranças pentecostais aos crentes, esta consistia em que eles continuassem a buscar do Reino de Deus no evangelismo. Pois o envolvimento do crente com as coisas mundanas e seculares desagradava profundamente a Deus. Não havia sentido investir nesse campo se a morada do crente era no reino celestial.

3.4.2. Israel, o relógio de Deus: a presença do Estado de Israel no imaginário teológico pentecostal

No tópico anterior mostrei que o atrelamento político dos pentecostais à ideologia econômica advinda dos Estados Unidos não se deu de imediato, mas foi se construindo aos poucos. Foi marcado não somente pela nacionalidade dos personagens envolvidos, mas também por aquilo que a narrativa estadunidense dizia oferecer, a saber: a liberdade de culto e a democracia.

Os motivos elencados acima parecem mais do que suficientes para que os pentecostais optassem pelas políticas de atuação estadunidense. No entanto, há outros fatores que contribuíram para o atrelamento pentecostal ao capitalismo norte-americano, que diz respeito às políticas de atuação desse país para com a criação do Estado de Israel e sua consolidação no final dos anos de 1940.

Havia discussões internas neste país, por parte dos judeus, de que a criação do Estado de Israel na palestina era mais do que justa. Vinculavam os valores judaicos aos valores humanitários. Em contrapartida aqueles que não comungavam com essa ideia eram associados ao antisionismo e antisemitismo, o que não era algo bom para ninguém dadas às revelações do terror que foi o holocausto na II guerra.

A historiadora Aura Gomes (2001) ressalta que o próprio presidente Truman tinha receios das consequências que poderiam decorrer do apoio incondicional à essa empreitada. No entanto, a pressão do congresso e seus interesses políticos particulares falaram mais alto.

A posição de apoio ao sionismo vinha fundamentalmente do Congresso, cujos interesses eleitorais eram prioritários aos interesses da nação, tornando-se objeto de manobra do movimento sionista americano. (GOMES, 2001, p. 53).

Não é objetivo dessa pesquisa analisar os reais motivos que levaram os Estados Unidos a apoiar a criação do Estado de Israel. No entanto, a fala de Gomes (2001) ressalta a existência, nessa sociedade, de intensos debates para a criação do Estado de Israel. É bem provável que esses diálogos não tenham ficado somente na comunidade judaica, mas tenham alcançado grupos cristãos que enxergavam na criação do Estado de Israel o cumprimento das profecias bíblicas. Discussão essa que chegou ao Brasil através dos missionários norte-americanos na produção do material para as *Lições Bíblicas*.

Os sinais dos tempos são como o **relógio de Deus**, que nos mostra quando está se aproximando o grande dia, o dia da vingança de Jesus. Note bem: Êsse relógio não mostra “o dia nem a hora”, Mar. 13:32, pois daquele dia só o Pai sabe. (...) **A volta do povo judaico para a Palestina é um sinal importante**, Veja lição 8! (sic) (Grifo nosso) (Autor desconhecido, IV Trimestre de 1953, p. 53).

Veja que o autor atribui sinais contemporâneos como o “relógio de Deus” para a humanidade, a fim de que esta estivesse atenta aos acontecimentos hodiernos que sinalizariam a volta de Jesus.

A lição 8, que comenta o autor é uma referência ao texto que narra a profecia de Ezequiel 37, sobre o vale de ossos secos. A referência é entendida explicitamente ao povo de Israel que passa a reviver. Ou seja, voltam para a terra santa como “sinal dos tempos”.

Pode-se dizer que a narrativa sionista, propagada nos Estados Unidos ganham uma roupagem cristã pelos grupos fundamentalistas. Para citar propriamente a lição indicada pelo autor, vamos ao que ela diz:

No tempo da visão, veio a ordem de Deus – Profetiza sôbre êstes ossos! 37:4, e quando Ezequiel o fêz, houve um grande ruído, e reboiço, e os ossos começaram a se juntar... Vieram nervos, e cresceu carne sôbre os ossos, que se tinha ajuntado... 37:4-8. **Esta parte da visão, está se cumprindo pela obra maravilhosa que Deus está fazendo, nestes últimos tempos. Êle que tem guardado o povo judaico entre tôdas as nações do mundo sem se misturar com os outros povos, em cujo meio tem vivido, começou a despertar um desejo ardente no mesmo de "tudo fazer para que a Palestina seja restabelecida, como a terra nacional dos judeus. O Sionismo, uma grande sociedade Israelita foi fundado no fim do século passado, e tem trabalhado muito em prol desse objetivo.** No fim da primeira guerra mundial foi liberta da Palestina do domínio dos turcos (1917), e no ano 1921 foi aberta a Palestina para ser o lar nacional dos Judeus. **Então começaram os judeus a voltar, a cultivar a terra que tinha sido abandonada durante séculos.** Estabeleceram uma universidade Hebraica no monte das Oliveiras e a língua hebraica reviveu... Depois da segunda guerra mundial, a propaganda “Pró-Palestina” tomou proporções gigantescas. **A data 14 de maio de 1948 é uma das maiores maravilhas na história humana, pois naquela data foi restabelecida na nação judaica com a sua constituição.** O seu primeiro presidente Chaim Weizmann, foi eleito e empossado e a bandeira Israelita fala para todo o mundo que Deus é poderoso para cumprir o que tem prometido. Depois daquela data a emigração dos judeus de todos os países no mundo, tem sido grande, pois um poder invisível está atraindo os judeus morando na Palestina, e êles tem restaurado tanto a indústria como a agricultura e estão construindo grandes e moderníssimas cidades. (sic) (Grifo nosso) (Autor desconhecido, IV Trimestre de 1953, p. 38-39).

Uma das primeiras coisas, importante de ressaltar, é a referência a fatos contemporâneos com interpretações religiosas, algo que os comentaristas suecos não tinham a preocupação de fazer. Deixar as coisas à cargo de Deus, foi algo que marcou a teologia pentecostal sueca, mesmo sabendo das injustiças que ocorriam na sociedade.

Na medida em que o tempo vai passando, Israel vai ganhando centralidade na discussão teológica das Assembleias de Deus. Livros com essa temática são editados e a igreja é convocada cada vez mais para orar pela paz em Israel, desde que a terra santa esteja sob domínio desse país, gozando de plenos poderes políticos sob os povos árabes. Através desses fatos podemos dizer que cada vez mais o Estado de Israel é referenciado pelos pentecostais como um elemento fundamental da teologia pentecostal. Orar por Israel é não somente uma boa coisa, como também é um dever de todo cristão.

Pode-se dizer que os pentecostais das Assembleias de Deus no Brasil não aderem à economia capitalista simplesmente pelo seu plano econômico. Mas sim, por todos os outros fatores elencados aqui. O fato de a URSS apoiar os árabes nessa região fez com que a suspeita do ateísmo comunista ganhasse um novo elemento, a saber: o espírito do anticristo que era contra a profecia da criação do Estado de Israel.

É plausível dizer que a importância de Israel no imaginário pentecostal ajudou na inserção do capitalismo como regime econômico ideal. Os planos divinos foram aos poucos associados à essa forma de atuação. A polarização política que dividiu o mundo, também exigiu um posicionamento da igreja pentecostal.

A passagem bíblica, “abençoarei os que te abençoarem” foi usada como justificativa para aderir ao modelo econômico estadunidense e rejeitar outras propostas econômicas. Essa associação ocorreu pela aproximação política que os EUA passaram a desenvolver com Israel depois do pós-guerra.¹¹⁵ A continuação da narrativa presente nessa profecia culmina na certeza de que Jesus em breve virá.

Mas não havia nêles espírito...” Ez 37:8. Quando o profeta profetizou, viu na visão, que o Espírito dos quatro ventos entrou nestes mortos e viveram e se puseram em pé... 37:9-20. Aqui se fala do restabelecimento espiritual quando os Israelitas hão de ser transformados e salvos pelo encontro com Jesus o seu

¹¹⁵ Em meus tempos de adolescência ouvi por parte do professor da Escola Dominical a argumentação de que o Brasil era abençoado por Deus, com falta de terremotos e catástrofes naturais, pelo simples fato de ter o brasileiro Oswaldo Aranha presidido a sessão na ONU, que culminou na criação do Estado de Israel. Apesar dessa argumentação ser presente no meio pentecostal assembleiano não encontrei nenhuma formulação de tal pensamento nas *Lições Bíblicas*.

Messias, quando Ele na sua própria glória, no fim da grande aflição, Jesus há de libertá-los do grande perigo que hão de encontrar na batalha contra o anti-Cristo Zac. 14:1-8, e eles hão de conhecer o seu Messias Zac. 12:10 e todo o povo Israelita será salvo. Rom. 11:25, Jos. 6:8. Então começará o milênio em que Jesus reinará com os seus santos, e os Israelitas serão o povo missionário no mundo. Então se cumprirá tôdas as profecias a respeito dêles.

Para nós, crentes é esta profecia de maior importância, e devemos com muita atenção estudá-la pois o cumprimento da mesma é um dos sinais mais importantes da vinda do nosso Salvador nas nuvens Lcc. 21:24,29-31, Rom, 1 25:26 Jesus vem breve!!! (Autor desconhecido, IV Trimestre de 1953, p. 38-40).

O que aconteceu em 14 de maio de 1948, sob a direção do brasileiro Oswaldo Aranha, é reproduzido como um milagre previsto na Bíblia, onde em apenas um dia Israel seria feita nação. Nesse momento, ao menos dentro do pentecostalismo brasileiro, lutar contra o comunismo não é somente lutar contra um modelo econômico, mas é, acima de tudo, lutar contra os opositores de Israel.

Na medida em que a ditadura militar vai se estendendo no Brasil, o pacote ideológico vai se tornando mais homogêneo. Ser cristão, portanto, é ao mesmo tempo ser anticomunista e lutar pela sociedade de mercado nos moldes americanos, pois era nesse regime que os valores cristãos teriam maiores chances de se desenvolver.

Veremos no próximo capítulo que os autores já terão como princípio do cristianismo a evangelização para extinguir o comunismo do mundo, o que de fato dará bases para que essa narrativa esteja bem consolidada no Brasil, ainda nos dias atuais, com repercussão para ampliação do campo de atuação pentecostal nos setores políticos. O modelo de cristão, apontado e desejado pela liderança das Assembleias de Deus, são aqueles que defendem esses valores como os próprios valores divinos.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DO CAPÍTULO

Nesse capítulo abordamos os anos de 1946 a 1973, que tratam propriamente da chegada dos missionários estadunidenses ao Brasil. Esses pastores tomam a frente das atividades das Assembleias de Deus, ajudam na fundação da CPAD e passam a escrever e administrar as *Lições Bíblicas*. O período em questão é marcado por mudanças sociais muito fortes, tanto no Brasil quanto no mundo.

Os primeiros quinze anos desse período (1946 a 1960), traz mensagens mais amenas em relação à atuação da igreja na sociedade. Diziam sempre que não era preocupação da igreja se envolver com temas que não dizem respeito à vida espiritual. A partir de 1960, verifica-se um

tom mais agressivo por parte dos comentaristas contra o pecado e a atuação do diabo na sociedade, o que deveria provocar uma reação da igreja. No entanto, essa fase crítica nas *Lições Bíblicas*, dura pouco e finda com o início da ditadura militar no Brasil, em 1964.

Os autores trazem a defesa dos usos e costumes como elemento essencial para a vida de santidade do cristão, o que os diferenciaria do mundo, embora tenham flexibilizado outros pontos malvistas pelos comentaristas do período anterior, tais como o uso do dinheiro na igreja, a comemoração de datas festivas, as campanhas para arrecadação de fundos¹¹⁶ etc.

Dando sequência a esses estudos, no próximo tópico ampliaremos a questão da atuação da igreja na sociedade. Abordaremos uma série de temas que se tornam essenciais para a vivência cristã na sociedade.

Nesse período, o país se intercala entre governos mais democráticos e autoritários, o que influenciará na forma dos pentecostais atuarem no setor público. A depender do regime, as pautas abordadas pelas lideranças pentecostais se alterarão.

Consideramos que, mesmo os autores evitando se envolver de imediato com o mundo secular, o espírito da época teve influência na forma como as *Lições Bíblicas* foram abordadas. Os medos e as tensões vividas tornam-se presentes na linguagem teológica das Assembleias de Deus. O que ocorre no Brasil e no mundo têm impactos na escrita das referidas lições.

O modelo de cristão que se configura a partir de então caminha para discursos cada vez mais individualistas, algo próprio do espírito da época. A vida cristã é cada vez mais particularizada. Valores outrora defendidos com muita veemência, tais como solidariedade e comunhão, são tomados com muito cuidado para que o crente não associe isso à regimes comunistas e socialistas.

A suspeita de que possam existir espiões infiltrados em todos lugares, inclusive dentro da igreja, também ganha espaço nas *Lições Bíblicas*. Nesse caso, são agentes do diabo que buscam perverter a santidade divina. Cabe a cada crente a vigilância constante para se precaver dos ataques do inimigo.

No que diz respeito ao modelo familiar apresentado, segue um forte conservadorismo do modelo patriarcal. Todos são convidados a seguir e defender esse padrão de comportamento contra os ataques do diabo. No que diz respeito à relação do crente com a sociedade, há um

¹¹⁶ Inicia nesse período uma série de campanhas para construção de novas igrejas e da nova sede da CPAD. Um amplo espaço com maquinários dos mais modernos disponíveis na época.

abrandamento da linguagem. Se outrora o pecado estava em ter riquezas, agora o perigo estava em como usá-las.

O tema da educação é o assunto mais controverso nesse período. Os comentaristas se intercalam entre grandes defensores dos institutos bíblicos e do ensino secular e aqueles que viam com maus olhos tais atividades. Essas discussões são ecos de debates que ocorriam nas convenções pastorais.

Sobre a política, os autores experimentam duas fases. Quando os regimes democráticos cresciam, acendia também o medo que a liberdade trazia. Durante as fases com menos liberdade os temas dos autores se vinculavam a assuntos mais abstratos como santidade e adoração a Deus.

Em todo caso, nesse período já é possível ver que fundamentos presentes hoje no pentecostalismo já estavam em construção, mas não eram consenso entre as próprias lideranças das Assembleias de Deus. O único tema que será unanimidade é o da família, onde os autores defenderão com unhas e dentes o patriarcado.

No período aludido, pode-se dizer que os comentaristas norte-americanos terão uma visão mais ampla de como deve ser a atuação da igreja na sociedade, enquanto que os pastores brasileiros se preocuparão com assuntos mais de cunho moralista e conservador, tais como usos e costumes para as mulheres.

No mais, pode-se dizer que esse período foi essencial para o crescimento das Assembleias de Deus, pois implicou em tomadas de decisões no campo teológico que foram substanciais para marcar o crescimento da denominação em período de grande crescimento industrial e urbano. As rupturas e continuidades que se formaram então, foram substanciais para a construção da teologia pentecostal que se tem atualmente nas Assembleias de Deus.

O próximo capítulo terá a preocupação de analisar as *Lições Bíblicas* na última fase do regime militar no Brasil e o período de redemocratização, indo até o fim do século XX. A partir daí houve uma nova proposta curricular para as Escolas Bíblicas das Assembleias de Deus, que não compete aos objetivos de estudo desta pesquisa.

CAPÍTULO IV

MISSÕES, SANTIDADE E ESCATOLOGIA: ENTRE A IMINÊNCIA DO ARREBATAMENTO E A IMPLANTAÇÃO DO IMPÉRIO ASSEMBLEIANO (1973-2000)

Chegamos finalmente ao nosso terceiro e último período, que tem início em 1973 e irá até os anos 2000. O critério para demarcação desse período contempla questões tanto internas quanto externas às Assembleias de Deus. Externamente se tem os impactos de uma das piores crises vivenciadas pelo sistema econômico moderno (1973). Essa crise afetará de modo significativo a maneira como as pessoas organizavam seu cotidiano, bem como o significado que darão para a existência.

Internamente há intensa reestruturações do parque gráfico da CPAD, com a criação das revistas para crianças, em 1973¹¹⁷; revistas para recreação; revista Jovem; lançamento de discos com hinos cristãos; sorteios e excursões para Israel; campanhas para construções de novas sedes; campanhas para aumento das vendas das lições etc. Acompanhando essas muitas mudanças na parte de publicações, há a utilização das revistas *Lições Bíblicas* como portfólio para propaganda desses materiais. Nessa fase as lideranças parecem ter descoberto a potência comercial das *Lições Bíblicas* que não estavam sendo exploradas ao máximo.

Complementando as mudanças listadas, acrescenta-se a fundação, em 1974, do Departamento da Escola Dominical da CPAD (atual Setor de Educação Cristã), e a criação da CAPED (Curso de Aperfeiçoamento para professores da Escola Dominical), sob a chefia do pastor Antonio Gilberto. (BRUNNER, 2004, p. 35-36).

As modificações, supracitadas, tiveram impactos na forma como o material para a EBD nas ADs foram pensados e elaborados. Além de haver preocupação clara em usar as *Lições Bíblicas* como material de apoio ao CAPED. O departamento de Educação Cristã, sob gerência do pastor Antonio Gilberto, teve a função de fiscalizar o que é publicado a partir de então. Isso claramente diminui as rugas teológicas entre os comentaristas. Mas, em contrapartida, descaracteriza os autores nas suas particularidades. As lições ficam, cada vez mais, uma

¹¹⁷ É criado a *Minha Revistinha* (para crianças de 4 a 5 anos). Retomada do projeto de revistas para crianças que ficou inutilizado com o passar do tempo. Essa atividade contou com a iniciativa do pastor José Pimentel de Carvalho.

parecida com as outras em suas estruturas de organização e nas opiniões emitidas sobre os principais assuntos. As apreciações dos comentaristas praticamente desaparecem¹¹⁸.

Até o fim dos anos de 1980, os articulistas continuam os mesmos da fase anterior, havendo apenas o acréscimo do pastor Geziel Gomes¹¹⁹, que surge como autor de inúmeras lições e assina também como diretor responsável pelas publicações para a EBD. Ao adentrar nos anos de 1990 novos comentaristas e escritores são convidados a escrever as lições. Elas eram dadas a cada um de acordo com a sua afinidade ao tema, mas já contavam com uma equipe editorial forte que fiscalizava tudo o que era publicado.

Embora o pastor Antonio Gilberto não apareça como assinante de nenhuma lição até meados dos anos de 1980, pode-se perceber que as revistas adquirem características muito próprias dos livros publicados por ele¹²⁰, o que configura sua intensa atividade na edição dos materiais para que sigam um modelo pré-estabelecido, tanto em conteúdo quanto na forma.

Antonio Gilberto, tem uma trajetória de vida que difere dos outros comentaristas. Quando a convite para participar do quadro de funcionários da CPAD, o mesmo já tinha uma vida intelectual ativa. Era militar da marinha, o que lhe deu a chance de conhecer o mundo e fazer inúmeros cursos no exterior, inclusive na Nasa. Também era articulista do *Mensageiro da Paz* e n'*A Seara*.

Seu objetivo, desde o início era colocar a EBD das ADs dentro dos padrões que havia conhecido no exterior, principalmente Estados Unidos e Inglaterra. Seu prestígio apenas cresce na denominação, chegando ao ponto de ser consultor teológico oficial da instituição, onde nada mais é publicado sem o seu crivo, exercendo essa função, ao lado de Claudionor de Andrade, até sua morte em 2018.

Essas mudanças, que são fundamentais para se pensar a atuação das Assembleias de Deus no Brasil, foram seguidas por um crescimento exponencial em questões numéricas. Em

¹¹⁸ A nível de comparação podemos usar como exemplo as lições escritas por Lawrence Olson. No I Trimestre de 1973, onde ele dá a sua opinião sobre o feminismo, divórcios, comportamento das mulheres, educação dos filhos e outros temas do cotidiano. Nos anos posteriores sua preocupação será com temas mais abstratos da teologia tais como: Planos de Deus para a salvação (II Trimestre de 1974); Personagens da Igreja Primitiva (II Trimestre de 1975); A Doutrina da Santíssima Trindade (II Trimestre de 1976); Peregrinação de Israel no Deserto (I Trimestre de 1977) etc., temas esses pouco ligados a vida cotidiana e com quase nenhuma opinião do autor sobre como deve ser a vida diária do cristão.

¹¹⁹ “**Geziel Nunes Gomes** nasceu em 1940, no Maranhão. Iniciou sua carreira de jornalista e escritor da CPAD em 1958. Foi ordenado ao ministério pastoral em 1960 e tornou-se destacado pregador de cruzadas evangelísticas, missionário e professor de Teologia. Além de pastorear várias igrejas, ele ocupou cargos na Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB).” (Coleção *Lições Bíblicas*, Volume 08, p. XI).

¹²⁰ É próprio desse autor escrever de modo a valorizar os tópicos e sub tópicos, sistematizando o pensamento e dando bastante referências bíblicas para pesquisa.

1975, o mundo pentecostal contava com 96 milhões de pessoas que se declaravam pertencentes ao movimento. Somente dez anos após a divulgação desses dados a quantidade já era de 247 milhões. (PICOLOTTO, 2016, p. 72).

No Brasil, Gedeon Alencar fala de mais de 12 milhões de assembleianos no final dos anos 2000 (ALENCAR, 2013, p. 234). Isso mostra o sucesso das decisões tomadas por essas lideranças, embora o objetivo de 50 milhões da “Década da Colheita” não tenha sido alcançado.

Finalizamos o capítulo anterior afirmando que a instauração do Regime Militar alocou os comentaristas à temas mais abstratos e que tinham pouca ingerência na vida cotidiana, mas que foram fundamentais para promover a esperança dos crentes ao norteá-los em seus comportamentos na igreja e sociedade. Os temas que mais se destacam são santidade, missões e o estudo das últimas coisas.

Os eixos temáticos estudados nessa revista continuam aparecendo, mas subsumidos sempre a questões que são consideradas de maior urgência. Essa característica é a que prevalece no período mais intenso da ditadura militar, que começa no final dos anos de 1960 e terá seu fim em 1980, quando esse regime político começa a dar mostras de enfraquecimento.

As críticas que a sociedade direciona para os militares ganham eco nas lições através da suspeita da capacidade dos políticos e militares em conter o avanço da imoralidade sexual e na condescendência aos avanços das religiões de matriz africana no Brasil, cabendo à igreja a função de “tapar-lhes a boca”¹²¹. Também tem a questão do anticomunismo, onde as Assembleias de Deus ligavam diretamente a ação do anticristo ao comunismo soviético. (MARTELLI, 2010).

O final dos anos de 1980, é marcado pela retomada de temas outrora deixados de lado, tais como: a organização familiar, críticas à atuação dos governantes e ao comunismo etc. Na medida em que o leitor for desenvolvendo suas atividades, verá que essa fase é marcada por rupturas na escrita das lições, que deram um ar de maior profissionalização às revistas. Pode-se dizer que a CPAD já se classificava como editora profissional, capaz de concorrer com qualquer outra no âmbito secular.

¹²¹ “Temos o desafio das seitas falsas e também o dos frios “modernistas” que não crêem no poder de Deus. A única maneira de realmente **tapar-lhes a boca** é demonstrar o verdadeiro poder de Deus em nosso ministério.” (Grifo nosso) (OLSON, I Trimestre de 1978, p. 57).
 “A Bíblia diz que a luz não deve ser colocada debaixo da cama ou do alqueire, mas no velador (castiçal), Mt 5.15. **Quem pensa de modo diferente sobre este assunto não tem nenhum apoio da Bíblia.**” (Grifo nosso) (OLIVEIRA, II Trimestre de 1979, p. 5-6).

Tendo compreendido alguns pontos a serem abordado nesse capítulo, vamos aos modelos ideais presentes nas *Lições Bíblicas* sobre os temas abordados nessa pesquisa:

4.1. Família: a questão da santidade nos lares cristãos

Conforme salientei na introdução desse capítulo, parece que os pastores ganham um reforço com os objetivos de moralização da sociedade brasileira. O Estado, sob o domínio dos militares, tem projetos claros de defesa do que imaginavam ser a “família tradicional brasileira”. Sendo assim, os pastores pentecostais continuam em seu projeto de conservação de um modelo ideal de organização do lar, mas se sentem mais livres para falar de outros temas, tais como santidade, missões e a segunda vinda de Jesus.

O tema de santidade está presente nas *Lições Bíblicas*. Torna-se uma obsessão a busca de tal pureza. Mas o que isso significa na prática? De acordo com Maxwell Fajardo (2017), sempre houve a necessidade dos assembleianos se diferenciarem dos outros grupos religiosos. Se na fase sueca a glossolalia era um desses diferenciais, a partir dos anos de 1950, a santidade nos usos e costumes (para as mulheres) era o que diferenciava as Assembleias de Deus dos outros pentecostalismos concorrentes.

Nesse contexto, a nova pergunta identificadora passa a ser: “o que as Assembleias de Deus têm de diferente em relação às demais igrejas pentecostais?” Eis a resposta: temos uma tradição regrada na ideia de santidade com usos e costumes estabelecidos. Neste período tais usos e costumes se transformam em códigos culturais que se consolidam como marcas de formação da identidade assembleiana.” (FAJARDO, 2017, p. 86).

De acordo com o autor, essa ideia permanece até os anos de 1980, quando há nova fase de reestruturação das ADs. Fajardo (2017) considera então que ocorre uma espécie de “esgarçamento da instituição”, e a noção de santidade é ressignificada de acordo com cada ministério. As orientações ainda são dadas, principalmente no combate ao movimento feminista:

Atualmente existe um movimento feminista que insiste junto aos poderes públicos, a favor da mulher libertar-se de sua posição tradicional, reivindicando para ela atribuições comumente exercidas pelo homem. Billy Graham aconselhou recentemente a essas feministas que se dediquem à **posição que Deus lhes deu, de esposas, mães e donas de casa**. Ele considerou a esse movimento feminista uma parcela filosófica e nefasta do permissismo tão evidente em nossos dias. “A Bíblia ensina que a mulher tem uma incumbência muito nobre, dada por Deus, ela encontrará mais felicidade e mais

criatividade quando desempenhando a sua posição original. A incumbência biológica de Eva foi a de gerar filhos, sua posição romântica foi a de se dedicar com amor ao seu esposo, e **sua posição vocacional foi a de ocupar o segundo lugar**”, afirmou Billy Graham, após entrevistar a centenas de mulheres sobre a questão, chegando a conclusão de que **a maioria esmagadora das mulheres cristãs preferem permanecer na posição para que foram criadas por Deus: de ser esposa, mãe e dona de casa.** (Grifo nosso) (OLSON, I Trimestre de 1973, p. 4).

Interessante como os líderes religiosos compreendiam a questão da mulher. Apresentavam que Deus havia as criado para ser mães, esposas e donas de casa, além de que elas seriam mais felizes se aceitassem a posição de “segundo lugar”, sem reclamar¹²². Por esses termos pode-se entender que a reação dos pentecostais ao movimento feminista era feroz. Também é possível ver que colocavam suas opiniões como sendo a vontade suprema de Deus, a ponto de que, quem ao menos questionasse tais ideias era classificados como herege e passível de disciplina dentro da denominação. A noção de liberdade existente no início, onde o Espírito guiava cada um, a seu modo, praticamente se perde. Nesse caso, os valores da hierarquia institucional falam mais alto.

Lawrence Olson utiliza-se aqui do prestígio e referência do evangelista norte-americano Billy Graham, para mostrar o modelo ideal que as mulheres cristãs deveriam seguir. Cita até uma pesquisa que Graham fez a “centenas de mulheres” religiosas. A pergunta era sobre o desejo delas em permanecer ou não como mães e donas de casa. A resposta foi esmagadoramente conservadora, conforme o comentarista: se tivessem a opção de escolher ainda prefeririam ser “mães, donas de casa e esposas” ao invés de outras opções.

Seria o caso de questionar os critérios dessa pesquisa? Pois, sendo Graham um dos pastores conservadores mais populares da época é bem provável que essas mulheres se sentissem constrangidas a responderem aquilo que o inquiridor desejava ouvir. Mesmo que fossem sinceras suas respostas, é conhecido a tese de Paulo Freire (2013), de que os oprimidos assumem como sendo suas à organização social colocadas pelos opressores. Nesse caso, tomam como naturais o modo de vida vigente, sem a possibilidade de imaginarem outra realidade.

No entanto, o movimento feminista e as causas das minorias cresciam de tal forma que não dava mais para ignorar a existência de uma tensão social. As orientações para que as

¹²² “A mulher ideal, é a mãe cumpridora dos deveres domésticos. Tt 2:4,5. “Ensinar às mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a Palavra de Deus não seja blasfemada”. (OLSON, I Trimestre de 1973).

mulheres aceitassem a “santidade” como referência aos usos e costumes significava também a reafirmação de sua própria identidade pessoal. Enquanto muitas dicas, conselhos e exortações eram dados as elas, pouco se falava sobre os comportamentos e atitudes dos homens, poucas restrições foram dadas a eles.

Quando se metiam a falar dos “deveres e responsabilidades” dos homens, os autores não economizavam elogios. No excerto a seguir, o autor considera que o homem fará a mulher mais feliz se compartilhar com ela a sua inteligência:

DEVERES E RESPONSABILIDADES. Não só devem os maridos assumir a liderança dos negócios, mas também o lado espiritual. (...) **O marido poderá fazer a sua esposa ainda mais feliz por compartilhar com ela os resultados do seu labor e inteligência**, reconhecendo também sua valiosa contribuição. Certo professor escreveu às esposas: “Você deve amar a seu marido e viver de tal modo que ele possa confiar inteiramente em você, que tem responsabilidade de tornar a sua casa no lar ao qual volte o seu amado com prazer. **É seu dever fazer mais que as saborosas refeições, também manter a casa em ordem e ser a mãe carinhosa de seus filhos.** (Grifo nosso) (OLSON, I Trimestre de 1973, p. 15).

O prazer do marido ao desejar voltar para casa é porque imaginava haver uma “saborosa refeição” lhe esperando. Além de outros atributos que consideravam ser responsabilidade somente da mulher. Essas ideias não são muito diferentes do que já foi apresentado ao longo de toda essa tese. Como vimos, a imagem do homem pentecostal sobre a organização do lar tem poucas alterações com o passar dos anos. Em contrapartida, outros temas, tais como a questão financeira são relativizados, conforme veremos adiante.

Os comentaristas viam tanto a obrigação de orientar os crentes em seus lares que, ainda na lição do I trimestre de 1973, Lawrence Olson sentiu a necessidade de dizer como deveria ser a decoração ideal de um lar cristão:

DECORAÇÃO DO LAR. O ambiente do lar é de suma importância para demonstrar aquilo que são aqueles que constituem. Então, é bom colocar textos bíblicos colados nas paredes, uma Bíblia aberta sobre a mesa falam eloquentemente da fé que desposam os integrantes do lar e fala de Cristo aos visitantes. Certo filho de pastor, após mobiliar a própria casa, levou o seu velho pai a vê-la, e orgulhosamente mostrou-lhe todos os móveis acordes com o último gosto. A seguir perguntou: “Que tal papai?” Respondeu-lhe o pastor: “tudo muito bom e muito bonito, podes orgulhar-te; mas senti falta duma coisa: não vi nenhum objeto que dissesse ao visitante que este lar é cristão!” (OLSON, I Trimestre de 1973, p. 20-21).

O lar é um dos espaços mais particulares que o ser humano tem, onde cada um organiza-o a partir das suas subjetividades, gostos pessoais e condições financeiras. Se o pastor for capaz de ditar as regras de como deve ser esse ambiente, significa que o mesmo já é capaz de orientar outros elementos da vida cotidiana dos fiéis. Significa também que o mesmo representa a instituição que tem maior valor de sentido para a vida desses indivíduos.

Apesar das cruzadas dos pentecostais contra o movimento feminista no Brasil, as conquistas das mulheres foram significativas, o que fez as lideranças pentecostais elegerem um novo inimigo a quem poderiam destilar a sua aversão¹²³. Nesse caso, os contemplados foram os homossexuais. Pouca importância se dava a esse grupo até os anos de 1980, mas logo foram eleitos os inimigos número um da família, quais deviam ser combatidos.

4.1.1. Homossexuais são os outros

Embora a visão dos autores sobre o modelo de homem e mulher fossem os mesmos, os tempos já eram outros e havia a necessidade de os obreiros orientarem as pessoas sobre novas possibilidades de vida que surgiam nessa época. Temas que causavam incômodos simplesmente pela sua abordagem, tiveram que ser mencionados, dados o espírito do momento. Pelas construções das narrativas dar-se a entender que falavam das homossexualidades, mas ficavam receosos em tomar posição sobre o assunto.

O padrão de macho e fêmea construído ao longo dos anos era desafiado por pessoas, principalmente artistas, que não se encaixavam dentro dos modelos preestabelecidos. O que fazer? Uma saída era proibir veementemente qualquer tipo de mídia social que poderia mostrar a representação desses grupos. Também era vedado aos crentes o consumo de toda arte produzida por eles.

¹²³ Apenas para atualizar a discussão, as recentes revistas das *Lições Bíblicas* não apresentam nenhuma mudança significativa na imagem que construíram sobre as mulheres. Elas ainda são consideradas de segunda categoria e o poder do Espírito Santo sobre suas vidas parece não ser suficiente para legitimar sua atuação na igreja e sociedade. No lar ainda são apresentadas como submissas ao marido, devendo continuar em seu papel de “donas de casa”. Segue citações recentes sobre esses assuntos: “**Administradora do lar.** As pressões e demandas sociais e econômicas dos últimos tempos têm levado multidões de mulheres a buscar o incremento dos recursos financeiros da família, o que não fere os princípios bíblicos. Porém, isso não isenta da responsabilidade de cumprir as orientações do seu marido no lar, principalmente na educação dos filhos, além da própria manutenção e bem-estar da família (Pv 31). Por mais que esta mulher disponha de pessoas para executar as tarefas rotineiras do lar, sobre ela recai a responsabilidade final das atribuições de uma mãe de família e dona de casa. (...). Muitas famílias estão arruinadas por causa da má administração, desleixo ou preguiça das mulheres. É papel da mulher ser prudente e diligente nas questões do lar. (...) A prioridade da mulher casada é cuidar dos seus encargos familiares e agradar a seu marido (I Co 7.34).” (LIRA, II Tri 2004, p. 29-30).

Ao dizer que havia certa “perversão”, que estaria tomando conta da juventude, os comentaristas ligam essa ideia diretamente ao “modernismo” e ao “materialismo”¹²⁴. Era, portanto, necessário que a igreja estivesse constantemente alerta, pois esse pecado estaria às portas e seria oferecido através dos meios de comunicação e de entretenimento. Isso justifica o motivo pelo qual a CPAD investiu pesado para produzir materiais de passatempo para a família cristã, como as revistas descritas acima.

Já em 1979, os comentaristas davam ares de que os homossexuais eram os novos eleitos das cruzadas assembleianas, antes disso essa palavra era pouco mencionada. Até mesmo em textos bíblicos que atualmente são referências para tratar desse tema, tais como a destruição de Sodoma e Gomorra (Gênesis 19), não traziam a identificação de tal suposto pecado. No máximo diziam que “havia pecados ali até difíceis de mencionar”.

É interessante ver como essa temática vai ganhando espaço nas *Lições Bíblicas*. E, de um tema quase que inexistente torna-se central, a ponto de ser identificado como um dos principais pecados praticados pelo ser humano.

O homossexualismo foi tratado como pecado, “em sintoma da degradação moral que infecciona cada vez mais a sociedade.” A AIDS foi representada como “doença mortal recentemente identificada e predominante entre os homossexuais. Assim, as lideranças das Assembleias de Deus contribuíram para disseminar o preconceito de gêneros entre os fiéis da igreja, além de alimentar o discurso homofóbico no país. (ALMEIDA, 2016, p. 149).

Cumprindo a profecia bíblica de que nos últimos dias o amor de muitos esfriaria, no meio religioso esse esfriamento vem pela falta de zelo com a palavra de Deus. Protestantes e ecumênicos¹²⁵ são identificados como participantes da modernidade e, portanto, passíveis de aceitar as homossexualidades em seu meio:

¹²⁴ “O povo vivia em pecado sem limites. A) O materialismo dominava a sua vida dissoluta, II Pe 2.7 (...) Uma verdadeira depravação moral segue sempre ao materialismo (...)

O materialismo tem para muitos se tornado uma questão de “moda”. As conseqüências do materialismo em nosso tempo são semelhantes aos dias de Ló. O povo vive para a matéria. A baixa moral tem em vários países tomado proporções que até faz vergonha só mencionar. Enquanto em alguns procuram substituir o matrimônio por um amor livre, em outros países têm sido legalizado um casamento entre pessoas do mesmo sexo e isto até com “bênção em nome de Deus”... O único comentário que podemos dar a este extremo de miséria é que o mundo de hoje está maduro para a perdição! O tempo da grande aflição está para vir. Jesus vem breve!” (BERGSTÉN, III Trimestre de 1975, p. 38-39).

¹²⁵ Destaco a visão que os pastores assembleianos tinham do movimento ecumênico no Brasil, que tem pouca interferência dentro das Assembleias de Deus (ALENCAR, 2018). A questão a ser levantada é: havia alguma coisa ou alguém que dava margem para o comentarista referir-se dessa forma aos protestantes e ao movimento

O esfriamento do amor seria outro sinal, hoje em dia muito em evidência. O movimento ecumênico nas igrejas protestantes não é outra coisa. Conseqüentemente, nessas organizações religiosas há um relaxamento moral. Os pastores de tais rebanhos fazem “vista grossa” ao pecado e tudo passa. Até perversões sexuais, inclusive pastores homossexuais, são, muitas vezes, acobertados! Imagine o que o apóstolo Paulo diria a uma congregação dessas! (Rm 1.18-32). (OLSON, I Trimestre de 1979, p. 6).

A acusação não é feita primeiramente à permissão dessa prática entre os membros, mas sim que existiam homossexuais entre os pastores dessas igrejas. Denúncia forte de se fazer dado que os maiores pecados para esses religiosos estavam ligados à questão da sexualidade. Pode-se perceber que essa não foi uma citação isolada dado que o autor repete tal consideração: “Hoje, como nos dias antideluvianos, o materialismo prevalece e o homossexualismo está dominando uma boa parte da raça humana. Até certas igrejas chamadas protestantes estão incluídas.” (OLSON, I Trimestre de 1979, p. 17).

O tom ameaçador sobe para referir-se a esse grupo, a ponto de na década de 1990, o pastor responsável pela revista fazer um convite contundente para que as igrejas evangélicas se unam em uma cruzada contra os homossexuais.

...o ajuntamento de um homem com outro (o amaldiçoado homossexualismo), é imoral, é diabólico, está fora do plano de Deus, é anticristão, é anomalia, é inversão de valores. Só é aceito em sociedade sem Deus e sem raciocínio, pior do que os animais irracionais que rejeitam um companheiro do mesmo sexo para a cópula. De igual modo, o ajuntamento de uma mulher com outra (lesbianismo), é diabólico, é contra a natureza e o plano de Deus. É fruto de uma sociedade sem Deus e de uma religião sem Cristo.” (...).

Vivemos em uma sociedade depravada e corrompida, em que o sexo é deturpado, e perde o seu valor. “Os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade... vão com varão (homossexualismo)” (Rm 1.27). **É necessário que as igrejas evangélicas se unam, numa cruzada de fé, para combater esta ação diabólica.** (Grifo nosso) (APOLÔNIO, IV Trimestre de 1993, p. 4-5).

Dos supostos pecados existentes esse é um dos poucos que não atribuem total responsabilidade ao diabo, mas o encargo é compartilhado com os pais. Passa-se a ideia de que eles não foram suficientemente enérgicos na criação dos filhos. Em conjunto com essa ideia

ecumênico? Ou seria apenas uma tomada de posição conservadora dentro da instituição para diferenciar dos outros grupos religiosos?

está a ausência da figura masculina que não deixou um modelo de orientação ao filho¹²⁶. Essa imagem vai sendo construída ao longo dos anos de 1980 e permanece até os dias de hoje.

O pai/marido: modelo masculino para os filhos. Hoje, verifica-se um elevado e crescente percentual de crianças e adolescentes do sexo masculino com atitudes e gesticulações femininas. Isso não é apenas influência furtiva e pestilenta do Príncipe das Trevas, mas também a condenável ausência do modelo masculino no lar, isto é, falta lhes o referencial masculino do pai, do marido e do chefe de família. (LIRA, II Tri 2004, p. 28).

A questão apresentada acima reforça que tal comportamento pode ser corrigido com surras e castigos e nem tanto com orações. Orar é importante, mas em determinados momentos é necessário agir. E é nessa ação que a homofobia ganha um importante aliado no Brasil. Não é difícil encontrar nos jornais, pais que tendo tal atitude ocasionaram a morte de crianças e jovens, por não seguirem o modelo de homem ideal estabelecido pela sociedade¹²⁷.

Enquanto os comentaristas identificam um novo mal a ser combatido, a denominação passa por rachaduras e fragmentações. Os conflitos internos entre os muitos ministérios culminarão, em 1988, na primeira grande cisão que ocorreu nas ADs, com a criação das Assembleias de Deus ministério de Madureira (CONAMAD) (CORREA, 2013).

Conforme já nos referimos sobre as considerações de Fajardo (2017), os anos de 1980 trazem “esgarçamentos” na instituição que colocam aos ministérios assembleianos a necessidade de se diferenciarem dos outros grupos religiosos e também entre si. Sendo assim, identificar a existência de práticas homossexuais no outro é forma de demarcar a pureza e santidade existente internamente, pureza essa mais no campo dos modelos ideais imaginários do que na comprovação empírica.

4.1.2. Educar para ser um cidadão ou um missionário?: as *Brigadas-Mirins* pentecostais aos moldes dos escoteiros americanos

Quando os pastores falam em usar todas as forças para o evangelismo, eles não estão para brincadeira. Todos na igreja deveriam contribuir nesse sentido. Essa entrega deveria ser

¹²⁶ “Muitos maridos e pais acham que basta gerarem filhos e tão somente marcarem sua presença em casa. Entretanto, se ele não cumpre seu papel como referencial para os filhos do sexo masculino, bem como na liderança em geral da família, é como se estivessem ausente, de maneira a não imprimir nos filhos um padrão de formação e comportamentos sociais e ideais.” (LIRA, II Tri 2004, p. 29).

¹²⁷ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/mae-que-matou-filho-por-ele-ser-gay-e-condenada-a-25-anos-de-prisao-em-sp/>> Acesso em: 23 jan. 2020.

feita tanto através de ofertas missionárias, quanto dar ouvido à chamada divina em se colocar como “oferta viva ao ministério”.

Havia a noção clara de que os exemplos falavam mais alto do que qualquer teoria. Sempre que os pastores arrazoavam sobre a importância de se dizimar para a igreja, também ressaltavam que o dinheiro oferecido era apenas uma parte. Mas, era importante dar também aquilo que era imaterial. Ou seja, os serviços de evangelismo pessoal e a entrega ao campo missionário.

Dentre as muitas preocupações, havia o desejo de conscientizar os crentes da importância de tal atividade. No que diz respeito aos pais essa responsabilidade aumentava. Havia orientações claras nesse sentido. A ideia era para que ensinassem seus filhos a não apenas serem bons cidadãos, mas principalmente, bons missionários na casa do Senhor, com isso a obra de Deus estaria sendo feita com excelência.

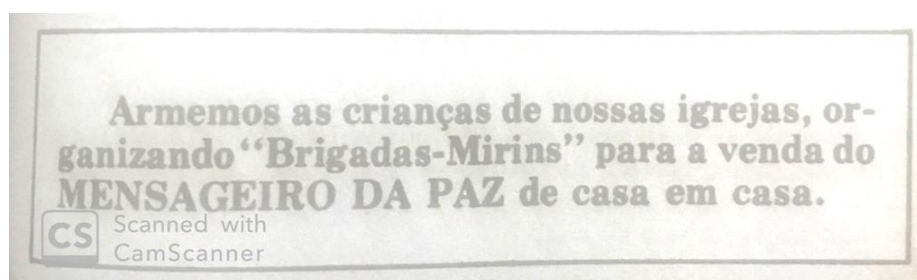
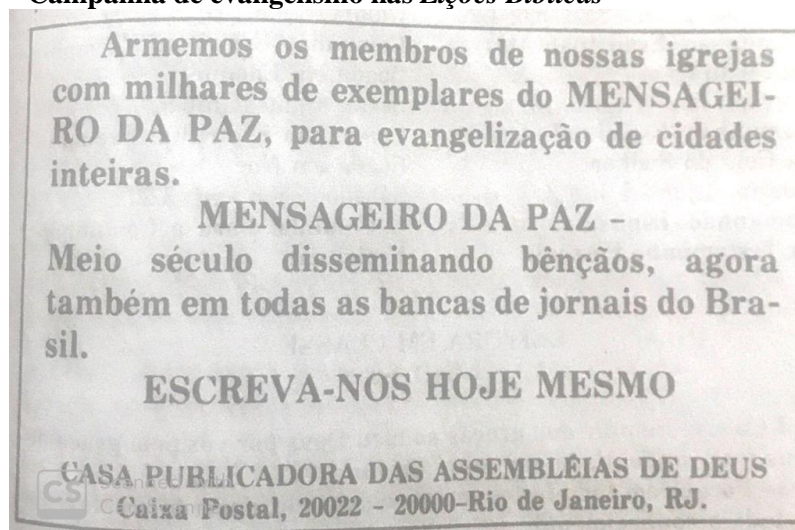
Para estimular os pais nesse sentido, muitos exemplos eram citados nas *Lições Bíblicas*. Falavam de pais e mães que, não tendo nada para ofertar, oferecem a Deus os seus filhos em oração. Também fazem referência a crianças que durante o ofertório se entregam em lágrimas para a obra missionária. Passando os anos se tornam reconhecidos missionários e missionárias, que atuaram na África, Ásia ou em algum país comunista do Leste Europeu, desbravando os caminhos para o evangelismo. A citação a seguir é exemplar de como essas narrativas eram construídas:

Ouvi falar certa vez de uma oferta que foi em favor da obra missionária. Depois da oferta recolhida uma menina veio à frente e pediu a um dos diáconos que abaixasse a salva e, este obedeceu. Ela pediu ainda que abaixasse mais até o solo. E, a menina em pranto, procurou colocar-se dentro da salva, dando-se como oferta para o serviço de Deus. Era assim uma oferta viva. Houve muita emoção e o povo resolveu dar ainda mais em favor da obra missionária. Mais tarde aquela mocinha foi servir ao Senhor na África. Será que estamos realmente dando tudo para a obra de Deus? Corpo, alma e espírito para o serviço do Senhor e, além de tudo, o dinheiro também? (OLIVEIRA, II Trimestre de 1979, p. 117).

O desejo de fazer as crianças tomarem gosto pela obra missionária não aparecia somente no corpo do texto. Os pastores também lançavam campanhas para orientar os pais nessa atividade, como, por exemplo, a criação das “brigadas-mirins”, onde os pequenos seriam colocados para vender a literatura da CPAD como forma de evangelismo. Esse trabalho deveria

ser feito aos moldes dos escoteiros norte-americanos que alocavam as crianças para vender chocolate de casa em casa com a finalidade de levantar fundos para alguma causa nobre.

Figura 10 – Campanha de evangelismo nas *Lições Bíblicas*



Fonte: *Lições Bíblicas*, II Trimestre de 1980, p, 41,49

Atentem para a construção das frases: “Armemos os membros de nossas igrejas...” e “armemos nossas crianças...”. Isso indica o tom belicoso com que tratavam o evangelismo. Dava-se a clara impressão de que estavam em guerra. Minha questão é: contra quem essas armas eram direcionadas? Desenvolverei melhor essa ideia no tópico que fala sobre seitas e heresias.

Uma das características dessa fase é o reconhecimento de que se precisa de dinheiro e investimentos para que a obra de Deus seja feita. A questão financeira que outrora abordada com muito cuidado e sempre identificada à idolatria, ganham novos contornos a partir dos anos de 1970. A partir daí há o reconhecimento de que o trabalho missionário não pode ser feito sem a arrecadação de fundos. (GOMES, IV Trimestre de 1983, p. 21).

Ser um bom cidadão, não cometer crimes, obedecer às leis, pagar os impostos corretamente não eram as únicas maneiras de contribuir positivamente para o bem da pátria. Havia um elemento aí que não deveria ser ignorado. Os autores estavam convencidos de que

todos os problemas sociais seriam resolvidos com a prática do evangelismo. Mostrei no capítulo anterior que essa visão já estava prevista nos anos anteriores, mas intensifica-se grandemente na medida em que os anos vão passando.

Na medida em que as pessoas fossem aderindo ao pentecostalismo estariam livres da contaminação do pecado, que para eles era o causador de todos os males sociais. Por isso, se o crente quisesse contribuir positivamente para a sociedade o mesmo deveria ser um ativo missionário. E porque não, sacrificar o filho ou filha para Deus, para que ao invés do mesmo ter uma boa carreira profissional, tivesse sua vida entregue para a igreja? Afinal, “quem perder a sua vida por a mor do Seu nome, achá-la-á” (Mateus 16:25, Almeida Revista e Atualizada).

Cresce a ideia de que os países ricos apenas conquistaram essa posição porque deram lugar à palavra de Deus. Estados Unidos e Inglaterra eram usados como exemplos de sucesso para legitimar tal argumentação.

Uma nação é a soma de seu próprio povo. Se os valores morais esposados por cada família de uma nação se fundamentarem na Palavra de Deus, sem dúvida que será uma nação forte moral e espiritualmente. É com a bênção de Deus está toda sorte de prosperidade para qualquer povo ou nação deste mundo. (GOMES, IV Trimestre de 1981, p. 14).

Quem não está acostumado com as narrativas teológicas do pentecostalismo pode estranhar o valor que atualmente dão para a nação de Israel e aos Estados Unidos. Mas, essa valorização é uma continuidade do imaginário que desenvolveram com a teologia dispensacionalista, originária das fases anteriores.

Ou seja, entende-se que as bênçãos materiais de Deus foram dadas não somente aos países majoritariamente cristãos, mas também àqueles que são benevolentes para com a nação de Israel. Acredita-se que a promessa no antigo testamento, feita para Abraão, é o diferencial de um país próspero para um país fracassado (Gênesis 12:1-3). Para ficar mais clara essa questão, segue a continuação do comentário apresentado pelo pastor Geziel Gomes anteriormente citado:

A história moderna nos aponta algumas nações que passaram rapidamente do fausto e do esplendor para o caos e o esquecimento. **Por quê? Por causa de sua oposição a Israel.** Peçamos a Deus no sentido de que o Brasil continue através de seus governantes, a defender a causa de Israel, para que a bênção de

Abraão não se aparte de nossas tendas. Assim seja. (Grifo nosso) (GOMES, IV Trimestre de 1981, p. 14).

O autor dilui a confusão do que foram as mudanças geopolíticas no século XX ao simples apoio que os países deram às causas dos Judeus. Veja que, a complexidade do que foi a segunda guerra mundial, o mundo bipolar que adveio daí, os conflitos bélicos impetrados pelas principais nações do mundo, a crise econômica do *Welfare State*, podem ser resumidos ao apoio incondicional, ou não, para com as causas sionistas. Isso facilita a compreensão de assuntos complexos para as pessoas que tiveram baixa escolaridade e não foram acostumados à construção de narrativas mais complexas.

Não digo com isso que a baixa escolaridade é o que legitima a proliferação da mensagem pentecostal na sociedade brasileira. Mas sim, que as pessoas conseguem construir narrativas uni causais para elementos complexos que vem ocorrendo na sociedade. Explicações essas que não estão desassociadas de ideologias e, portanto, podem ser acatados também por pessoas com alta escolaridade.

Perceba que os assuntos nas *Lições Bíblicas* não são desassociados uns dos outros. São construídos como em uma colcha de retalhos estranhamente cheias de sentido. Sendo assim, pode-se dizer que o evangelismo pessoal, criação dos filhos, a prosperidade de uma nação e tantos outros temas são assuntos que têm ligações diretas um com os outros e estão interligados de tal forma que é impossível falar de um tema e não abordar seguidamente o outro.

Desejar, portanto, o bem de uma nação é promover na educação dos filhos o desejo para ser um bom missionário. Isso legitima não somente o trabalho infantil para as causas da instituição, como também abre margem para que os pastores possam falar da participação do crente na política, economia e no espaço público como meio de moralizar a sociedade.

A geração que advém daí migrará sem muitos problemas para a atuação na vida pública, entendendo que construir um mundo melhor é impor a prática pentecostal para toda a sociedade, mesmo que seja pela força da lei, ou à margem dela. Por isso, os comentaristas, pós anos 2000, podem falar claramente da participação do crente no espaço público sem ver nisso contradições com a própria história da teologia pentecostal presente nas *Lições Bíblicas*.

No afã de construir uma geração que deseja fazer o bem através do evangelismo pessoal, as lideranças pentecostais acabaram legitimando a participação dos crentes na vida pública de modo prioritário para o evangelho. Com isso, os valores de justiça social, defendido pelos

comentaristas nos primeiros anos das Assembleias de Deus, se perdem nessa estranha colcha de retalhos.

4.1.3. A mulher não é escrava do homem, desde que fique no seu lugar

Um dos objetivos dessa época era diferenciar usos e costumes de doutrinas. Afirmavam que a primeira poderia estar sujeita a pequenas alterações a depender do contexto e da localidade, mas asseguravam a imutabilidade da doutrina, como um saber universal dado por Deus para a Igreja.

A normatização e os valores estavam expressos no conjunto dos costumes e doutrinas assembleianos. Os costumes eram uma interpretação da leitura bíblica, ou seja, das doutrinas. Racionalmente os costumes deveriam estar submissos à doutrina, mas na prática não aconteceu. Apesar da AD tratar os costumes como doutrina, ou muitas vezes dar mais atenção aos usos e costumes, estes não podiam ser confundidos. (...) Ou seja, a doutrina refere-se ao ensino bíblico normativo, derivado das Sagradas Escrituras, como regra de fé e prática de vida enquanto que o costume aplica-se a uma forma de expressão do porte, postura e comportamento social da pessoa ou congregação, confirmando ou comprometendo a doutrina bíblica, a moral e a ética. (TRABUCO DA SILVA, 2015, p. 2).

Em termos práticos, pode-se dizer que essa diferenciação ajudava os crentes a defender sua identidade, ao mesmo tempo em que viviam em fraternidade nas múltiplas Assembleias de Deus. As diferenças entre elas foram apontadas por Marina Correa (2016), onde, haveria disputas, não apenas entre lideranças assembleianas e ministérios, mas nos diversos modos de ser pentecostal. O tipo de argumentação elaborada acima contribuí no objetivo de preencher as lacunas deixadas pela falta de unidade experimentada empiricamente.

Os pastores locais tornaram-se responsáveis por orientar os crentes (mulheres) nos usos e costumes. Isso aumenta seu poder na organização da comunidade de fé. Os irmãos que não se sentiam bem com o tipo de costumes impostos pela igreja local poderiam encontrar outra AD que satisfizesse seus interesses. Embora essa mudança seja teoricamente possível, na prática não é tão fácil assim, dado que o crente poderia estar incorrendo em desobediência direta ao pastor, o que por si só já lhe traria maldições, de acordo com as afirmações nas LBs.

O pecado não estava mais, como no passado, atrelado aos usos de adereços e ornamentos, mas sim na desobediência para com o líder. Ou seja, a mulher não iria para o inferno porque usou uma calça, passou um batom ou cortou o cabelo, mas sim porque

desobedeceu ao “anjo da igreja” que mandou não usar, não passar, não cortar. Ou, lhe permitiu, de acordo com a demanda.

O exemplo acima é uma indicação dos impactos que a teologia pentecostal tem na vida cotidiana. Em muitas lições os autores fazem questão de ressaltar que a mulher não é escrava do homem. Mas sim, que estão em igualdade a eles. Essas expressões vêm sempre depois de ressaltar textos semelhantes ao de Efésios 5, que ressalta a submissão das mulheres aos seus maridos.

A tentativa de atualizar o discurso parece ser mais uma resposta aos grupos feministas que os acusavam de serem promotores do machismo estrutural. Eram acusados também de serem condescendentes com abusos, inclusive sexuais, dentro do próprio lar pentecostal.

...a violência contra as mulheres está relacionada com o discurso da religião cristã já que tem apoiado a subordinação da mulher até às últimas instâncias. Esta é uma interface das ciências sociais, que traz à tona o cotidiano dos sujeitos sociais, desvelando papéis sócio-construídos, parâmetros universalizantes, dominantes e excludentes nas relações de gênero através da religião. Gebara (2000:125) afirma: “A violência contra a mulher está relacionada com o discurso da religião cristã, visto que esta expressão religiosa tem apoiado a subordinação da mulher a partir das doutrinas que legitimam e sacralizam o sacrifício e o sofrimento”. (VILHENA, 2010, p. 7).

Sendo assim, quando ressaltam que as mulheres não são escravas dos seus maridos, estão buscando tirar de si o estigma de promotores do machismo. Há uma orientação clara para que os homens da igreja respeitassem a subjetividade das mulheres, principalmente na questão sexual. Orienta-se que, as esposas não eram apenas objetos de desejo para satisfazer os apetites sexuais dos maridos. Afinal, o sexo é bênção de Deus que serve à reprodução da espécie humana e não poderia estar maculado com nenhum tipo de perversão.

Apesar dessa tentativa de atualizar seus discursos de abrandamento para as causas das mulheres, os comentaristas insistem em apontar diferenças entre eles e elas para o exercício do ministério sacerdotal:

Com todo o respeito devido às irmãs, às quais deus tem dado uma missão muito elevada e, também, usado de modo extraordinário, observamos que Deus não lhes deu a posição de líderes na igreja, coisa que ele reservou aos homens, 1 Co 14.34; 1 Tm 2.12. (OLIVEIRA, II Trimestre de 1979, p. 36).

A discussão sobre o lugar das mulheres na instituição é um tema que parece não ter fim. Por ora é necessário ressaltar que as considerações sobre elas são, de certo modo, abrandadas, desde que permaneçam no seu devido lugar e não tentem pretensões além do estabelecido nos textos bíblicos.

4.2. Fazendo missões em quaisquer circunstâncias, ou quase isso

Aludimos na introdução desse capítulo a três temas que ganham espaço nas *Lições Bíblicas* e que serão eixos centrais para a vida cristã, são eles: santidade, evangelismo e a segunda vinda de Jesus. Por esses três pontos tudo deveria ser feito e tudo investido. No tópico anterior falamos da organização familiar na execução da obra missionária, onde os filhos deveriam ser entregues totalmente para esse fim. Agora adentraremos em um tema espinhoso para a instituição que se refere à arrecadação de fundos para tal finalidade.

A cúpula central da liderança das Assembleias de Deus já estava convencida da necessidade do dinheiro para execução da obra missionária, bastava apenas convencer os fiéis da urgência de tal atividade. Para isso, nada melhor do que uma boa jogada de *marketing*. A estratégia era mostrar as tarefas a serem realizadas e também os resultados positivos que advinham daí.

É a partir dessa lógica que têm início as campanhas para ampliação de sedes e igrejas na instituição. O crescimento do movimento pentecostal passa a ser associado ao aumento da quantidade de templos, como forma de demonstrar o tamanho e o poder da denominação.

Nos primeiros anos vimos que a questão do dinheiro sempre teve um ponto de crítica, até mesmo por importantes líderes da denominação. O simples acréscimo no preço das revistas era justificado pelos editores da CPAD a causas terceiras, como a inflação, aumento no preço da matéria prima e etc. Excluía qualquer suspeita de usar a literatura pentecostal para fins de enriquecimento pessoal ou visando lucros para a organização.

No segundo período, começa-se a fazer campanhas para algumas melhorias. No entanto, essas primeiras tentativas eram extremamente tímidas e amadoras perto do que se estabeleceu nesse período em análise. As justificativas para cada ação eram também apontadas nas LBs.

A partir dos anos de 1970, tais justificativas não parecem mais ser necessárias, em seu lugar estão atrativas propagandas e campanhas que tem a finalidade de arrecadar fundos. Claro, sempre para uma causa nobre. Os indícios de que a relação da liderança para com o dinheiro havia se transformado estão no comentário do pastor Geziel Gomes, no IV Trimestre de 1983,

onde o mesmo fala sobre a possibilidade de “pregar o evangelho de modo sábio, e ainda perceber um bom salário (sic)”:

A Igreja hodierna precisa, mais do que nunca, aperfeiçoar sua estratégia para poder cumprir a ordem de pregar a todo o mundo. É que em muitos países onde não é permitida a entrada de missionários, existe avidez para arregimentação de técnicos nas mais diversas áreas. Por que não estudar e se fazer técnico, depois ingressar nesses países, para pregar o evangelho de modo sábio, e ainda perceber um bom salário? (Grifo original do texto) (GOMES, IV Trimestre de 1983, p. 21).

Podemos ver acima, que não somente os estudos seculares não eram mais proibidos na instituição, como também poderiam usar esse saber para uma causa nobre. Ou seja, ganhar almas para o Reino de Deus. Nesse caso o homem, ou mulher, que sentisse a necessidade de tal chamado poderia entrar em contato com a instituição, que receberia auxílio para tal. Assim diz o referido comentarista:

Para se fazer missões dentro das fronteiras do Brasil é muito fácil, haja vista a liberdade existente. Mas, em se tratando de missões estrangeiras, existem implicações diversas, que dependem de um conhecimento profundo sobre as providências a tomar. (Os interessados deverão fazer contato com o secretário executivo da Secretaria Nacional de Missões da C.G.A.D.B., Pastor Kemuel Sotero Pinheiro, Estrada Vicente de Carvalho, 1083 - Caixa Postal 20.022 - CEP 21.022 - Rio de Janeiro-RJ - Tels. 391-4336 e 391-4535.) (...).

Para se fazer missão não era mais necessário passar pelas agruras dos primórdios, tampouco desenvolvê-la de modo autônomo. A instituição estava aí para auxiliar nesse sentido. Foi montado uma associação que capacitaria e enviaria aqueles que sentissem impelidos pelo Espírito Santo. As orientações sobre isso são apresentadas pelo pastor Geziel Gomes ainda no corpo da lição supracitada.

Um dos motivos pelo qual o referido autor deixou as atividades de direção na CPAD foi em razão do trabalho missionário que foi desenvolver. Afinal, um exemplo vale mais que mil palavras. Havemos de lembrar que no período em questão, Geziel Gomes já estava trabalhando como missionário nos Estados Unidos.

Interessante que depois de mostrar por tantas vezes a existência de países comunistas sem liberdade de culto, que careceriam de um engajamento missionário, o referido pastor foi

escolher justamente os Estados Unidos como campo de trabalho. Será que o mesmo via “perseguição comunista” nas regiões ricas de Massachusetts? Ou havia questões subjetivas por detrás de repentina mudança?

Pode ser que os reais motivos pelo qual tenha escolhido os Estados Unidos seja para tratamento de uma doença do seu filho, que na ocasião de sua morte disse que estava sofrendo já por quase meio século de tal doença, vindo a falecer em 1º de janeiro de 2016 de linfoma 4¹²⁸. Em uma de suas lições, falando sobre a importância da obra missionária, o autor descreve algo que ocorreu com Geziel Jr., conta com orgulho que ganhou uma premiação como melhor pregador da escola lá nos Estados Unidos.

Um dos dias mais felizes na vida de meu filho Gesiel Jr. Foi aquele em que ele participou de uma competição no colégio (Melodyland – Califórnia – EUA). Sete jovens foram chamados e compareceram diante de um júri. Ali pregaram por alguns minutos, e os jurados classificaram as suas mensagens. Ao final, Geziel Jr. sagrou-se vencedor, e recebeu um troféu que o qualificou como o melhor pregador da escola naquele ano. (Grifo no original do texto). (GOMES, IV Trimestre de 1983, p. 81).

É simbólica a atuação de Geziel Gomes e de sua família, pois expressa bem aquilo que ele transmitia constantemente nas *Lições Bíblicas*, que o crente deveria usar todas as chances e circunstâncias da vida para fazer a obra missionária. Sobre sua saída da coordenadoria das LBs há uma nota na revista feita pelo então editor, Antonio Gilberto:

O Pastor Geziel Gomes Deixa a Coordenadoria das Revistas da E/D (sic). Partiu recentemente para o campo missionário (Estados Unidos da América) o pastor Geziel Gomes, até então um dos coordenadores das revistas da Escola Dominical da CPAD. Todavia, para proveito da obra de Deus e nossa satisfação, o pastor Geziel continuará escrevendo o 4º trimestre da **Revista de Jovens e Adultos** e também o 4º trimestre da revista infantil **Amigos de Jesus**. O pastor Geziel tem dado o melhor de si para o progresso da Escola Dominical neste país. É também membro da equipe do CAPED. Foi marcante a sua atuação na CPAD, onde trabalhou por quase duas décadas. (II Trimestre de 1980, p. 58).

128 “*Partiste tão cedo e tão surpreendentemente, deixando para trás uma história de audácia, de fé, de coragem e destemor. Enquanto viveste nesta Terra encarnaste o otimismo e a alegria. Embora hajás sofrido bastante durante esse quase meio século de vida, serás lembrado pelo teu sorriso encantador, pela tua facilidade irresistível de fazer amigos. Teus últimos anos de vida foram marcados como épocas de um adorador apaixonado e sei que este status continuará por toda a eternidade*”. Pr. Gesiel Gomes” (Grifo nosso) Disponível em <<https://www.jmnoticia.com.br/2016/01/02/falece-filho-do-pastor-gesiel-gomes-partiu-para-as-mansoes/>> Pesquisado em 19 de out. de 2019.

A escolha de Geziel Gomes pela América do Norte como campo missionário reforça também a estima que o mesmo tinha por esse país, apressando esse que influenciava até na elaboração de suas argumentações teológicas:

...a nação feliz é a que reconhece que o Senhor é Deus. Tem sido feito um grande esforço ultimamente para se apagar das moedas americanas a inscrição EM DEUS CONFIAMOS (In God we trust). Não espanta a grandeza de uma nação que confessa até em sua moeda corrente que sua confiança está em Deus. (GOMES, IV Trimestre de 1981, p. 14).

Trabalhar no campo missionário deveria ser uma atividade incansável entre os crentes. Mas, um pouco de bom senso não faz mal a ninguém. É o que aconselha o pastor Eurico Bergstén no III Trimestre de 1984:

Certo irmão queixava-se de que não conseguia permanecer no emprego por muito tempo, porque Satanás se enfurecia contra ele, por estar pregando o evangelho aos seus colegas de trabalho.

Só que ele evangelizava durante o horário de expediente da empresa, e isso fazia com que seu patrão tivesse prejuízo em seus negócios. Por essa razão, que nada tinha a ver com o furor satânico contra o evangelho, nosso irmão não se demorava muito nos empregos.

Porém, a Bíblia diz que “há tempo para todo o propósito debaixo do céu (Ec 3.1), e certamente, tempo de trabalhar para o patrão não é tempo de pregar o evangelho aos colegas de trabalho. O crente que assim procede está sendo desonesto e comprometendo o bom nome dos crentes. Assim sendo, devemos aguardar o momento oportuno para realizarmos o trabalho do Senhor.

Deus sempre nos dará uma oportunidade para ganharmos as almas sem ser preciso parar de trabalhar durante o horário de trabalho. (sic) (Grifo original do texto). (BERGSTÉN, III Trimestre de 1984, p. 41).

Os conselhos acima, além de mostrar que havia tempo apropriado para a realização do evangelismo, revela também a preocupação do autor com os lucros do patrão. Dizia que o crente o roubava quando, ao invés de trabalhar resolvia falar de Jesus para seus colegas de trabalho, o que na sua concepção era uma desonestidade do crente que assim procedia.

E interessante que o autor não fala nada sobre o inverso, nada diz sobre os roubos do patrão para com a força de trabalho de seus funcionários. No entanto, o que vigora aqui é que

Cristo deve ser mostrado a todas as pessoas, “em tempo e fora de tempo” (2º Timóteo 4:2). Desde que não gere prejuízos financeiros a ninguém.

Nessa ideia de estabelecer que há tempo apropriado para falar de Jesus, o autor deixa transparecer como o mesmo enxergava a questão do dinheiro e da prosperidade dentro das igrejas. A questão econômica passa a receber mais valor do que tinha outrora.

Prosperidade, bênção de Deus e questões financeiras estão todas atreladas. A teologia dessa fase é reconhecidamente clara nesse sentido. Isso fez com que surgissem críticas internas sobre os rumos que estava tomando a denominação. Possivelmente essas críticas caminhavam no sentido de reclamar tantas campanhas existentes para construções de prédios, sendo que poderia haver maiores investimentos na ação social ou no atendimento aos pobres. Mas para isso os comentaristas tinham respostas:

A maior parte dos críticos que reclamam quando o dinheiro é gasto em construções de templos, em campanhas de reavivamento, e em muitas coisas justas, nada fazem em prol dos pobres. Às custas deles mesmos não fazem nada, e quando fazem alguma coisa, falam disso o tempo todo. (...).

Ninguém fala em desperdício quando se arriscam vidas e se gastam quantias fabulosas nas viagens à lua. Quando, porém, pessoas dedicam suas vidas pela causa de Cristo, há fortes clamores de indignação contra tal “desperdício”. Qualquer pessoa que já fez algo de especial para o Senhor, que lhe custou muito tempo, dinheiro ou esforço penoso, com certeza houve alguém que protestou contra isso. Não vamos seguir a religião de Judas. Se nossa ação tem a aprovação do Mestre, não nos importa o que o mundo disser.” (LEMOS & LEMOS, I Trimestre de 1982, p. 47,49).

A resposta elaborada acima veio do casal João Kolenda Lemos e Ruth Doris Lemos na lição do I Trimestre de 1982¹²⁹. Quem ousasse criticar tal postura das lideranças das Assembleias de Deus era apresentado como tendo o “espírito de Judas”, que vendo a mulher depositar uma quantidade de perfumes caros aos pés de Jesus vê nisso um grande desperdício (Mateus 26:9), atitude essa que foi repreendida por Jesus, dada a simbologia daquele ato. De certo os comentaristas consideravam que as arrecadações de fundos e as muitas campanhas eram tão nobres quanto ungir o messias para sua morte.

¹²⁹ Essa é a única revista escrita por esse casal. Sobre eles dedicaremos um tópico específico nesse capítulo. O que nos importa aqui é mostrar que os autores estavam convencidos de que recursos financeiros deveriam ser usados para os objetivos da instituição.

Essa questão, apenas revela que a mentalidade das lideranças havia se transformado de tal forma, que até mesmo as expressões para se referir ao Reino de Deus tornaram-se adequadas ao sistema econômico. Esse é o tema do nosso próximo tópico.

4.2.1. Depositando no “banco do céu” e emitindo cheques de bênçãos

Mostramos no ponto anterior que houve a necessidade de arrecadar fundos para execução da obra missionária. Também ressaltai as muitas campanhas elaboradas pela CPAD para esse fim. Agora, focaremos nos procedimentos linguísticos usadas pelos comentaristas, que são sintomas das mudanças que se apresentavam a partir de então. Selecionei alguns textos que mostram como essas expressões de linguagem foram usadas:

Que os irmãos filipenses haviam dado foi aproveitado na obra, porém, o seu valor ficou **depositado “nas suas contas” no céu**. Assim ele também escreveu a Timóteo a respeito da cooperação da parte de determinados irmãos; que eles estavam entesourando para si mesmos, para o futuro. I Tm 6.19.

Meu irmão! Tens alguma coisa depositada na tua conta no céu? Todos sabem que ninguém possui nada num banco aqui na terra, se nada tiver sido depositado nele. **E no céu? Já depositaste alguma coisa?** O tempo passa! Não demores! **Começa a valorizar o teu dinheiro enquanto é tempo**. Lembra que ninguém pode levar nada daqui, I Tm 6.7. Todos morrem de mãos vazias. Porém, os que **depositarem no banco do céu terão um depósito ali**. (Grifo nosso) (BERGSTÉN, III Trimestre de 1978, p. 50).

O livro da vida não é apenas um “registro de nascimento do **cartório celestial**”. É também **“uma conta bancária multimilionária”** que o Pai de todas as riquezas (Fp 4.19) abre em nosso nome para que possamos desfrutar de “todas as bênçãos celestiais em Jesus Cristo” (Ef 1.3). Por que não fazer uso dessa “conta”? Por que não **emitir muitos cheques no banco da fé?** “Todas as coisas o Pai deu ao Filho”. Aleluia! (Jo 3.35; 13.3). (Grifo nosso) (GOMES, IV Trimestre de 1980, p. 26).

Investimento eterno. Finalmente, os contribuintes generosos estão fazendo depósito na sua conta no “Banco Celestial” (Mt 6.20) (...)

Caro irmão, como vai a tua conta no “Banco Celestial”? Deposita enquanto é dia! Jesus disse, conforme a parábola do Bom Samaritano: “Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar” (Lc 10.35). Cuidado para que naquele dia não estejas com a tua “conta bancária” vazia! Que Deus nos ajude a todos. AMÉM. (BERGSTÉN, III Trimestre de 1984, p. 74).

“Banco do céu”, “valorizar o dinheiro enquanto é tempo”, “conta bancária multimilionária”, “investimento eterno”, e “emitir cheques no banco da fé”, são expressões que mostram que a oposição ao comunismo não somente tinha aproximado os pentecostais da

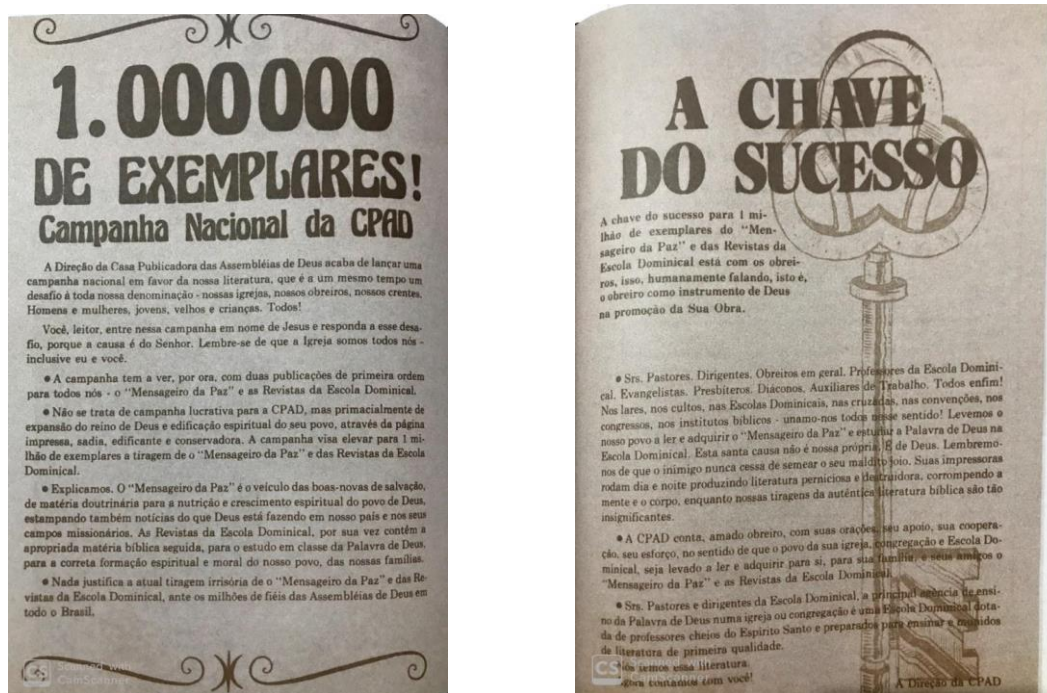
democracia americana, como também os aproximou do sistema econômico defendido por esse país.

Fica difícil saber se os pastores estavam usando essas expressões de modo figurativo ou literal, haja vista que boa parte dos textos bíblicos, com licença poética, eram interpretados rigorosamente pelos pentecostais como fatos históricos.

Independentemente do modo como os crentes liam esses textos, pode-se notar que o uso dessas expressões, ligadas à questão financeira, mostra que não incomodava mais a esses líderes ver a igreja associada aos valores do capitalismo. Tampouco consideravam que esse sistema promovia a injustiça social tal como ponderava Samuel Nyström.

Não incomodava também traçar metas para o sucesso da denominação. Mostra disso é a “Década da Colheita” (1990-2000), onde as Assembleias de Deus pretendiam crescer para 50 milhões de membros naquela década; ou a campanha para se chegar à marca de mais de 1 milhão de lições vendidas por trimestre a partir de 1980.

Figura 11 – Campanha Nacional da CPAD



Fonte: Lições Bíblicas, I Trimestre de 1980

As expressões linguísticas, atreladas ao mercado financeiro, eram bem entendidas pela população da época, dado que a crise afetava imensamente o cotidiano das pessoas. Uma das

mediais encontrados para ajustar a desvalorização da moeda estava ligada às poupanças bancárias como meio de corrigir a inflação.

A falta de crescimento do sistema capitalista na década de 1970, gera intenso colapso financeiro. Apenas para fazer um adendo, os anos de 1980, são caracterizados pela crise do Estado de Bem-estar social e a campanha de Thatcher e Regan ao programa neoliberal. Enquanto isso o Brasil é marcado por greves e paralizações sindicais, o que levou ao enfraquecimento do regime militar. (SANTANA, 2018, p. 21).

A “bênção de Deus” é visível nas Assembleias de Deus, pois em meio à intenso colapso econômico a instituição aumenta consideravelmente o seu patrimônio e influência, saindo de uma igreja com pouca visibilidade social para instituição religiosa com grande participação nas mídias seculares e na vida pública. (FREESTON, 1993).

Recentes pesquisas têm mostrado que no Brasil as crises econômicas são acompanhadas de crescimento do número de evangélicos. Havendo assim, relações causais entre os dois fenômenos¹³⁰.

Devemos considerar que a mudança de linguagem no meio pentecostal não foi uma novidade apenas das ADs. Surgia no mercado religioso uma nova corrente de pensamento, que teve protagonismo com a IURD, Igreja Universal do Reino de Deus, que usava sem muitos escrúpulos essas expressões linguísticas. Isso forçou as ADs a adequar o seu vocabulário, caso quisessem ainda se fazer competitivas no cenário religioso nacional.

4.3. Educação formal e teológica: precisamos falar de pedagogia

No que diz respeito à educação, os anos de 1973 em diante, foram significativos para a EBD das ADs. Entra em vigor uma série de medidas que visavam aperfeiçoar os trabalhos desempenhados pela denominação no setor da educação cristã. Havia o reconhecimento de que o que estava sendo feito carecia de aprimoramentos, caso quisessem colocar a instituição de vez no mapa de referência religiosa no Brasil. As mudanças vão de simples alterações no *layout* da revista até a capacitação dos professores da EBD em todo o país, sem contar o reconhecimento de muitos institutos bíblicos que atuavam de modo autônomo no Brasil.

A data que marcou as primeiras iniciativas dos pastores assembleianos a favor da educação teológica foi 20 de janeiro de 1971, dia em que foi criado a

¹³⁰ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/12/crises-economicas-elevam-o-numero-de-feis-evangelicos.shtml>> Acesso em 31 de dez. 2019.

Comissão de Educação Religiosa da CGADB. Esta teria a finalidade de elaborar o esquema de um currículo que, depois de lido, discutido e aprovado pelo plenário, seria adotado pelas escolas bíblicas permanentes e instituições congêneres. (GOMES *apud* DANIEL, 2013, p. 99).

Embora as mudanças acima aludidas por José Ozean Gomes, não dizem respeito especificamente a EBD, a criação de uma comissão para discutir um currículo teológico foi um marco nas Assembleias de Deus. Esse fato impetrou modificações necessárias para aperfeiçoar o trabalho do principal órgão de educação na instituição, que eram as Escolas Bíblicas Dominicais.

As transformações pretendidas careciam não apenas da boa vontade dos envolvidos, mas também de altos investimentos financeiros, além de capacidade técnica dos colaboradores para execução dos projetos estabelecidos¹³¹. Também era necessário um prazo de tempo para que tudo viesse a funcionar de acordo com o planejado. Alguns desses projetos só foram possíveis de serem executados uma década depois de idealizados. Mas, o primeiro passo já fora dado, que era o reconhecimento de que algo precisava ser feito para melhor atender as necessidades educacionais das Assembleias de Deus no Brasil, principalmente aos infantes:

As Assembleias de Deus no Brasil, sendo, como é sabido, o maior movimento pentecostal em todo o mundo, não tem explorado todo o terreno ou potencial da Escola Dominical, nem lançado mão de todos os recursos. O descuido nessa parte reflete diretamente nas crianças de hoje e nos jovens de amanhã. A orientação e formação de professores, especialmente no setor infantil, é uma premente necessidade. No descuido quanto ao ensino bíblico, os mais prejudicados são as crianças. Conforme 2 Reis 4.38-41, podemos pagar muito caro por uma só ignorância espiritual, se assim aplicarmos aquele incidente. Nossas crianças levam em média 400 a 500 horas anuais na escola de instrução secular, preparando-se para uma vida terrena tão curta. Não podem elas passar pelo menos 52 horas na Escola Dominical, preparando-se para a outra vida, que é eterna? Um aluno que sempre freqüentou a Escola Dominical, aos 18 anos terá tido umas 166 horas/aula. No mesmo período, numa escola secular, ele terá 11.000 horas/aula. (GILBERTO, 1998, p. 122).

¹³¹ “Nem todos sabem que o Departamento de Escola Dominical só recentemente recebeu funcionários de tempo integral e qualificados potencialmente para o preparo dessas revistas e demais materiais da Escola Dominical. Produzir material didático não é fácil. Tempo houve em que o signatário dessas notas e o presbítero João Pereira trabalharam sozinhos para fazer todo o serviço, não só das revistas, mas de todo o Departamento, inclusive o CAPED. O pastor Joanyr de Oliveira muito fez nesse sentido, cedendo seu pessoal para ajudar. Da mesma sorte o atual Diretor de Publicações, o jornalista Abraão de Almeida, que já por várias vezes cedeu pessoal da redação dos periódicos para executar tarefas do Departamento.

Dentro em breve os novos funcionários, dados por Deus à CPAD, esforçados e dedicados à obra de Deus, estarão totalmente afeitos ao trabalho que Deus os chamou.

Esses novos funcionários são os professores: Alfredo Gomes da Silva, Albertinha Lima Malafaia, Neuza Abílio, e Jeremias do Couto. Esse último irmão pertencia à equipe redatorial do “O Mensageiro da Paz” e demais periódico da CPAD.” (GILBERTO, II Trimestre de 1980).

É necessário que se diga que o desígnio desse plano curricular nada tinha a ver com o objetivo de promover o senso crítico aos educandos. Pelo contrário, queria se combater “a educação ateísta” promovida nas escolas através de um plano curricular dogmático que não aceitava contestação. Afinal, se Deus não muda, por que sua palavra haveria de mudar?

Bem diferente dos primeiros comentaristas que apresentavam incertezas sobre muitos pontos ou mesmo divergências entre si, agora não mais. Quem quisesse participar da “grande família assembleiana” não poderia contestar os dogmas defendidos pela instituição, que tinham em Gilberto e afins seus representantes oficiais. É como diz João de Oliveira, “quem pensa diferente não tem apoio na Bíblia” (OLIVEIRA, II Trimestre de 1979, p. 5-6).

4.3.1. Criação do CAPED e sua representação para a educação da EBD

No que diz respeito às mudanças a serem empregadas nas *Lições Bíblicas* e no departamento da EBD das ADs, Antonio Gilberto era o homem certo para esse trabalho. Com o pragmatismo e metodismo de um oriental, estava disposto a enfrentar as adversidades que surgiriam a partir daí. Adversidades essas tanto externas quanto internas. Sua dureza para com o que considerava heresia é possível de ser visto nas páginas de seus livros e comentários nas lições.

Ele, ao lado do pastor Geziel Gomes,¹³² tornou-se símbolos da nova geração de pastores nas Assembleias de Deus. Ambos com formação superior¹³³, são presença marcante nas Escolas Bíblicas de Obreiros e nos Congressos pentecostais realizados em todo o Brasil, obvio que essa representatividade se dava no campo da teologia e das pregações. Pois no âmbito da organização e liderança das Assembleias de Deus (CGADB), essa responsabilidade ficava a cargo do pastor José Wellington e sua família (ALENCAR, 2013, p. 217).

Antonio Gilberto lança ainda em 1974, um livro que, em pouco tempo se tornará um *best-seller*, chamado *Manual da Escola Dominical*, usado até mesmo em algumas igrejas protestantes. Havia o objetivo claro de padronização das atividades das EBDs em todo o Brasil, de modo que um viajante poderia se sentir em casa em qualquer igreja assembleiana, na qual

¹³² A saída do pastor Geziel Gomes da direção das *Lições Bíblicas* nos de 1980, não diminui a sua influência na denominação. Pelo contrário, cresce seu prestígio como importante conferencista pentecostal no Brasil, sendo reconhecido entre seus pares como “Príncipe dos pregadores”.

¹³³ Geziel Nunes Gomes, “Formou-se em jornalismo em 1959, e possui doutorado em teologia pelo The Living Light Bible College and Theological Seminary.” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Geziel_Gomes> Acesso em: 20 jan. 2020.

entrasse no domingo de manhã, independente do ministério. Essa padronização ia desde horário do início das aulas, liturgias, cânticos a serem entoados, textos bíblicos a serem lido etc.

Nesse livro, há o reconhecimento de que as faixas etárias da infância precisavam ser mais bem definidas na EBD, respeitando as divisões organizadas pela psicologia educacional mais moderna da época (GILBERTO, 1998, p. 130), algo que só foi possível de ser realizado alguns anos depois, quando finalmente ele traz a boa notícia a todos.

Uma nova era desponta para as Assembléias de Deus no Brasil, no que tange ao ensino da Palavra, através das novas revistas da Escola Dominical ora em preparo pela Casa Publicadora. O plano já em andamento objetiva melhorar as atuais revistas e lançar outras totalmente novas, de modo que cada faixa etária tenha a sua revista apropriada. Ao todo teremos seis revistas, uma vez completo o plano. Para cada uma dessas revistas haverá também a revista do professor, com o aprofundamento da matéria, mais subsídios, e a necessária orientação pedagógica.

O lançamento dessas revistas será feito por etapas, enquanto se fará também a necessária publicidade e orientação para os professores. Aquilo que não foi possível fazer durante décadas, não é possível fazer num ano. Nisso vai grande volume de mão de obra, matéria prima, pessoal idôneo e publicidade.

As seis revistas da Escola Dominical são as seguintes:

- **Minha Revistinha.** Para 4 e 5 anos de idade.
- **Amigos de Jesus.** Para 6 a 8 anos de idade.
- **Estudando a Bíblia.** Para 9 a 11 anos de idade.
- **Arautos da Fé.** Para 12 a 14 anos de idade.
- **Vencedores.** Para 15 a 17 anos de idade.
- **Lições Bíblicas - Jovens e Adultos.** Para acima de 18 anos de idade.

A revista do aluno será sempre trimestral: a do professor semestral.

As faixas de idade acima, são as universalmente adotadas para efeito objetivo do ensino.

O primeiro passo dado no sentido de dotar a Escola Dominical de revistas graduadas, foi a publicação da **Revista Infantil**, pelo pastor João Pereira de Andrade e Silva, quando diretor da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Ele como educador cristão viu a premente necessidades, e apesar dos óbices de então (inclusive a acusação de **inovador**), lançou a dita revista, que recentemente deu lugar a duas outras: **Amigos de Jesus**, e **Estudando a Bíblia**, que agora serão reformuladas e situadas na sua devida faixa de idade.

A primeira revista do novo plano a ser lançada será **Minha Revistinha**, para crianças de 4 a 5 anos de idade.

Pastor A. Gilberto

Dir. do Dep. de Escola Dominical (II Trimestre de 1980).

Engana-se quem pensa que os únicos contemplados foram as crianças. Os jovens e adultos também precisavam entrar em sua fase de maturidade. Não por acaso o nome *Lições*

Bíblicas teve alteração para *Maturidade Cristã*¹³⁴. Isso revelava o objetivo de levar os alunos da EBD ao amadurecimento espiritual, saindo assim do estágio da infância.

A pedagogia aplicada nas EBDs teria um modelo muito parecido com o que se encontra no ensino secular, onde a criança vai progredindo de etapas na medida em que os anos vão passando. Os conteúdos, outrora mais fáceis, vão adquirindo a complexidade que a maturidade exige, chegando ao ponto de, na fase adulta, o mesmo já ter passado por etapas anteriores que lhe deram condições de entender assuntos mais complexos. Isso não significa, contudo, que essa trajetória contribua para o desenvolvimento do senso crítico.

Das mudanças apresentadas, a mais significativa foi a criação do CAPED, um curso de curta duração, que tinha a pretensão de fornecer aos obreiros ferramentas necessárias para desenvolverem seus trabalhos na EBD. Esse curso seria aplicado em diversas partes do país, com datas previamente estabelecidas, para que os professores e superintendentes das EBDs das regiões próximas pudessem se organizar e participar.

Encabeçando esse projeto estava o já citado pastor Antonio Gilberto. Sua alta escolaridade o credenciava a gerir esse trabalho de modo eficaz e competente. Assim ele apresenta o CAPED aos membros da denominação:

O QUE É CAPED?

É um curso criado e promovido pela Casa Publicadora das Assembléias de Deus de autoria do irmão A. Gilberto, visando a indispensável preparação e atualização dos nossos professores da Escola Dominical, para um maior e mais rico ministério de ensino da Palavra de Deus em nossas Igrejas através da Escola Dominical.

DETALHES DO CAPED

É um curso intensivo de uma semana de estudos específicos, para professores e dirigentes de Escola Dominical, constituído de cinco Unidades de Ensino, a saber: 1) A Bíblia; 2) Doutrinas Bíblicas Fundamentais; 3) Escola Dominical; 4) Pedagogia; 5) Psicologia Educacional.

Obreiros do ministério geral e local, de qualquer categoria e experiência, também acharão o CAPED de grande proveito para seu ministério, especialmente os que pregam, dirigem ou ensinam.” (sic).

Havia a clareza de que o CAPED poderia gerar, nos pastores mais conservadores, reações não muito agradáveis, o que forçava os idealizadores desse projeto a estarem sempre justificando suas atividades.

¹³⁴ Durante o primeiro trimestre de 1985 e o quarto trimestre de 1993 a Revista para adultos foi alterada de *Lições Bíblicas* para *Maturidade Cristã*, as explicações para tais mudanças se deram em razão da criação de outras revistas para faixas etárias diferentes ao público assembleiano.

O CAPED não objetiva, mesmo remotamente, alterar princípios doutrinários e costumes que a Igreja (“Assembléia de Deus”) vive e conserva, ciosamente, desde sua fundação, no Brasil. O curso pretende, dentro das suas possibilidades, corrigir falhas e preencher lacunas que não mais se justificam.

Todos aqueles que, bem intencionados, têm procurado conservar os bons princípios e tradições da Igreja, estejam certos de que o “CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES DA ESCOLA DOMINICAL – CAPED atuará sempre na vanguarda, junto a todos que, sinceramente, lutam para que os princípios e costumes de nossas igrejas não sejam modificados. No entanto, não haverá atenção para aqueles que a pretexto de conservação de doutrinas, pretendam obstacular ou mesmo combater o CAPED, para o qual aceitaremos sugestões e críticas construtiva, mas não se pode admitir a rejeição pura e simples, dos que sem o saberem, estão acabando com a Escola Dominical em sua igreja. (GILBERTO, 1998, p. 10-11).

Em 1974, o CAPED realizou o seu primeiro trabalho. Esse teria a função, dentre as muitas atividades, proporcionar ao professor da Escola Bíblica Dominical ferramentas para compreender o processo pedagógico de aprendizagem. O currículo básico do CAPED era formado por 5 unidades:

Unidade I – Bibliologia. Considerações Introdutórias. A Bíblia e sua história. A Bíblia e sua estrutura. A Bíblia e sua mensagem.

Unidade II – Teologia Sistemática. Súpula das doutrinas fundamentais. Introdução à doutrina. Lista das principais doutrinas da Bíblia. Esboço das principais doutrinas da Bíblia.

Unidade III – Escola Dominical. Introdução à Escola Dominical. A História da Escola Dominical. Os objetivos da Escola Dominical. A organização e administração da Escola Dominical. A promoção e possibilidade da Escola Dominical.

Unidade IV – Pedagogia. Introdução. O ensino na Escola Dominical. O Professor da Escola Dominical. O currículo e avaliação do aproveitamento escolar.

Unidade V – Psicologia Educacional. Introdução. O aluno. A personalidade. Características dos grupos. (GILBERTO, 1998, p. 11).

As disciplinas apresentadas foram um divisor de águas para a EBD, pois era o reconhecimento público de que era indispensável se capacitar para exercer o trabalho na igreja. Torna-se necessário, portanto, dar uma atenção ao que a pedagogia e a psicologia educacional tinham a dizer sobre o processo de aprendizado de crianças, jovens e adultos. Também estava na ordem do dia abordar assuntos mais ligados ao conteúdo da teologia, tais como Bibliologia, Teologia Sistemática e temas referentes à Escola Dominical.

As disciplinas acima foram programadas para o CAPED. No que diz respeito ao conteúdo das revistas *Lições Bíblicas*, estava no horizonte a organização de disciplinas básicas. Primeiramente foram pensados 28 temas ou *Unidades de ensino*¹³⁵. Ou seja, os assuntos abordados nas lições deveriam ficar circunscritos a esses temas. Aos poucos foram se ajustando a questões mais abrangentes¹³⁶.

Desse modo as revistas eram capazes de falar sobre todos os assuntos, principalmente aqueles que ajudariam o cristão a ter uma boa conduta, condizentes com a prática pentecostal no cotidiano. Bastava apenas o crente não faltar nas Escolas Dominicais que o mesmo não entraria em crise em razão das mudanças vivenciadas na modernidade. Ao menos é assim que acreditavam os representantes da teologia oficial das ADs.

Estava claro que os comentaristas deveriam dividir a sua responsabilidade com os diretores, editores, executivos, consultores teológicos, revisores, conselheiros e coordenadores da CPAD. Havia uma equipe preparada que daria suporte ao comentarista, para auxiliá-lo na transmissão das “verdades pentecostais”.

Em questões práticas, as revistas passam a ter orientações diretas para os professores no modo de preparar as lições e nos recursos didáticos que deveriam ser usados em cada lição. Sem contar que, na mudança da grade curricular, os pastores projetaram revistas exclusivas para os professores que teriam informações adicionais que ajudá-lo-iam na elaboração e transmissão do conteúdo. Essas lições passaram a ser projetadas e escritas de 3 a 4 anos de antecedência.

¹³⁵ “Damos abaixo 28 temas ou *Unidades de Ensino* para currículos da Escola Dominical: 1. Doutrinas Básicas da Fé Cristã; 2. A Vida Cristã; 3. Verdades pentecostais; 4. A Bíblia; 5. A Igreja; 6. O Povo de Israel; 7. A Família/O Lar; 8. O Tabernáculo e Suas Instituições; 9. Doutrinas Falsas/Falsos Profetas; 10. Eventos Futuros (O Futuro do mundo, de Israel e da Igreja); 11. O Ministério Local e Geral; 12. O Crente e o Estado/a Nação; 13. A Criação de Todas as Coisas; 14. O Homem e Deus; 15. As Missões e Obras Sociais; 16. O Crente e o Mundo; 17. Biografias Bíblicas; 18. A Vida de Cristo; 19. O Espírito Santo; 20. A Mocidade Cristã; 21. Reis e Profetas; 22. A Bíblia e a Ciência; 23. Ética Cristã; 24. As Parábolas dos Evangelhos; 25. Os Milagres de Jesus; 26. A Igreja Local; 27. A Mordomia Cristã; 28. Os Apóstolos e Suas Epístolas.” (GILBERTO, 1998, p. 174-175).

¹³⁶ “Baseados na observação cuidadosa, contatos, entrevistas, solicitações, e num levantamento da realidade existente (diagnóstico feito através dos CAPEDs realizados através do país), viu-se a necessidade de se levar a efeito uma mudança no sistema de revistas da Escola Bíblica Dominical da CPAD. Isso implicou um currículo bíblico mais abrangente, visando atender melhor as necessidades, desde a criança pequena até ao jovem e ao adulto. Todos, espiritualmente sempre precisam crescer na graça e no conhecimento do Senhor.” (III Trimestre de 1984).

Gilberto se orgulha de ter sido o responsável por introduzir nas Assembleias de Deus uma consciência pedagógica, que de acordo com ele os pastores que o convidaram para criar o CAPED, nem sequer sabiam o que era isso¹³⁷.

É provável que a introdução do CAPED tenha sido mais simbólica do que uma mudança estrutural. Haja vista que um encontro de uma semana, por mais intensivo que seja, não é capaz de gerar efeitos de médio e longo prazo em quem participa. A não ser que, o que se estivessem oferecendo fossem apenas diretrizes e princípios básicos para que o participante continuasse buscando capacitar-se por conta própria.

Quem quisesse melhor se aperfeiçoar no ministério da palavra poderia encontrar um instituto bíblico aos moldes do IBAD, agora reconhecidamente órgão oficial das Assembleias de Deus. Ou mesmo comprar livros oferecidos pela CPAD que sempre traziam indicações de temas ligados a cada lição. Materiais e recursos não faltavam, cabia ao crente dar o próximo passo para habilitar-se no aprendizado.

4.3.2. João Kolenda Lemos e Ruth Doris Lemos: há limites para buscar conhecimento?

O casal de missionários João Kolenda Lemos e Ruth Doris Lemos, apesar de serem referência na educação cristã nas Assembleias de Deus no Brasil¹³⁸, tiveram pouca participação no departamento da EBD das ADs. Contudo terão seus encontros e desencontros com as referidas revistas. O reconhecimento do IBAD como órgão oficial das ADs, faz parte de um processo de mudança de mentalidade que ocorria na instituição. De acordo com José Ozean Gomes, esse processo se deu a partir dos anos de 1970.

Em razão dessa mudança de mentalidade, a partir da década de 1970, o assunto “Educação Teológica” recebeu outro tratamento nas reuniões convencionais. A prova é que, em 1973, numa convenção de pastores realizada em Natal, Rio Grande do Norte, a plenária aprova o reconhecimento do IBAD em Pindamonhangaba/SP, fundado pelos missionários João Kolenda Lemos e Ruth Doris Lemos. (GOMES, 2013, 121).

137 Pr. Antonio Gilberto - Sua história de vida. In: Tadeu Costa. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=S3UsqTkHaqg>> Acesso em 28 de out. 2019

138 Foram os responsáveis pela criação do primeiro instituto bíblico da instituição. O IBAD (Instituto Bíblico das Assembleias de Deus), criado em Pindamonhangaba, região do vale da Paraíba interior de São Paulo, em 1958.

Apenas em 1973 – ano das mudanças demarcadas nesse capítulo – é que este instituto foi reconhecido pelos órgãos oficiais das ADs. Isso mostra que as questões pedagógicas que já aludimos, só foram possíveis em razão dessa transformação de mentalidade.

Mostrei, no capítulo anterior, os embates que havia, nas próprias *Lições Bíblicas*, sobre as opiniões dos comentaristas sobre institutos bíblicos e capacitação de obreiros. No entanto, a partir desse período, os autores que não eram afeitos a esses órgãos não foram mais convidados a escrever nas revistas. Pode ser que seja apenas uma coincidência, dada a substituição natural dos comentaristas. Por exemplo: o pastor José Menezes, que não era simpático à criação desses institutos veio a falecer em 1972.

No mais, pode-se dizer que as opiniões sobre a capacitação dos obreiros tornaram-se hegemônicas. Os crentes poderiam se capacitar o máximo que pudessem, desde que isso não gerasse nenhum tipo de orgulho pessoal ou suprimisse a presença do Espírito Santo na vida do estudante ou aspirante ao ministério. Por exemplo, o pastor João de Oliveira, que era a favorável à capacitação dos obreiros, vez ou outra ressalta os perigos que poderiam advir daí.

...os crentes em Corinto, se orgulhavam de possuírem os conhecimentos filosóficos. Foi por isso que Paulo disse: “a ciência incha...” Inchar e desprezar os outros e se engrandecer nos conhecimentos que possuíam. Rm 13.3; II Co 3.6; I Tm 6.20,21

Infelizmente, quando alguém entra, exaltadamente, pelo caminho do conhecimento, perde a espiritualidade; despreza os simples, os menos privilegiados do saber, coloca logo o anel de formatura e fica sempre com a mão em evidência, isso é um mau sinal. (OLIVEIRA, II Trimestre de 1977, p. 24).

A citação do pastor João de Oliveira é significativa, dado que foi ele o único a fazer menção ao casal João e Doris Lemos¹³⁹. No entanto, a abordagem de Oliveira se dá somente a ele. Ao menciona-lo, Oliveira não ressalta seu trabalho educacional, e sim a manifestação do poder de Deus na vida do referido missionário.

Tenho visto muitos exemplos do poder da intercessão, especialmente quando estava para passar os umbrais do Paraíso Celestial, o irmão J.P Kolenda, chegou ao meu leito e caindo de joelhos chamou: “Senhor, quem está falando aqui é João Jolenda, e sei que tu sempre me ouves; faz voltar o irmão João de Oliveira”. Vi quando o Senhor levantou no trono seu braço e eu voltei a viver.

¹³⁹ Torna-se uma característica dos comentaristas mais antigos fazem citações saudosistas referentes a pastores que já morreram, ou que são destaque nas Assembleias de Deus, como forma de homenageá-los. Samuel Nyström e Gunnar Vingren são os mais mencionados.

Isso é maravilhoso, louvado seja Deus. (OLIVEIRA, I Trimestre de 1976, p. 43).

O testemunho acima é de fundamental importância para o meio pentecostal, pois mostra que, apesar de João Kolenda estar envolto com o instituto bíblico e com a busca de conhecimento, não perdeu a presença do Espírito Santo em sua vida, a ponto de Deus lhe responder em oração. Para a comunidade de fé pentecostal, a quem Oliveira se referia, esse tipo de testemunho legitima a atuação desse missionário, pois mostra que Deus atuava por meio de sua vida. Isso mostra também que os muitos estudos teológicos, por si só, não são capazes de desvirtuar o crente, desde que este esteja em constante vigilância.

Na medida em que o tempo vai passando, a aproximação do referido casal com a CPAD se intensifica, a ponto de serem convidados a escrever em conjunto a lição do I Trimestre de 1982. Essa lição é significativa por alguns motivos. É a única vez que uma mulher assina como autora de uma lição para as *Lições Bíblicas*¹⁴⁰.

Outro ponto a ser destacado nessa lição é a intensidade de argumentos usados para provar cada ponto, algo que não era feito pelos outros comentaristas. Era como se houvesse a necessidade de provar alguma coisa que não estava explícito. Também podemos destacar o caráter conservador com que essa lição foi escrita, defendendo e legitimando estruturas organizacionais das Assembleias de Deus.

Não encontrei, até os anos pesquisados, nenhuma outra alusão ao casal João e Doris Lemos. Apenas referências ao IBAD no campo publicitário, convidando jovens aspirantes ao ministério a se integrarem no Instituto Bíblico das Assembleias de Deus presente em Pindamonhangaba, localizada na região Metropolitana do Vale do Paraíba, em São Paulo.

4.3.3. O combate às heresias ou a perpetuação do preconceito?

O espectro do que sejam heresias se amplia nesse período. Era necessário não somente defender as doutrinas bíblicas, como também identificar e acusar os hereges. Isso ocorre ao mesmo tempo em que os comentaristas insistem que os crentes não podem ter preconceitos para evangelizar, pois Deus havia morrido por todas as nações, povos, etnias e religiões.

¹⁴⁰ Apesar de Isael Araújo apontar Frida Vingren como uma das comentaristas das Lições Bíblicas, não encontrei nos arquivos disponibilizados nenhuma lição assinada por ela.

Paulo nos ensina que quando desejamos ganhar as almas devemos **desfazer-nos de preconceitos**. Muitos não evangelizam nas favelas porque as condições sanitárias são reduzidas. Muitos não evangelizam os “hippies”, por causa da fumaça de seus cigarros. Muitos não evangelizam os aficionados do futebol, porque eles “gritam muito”, etc, etc. Todos os homens estão perdidos e todos merecem a nossa compaixão.” (Grifo nosso) (GOMES, IV Trimestre de 1974, p. 44-45).

A afirmação desse discurso se dava para que os crentes não tivessem receio de evangelizar todos os povos ou grupos sociais. Isso não significa que deviam aceitar a cultura das pessoas evangelizadas, ou mesmo respeitar suas escolhas de vida, quando não aderissem ao pentecostalismo. Era claro o convite dos comentaristas a combater o que identificavam como erros doutrinários:

Quem se der ao trabalho de examinar o “Evangelho do Reino” de certo bispo que circula no sul do País, notará o perigo de num culto espiritual dar a invasão de tantos erros espirituais. Temos que vigiar, irmãos, e combater tais erros (OLIVEIRA, I trimestre de 1974, p. 8).

Há aqui uma mudança no local de fala. Se na primeira fase o discurso era para que as religiões majoritárias, diga-se o catolicismo, deixassem os pentecostais realizarem seus cultos, agora são os pentecostais que colocam em dúvida o direito do outro de existir. O quadro se inverteu e a mesma complacência que exigiam para si não são dadas ao outro. Isso pode ser visto no tom das falas quando se referem às outras religiões, mostrando que havia claramente o desejo de “acabar com as religiões falsas”.

A maneira de acabar com as religiões falsas e sua comercialização não é ataca-las frontalmente, mas sim pregar a mensagem de Cristo, e deixar o Espírito Santo operar milagres e curas. O próprio Espírito Santo Se incumbirá de desmascarar os elementos falsos e destruir a sua obra. (...) Pedro, tomado pelo Espírito de Deus, desmascarou o feiticeiro e disse-lhe que se não se arrependesse, iria ao inferno. (Grifo nosso) (OLSON, II Trimestre de 1975, p. 19).

No primeiro tópico abordamos o incentivo para que as igrejas criassem as “brigadas-mirins” para vender a literatura da CPAD (II Trimestre de 1980, p. 49). E nesse incentivo, a propaganda diz: “Armemos as crianças de nossas igrejas...”. Qual o sentido de armar alguém se não para o enfrentamento e para a guerra? Esse era o clima criado contra as seitas e heresias, um clima belicoso e de combate.

Dando segmento ao quadro de igrejas e comunidades que eram consideradas heréticas os autores começam a fazer longas listas identificando quais eram as “seitas” a serem combatidas, constatando os erros de cada uma delas. A lição do II Trimestre de 1974 é exemplar nesse sentido. Durante cada domingo os alunos da EBD aprendiam uma seita nova a quem deveriam dirigir seus embates. Eram elas: o mormonismo, Adventistas do Sétimo dia, o espiritismo, a ciência cristã, o jeovismo, o unitarismo, o ateísmo militante, os cultos orientais, os cultos menores, o catolicismo romano, o modernismo teológico etc.

Dos referidos segmentos supracitados, aqueles que ganham mais investidas dos comentaristas são as religiões de matriz africana, também identificadas como espiritualistas. Acompanhando essas religiões estava também o ateísmo. Comentaremos a seguir o modo como abordaram esses dois segmentos.

4.3.3.1. Religiões de matriz-afro e espiritualistas

Vimos até o presente momento que as investidas dos comentaristas das *Lições Bíblicas* vão se alterando de acordo com a demanda. No primeiro período eram mais os protestantes, católicos e adventistas, dignos da atenção dos pentecostais. No segundo período são os professores e profissionais liberais ligados ao ramo da comunicação que recebiam essa atenção. Agora esse leque de possibilidades se amplia, são as religiões de matriz africana e os ateístas militantes, dignos dessa investida.

Elas eram apontadas contendo, não apenas erros teológicos e doutrinários como as outras religiões e igrejas, mas foram associadas diretamente à atuação de demônios e espíritos malignos. Isso obviamente alimentava o preconceito existente contra essas religiões.

Usarei como referência a revista do I Trimestre de 1974, escrita pelo pastor João de Oliveira. Adjetivos como, “culto condenável”, “abominação”, “consagração aos demônios”, “infeliz culto”, “loucura espiritual” eram algumas descrições dadas a essas religiões. Colocarei na íntegra sua exposição para melhor compreensão do leitor. Porém, farei algumas considerações em momento oportuno:

Nesta lição ao estudarmos sobre o espiritismo, notamos que é uma prática religiosa muito antiga entre as principais civilizações. (...) O Senhor Jesus condenou o espírito familiar, Mt 12.43-45, tais espíritos são demônios que personalizam e personificam os falecidos, fazendo proezas em seus nomes.

UM CULTO CONDENÁVEL. Sobre o espiritismo, se entende toda a doutrina espiritualista, desde o Candomblé até a Filosofia Espírita, defendida

como ciência. (...) Qualquer criatura que procura uma sessão espírita, está praticando um ato abominável diante de Deus, cf. Dt 9.5.

Nota-se aqui, além da associação direta à ação de demônios, pouca preocupação em diferenciar as múltiplas religiões existentes que desenvolviam tais práticas. São identificadas nesse espectro desde o Candomblé até a Filosofia Espírita. Entre essas duas tradições religiosas muitos outros segmentos poderiam ser acrescentados.

UMA CONSAGRAÇÃO AOS DEMÔNIOS. Em nossos dias, há milhares de pessoas que entregam seus filhos aos demônios nas festas de terreiros, e, nas praias à deusa Iemanjá. Estou falando o que presenciei na prática desse infeliz culto. (...)

Também é digno de nota a identificação que faziam dessas religiões com o trato à infância, destacando que tinham pouco apreço às crianças. Ao citar a entrega dos filhos em oferendas nesses cultos, o autor não especifica se falava de sacrifícios humanos ou apenas uma cerimônia religiosa, como o batismo de crianças em algumas igrejas protestantes. Pelo decorrer do texto dar-se-á a entender que referiam exatamente à morte de pessoas em rituais macabros.

Não faz muito tempo, em São José dos Campos, um adorador de tais práticas, morreu queimado em plena reunião; os anais da polícia estão cheios de registros macabros desta natureza. Essa prática além de ser abominável ao Senhor, é uma loucura espiritual, cr. Lv 20.6-27; II Cr 33.6. Tais cultos são condenados por Deus, Ap. 21.8; 22.15.

Interessante que o autor, para combater esses cultos, utiliza-se das páginas dos jornais, dizendo que “[estavam] cheios de registros macabros desta natureza”. É necessário ressaltar que as informações policiais e as notícias vinculadas na imprensa, nesse período, não eram mui dignas de credibilidade, uma vez que o Brasil vivia um de seus momentos mais nebulosos da ditadura militar.

Sabe-se que as notícias perpetuadas nos jornais tendiam a ser inseridas como forma de ocultar o que de fato ocorreu. A Comissão da Verdade mostrou a existência de uma indústria de ocultação de cadáveres e emissão de laudos falsos para esconder as mortes ocasionada pelo

próprio regime militar¹⁴¹. Não é de estranhar que os supostos crimes cometidos pelas religiões de origem afro cresceram no momento em que o estigma negativo sobre eles se amplia no país.

O ESPIRITISMO É UM CULTO ABOMINÁVEL. No ponto anterior, falamos que esse culto é condenável por Deus, e, agora falamos ser um ato abominável aos olhos do Senhor. Abominação é aquilo que causa náusea ou vômito. E foi por isso que a terra vomitou seus moradores por tais práticas. (...)

A VIDA DE SANTIDADE É OPOSTA AO ESPIRITISMO. O Senhor, nas Suas ordenanças a Israel, proibiu terminantemente o povo ter contato com os mortos. Cf. Mt. 12.43-45, são demônios ou espíritos familiares, I Cr 10.13. O estado da criatura ao se desviar do Senhor, se torna muitas vezes pior; 1º tais espíritos são imundos; 2º suas mensagens são confusas, I Ts 5.22-23; II Ts 2.11; 3º o espiritismo não traz mensagem de salvação, pelo contrário; ainda mais condenação. I Cr 10.13; Is 8.22; Ap. 21.8. Deus é santo e exige santidade, I Pe 1.16.

O ESPIRITISMO É PROIBIDO E CONDENADO POR DEUS. Toda prática espírita, como seja: Rosacrucianismo, Esoterismo, espiritismo ou outro qualquer culto, como seja, de “NIRVANA” do budismo, é condenável, é uma abominação aos olhos do Senhor. Como sabemos está entrando no meio cristão essa filosofia até muito cobiçada; da criatura remoçar seu físico em prestar cultos de NIRVANA. (...)

Ninguém se iluda com as operações dos “espíritos dos mortos”, como os médicos falecidos, e as supostas humildade dos espíritas como sendo enviados de Deus. (OLIVEIRA, I Trimestre 1974, p. 22-24).

Quando se afirma que esta obra do Espírito Santo seja um espiritismo baixo, que vem de doente impura ou é **somente um fanatismo africano** etc. queremos somente dizer que estamos em boa companhia, porque Jesus foi considerado assim pelos religiosos do seu tempo, que diziam que Ele tinha demônio, Jo 10.21; Mc 4.22; Mt 9.34. (Grifo nosso) (BERGSTÉN, III Trimestre de 1976, p. 44).

Na parte final da citação o autor se mostra extremamente incomodado ao ver o pentecostalismo associado às religiões descritas por ele. Ressalta que a religiosidade do qual era participante não era “somente um fanatismo africano”. Contudo, estavam em boa companhia, pois Jesus, em seu tempo, também foi acusado de ter demônios.

Cabe aqui uma reflexão levantada por Gedeon Alencar, no sentido de que talvez a questão não seja tão somente intolerância religiosa. Mas algo mais velado, fruto do racismo (ALENCAR, 2018, p. 32).

Começa a aparecer nas *Lições Bíblicas* uma esperança, um horizonte utópico, onde todas essas religiões serão finalmente eliminadas: **“Imaginem como será esta terra sem**

¹⁴¹ Disponível em <<https://jornalggn.com.br/ditadura/a-tortura-e-os-mortos-na-ditadura-militar/>> Acesso em 28 de Out. de 2019.

nenhum terreiro de macumba ou centro de espiritismo, despojada dos templos pagãos, da astrologia, necromancia e sem nenhuma seita falsa!” (Grifo nosso) (OLSON, I Trimestre de 1979, p. 42).

A alusão acima é feita a partir de uma leitura do livro de apocalipse, no capítulo 20, que faz menção a um período de paz que durara cerca de mil anos. Paz aqui não é entendido como a convivência pacífica entre os diferentes, mas sim, a sujeição de todos a um único pensamento hegemônico, que na interpretação do comentarista será o pensamento pentecostal. Até mesmo o povo de Israel que é supervalorizado pelos pentecostais, terá que reconhecer seu erro histórico, de não reconhecimento de Jesus como messias.

À medida em que os anos vão passando, a realidade dos fatos parece fugir aos comentaristas, mesmo o movimento pentecostal crescendo a tal ponto de as ADs ser uma denominação presente em todas as regiões do país, com grande expressão numérica. Em 1994, o comentarista Elinaldo Renovato de Lima considera que, “No Brasil, há mais terreiros de macumba, do que templos evangélicos” (LIMA, IV Trimestre de 1994). Afirmação claramente desmentida pelos censos. De acordo com Gedeon Alencar, as Assembleias de Deus “É a maior igreja pentecostal do país e a maior Assembleia do mundo.” (ALENCAR, 2013, p. 18).

4.3.3.1.1. A representatividade dos negros nas *Lições Bíblicas* e nas *Lições Infantis*, um ponto de esperança?

Gostaria de chamar a atenção para um fato interessante, que tem a ver com o uso de imagens nos materiais estudados. Desde os anos de 1990, é possível encontrar alto volume de fotos de negros e negras nas revistas para a EBDs, principalmente nas LIs.

Esse fato surpreende positivamente, pois mostra uma preocupação legítima, por parte dos editores das revistas em representar este grupo tão discriminado na sociedade brasileira. Também é válido destacar que “pobres, negros e marginais periféricos” foram, durante muito tempo, os principais consumidores da mensagem pentecostal (ALENCAR, 2007, p. 83).

A presença em larga escala de imagens de meninas e meninos negros ocorre em período que ainda não era muito comum encontrá-los nas mídias sociais. Apenas com as buscas por representatividade dos movimentos negros é que esse quadro tem apresentado mudanças. Selecionei algumas imagens para ilustrar o modo como isso vem ocorrendo nessas revistas:

Figura 12 – Representação de negros e negras nas *Lições Infantis*



Berçário (0 a 2 anos) III Trimestre de 2019



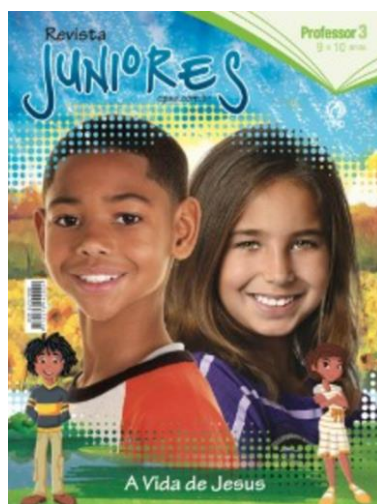
Revista Maternal (3 a 4 anos) II Trimestre de 2018



Revista Jardim de Infância (5 a 6 anos) Aluno - 3º Trimestre de 2019



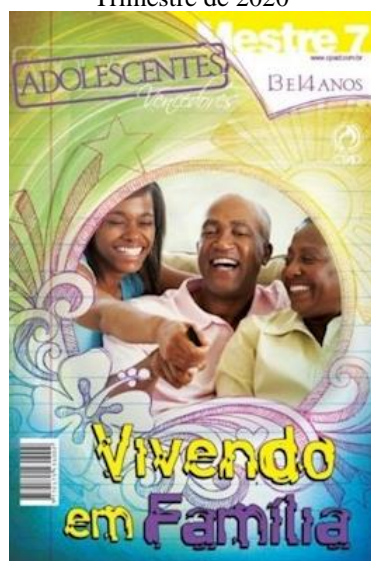
Revista Primários (7 a 8 anos) I Trimestre de 2020



Revista Juniores (9 a 10 anos) 3º Trimestre de 2017



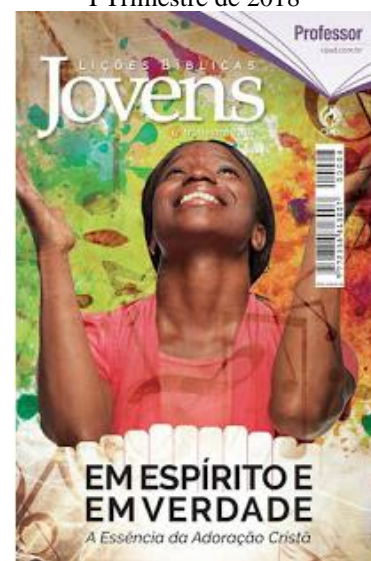
Pré-Adolescentes (11 a 12 anos) I Trimestre de 2018



Adolescentes (13 a 14 anos) III Trimestre de 2014



Juvenis (15 a 17 anos) IV Trimestre de 2017



Jovens (acima de 17 anos) IV Trimestre de 2016

Fonte: Compilação do autor

Os critérios adotados por mim para a escolha das imagens acima basearam na seleção de uma capa para cada faixa etária das LIs. Também priorizei imagens mais recentes, haja vista que o objetivo é apontar tendências e não exaurir o estudo.

Abordando o tema sobre seitas e heresias, mostrei a demonização que ocorreu por parte dos comentaristas das LBs às religiões de matriz africana. Logo, trazer alto número de negros e negras nessas revistas não tem o objetivo de valorizar ou legitimar a cultura afro. Pelo contrário, a intenção é oferecer uma alternativa a essas pessoas. Isso ocorre ao mesmo tempo em que há a construção de estigmas negativos dessas religiões. Também não há, nessas revistas, nenhuma defesa das causas dos movimentos negros no Brasil.

Outro ponto que me chamou a atenção está na configuração como essas imagens são montadas. Ressalta-se a apresentação idealizada de matrimônios e relacionamentos aceitáveis pela denominação. Nesses quadros as homoafetividades são negadas, uma vez que não se encontram dois meninos ou duas meninas brincando juntos. As crianças são apresentadas sempre sozinhas ou em casal menino/menina. Dois meninos ou meninas só são apresentados juntos se estiverem em um grupo, o que relativiza a sugestão de amizades mais íntimas entre pessoas do mesmo sexo. Isso mostra o cuidado que os editores tiveram para não legitimar ou representar comportamentos que fogem à heteronormatividade.

Também é possível perceber que as crianças estão sempre em planos diferentes, dando a impressão de que não há proximidade entre elas. Passa-se a ideia de que fazem parte de um mesmo grupo, mas não são íntimas ao ponto de conviverem geograficamente no mesmo espaço.

Nessas montagens, os editores deixam escapar elementos do racismo estrutural presente em nossa sociedade, uma vez que o número de meninos negros com meninas brancas é bem maior do que a de meninas negras com meninos brancos. Essa tendência persiste principalmente entre as revistas que atendem as faixas etárias dos 7 aos 14 anos, fase essa em que as crianças e adolescentes estão se descobrindo para a sexualidade¹⁴².

A opção dos homens por mulheres brancas não está relegada apenas a questões subjetivas. Ana Pacheco (2008), mostra em sua tese de doutorado que as preferências para

¹⁴² Essa constatação se deu através de uma verificação nos arquivos da CPAD disponibilizados na grande rede, cabendo ainda uma verificação das porcentagens dessas aparições. No entanto, um ato tão dispendioso tirar-nos-ia o foco central dessa tese.

contração de matrimônios são dadas socialmente. Nesse aspecto, os modelos de beleza, honestidade e fidelidade são construídas a partir de elementos sociais.

Nessa configuração as mulheres negras levam desvantagens em comparação às mulheres brancas e pardas. Isso porque as imagens construídas sobre elas se reportam ao sexo sem compromisso. O nome de sua tese é sugestivo: “*Branca para casar, mulata para F..., Negra para trabalhar*”¹⁴³. A autora mostra que os homens negros, vítimas também do racismo, buscam superar o preconceito encontrado diariamente através de seus próprios relacionamentos afetivos.

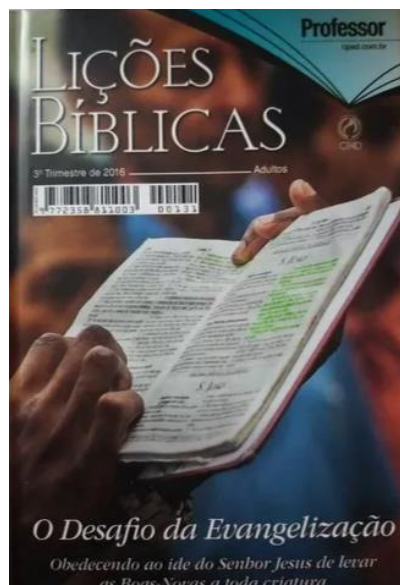
A mulher negra sofre de maneira mais profunda a pressão no sentido do branqueamento, especialmente, do ponto de vista estético [...] E por ser, geralmente, a principal responsável pela educação dos filhos, a mulher negra é utilizada como canal de repasse dos sentimentos de inferioridade impostos pela sociedade, e que causa tantos danos à auto-estima de crianças e jovens negros. Por outro lado, o homem negro, também vítima destas contradições, tende a afastar-se da mulher negra em virtude da ideologia que os inferioriza, relegando-a a **solidão** [...]” (Programa de Ação do Movimento Negro Unificado, Salvador, 1992, p.17-18). (PACHECO, 2008, p. 1).

Há na sociedade uma configuração da mestiçagem que é socialmente aceita, que é homem negro/mulher branca. Embora haja maior representatividade dos negros nessas revistas, os editores não conseguem fugir a preconceitos presentes no cotidiano.

Nas lições para adultos, a tendência não tem sido usar foto de pessoas nas capas e sim figuras. Por isso, não há imagens de negros e negras estampando as capas das revistas. Mas, é possível encontra-los em algum ato de devoção no interior das LBs.

Figura 13 – Representação de negros nas *Lições Bíblicas* para adultos

¹⁴³ PACHECO, Ana Cláudia Lemos. “Branca para casar, mulata para F..., Negra para trabalhar”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia, 2008



III Trimestre de 2016



IV Trimestre de 2018



IV Trimestre de 2009

O pentecostalismo das ADs, está construindo modelos ideais de sociedade. E, esses modelos, como vimos, não passam apenas pelas narrativas teológicas, mas também pela configuração e organização das imagens. Nesse caso, todos são convidados, desde a infância, a abandonar traços que os reportam a sua origem cultural para se inserirem no modelo de religião erigido pelos pentecostais.

Dando sequência aos embates deferidos pelos comentaristas, podemos citar os ateístas ou as pessoas que não têm uma religião definida.

4.3.3.2. Ateístas

Os ateus ou não praticantes de uma religião estavam associados diretamente á má índole¹⁴⁴. A lógica era a seguinte: se Deus era o autor de toda moralidade, bondade e reta conduta, quem não acreditasse nele estava livre para praticar todo tipo de crime, imoralidade e perversão, acreditando que não será condenado por nenhum ser superior. Também não terá peso na consciência dado a cauterização da mesma.

¹⁴⁴ “O ESTADO MORAL E ESPIRITUAL DOS ATEÍSTAS. Alguém falando, acertadamente, disse: “O ateísmo é um desastre espiritual, é como um ácido corrosivo caindo na pérola da alma, a fé, e aí, tudo fica corrompido e mau”. Paulo relata o estado miserável dos que perdem a fé, cf. Rm 3.11-18. Os tais, descem os fatídicos degraus da perdição, Pv. 15.24; Fp 3.19

Notemos o seguinte: a) Corrupção moral. Uma vez não crendo em Deus, entram nas negruras das trevas, cf. Mt. 22.13; b) Estado abominável. São, realmente, repugnantes as ações de tais pessoas. É torpe até em falar, Ef 5.11-15. Tais se tornam como animais imundos, II Pe 2.22.” (OLIVEIRA, I Trimestre 1974, p. 39).

A ferocidade para com os ateus não estava somente no fato de ser incrédulos, mas também, porque advogavam a razão para explicar os principais dilemas vividos pelos seres humanos, principalmente nas questões subjetivas. E, nesse afã de buscar elucidações racionais para tudo acabavam confundindo as crianças com argumentos materialistas.

O ateísmo não é uma religião, mas uma filosofia negativa da revelação da Palavra de Deus. Então sendo uma filosofia negativa à fé, ela procura o ponto mais íntimo e culminante do ser humano, que é a fé objetiva. Sendo a fé o ponto de partida espiritual para procurar e encontrar-se com Deus, Hb 11.6. O ateísmo professa não crer e não necessitar de Deus, pois, é materialista. Há, realmente, duas classes de ATEÍSTAS: Os teóricos e os praticantes ou militantes, segundo a epígrafe da nossa lição. (OLIVEIRA, I Trimestre 1974, p. 38).

Complementando o quadro de pessoas que poderiam ser acusadas de ateístas estavam aqueles que não compartilhavam de todo com as experiências pentecostais ou que lançam dúvidas sobre elas. Como exemplo, o autor cita um certo pastor que estava contaminado com o “vírus do ateísmo”:

Há muitos anos, numa igreja do interior paulistano, os crentes no salão de cultos, buscando a face do Senhor, uns profetizando e outros glorificando o Senhor em línguas estranhas, enquanto que, o próprio pastor do lado de fora zombava, dizendo: Estão em estado histérico, etc... Veja só, o obreiro com “vírus ateístico...” (OLIVEIRA, I Trimestre 1974, p. 38).

Para finalizar a maneira como os pentecostais consideravam a prática dos ateus quero acrescentar uma citação que é exemplar ao exposto até aqui. Diz respeito ao modo como os professores materialistas estavam ensinando o ateísmo para as crianças nas escolas:

Ouvi falar de uma professora ateísta que deixava os alunos com fome e sede e mandava-os orar a Deus, impedindo que se lhes desse qualquer alimento. Depois mandavam que eles orassem a Stalin e, enquanto estavam orando, mandava trazer bandejas repletas de alimento para satisfazer a sua fome. Isto com o propósito maligno de roubar a fé em Deus dos tenros corações. São esses que detém a verdade em injustiça.” (OLIVEIRA, II Trimestre de 1979, p. 104).

No capítulo anterior descrevi como imaginavam que os professores estavam associados a todo tipo de mau comportamento e como transmitiam isso para as crianças, segundo os autores

referidos. Aqui vemos que, apesar de toda a volta da CPAD para a educação teológica e o reconhecimento de institutos bíblicos o estigma para com os professores seculares apenas aumentava.

Também é necessário mostrar a alusão direta que o autor faz do ateísmo para com um certo tipo de regime político e econômico que não estava atrelado ao capitalismo norte-americano. Obviamente falamos aqui do comunismo soviético. No próximo tópico, trabalharemos melhor como essa questão aparece nas revistas no período aqui estudado.

4.4. **Política: distanciamentos e aproximações das ADs com a *res publica* a partir do imaginário apocalíptico**

Algumas indicações foram dadas, no capítulo anterior, sobre elementos do cotidiano, inclusive da vida secular, que interferiram na forma com que os comentaristas organizaram seu modo de pensar. Noções de geopolítica, economia e organização do Estado foram entendidos como sinais dos tempos. Ou seja, uma forma de Deus comunicar aos fiéis a respeito de acontecimentos que marcariam a segunda vinda de Jesus. Essa forma de conceber a realidade é explicada pelo pastor Lawrence Olson em 1979:

Hoje, há uma corrida louca entre o Ocidente e o Oriente, cada nação desses blocos procurando inventar novas armas para garantia de vitória em caso de conflito. Já se estuda o “raio da morte”, à base de raio laser que, seria capaz de incinerar homens e máquinas, aviões e tanques, a grande distância, com o simples apertar de um botão. Os cientistas trabalham sem trégua nesse sentido. Em matéria de guerra nuclear, o mundo vive sob a ameaça constante de cidades inteiras serem destruídas em questão de segundos, como aconteceu a Hiroxima e Nagasaki, em 1945, quando mais de 200.000 pessoas morreram. Quem não vê a “grande espada” da guerra e da destruição pairando ameaçadoramente sobre o mundo? (v.4). (OLSON, I Trimestre de 1979, p. 47-48).

As incertezas para com a realidade alimentavam as mensagens catastróficas nas suas versões mais fundamentalistas. Não bastava apenas descrever os acontecimentos, era necessário dar o sentido espiritual e profético a tais episódios. No caso acima, o autor interpreta o clima político da época pelas passagens bíblicas do livro do Apocalipse. A segunda guerra mundial e a guerra fria são apontadas como já previsto neste livro sagrado, que marcaria a iminência da volta de Cristo.

Entender a realidade a partir da ótica religiosa é algo usual na denominação, mas esse método se intensifica de acordo com os medos sociais. As vivências da guerra fria e o temor do

comunismo serão combustíveis para ativar essa forma de pensar. Isso legitimou o apoio das Assembleias de Deus ao trabalho que os militares estavam desempenhando de “purificação da nação”.

O início da década de 1970 (...) coincidiu com o período de demonstração de apoio das Assembleias de Deus ao governo militar. Entre 1972 e 1973, houve uma quantidade significativa de matérias publicadas no *Mensageiro da Paz*, ratificando o apoio da igreja aos militares. (...)

Em contexto de recrudescimento da violência praticada pela polícia e pelas forças armadas, em que torturas e desaparecimentos se acentuaram, principalmente entre os jovens, as Assembleias de Deus tomaram partido a favor da ditadura. A defesa do governo militar e de sua base política no âmbito federal, estadual e municipal deu-se de forma mais clara e objetiva, sem mais sutilezas. (ALMEIDA, 2016, p. 121,128).

O alinhamento dos assembleianos para com o regime militar se deu pela crença de que estavam cumprindo a suprema vontade de Deus. Essa visão também estava presente em outros periódicos da CPAD (FONSECA, 2014, p. 223).

Era a primeira vez, na história recente do pentecostalismo, que seus líderes viam no poder a representação de seus interesses. Fonseca (2014), ressalta que a preocupação desses religiosos estava mais na garantia de culto do que qualquer outra coisa. Pouco se importavam com as pautas democráticas que outrora diziam defender. Uma vez tendo a garantia de que suas reuniões estavam asseguradas, lavavam as mãos para os crimes cometidos pelos agentes do Estado.

As ideias anticomunistas passam a estruturar o pensamento teológico das Assembleias de Deus (MARTELLI, 2010). A título de exemplo podemos citar a pergunta desesperadora do pastor Geziel Gomes, ainda em 1974, para saber como os crentes poderiam contribuir para limpar o país do comunismo? A resposta? o evangelismo pessoal.

Os cultos são realizados geralmente duas a três vezes por semana, para evangelização. Geralmente duram entre 90 e 120 minutos. Pode a evangelização do mundo depender desses minutos? **Com esse programa salvaremos o mundo do comunismo**, das heresias, do espiritismo, do romanismo e da incredulidade geral? Os evangelistas pessoais dispõem de 24 horas por dia para ganhar almas. Você é um desses evangelistas; você é parte desse maravilhoso Exército de Deus! Entre em ação, em nome de Jesus! (sic) (Grifo nosso) (GOMES, IV Trimestre de 1974, p. 40).

Embora os pentecostais já desenvolvessem suspeitas a respeito do comunismo, nenhum autor havia assumido como sendo responsabilidade da igreja acabar com ele. A ideia que é apresentada por Geziel Gomes se torna pensamento hegemônico dentro da denominação. Essa ideia ainda prevalece nas Assembleias de Deus, o que legitima a atuação de parlamentares que dizem defender os interesses dos evangélicos, tanto no executivo como no legislativo.

Pode-se dizer que as Assembleias de Deus e os muitos grupos conservadores encontraram expressiva possibilidade de crescimento durante a ditadura militar. Enquanto grupos minoritários foram perseguidos, nunca, nenhum outro regime político, ou governante, satisfaz tanto o imaginário da denominação como os militares no poder, tempos esses que marcaram significativamente o crescimento da denominação e que deixaram saudades para muitos pastores que vivenciaram tal período.

Os métodos utilizados por eles, sabe-se hoje, não era muito cristão ou republicanos. No entanto, os pastores davam mostras de que pouco se importavam com os meios, desde que os fins fossem alcançados. Olhavam apenas para o cumprimento daquilo que imaginavam ser a vontade de Deus. Ora, se o comunismo era uma ameaça para a propagação do evangelho, conforme mostrei no capítulo anterior, a lógica era proclamar o seu fim para que o evangelho avançasse. “Durante a ditadura, os pastores pentecostais ficaram do lado dos militares, pois temiam que o comunismo fosse uma ameaça à fé evangélica.” (CARVALHO, S/D, p. 2).

O que se vê aqui são ações estritamente pragmáticas. O fato de olhar apenas para dentro da denominação os faz desconsiderar as lutas sociais e os engajamentos políticos que setores fora da igreja estavam procurando desenvolver. Era comum a ideia de que, buscar justiça social sem a propagação do evangelho era perda de tempo, além de ser desobediência às autoridades constituídas.

O controle sobre a interpretação das narrativas apocalípticas não deixa de revelar conflitos internos nas disputas de poder. As versões consideradas heréticas eram combatidas por aqueles que detinham o domínio da narrativa oficial. Ou seja, interpretar o apocalipse e o fim dos tempos era também determinar os representantes legítimos da denominação. O combate aos hereges e “falsos mestres” é o reconhecimento de que não havia consenso nas interpretações que davam aos textos bíblicos¹⁴⁵.

¹⁴⁵ A exemplo do que estamos abordando aqui, podemos citar a revista do III Trimestre de 1985, onde o autor combate todas as outras formas de entender o livro do apocalipse existentes dentro da própria denominação, que ao seu entender provem de “falsos mestres” ou de heréticos.

É necessário que se diga que Antonio Gilberto adquire também o protagonismo dessas narrativas. Isso pode ser visto no livro que publicou em 1984, denominado *Daniel e Apocalipse*. Nesse livro o autor mostra a maneira “correta” de ler as passagens bíblicas sobre o fim dos tempos. O referido pastor é conhecido na denominação, não somente por seu amor às Escolas Bíblicas Dominicais, mas por seu combate às heresias, principalmente no campo escatológico.

Osiel Lourenço de Carvalho destaca que, a princípio, a crença na volta de Jesus era o que distanciava esses religiosos da vida pública. Mas, com o passar do tempo, houve a necessidade de os crentes se posicionarem a respeito dos principais assuntos referentes à vida social, o que levou a uma ressignificação do próprio sentido de fazer escatologia.

A crença na vinda de Jesus e os sinais que se ligam a esse acontecimento os levaria a agir em defesa da família e dos bons costumes. Se estes não se colocassem como patronos desses pontos, quem teria esse papel na sociedade? Isso mostra que a própria visão que tinham de si mesmos também se alterou. Com isso, o engajamento político tornou-se mais fácil.

A abertura política que adveio com a redemocratização abriu a possibilidade desses religiosos se lançarem na política em pé de igualdade com outros segmentos. A ideia de que “crente vota em crente” se prolifera nos púlpitos e periódicos pentecostais. Isso pode ser visto, mais empiricamente a partir da eleição para deputados em 1986, quando através de candidaturas oficiais, as Assembleias de Deus, conseguiram emplacar 13 deputados de uma só vez, dobrando assim o tamanho da representatividade da bancada evangélica na câmara federal. (FREESTON, 1993).

As aproximações das ADs com as questões políticas não se deram somente a partir de interesses circunstanciais, mas foram meios encontrados para defesa de princípios bíblicos. Parece que a atuação do Espírito Santo na consciência individual das pessoas não estava sendo suficiente para convencer o homem do pecado da injustiça e do juízo, era necessário uma forcinha dos recursos estatais.

Sendo assim, engajar-se na política era o modo de defender a “família tradicional” e retardar as ações do anticristo no mundo, garantindo que um maior número de pessoas viesse a alcançar a salvação por meio do evangelismo. O que se vê, a partir desse período, é o pensamento hegemônico de que não é mais possível ser um bom cristão sem engajar-se politicamente a favor dos interesses da denominação, seja se lançando como candidato, fazendo

panfletagem ou simplesmente apoiando aqueles que se colocavam como representantes dos interesses evangélicos. Essa forma de pensar não é apenas uma atuação periférica na denominação, mas tornou-se parte essencial da teologia pentecostal presente nas Assembleias de Deus.

Se os pentecostais compreenderam o tamanho da sua força política, pode-se dizer que seus opositores também não tardaram em reagir. Isso fica evidente, o mais tardar, nas eleições, quando as discussões em torno das pautas levantadas por esses religiosos tendem a ser cada vez mais de caráter conservadoras. Pode-se dizer que os medos sociais e o imaginário apocalíptico, tradicionalmente presente nas ADs, legitimam candidaturas evangélicas. A consequência são acirramentos tanto externos quanto internos.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DO CAPÍTULO

Ao longo dos anos foram muitos os personagens que contribuíram para dar respostas teológicas às questões levantadas pelo público assembleiano. Cada autor atuou na tentativa de canalizar as mudanças que ocorriam na sociedade e interpretá-las de acordo com a tradição cristã pentecostal que julgavam corretas. Esses pensamentos foram expostos, de maneira oficial nas *Lições Bíblicas*, desde os anos de 1930 até os dias de hoje.

Esse capítulo em questão representou os anos que vão de 1973 aos anos 2000. A delimitação desse período se deu ao considerar as muitas mudanças estruturais dentro da própria revista *Lições Bíblicas*, além das transformações estruturais dentro da CPAD, o que representava uma alteração de mentalidade sobre o processo de educação cristã.

Embora outros pesquisadores (ALENCAR, 2013; CORREA 2016), tenham mostrado que a igreja passava por intensa fase de rachaduras e disputas internas, procurei ressaltar a confluência das narrativas para adoção de comportamentos mais conservadores dentro da CGADB. Antonio Gilberto e Geziel Gomes, cada um a seu modo, se destacaram como principais articulistas dessa teologia.

Os assuntos que ganharam mais destaque estão relacionados à santidade, missões e a segunda vinda de Jesus. Os comportamentos do cotidiano, tais como: organização familiar; o cristão no trabalho; educação formal e teológica e até mesmo questões relacionadas à política, são perpassados por esses três temas acima aludidos, que não deixam de ser diretrizes à conduta cristã na vida diária.

Na questão da família, vimos que houve uma permanência do conservadorismo estrutural com leve alteração do foco. As mulheres, outrora contempladas pelos desfechos dos comentaristas, ganham como parceiros no banco dos réus os homossexuais, que, por sua vez, são representados como a pior degradação a que o ser humano poderia chegar.

Enquanto vigora o conservadorismo para com as estruturas familiares, há um abrandamento para com a questão financeira. Ganhar dinheiro já a muito tempo deixa de ser um problema para ser a solução de resolver os empasses econômicos na igreja. Ou seja, pode-se ganhar, honestamente, o máximo de dinheiro possível, desde que as mãos do crente não estejam fechadas para ofertar e dizimar na casa de Deus.

No que diz respeito às questões da educação, pode-se perceber que as mudanças foram estruturais e de mentalidade. O conservadorismo cresce na medida em que um plano curricular é montado para guiar as revistas *Lições Bíblicas*. Antonio Gilberto se destaca também como responsável pelas mudanças aqui aludidas, principalmente na criação do CAPED, para treinar os professores da EBD em todo o Brasil. A ideia não era promover o senso crítico nos educandos, mas sim, que estes não se deixassem levar pelos ensinamentos materialistas que porventura estavam nas escolas e entre a literatura profana.

A questão da política deve ser entendida a partir das instabilidades vividas no país. Enquanto perseguições foram organizadas a muitos setores da sociedade civil, os pentecostais encontraram chances reais de crescimento e representatividade no poder. As aproximações com a república se deram a partir dessa lógica organizacional.

Os autores legitimaram a participação dos evangélicos na política para combate ao materialismo e ao comunismo, sendo essa uma forma de abreviar a segunda vinda de Jesus. O pensamento escatológico que outrora foi fundamental para manter o asceticismo na igreja, agora era usado como forma de legitimar a participação do crente nesse meio.

Esse engajamento corroborou para apoio ao regime militar. Com a redemocratização houve a possibilidade de lançar candidaturas oficiais na política com a pretensa ideia de defender os interesses de Deus e da igreja.

A partir daí, fecha-se o ciclo nas Assembleias de Deus, onde o palanque e o púlpito se misturam de tal forma, que nos é passível perguntar se a igreja atualmente consegue sobreviver sem a política e a política sem a igreja.

O próximo capítulo terá a função de nos proporcionar uma síntese teórico-metodológica do que foi apresentado até aqui. Mostrarei os caminhos trilhados e os principais pontos de rupturas e continuidades da teologia pentecostal para a vida cotidiana presente nas *Lições Bíblicas* das Assembleias de Deus, além de fazer algumas projeções das soluções oferecidas pela denominação aos desafios que se apresentam no século XXI.

CAPÍTULO V

TEOLOGIA PARA A VIDA COTIDIANA: CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROJEÇÕES

Esse capítulo tem a função de oferecer uma síntese dos caminhos percorridos nessa pesquisa. Desejo fornecer ao leitor uma retomada dos conteúdos, buscando apresentar ponto a ponto as rupturas e continuidades da teologia pentecostal das Assembleias de Deus para a vida cotidiana e assim abonar a hipótese de que as LBs constituem o eixo estruturante da teologia pentecostal, respondendo invariavelmente à vida cotidiana dos fiéis.

Também farei alguns apontamentos sobre os caminhos da teologia pentecostal das ADs nos dias de hoje. Desenvolvo essa atividade do ponto de vista das Ciências Humanas e não a partir das perspectivas teológicas da denominação.

Abordo este capítulo com alguns objetivos em mente, mais no sentido de levantar provocações do que apontar conclusões definitivas. O trabalho que desenvolvo torna-se importante por alguns motivos. O principal deles é olhar para a história da teologia pentecostal a fim de observar nela ligações entre suas narrativas e a instauração/consolidação das ADs na sociedade, algo que já venho apresentando desde o início desta tese. Porém, o que desejo fazer aqui é mostrar essas alterações com o passar dos anos.

É possível que escape algum elemento importante da construção da teologia pentecostal que o leitor, com olhar mais acurado conseguirá observar. No entanto, um dos objetivos dessa pesquisa é fomentar novas discussões que tenham as *Lições Bíblicas* e os materiais para as EBDs das ADs como fontes de pesquisa.

Antes de entrarmos propriamente nas considerações deste capítulo, é bom lembrarmos os critérios para construção desta tese. Ela foi baseada em análise de fontes primárias, que são as revistas *Lições Bíblicas* para Escola Bíblica Dominical das Assembleias de Deus. O período pesquisado contempla desde os anos de 1930 até os anos 2000, divididos em três períodos e guiado por 4 eixos temáticos, a saber: família, trabalho, educação e política.

Reparem que a ordem dos eixos temáticos foi do particular para o geral, mostrando que o arranjo da vida cotidiana vai se estendendo de uma camada nuclear e central, que é a família, para elementos mais gerais, que são os outros espaços tais como o trabalho, a educação secular

e teológica e, por fim, questões mais gerais e abstratas que dizem respeito ao campo da política. Considero que não haveria eficácia na transmissão da mensagem pentecostal se elementos internos e subjetivos não fossem prenhes de sentidos.

Esses ambientes são pensados e estruturados a partir de elementos da religião, a princípio, uma religiosidade vibrante e cheia de possibilidades. Mas na medida em que se estrutura e institucionaliza torna-se burocrática, estática e inibidora das possibilidades individuais de ação. Esse processo faz surgir, internamente, inúmeras divisões e rachaduras (ALENCAR, 2013). Nessa tese mostro as alterações teológicas que legitimam essas mudanças e utilizo, para isso, os materiais didáticos para as EBDs nas ADs.

De acordo com Berg e Luckmann (2004), a realidade não é dada a priori, mas construída socialmente. Nesse sentido, nenhuma relação humana pode ser concebida como eterna e imutável, por mais que assim se apresente aos seus participantes. O tema da família e sua organização é o primeiro ambiente que se apresenta aos indivíduos como constituído naturalmente.

Sendo assim, a tendência é que o ser humano tenha por naturais as relações sociais que se estabelecem nesse espaço. Quando esses elementos são legitimados também pela religião isso se solidifica e cristaliza na mente dos sujeitos como realidade objetiva. A partir dessa perspectiva toda e qualquer ação humana, que vai contra o modelo familiar proporcionado, tende a sofrer repressões. Isso ocorre para que se mantenha a ordem do mundo, que se apresenta como criação dos deuses, mas que é socialmente construída.

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles. (BERGER & LUCKMANN, 2004, p. 36).

A partir do exposto devemos entender que ao encontrarmos nas *Lições Bíblicas* a apresentação de uma teologia para a vida cotidiana, o que se tem é uma busca constante pela ordenação e manutenção do mundo. É a resignificação dos sentidos individuais e de grupo que rompem com as outras instituições estabelecidas. Isso ocorre ao mesmo tempo em que essa instituição religiosa ganha prestígio e relevância social, tendo assim o poder de estabelecer modelos ideais de se viver.

5.1. Crescimento das ADs em disputas pelo espaço religioso

A fim de demarcar o exposto, quero levantar algumas questões iniciais que nos servirão de orientação ao longo desse capítulo: o que fez com que os pentecostais das ADs, desconsiderados e perseguidos no início do século XX, se tornassem uma das maiores e mais influente igreja nos dias atuais? Quais os caminhos adotados por essa instituição que foram resultando nesse sucesso?

As respostas para essa pergunta podem ser diversas, dado a complexidade do fenômeno. Seus representantes tendem a dizer que isso só foi possível porque houve intervenção divina no curso da história. Apesar dessa resposta ser aceita na esfera religiosa, para nós aqui, constitui-se limitada por não conseguir, objetivamente, mostrar como se deu seu crescimento em termos sociais.

Por isso, apoio-me no campo das Ciências Humanas para mostrar as mudanças que ocorreram na teologia das LBs. Priorizarei os pontos ligados às áreas já abordadas, para mostrar o sentido dos discursos que fizeram parte da defesa da fé pentecostal com o passar do tempo.

A primeira coisa a observar são as alterações que se dão no direcionamento de sua apologética. É possível perceber que os grupos com os quais os pentecostais mais gastaram tempo para combater, dizem mais sobre o período histórico vivenciado pela instituição do que com aqueles que recebiam suas atenções.

Para usar a linguagem de Pierre Bourdieu, o que vimos acontecer é o estabelecimento de conflitos entre dominantes e dominados em determinado campo social. Torna-se uma busca constante, por parte dos pentecostais para se fazerem reconhecidos no campo de ação na qual direcionam suas atividades.

Por exemplo, no período inicial da instauração da fé pentecostal no Brasil, que tinham como principais expoentes os missionários suecos, os grupos com os quais os comentaristas das LBs se preocupavam estavam ligados diretamente ao campo religioso. Católicos e Protestantes eram duramente criticados por seu “mundanismo” e “frieza espiritual”.

As críticas contra esse segmento podem ser entendidas como uma busca por autoafirmação e legitimidade na esfera religiosa. Os pentecostais desejavam, parte do capital simbólico presente nessas denominações que criticavam. Uma vez conseguindo se firmar no espaço religioso, os direcionamentos se alteram para outros setores, a fim de ampliar seu poder de influência.

É importante lembrar que nessa fase os autores nada diziam sobre a educação secular, e reafirmavam a importância de se obedecer às autoridades políticas, sem questionamentos. Algo que vai mudando com o passar dos anos, principalmente na contemporaneidade. Obedecer às autoridades não é tão vantajoso na medida em que elas passam a apresentar posições contrárias às visões de mundo oferecidas pela instituição.

No segundo período, a tendência não era focar tanto nas denominações concorrentes, mas sim, no setor escolar que se tornava o principal responsável pela educação e formação das crianças. Essas críticas podem ser exemplificadas através dos acometimentos sofridos pelos professores e pelos representantes da ciência. Isso porque esses grupos, não sendo detentores de capital político e tampouco econômico, têm algo que os pentecostais desejavam, que é o reconhecimento social na transmissão de verdades fundamentais para a organização da vida cotidiana.

Esse capital simbólico era proporcionado pelo rigor da ciência na obtenção dessas verdades, algo que foi atribuído, desde a primeira hora, aos mestres escolares. Nesse caso, para que os pentecostais das ADs fossem reconhecidos como legítimos porta-vozes da interpretação da realidade, precisavam extinguir as vozes discordantes.

Para obtenção desse objetivo, nada mais coerente do que desqualificar os representantes da ciência. Esse desmerecimento veio principalmente pela questão moral. Os professores foram pintados como promíscuos, ateístas, portadores de má-fé no exercício de suas funções. Além de serem propensos a cometerem crimes de toda qualidade.

As alterações no emprego de suas energias, saindo do embate religioso para o educacional, mostram desejos de ampliação do capital simbólico desses empresários dos bens de salvação.

Há vantagens latentes para os pentecostais nesse jogo de forças. O primeiro deles é a pouca experiência das classes populares brasileiras com as salas de aula, dado o alto índice de analfabetismo no Brasil. Isso alimenta o imaginário pouco condizente com a realidade escolar enfrentada diariamente pelos professores no Brasil. A segunda questão tem a ver com a herança religiosa do país. Somos herdeiros de uma tradição religiosa que fundamenta às explicações de mundo oferecidas pela teologia pentecostal das ADs.

Portanto, fantasiar conluios por parte dos professores, ateus e comunistas é plausível a indivíduos que colheram poucas benesses com a educação secular. E, não vislumbram, ao menos no horizonte, nenhuma possibilidade de mudar essa realidade.

A demonização dos cientistas, professores, jornalistas e profissionais liberais ligados a diferentes campos de conhecimento, abre espaço para crescimento das ADs no Brasil. Haja vista que estes se colocam como porta-vozes de uma nova visão de mundo, oferecendo explicações mágicas para o funcionamento da realidade. É uma ação profética nos termos de Bourdieu:

...a revelação profética também se baseia em uma “visão unitária da vida alcançada por meio de uma atitude consciente, de sentido unitário pleno”, fazendo com que a vida e o mundo, bem como os acontecimentos sociais e cósmicos sejam preenchidos por certos sentidos no âmbito de sua visão do mundo. O discurso profético seria, então, uma tentativa de sistematizar e ordenar todas as manifestações da vida, de coordenar todas as ações de um estilo de vida. (MICELI *apud* BOURDIEU, 2007, p. LVII).

Aos poucos as ofensivas ganham contornos políticos. Isso ocorre principalmente no terceiro período de nossos estudos. No entanto, a legitimação da participação dos membros pentecostais nesse setor se justifica para defesa da reprodução e permanência dessa mensagem na sociedade. Seu crescimento e sucesso se efetivam na sua capacidade de direcionar sua apologética a setores estratégicos da sociedade, ampliando, assim, sua capacidade de ação.

Assim, neste caso parece se confirmar uma das teses de Bourdieu:

A religião serve interesses extra-religiosos na medida em que instaura um sistema de símbolos ordenados em torno de uma ética. Na verdade, não passa de um sistema de regras e normas, de um *habitus* que orienta as condutas e os pensamentos dos leigos, de acordo com uma doutrina que justifica a ordem social prevalecente numa determinada sociedade. A eficácia desta doutrina acerca da ordem do mundo reside no fato de que retira do plano das relações sociais objetivas o arbítrio e o controle desta ordem, que passa a ser entendida como produto de uma vontade divina inacessível. (MICELI *apud* BOURDIEU, 2007, p. LIX).

As escolhas dos grupos sociais a serem combatidos revela o conflito pelo estabelecimento do poder tão falado por Pierre Bourdieu. Os grupos selecionados como opositores do pentecostalismo são portadores de capitais simbólicos desejados por essa

instituição. Estão em disputas diferentes tipos de poder, simbólicos ou reais, da qual os pentecostais querem se apropriar. Isso explicaria as alternâncias dos inimigos das ADs ao longo dos anos, haja vista que os interesses da instituição também se alteram.

O que aconteceu com os católicos e protestantes, no início do estabelecimento da mensagem pentecostal no Brasil, volta a se repetir com as religiões de matriz africana nos dias atuais. Apesar de toda demonização que atribuem a essas religiões, o desejo de se apropriar do espaço ocupado por elas é latente. O que está em jogo não é apenas o domínio do mundo espiritual. Almeja-se o controle das almas dos leigos que resultam em consequências práticas da organização do cotidiano. Nesse caso, os pentecostais das ADs se veem em conflito com outros segmentos do próprio pentecostalismo.

Os recentes ataques à terreiros de candomblé e umbanda no Brasil, orquestrados por grupos religiosos não são apenas físicos. São espelhos do que ocorre no mundo espiritual de acordo com a crença pentecostal, espalhando para a realidade na forma de violência real. Se as LBs não incentivam esses ataques de uma maneira direta, há, em suas páginas, orientações indiretas para que isso ocorra.

A teologia pentecostal construída nas ADs, não somente diz respeito ao momento histórico vivenciado pela instituição, como também representa uma teologia para a vida cotidiana. Não é preciso dizer que as ofensivas aos movimentos LGBTs¹⁴⁶ na contemporaneidade caminham no sentido apresentado acima.

No próximo tópico, ampliarei as discussões sobre o tema da família nas LBs e abordarei a questão das homossexualidades apresentadas nessa revista. No entanto, é necessário retomar aos modelos de homem e mulher para compreender os impactos da mensagem direcionada ao tema que trata das homossexualidades. É o que faremos a seguir.

5.2. Revisitando o lar pentecostal: a centralidade do corpo feminino na teologia pentecostal

¹⁴⁶ “Ultimamente, há um grande conflito entre os movimentos e seus membros sobre a representatividade em forma de siglas. Esse conflito, inicialmente, pode-se dizer, vem da representatividade que os sujeitos obtêm na sigla à frente das lutas do movimento homossexual. Cada letra da sigla do movimento representa um coletivo de pessoas que se uniram para lutar pela liberdade sexual e muitas sofreram mudanças, tais como: *Gays*, *Lésbicas e Simpatizantes (GLS)* e *Gays, Lésbicas Bissexuais e Travestis (GLBT)*. Conforme o movimento ganha força, novos membros são incorporados às lutas; alguns integram também novas letras na bandeira do movimento (CALIFIA; KOYAMA, 2013).” (SIQUEIRA, 2015, p. 24). Nessa tese uso a sigla LGBT, por ser a forma mais recorrente encontrado nas mídias sociais, isso não exclui o reconhecimento da pluralidade de abordagem sobre esse movimento na contemporaneidade.

Ao iniciar essa pesquisa, um dos objetivos era entender como a instituição familiar foi apresentada aos crentes das Assembleias de Deus ao longo dos anos, tendo por pressuposto que nenhuma relação humana é natural, e sim criada socialmente. Uma das primeiras coisas que me saltou aos olhos na leitura das *Lições Bíblicas* diz respeito a questões de gênero. Entendi, desde o início, que esse trabalho seria incompleto se não desse uma atenção especial a essa discussão, pois esse assunto permeava – e permeia – todo o sentido lógico das LBs.

Isso ocorre não somente pelo fato de as *Lições Bíblicas* terem sido criadas exatamente na ocasião em que as mulheres foram derrotadas através do impasse que se gerou em torno do caso de Frida Vingren, na 1ª AGO, mas também pelo sentido dos conteúdos que eram claramente ordenados a partir de um machismo estrutural.

As noções mínimas de pecado, fé e doutrinas estão ligadas diretamente ao domínio e uso dos corpos das mulheres. Os *tabus* em torno do corpo feminino reforçam a ideia de que são elas as responsáveis pela existência do pecado e da maldade no mundo. Logo, estão nelas as ferramentas que levam os homens a caírem em tentação. Inibir seu corpo é, ao mesmo tempo, inibir as possibilidades do pecado.

Se por um lado há a negação da atuação sacerdotal para as mulheres, de outro há a demarcação do lugar que as mesmas devem ocupar na sociedade. Seu espaço fica relegado à maternidade e ao lar. Essa demarcação representa a definição de quem tem o direito de falar em nome da instituição e em nome de Deus, uma vez que ficou decidido que elas deveriam apenas *testemunhar*. Se havia alguma chance de a comunidade pentecostal oferecer uma visão menos machista sobre as mulheres, essa opção se esvai a partir da 1ª AGO.

A mensagem pentecostal que é apresentada a partir de então tende a fazer ligações da doutrina pentecostal, que se cristalizou ao longo dos anos, com as necessidades diárias na contemporaneidade. O fato de as mulheres terem alcançado importante espaço no mercado de trabalho atualmente revelam isso.

Os novos comentaristas ressaltam que elas até podem assumir novas funções perante a sociedade, desde que não esqueçam para que foram realmente criadas. Isso pode ser visto com mais clareza em uma recente lição, escrita pelo pastor Eliezer Lira, no II Trimestre de 2004, que trata exclusivamente do modelo de Deus para a *Família Cristã*. Nessa ocasião em especial o autor ressalta o papel de cada membro no lar:

As pressões e demandas sociais e econômicas dos últimos tempos têm levado multidões de mulheres a buscar o incremento dos recursos financeiros da família, o que não fere os princípios bíblicos. **Porém, isso não isenta da responsabilidade de cumprir as orientações do seu marido no lar, (...).** Por mais que esta mulher disponha de pessoas para executar as tarefas rotineiras do lar, **sobre ela recai a responsabilidade final das atribuições de uma mãe de família e dona de casa.** (Grifo nosso) (LIRA, II Trimestre de 2004, p. 29).

A mensagem acima expressa o lugar que é reservado às mulheres na teologia pentecostal na contemporaneidade. Diferente das outras citações alocadas, o texto supracitado é uma menção atual, referente já ao século XXI. Ou seja, o pensamento conservador sobre as mulheres não era coisa do passado, mas está presente na teologia das ADs ainda nos dias de hoje. Na medida em que se avança as leituras sobre a organização da família cristã pentecostal nas LBs, a imagem conservadora sobre o lugar delas no espaço doméstico é constantemente reafirmado.

Apesar de haver uma flexibilização sobre a possibilidade de elas trabalharem para ajudar na manutenção da casa, o pastor Eliezer Lira reafirma que isso “não isenta da responsabilidade de cumprir as orientações de seu marido no lar” e mesmo a família tendo condições financeiras de pagar alguém para realizar o serviço doméstico, “sobre ela recai a responsabilidade final das atribuições de uma mãe de família e dona de casa” (LIRA, II Trimestre de 2004, p. 29).

Nem se-quer é cogitado a ideia de que o homem poderia executar as tarefas domésticas, ou que o lar seja uma construção em conjunto de todos os membros da família, seja por entrelaçamento de sangue ou não. É nesses pontos que ocorre a reprodução de uma imagem machista na igreja, que se espraia para toda a sociedade.

O referido autor diz perseguir um “ideal divino”, para isso “...cada componente deve exercer seu papel com fidelidade, diligência e amor.” (LIRA, II Trimestre de 2004, p. 4). Enquanto a elas são reservadas as funções domésticas, para eles cabe a responsabilidade de ser o chefe da família, provedor e o cabeça que deve tomar todas as decisões. As razões porque deve ser dessa forma são assim explicitadas:

Quanto ao homem, a sua predisposição psíquica é mais racional que emocional, por isso Deus lhe confiou a condução do lar. A ele compete enxergar os problemas, estudar e prover as suas soluções. (...) Além disso, se requer dele maturidade, sabedoria e equilíbrio em cada situação que surgir.” (LIRA, II Trimestre de 2004, p. 28).

O autor fala que a “predisposição psíquica” do homem “é mais racional”. Ao fazer tal afirmação recorre a preconceitos na diferenciação dos gêneros, tão marcantes no Brasil. Preconceitos esses que são possíveis de serem vistos na capilaridade da vida cotidiana. Essa argumentação legitima a diferenciação dos salários entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Pois, na era em que a informação é posta como diferencial de qualificação, considerá-las predispostas psiquicamente a ter menos racionalidade é legitimar, por vias teológicas, tal desigualdade. Poderíamos citar casos mais graves em que essa argumentação encontra guarida, tais como o crescimento das taxas de feminicídio no Brasil¹⁴⁷.

Rigoni (2013), em sua pesquisa, mostra que essa diferenciação na concepção de gêneros marca de formas diferentes os corpos dos meninos e das meninas dentro da instituição. Sobre sua pesquisa ela revela:

A cada aula [das EBDs] as professoras enfatizavam qual era o comportamento “correto” de uma mulher. Além disso, questões sobre a família, a fé e os cuidados com o corpo também eram mencionados nas aulas.” (...).

Percebi que, apesar da rígida educação religiosa a que estão submetidas, as meninas vivenciam conflitos na vida cotidiana e, em diversas ocasiões, o corpo é o cenário deste debate. (RIGONI & PRODÓCIMO, 2013, p. 229-232).

Os elementos acima podem ser vistos com mais clareza através dos “usos e costumes” e das proibições sacerdotais que desde os primeiros anos foram impostos a elas. No entanto, as impressões religiosas não são alocadas apenas de modo exterior. Rigoni e Prodócimo (2013), mostraram que os comportamentos aprendidos nas ADs, sobretudo nas EBDs, se transformavam em gestos e hábitos corporais para além da exterioridade. Fica marcado em seus corpos, um jeito de andar, falar e agir, que condiz com a ideia de subclasse defendida por Eliezer Lira.

O controle dos corpos femininos ganha, portanto, vários aspectos. A rigidez no vestuário e a exigência à submissão ao marido são apenas uma dessas faces. No entanto, o novo milênio traz questões mais densas. Por exemplo, quando entra em discussão o direito à reprodução, o assunto recebe ares mais belicosos.

¹⁴⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/29/casos-de-feminicidio-aumentam-76percent-no-1o-trimestre-de-2019-em-sp-numero-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-cai.ghtml>> Acesso em: 01 dez. 2019.

Essa questão pode ser vista em duas perspectivas, a primeira refere-se à elementos internos à teologia pentecostal. A segunda é a captação dessa mensagem em termos políticos. Que lideranças ligadas as ADs têm usado essa mensagem para fins eleitoreiros não é nenhuma novidade. A questão é que existe por parte das *Lições Bíblicas*, incentivos para que as ADs caminhem nesse sentido, o que não deixa de ser uma visão claramente clientelista da política e do espaço público presente na teologia pentecostal. Esse estímulo é possível de ser visto com mais clareza na revista do IV Trimestre de 2005, escrita pelo pastor Geremias do Couto:

Estimulando vocações cristãs para a vida pública. (...) é nosso dever também estimular as vocações cristãs realmente comprometidas com os valores do Reino, a fim de que os crentes ocupem espaços em todos os segmentos da sociedade. Seja no magistério de nossas escolas ou universidades, seja nos meios de comunicação, seja em nossos parlamentos, seja na hierarquia de nossas forças militares, seja no operariado e funcionalismo em geral, seja em nosso judiciário, seja nos governos de nossos municípios, estados e país. Vamos estimular os nossos jovens a crescerem intelectualmente, em conjunto com o crescimento espiritual para que, guiados sobretudo pela Palavra de Deus, tornem-se agentes de transformação da sociedade em lugares estratégicos. (Grifo original do texto) (COUTO, IV Trimestre de 2005, p. 16-17).

Uma das definições de ideologia, apresentadas por Berg e Luckmann é “Quando uma particular definição da realidade chega a se ligar a um interesse concreto de poder...” (BERG & LUCKMANN, 2004, p. 166). A partir desses termos, pode-se dizer que a ideia apresentada pelo autor nas *Lições Bíblicas* se qualifica como ideologia, pois serve, nas narrativas contemporâneas, para compensação de forças no jogo político.

Na lição supracitada, o autor diz haver uma série de forças que estão em conluio para tentar calar a voz da igreja na pós-modernidade, por isso a inserção dos crentes em diversos meios se faz necessária.

Como apontei ao longo da tese, a relação conflituosa dos pentecostais não se dá apenas no meio político ou religioso, mas as mídias sociais também são eleitas como um desses campos de combate. Sobre isso o autor escreve:

Os formadores de opinião, que se moldam pela visão pós-modernista, estão sempre presentes nos espaços que lhes abre a imprensa a fim de insistir sistematicamente na mesma tecla: união entre pessoas do mesmo sexo, aborto, eutanásia, pesquisas com células-tronco embrionárias, clonagem humana, descriminação das drogas, libertinagem e tudo mais que se identifique com o sistema mundano (1 Jo 2. 15-17). Quem se posiciona clara e firmemente

contrário e os que boicotam esse tipo de mídia estão prestando um grande serviço ao Reino de Deus. (COUTO, IV Trimestre de 2005, p. 23).

De fato, não há espaço para o feminismo na teologia pentecostal, ao menos não nas *Lições Bíblicas* e na forma como ela está estruturada atualmente. Embora haja maior aceitação das mulheres ocupando os púlpitos pentecostais na contemporaneidade, deve-se refletir em que termos isso tem ocorrido. Pois, o teor da mensagem anunciada por elas reforça o conservadorismo ao qual há pouco nos referimos. É como se um representante de uma minoria ocupasse um espaço de mando para agir contra o grupo que diz representar.

Para abordar os casos das homossexualidades na teologia pentecostal presente nas LBs é necessário que se tenha em mente essa delimitação muito clara dos sexos. O modelo ideal de comportamentos masculinos e femininos será o grande entrave para diálogos mais fecundos entre os setores conservadores da religião pentecostal e os movimentos LGBTs. Sobre isso ampliaremos a discussão no próximo tópico.

5.2.1. As homossexualidades e os pentecostalismos: o surto do HIV/AIDS nos anos de 1980, e as construções das narrativas religiosas

Mostrei ao longo desse trabalho como é recente a atenção que os comentaristas das *Lições Bíblicas* deram a questão das homossexualidades. Apenas no final dos anos de 1970 e início dos anos 1980, esse tema passou a ser abordado com maior intensidade. Chamo a atenção não apenas a um interesse repentino a novo assunto, mas sim, ao status que o mesmo ganhou nas revistas a partir de então. Se observarmos o gráfico 1, veremos uma linha acentuada, nessa fase, ao tema da organização familiar. Grande responsável por essa mudança são as questões de gênero ligadas diretamente ao espaço doméstico.

É plausível questionar quais são razões para que o pentecostalismo assembleiano tenha identificado no movimento LGBT seus principais opositores. Sobre isso levanto algumas hipóteses: foi somente a partir dos anos 1970 que esse movimento se coloca como grupo organizado para reivindicação de direitos civis. Isso, além de estimular o orgulho LGBT, denuncia preconceitos presentes na sociedade. As religiões judaico-cristãs são alvo dessas denúncias. São acusadas de promover um discurso que não apenas gera olhares torpes a quem se declara fora da heteronormatividade, como tem sido a causa de homofobias, que têm gerado violência constante a esses grupos.

Além dos pontos elencados acima, não se pode ignorar a presença que este movimento passa a ter nas mídias sociais. Artistas, não apenas se declaram homossexuais, como se colocam como militantes e defensores das causas LGBTs. Isso promove maior visibilidade desse grupo, que não somente se põem como influente, como também capaz de oferecer um modelo de vida que vai além do instituído pelas religiões conservadoras.

Pode-se dizer que apenas quando esse grupo é visto com maior frequência na sociedade e capaz de oferecer uma alternativa ao pensamento judaico-cristão é que o “pecado da homossexualidade” passa a ser apontado como iniquidade capaz de destruir a família tradicional brasileira. Não se trata apenas de combater uma “perversão”, mas sim um grupo de pessoas que declaram orgulho de ser o que são e que não estão dispostas a aceitar, de imediato, o discurso religioso para uma mudança de vida.

O orgulho LGBT promove entraves aos interesses de evangelismo do movimento pentecostal, que desde a sua gênese tem se preocupado com a salvação das pessoas através da sua conversão e confissão de fé.

Essa autoestima era não apenas um resgate dos valores subjetivos da pessoa humana, mas tornava-se uma militância para que o Estado atendesse suas reivindicações, que cada vez mais se colocavam como legítimas, apesar da forte oposição do setor religioso. Exigia-se alterações na legislação para reconhecimento de seus direitos civis. Isso fez com que os pentecostais identificassem nesse grupo uma tentativa de perverter, por parte das leis, o modelo de família que consideravam ideal para a humanidade. Pode-se dizer então que o espaço político passa a ser campo de disputas entre esses dois grupos.

Os líderes das ADs, incentivam os membros da igreja a se envolverem cada vez mais com a política para defender valores que julgavam universais e essenciais ao evangelho. Por isso, constata-se um aumento repentino de textos, nas *Lições Bíblicas*, para tratar do tema das homossexualidades. A partir daí não é possível falar de política nas ADs sem considerar as reivindicações das causas LGBTs. Isso não significa que os olhares da religião ao movimento foram positivos, pelo contrário, preconceitos contra esse grupo crescem cada vez mais, julgando-os tendo práticas promiscuas e demoníacas.

Complementando essa questão, há o surto do Vírus da Imunodeficiência Humano (HIV), que passou a ser chamada de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), que tem a sua primeira identificação em 1981, nos EUA (SANTANA, 2012, p. 48). Isso faz com que

crecesse o estigma contra o movimento nascente, tendo em vista que as primeiras incidências dessa doença ocorreram entre essa comunidade. A falta de informação sobre a síndrome HIV/AIDS legitimou preconceitos. Muitos artistas que defendiam as causas LGBTs haviam contraído o vírus, o que fez aumentar o discurso de que essa doença era uma “punição divina” aos pecadores.

Sonia Carvalho de Santana (2013), em sua dissertação de mestrado, busca fazer um paralelo entre a soropositividade ao HIV/AIDS e as EBDs. No entanto, seu texto cai no erro, já anunciado, de abordar as EBDs das ADs com um olhar menos crítico e mais romantizado, não conseguindo mostrar historicamente como essa síndrome foi abordada ao longo dos anos pelas ADs. No máximo diz como as EBDs, através da educação cristã, pode contribuir para prevenção dessa doença, mas não consegue fazer uma relação mínima ao tema proposto.

Marcos da Cruz Alves Siqueira (2015), visando analisar como as homossexualidades são tratadas nas escolas públicas de Paranaíba/PR, é feliz ao dizer que “...o discurso religioso (...) trata a homossexualidade pelo viés da culpa e estabelece um modelo de conduta sexual única, considerando outras formas de sexualidade como sendo pecado.” (SIQUEIRA, 2015, p. 29). Por fim o autor define que:

A maioria dos preconceitos é produto de grupos dominantes, que, para manterem-se no poder, utilizam tais preconceitos como ferramenta para isolar grupos e ganhar forças. Por esse viés, quando novas configurações sexuais (...) começam a ganhar espaço e a lutar por seus direitos, alguns(mas) agentes da sociedade precisam explicar o surgimento desse grupo. Então começam a aparecer discursos múltiplos sobre essa população. Esses discursos aparecem no cotidiano das pessoas, passam a ganhar as instituições públicas, privadas e invadem reuniões de igrejas e, acima de tudo, passam a entrar no campo dos direitos e da política (PRADO; MACHADO, 2012). (SIQUEIRA, 2015, p. 29).

A partir do exposto temos aqui um empasse, onde as alocações dominantes estão sendo desafiadas por esse grupo nascente, o que faz surgir preconceitos. Conforme desvendado pelo autor, há disputas no espaço público para domínio das narrativas. E, “...quando o discurso não é o bastante para manter a naturalização da ordem social vigente, utilizam da violência para que a sua ideologia possa continuar a vigorar na sociedade.” (SIQUEIRA, 2015, p. 29-30). Até os anos 2000, evita-se tocar no tema do HIV/AIDS em relação ao movimento LGBTs nas *Lições Bíblicas*, sendo esse tema abordado apenas mais recentemente.

As críticas aos homossexuais se dão mais pela questão gestual e estética. As preocupações dos comentaristas estavam no fato de que os homens estavam perdendo suas características de “machos” ao se declararem *gays*, assumindo assim, trejeitos femininos. O que me leva a conjecturar outra questão, que talvez o problema não estivesse tanto no fato de ser *gay* e sim de ser mulher¹⁴⁸. Ao menos é isso que dá a entender no comentário abaixo:

Se o casal não exercer o seu papel, esta instituição será prejudicada: os filhos ficarão suscetíveis a deformações no caráter e no comportamento **porque os meninos precisam ter um referencial de pai**, marido e chefe de família, e as meninas necessitam de um modelo de mãe, esposa e dona de casa.” (...)

Hoje, verifica-se um elevado e crescente percentual de crianças e adolescentes do sexo masculino com atitudes e gesticulações femininas. Isso não é apenas influência furtiva e pestilenta do Príncipe das Trevas, mas também a condenável ausência do modelo masculino no lar, isto é, falta lhes o referencial masculino do pai, do marido e do chefe de família.” (Grifo nosso) (LIRA, II Tri 2004, p. 27-28).

Havia – e ainda há – uma preocupação para que os meninos não adquirissem “atitudes e gesticulações femininas”. Mostrei nos capítulos anteriores que as mulheres nunca tiveram o mesmo status que os homens na teologia pentecostal das ADs. Na ótica pentecostal, considerar um homem que desejar andar, vestir, falar como elas é de fato uma promiscuidade. Não porque um pecado terrível se está cometendo. Mas sim, porque alguém que foi criado para dominar, se identifica com aqueles que foram criados para ser dominados.

O modo para resolver esse impasse era a exigência para que os pais estivessem mais presentes na educação de seus filhos. Não para que a criança pudesse crescer com a afetividade paterna, mas para que o homem no lar servisse de exemplo aos meninos a partir de um modelo ideal de masculinidade.

Enfim, podemos dizer que os anos de 1980, por tudo o que foi exposto, trazem novos desafios à constituição familiar nas ADs. Esses desafios são pontos de questionamentos à heteronormatividade presente na contemporaneidade.

¹⁴⁸ Em uma conversa informal sobre minha pesquisa com Adriel Barbosa, amigo do grupo de pesquisa *Religião e Vida Cotidiana*, ele chamou a minha atenção para um detalhe: que as críticas que apareciam nas *Lições Bíblicas*, quanto aos homossexuais, estavam ligadas diretamente ao fato dos mesmos se portarem como mulheres, apresentando traços femininos em suas atitudes.

No entanto, é possível ver que a todo tempo, as LBs estão em diálogo com os acontecimentos presentes na vida cotidiana. Os elementos sociais e do dia-a-dia pautam os interesses de estudos e narrativa dessa teologia.

Posteriormente veremos melhor como as narrativas construídas em torno desse assunto servem de capital simbólico aos interesses políticos e como isso aparece nas *Lições Bíblicas*. Por agora cabe dar seguimento aos eixos estruturantes dessa pesquisa e falar sobre a questão do trabalho nas LBs.

5.3. Do honesto disciplinado ao empreendedor individualizado: mudanças paradigmáticas no modelo ideal cristão no mundo do trabalho.

Mostrei, nos capítulos anteriores, que houve uma alteração significativa na forma como a apreensão do dinheiro foi concebida nas revistas das EBDs. No entanto, aqui dou um passo adiante para falar das estruturas sociais que possibilitaram tais mudanças. Pois, as mesmas não ocorreram em um vácuo social.

É interessante ressaltar que o dinheiro, outrora visto como causador do mal, torna-se ele mesmo preche de virtudes. Isso não significa que apenas os cristãos mudaram. Mas sim, que as estruturas sociais estavam – e ainda estão – em processo de transformação.

Em minha dissertação de mestrado mostrei que o modo de produção no mundo do trabalho é capaz de exercer ligações diretas com os discursos religiosos (BANDEIRA, 2015). Gostaria de retomar a essa discussão para apontar novos caminhos nessa pesquisa. Parto do pressuposto de que a teologia pentecostal nas *Lições Bíblicas*, está assentada em estruturas de organização do próprio capital.

Ou seja, na medida em que o sistema capitalista se altera, as narrativas religiosas tendem a seguir essas mudanças. Esse acompanhamento pode vir em duas frentes: a primeira através da negação, o que possibilita a crítica religiosa aos efeitos colaterais do capital; a segunda e mais comum, é adequar, mesmo que involuntariamente, os discursos religiosos aos desejos do sistema, causando assim, a legitimação de valores que a princípio dizem negar.

Nas *Lições Bíblicas*, vemos esses dois processos acontecendo simultaneamente. Se por um lado há a negação do relativismo moral que surge na pós-modernidade, por outro, há narrativas que legitimam as estruturas motrizes que causam tal relativização.

Isso ocorre de maneira tão imperceptível que os religiosos dificilmente conseguem fazer ligação entre causa e efeito. Não percebem que a atual flexibilização de conduta é uma

necessidade do próprio movimento capitalista. Sendo assim, os trabalhadores exigidos para o mercado de trabalho deixam de ser aqueles com características rígidas, se alterando para modelos mais flexíveis. Há, de acordo com Giovanni Alves (2008), capturas das subjetividades dos indivíduos no atual modo de produção. Pode-se dizer então que o relativismo moral que condenam, é reflexo dos fluxos de capitais que autenticam.

Quando se atribui a espíritos demoníacos as origens do mal, desobriga os próprios seres humanos a se responsabilizar pelos rumos de sua história. Sendo assim, ao mesmo tempo em que as narrativas religiosas são capazes de dar sentido à vida dos indivíduos, os desobrigam a se ajuizar por seus próprios atos, na medida em que é atribuído aos demônios a origem do caos. Logo, os discursos que são capazes de fornecer um porto seguro aos crentes são também muito eficientes em desconectá-los de sua realidade.

No entanto, é necessário dizer que as mudanças acima elencadas não ocorrem pela vontade pessoal dos indivíduos. Elas são decorrência de uma estrutura social mais abrangente. Para lembrar Karl Marx:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. (Marx, 2006).

Para tornar mais claro do que estamos falando, vamos à análise histórica: entre os anos de 1930 a 1980, o Brasil viveu seu momento de ouro, com forte crescimento no setor industrial. Esse crescimento baseou-se em políticas de valorização do parque industrial nacional. O sistema de produção assentava-se no modelo fordista, que necessitava de trabalhadores mais disciplinados para executarem suas funções.

Também era necessário que houvesse maior senso de hierarquia para cumprimento das ordens estabelecidas. Nesse sentido, o discurso religioso que apregoava um modo de vida mais submisso a Deus e à organização religiosa tendia a contribuir bem para a formação de sujeitos adequados ao modo de produção vigente, ao menos no setor industrial. O cristão honesto, que trabalhava com dedicação, mesmo quando o patrão não estava olhando, que não roubava, nem dinheiro nem tempo de serviço, era o modelo de trabalhador ideal no fordismo.

A crise desse modelo, iniciado nos anos de 1970 e que se alastrou pelos anos de 1980¹⁴⁹, colocou em evidência uma nova tendência, que caminhava para a flexibilização das relações de trabalho. Esse modelo flexível, que identifique ter origem no toyotismo, entra no Brasil por duas frentes. A primeira, através de políticas neoliberais e; a segunda, através do discurso do Empreendedor Individual (EI).

As ideologias que compõem o neoliberalismo e o EI são valores que contribuem para a formação dos novos trabalhadores. A exigência para que os operários, agora chamados de colaboradores, sejam mais proativos e que visem depender menos do Estado, incentivará o crescimento dos setores terciários no Brasil. A prestação de serviços e a precarização crescem, enquanto há processos constantes de desaquecimento da indústria.

A informalidade e a precarização no mundo do trabalho marcam as novas tendências do mercado. Isso, além de gerar a desesperança, ocasiona sentimentos de desordem social, fazendo com que muitos recorram às orientações religiosas para encontrar sentido de vida em um mundo que perde suas referências.

Mostrei em minha dissertação que o discurso religioso do neopentecostalismo mantém afinidades eletivas com os valores ideológicos do neoliberalismo. A partir daí, o modelo fordista já não é suficiente para responder às necessidades do capitalismo vigente. E, a “Era de Ouro” do capital, tal como ressaltou Hobsbawm (1995), dava mostras de que não mais voltaria.

Os discursos para que as pessoas fossem mais proativas e dependessem mais de si, se auto responsabilizando pelos sucessos e fracassos no cotidiano, encaixam bem com o tipo de organização social que estava se formando no mundo do trabalho. Ou seja, o neopentecostalismo se alinha às tendências do capitalismo.

Enquanto as igrejas nascentes, denominadas de neopentecostais, conseguiam fornecer narrativas que se encaixavam a essas tendências, as Assembleias de Deus, estavam envoltas em seus próprios problemas internos. Além de responder às muitas correntes de pensamento que

¹⁴⁹ “O fordismo, como sistema hegemônico de produção, durou até a década de 1970, quando finalmente a crise dá mostras de sua força e impede a continuidade deste sistema na indústria. Esse período apresentou falhas para o contínuo crescimento econômico do Ocidente.

No ano de 1973, a crise foi intensificada pelo embargo econômico dos Países membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e do Golfo Pérsico para os Estados Unidos e países da Europa. O aumento dos preços do barril de petróleo encareceu grandemente a produção.

A produção em grande escala sem escoamento correspondente levou ao aumento de estoque nas grandes fábricas. Pela primeira vez na história a crise foi de superprodução e não de escassez, revelando a contradição da lógica capitalista (WOOD, 1991, p. 8). Não ocorrendo o escoamento da produção, a crise dá mostras das limitações do fordismo que operava com grandes estoques.” (BANDEIRA, 2015, p. 41).

faziam oposição ao modelo pentecostal assembleiano, havia as disputas internas entre os muitos ministérios e convenções das ADs. A divisão em 1988, com o surgimento da CONAMAD e a criação da Editora Betel, em 1991, para concorrer com a CPAD, são mostras dessas divisões internas. (ALENCAR, 2013; CORREA, 2016).

Não é possível perceber, de imediato, mudanças nas narrativas das *Lições Bíblicas*. Isso não significou que a teologia pentecostal das ADs estava alienada ao processo demarcado acima. Pelo contrário, a presença de pastores assembleianos nas mídias sociais orienta os fiéis a novos comportamentos na contemporaneidade. A exemplo do exposto, podemos citar o pastor Silas Malafaia, que em seus programas televisivos, expressa discursos que orientam o cristão às novas tendências do mercado. É o que mostro em um artigo, intitulado *O discurso de Silas Malafaia na formação do Empreendedor Cristão*¹⁵⁰.

Desponto, nesse texto, que a mensagem do referido *tele-evangelista* contribui para a formação do EI atrelado à mensagem pentecostal. O que significa que as ADs ofereceram, em determinado setor de sua teologia, uma mensagem que se adequa aos novos contextos no mundo de trabalho de caráter flexível.

Também é necessário dizer que Malafaia é responsável imediato pela Editora Central Gospel, criada em 1999, para dar apoio ao seu ministério. Em 2010, em um programa televisivo, anuncia desligamento da CGADB¹⁵¹. Semanas depois lança revistas para as EBDs. Dizia que seu objetivo era fornecer alternativas aos materiais já existentes, que de acordo com ele, estavam defasadas em seus conteúdos, além de bancar rombos financeiros na instituição.

“A nossa revista, eis aí a pergunta: porque a nossa revista tem 16 páginas a mais, a revista do professor, e 8 páginas a mais a revista do aluno e é tamanho maior e (...) o preço é menor? (...) Eu vou direto, vou lá na ferida, sem pena e sem dó, sabe por que? Porque eu não preciso bancar rombo de denominação, buraco financeiro... Sabe por que? Porque eu não preciso pagar passagem pra pastor e hotel 5 estrelas ficar viajando pra cima e pra baixo ficar fazendo política denominacional. A tua Igreja tá financiando isso, rombo de descalabro administrativo e sua igreja está financiando estruturas de denominação política pra gente ficar andando de hotel 5 estrelas pra cima e pra baixo com dinheiro do teu povo, essa é que é a grande verdade nua e crua. Por isso que minha revista é mais barata? Eu não tenho parque gráfico não, não é porque eu sou bonzinho não (...) Você é quem sabe pastor... você é quem sabe... A Igreja é

¹⁵⁰ BANDEIRA, Wesley Silva. O discurso de Silas Malafaia na formação do Empreendedor Cristão, 2013

¹⁵¹ Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/pastor-silas-malafaia-anuncia-que-saiu-da-convencao-geral-das-assembleias-de-deus-cgadb-assista-o-video.html>> Acesso em: 09 dez. 2019.

sua, o compromisso que você tem com Deus não é comigo, se você quiser adquirir esses materiais (0XX21) 2187-70000 (...)¹⁵²

Apenas em meados dos anos 2000 e com as mudanças na grade curricular da CPAD é que pode ser vista nas LBs uma preocupação em orientar os crentes às novas necessidades do mercado de trabalho. O discurso de proatividade e empreendedorismo ganham espaço também nessas revistas, embora, a mensagem de honestidade do cristão com as coisas materiais não tenha diminuído.

Podemos citar como exemplo a revista do IV Trimestre de 2009, escrita por José Gonçalves, onde o autor fala sobre a vida de Davi, importante personagem bíblico. O título da revista é *Davi: as vitórias e as derrotas de um homem de Deus*. Durante a lição, o personagem em questão é apresentado com características de homens de sucesso da atualidade.

As imagens presentes nessa lição são extremamente significativas para o que desejamos demonstrar. Em momentos de vitória ele aparece como um jovem de calça jeans com as mãos abertas aos céus, como se estivesse pronto para conquistar o mundo. Em momentos de vitórias a representação do personagem se assemelham a de executivos que acabaram de fechar um negócio. E, em situação de fracasso, a imagem mostra um homem com as mãos ao rosto, deixando transparecer que se arrepende de uma decisão errada. Nessa ocasião, em especial, a imagem deixa transparecer um relógio, aparentemente caro, semelhante aos usados pelos empresários de sucesso. Seguem as três representações supracitadas:

Figura 14 – Ilustração do personagem bíblico Davi

¹⁵² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MCDhAF7a_cM> Acesso em: 29 de jul. 2018.



Fonte: IV Trimestre de 2009

Ilustrações semelhantes são possíveis de serem encontradas em palestras e livros de autoajuda que visam representar os homens que venceram no capitalismo.

Para finalizar, levanto aqui novas provocações, que podem nos ajudar a desenvolver olhares mais atentos às mudanças que têm ocorrido no mundo do trabalho, tendo em vista a possibilidade de as mesmas influenciarem as mensagens religiosas. Os analistas do mercado econômico apontam que há mudanças significativas ocorrendo na atualidade.

O discurso do EI tem sido paulatinamente substituído pelo Investidor Individual (II). Isso tem ocorrido porque os fluxos de capitais estão se reproduzindo com mais facilidade no mercado financeiro, ocasionando a transferência de recursos em larga escala a esse setor. Isso, além de aumentar a precarização no trabalho, eleva a esperança da classe média em viver apenas de renda, sem trabalhar, sendo este um dos motivos pelo aumento da desigualdade social no Brasil. Os críticos desse modelo econômico têm demarcado uma nova fase no sistema capitalista, que denominam de capitalismo financeiro (DOWBOR, 2017).

Viver somente dos juros do capital, que são aplicados na bolsa de valores ou na especulação cambial, parece ser o novo sonho dos jovens-adultos que estão procurando alternativas à crise econômica que se instalou no Brasil. Será essa também uma tendência a ser verificada nos setores religiosos? Haveria algum espaço para abertura da teologia pentecostal a essa nova ideologia?

Complementando esse quadro de questões: será que veremos nas *Lições Bíblicas* uma adequação ou crítica a essa versão do capitalismo? Seja qual forem os caminhos que surgiram daí, a teologia pentecostal terá que dar respostas à essas perguntas caso ainda queira se fazer relevante na sociedade como tem feito em mais de um século de história.

5.4. A instrumentalização da educação ou uma “primavera educacional” nas ADs?

Ao longo dessa tese mostrei como o tema da educação formal e teológica foi assunto controverso dentro das LBs. Ressaltei também que a negação desses estudos foi aos poucos dando lugar a sua aceitação. A antiga afirmação de que os obreiros precisavam apenas da capacidade do Espírito Santo, para atender as suas necessidades ministeriais, abriu espaço para a busca de capacitação em institutos bíblicos e até mesmo em faculdades teológicas. Também é fato que tem crescido o número de leigos que procuram o ensino superior para satisfazer suas necessidades imediatas, principalmente no que se refere às aspirações profissionais.

Marcelo Lopes (2018), em sua tese de doutorado, denominada *Metanoia Pentecostal*¹⁵³, confere essas mudanças a uma “primavera educacional”, uma “mudança de mente” que tem ocorrido na instituição. De acordo com suas argumentações, as ADs passaram por variações tão radicais em seu trato com a educação formal, que é possível conferir-lhes a saída da “anti-intelectualidade” para uma nova fase de valorização do pensamento. O autor enumera uma série de instituições ligadas às ADs e ao pentecostalismo que representam tais mudanças:

A primeira delas é a existência da Rede Latino-americana de Estudos pentecostais (RELEP), fundada em 1998 e que congrega estudiosos do fenômeno pentecostal, sejam eles nativos ou não; a segunda, e mais específica, é a Rede de Estudos Assembleianos (REA), criada em 2015 e composta por pesquisadores interessados no nicho assembleiano. Esta última comporta muitos pesquisadores assembleianos obviamente, mas não só, uma vez que é aberta também para quaisquer pesquisadores interessados no assembleianismo, sejam eles nativos ou não.

Soma-se aos demais sinais, a pulverização de Instituições do Ensino Superior (IES) assembleiana por todo território nacional (...). Contudo, o principal sinal de que há uma primavera educacional na AD foi a criação da Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (FAECAD), em agosto de 2005 na cidade do Rio de Janeiro. (LOPES, 2018, p. 3).

¹⁵³ LOPES, Marcelo. *Metanoia Pentecostal: sinais de uma primavera educacional na Assembleia de Deus no Brasil*, 2018.

Seu trabalho é interessante por acrescentar novas informações à história educacional das ADs e também por fazer um paralelo entre as transformações que ocorreram nos EUA e no Brasil em relação à aceitação do ensino superior. Mostra também que a AG abriu caminhos para assentimento da educação formal, enquanto que a AD foi resistente a essas mudanças. Apesar das particularidades religiosas brasileiras, o autor constata que a partir dos anos 2000, já é possível falar de uma mudança de mentalidade ocorrendo nessa instituição, aos moldes do que ocorreu nos EUA. (LOPES, 2018, 78).

De fato, mudanças aconteceram que impactaram a forma de conceber a educação secular e teológica, mas será que essas alterações foram tão profundas a ponto de se dizer que as ADs vivem uma nova era de intelectualidade? Se sim, de qual AD estamos falando?

Que a denominação mantém novas relações com institutos bíblicos e faculdades não se tem dúvida. No entanto, é possível questionar até que ponto essas mudanças constituem uma “primavera educacional”, uma saída da anti-intelectualidade como ressalta o autor.

O estabelecimento de institutos bíblicos oficiais e a busca individual pelo ensino superior não são provas suficientes para determinar as alterações que Lopes deseja encontrar. O que ocorre nas ADs não é a valorização do pensamento crítico, tampouco o descortinar para a intelectualidade, mas sim, a tentativa de instrumentalizar os órgãos educacionais para interesses particulares da religião. E isso nada tem a ver com “ventos primaveris” que sopram nas ADs brasileiras. (LOPES, 2018, p. 103).

O otimismo do autor, sobre os rumos da educação nas ADs é ofuscado pelas ações dos representantes oficiais da instituição. Aquilo que Lopes chamou de “primavera educacional” denomino de *instrumentalização dos órgãos educacionais*. Essa instrumentalização passa pela atuação de parlamentares no congresso, que visam tolher as atividades acadêmicas para estabelecimento da cosmovisão religiosa. É a apropriação das ferramentas acadêmicas para impedir que vozes discordantes proliferem.

Se de fato estivesse ocorrendo uma “primavera educacional” na instituição, não seria tão evidente o estabelecimento de projetos mesquinhos por parte dos representantes oficiais da instituição ao lidar com o ensino secular no Brasil. Tampouco as LBs estariam caminhando na negação dos princípios básicos da razão. A inibição do pensamento crítico, a negação da intelectualidade e a propagação do pensamento mágico são tendências na educação proposta pelas ADs.

As mudanças ressaltadas pelo autor, que fazem referência aos grupos de estudos, tais como o RELEP e o REA, têm atuação periférica na denominação. São grupos que têm produzido excelentes discussões sobre o pentecostalismo no Brasil, alguns deles com tendências críticas à teologia oficial das ADs. São vozes que destoam dos dogmas que se cristalizaram na instituição. E justamente essas atividades é que tem gerado a insatisfação de setores conservadores na igreja.

5.5. Política: da negação à militância

Fica evidentemente claro, com essa pesquisa, que a postura das ADs veio se transformando com o passar do tempo. Em alguns casos, a tendência foi a de reafirmar os valores propostos pelos primeiros missionários, dando uma ideia de continuidade com a fé pentecostal. Em outros momentos, foram ocorrendo alterações na epístola inicialmente anunciada, revelando rupturas na mensagem original.

No que diz respeito ao tema da política é possível ver essas mudanças ocorrendo de maneira mais radical. E, a negação da vida política, tão presente no primeiro período dessa pesquisa, foi dando lugar à militância.

Mostrei anteriormente que os pontos que contribuíram para essas mudanças estavam atrelados a medos sociais cultivados no interior da mensagem pentecostal. Busquei mostrar também que o objetivo dos comentaristas era estimular os crentes para que estes tomassem atitudes a partir dos critérios e valores estabelecidos pela instituição.

Para exemplificar as mudanças às quais estamos nos referindo, podemos usar uma lição relativamente recente e que tem ligação direta com as eleições presidenciais de 2002. Trata-se do III Trimestre desse mesmo ano, que traz o título “Ética Cristã”. Nessa lição, orientações foram dadas sobre muitos comportamentos dos crentes pentecostais em seu dia-a-dia. No entanto, uma lição em especial nos chamou a atenção, refere-se a de número 13, última lição do trimestre, que traz o título *O Cristão e a Política*. Ela foi ministrada no dia 29 de setembro de 2002, data correspondente ao último domingo que antecedeu as eleições presidenciais daquele ano¹⁵⁴.

Orientações foram dadas aos crentes para o momento em que estes fossem às urnas exercer o seu direito democrático. As instruções eram claras nessa lição, os crentes deveriam

¹⁵⁴ Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,tse-divulga-calendario-para-eleicoes-2002,20011011p40419>> Acesso em: 20 de jul. 2018.

fazer opção por candidatos evangélicos, pois estes defenderiam os valores do evangelho e impediriam os projetos diabólicos que tentam acabar com a igreja e seus valores.

Se no primeiro período estudado havia todo um cuidado para que os pastores não influenciasses nas escolhas pessoais dos crentes, agora fica evidentemente que os objetivos eram outros. A tendência era para que os fiéis, ao exercerem seu direito democrático, o fizessem pelos interesses da instituição religiosa a que pertenciam.

Havendo um cristão que tenha um perfil claramente identificado com Cristo, sério, comprometido com o Reino de Deus, de bom testemunho na igreja, que seja honesto, cumpridor de seus deveres como pai e esposo, que tenha vocação para a vida pública, o eleitor crente deve dar preferência à sua candidatura, em lugar de eleger um descrente, que não tem qualquer compromisso com a igreja do Senhor. (...)

Ninguém melhor que um servo de Deus, para ter “sábria direção” na condução de cargos públicos, administrativos ou políticos.

Quando os justos são eleitos. “Quando os justos triunfam, há grande alegria; mas, quando os ímpios sobrem, os homens escondem-se” (Pv 28.12). Os cidadãos cristãos precisam orar a Deus para que levante candidatos que honrem seu nome ao serem eleitos, pois “quando os justos triunfam, há grande alegria”. (...)

Quando são eleitos os ímpios, homens carnais, materialistas, muitos ateus, macumbeiros, adoradores de demônios, infiéis aos compromissos, soberbos, corruptos, ingratos, insolentes e insensíveis, os quais, se eleitos, não querem servir e sim serem servidos. Não temem a Deus, nem respeitam o próximo (Lc 18.2). Quando os tais são eleitos, os verdadeiros homens de bem desaparecem de cena. É bom os crentes pensarem bem, em oração, e não usarem seus votos para elegerem ímpios. (...) Se houver um candidato com perfil cristão, o crente pode sufragar o nome de um cidadão de boa reputação.

O que a igreja pode sofrer com os maus políticos. No novo milênio, a Igreja poderá sofrer grandemente, com a ação de homens ímpios. Já há, no Congresso, projeto de lei, propondo a “união civil entre pessoas do mesmo sexo”, que nada mais é que a legalização do homossexualismo, que é na Bíblia, um pecado gravíssimo, “uma abominação ao Senhor” (cf. Lv 18.22,23; Rm 2.24-28). Projeto, legalizando o aborto já foi apresentado. Em breve, poderão vir projetos, legalizando a eutanásia, a clonagem de seres vivos (inclusive humanos), o jogo do bicho, os cassinos, e a maconha, além de outros, que destroem a dignidade da raça humana, conforme os princípios do Criador. (...) (Grifo Nosso) (RENOVATO, III tri 2002, p. 93-95).

Havemos de lembrar que nessas eleições disputava um candidato evangélico que contou com apoio oficial das Assembleias de Deus e que tinham chances reais de chegar ao segundo

turno¹⁵⁵. Antony Garotinho (PSB) nutriu as esperanças do povo evangélico de finalmente ver no cargo máximo do poder público um “homem de Deus”.

É possível perceber que essa mensagem não foi dada exclusivamente a esse candidato, mas tratava-se de um princípio que se estabelece na igreja onde vigora a máxima, “crente vota em crente”. É lícito questionar se o fiel tem a ideia de que está recebendo, além de informações teológicas, também orientações políticas?

Com base na teoria da escolha racional, é possível perceber uma relação em que os fiéis encontram nas Igrejas uma forma de obter informações políticas com o menor custo, já que os fiéis evangélicos possuem um maior grau de exposição às lideranças religiosas e essas lideranças podem estruturar seus discursos de modo a condicionar o voto de seus fiéis. (MAIA, 2006, p. 93).

De acordo com a ideia apresentada acima, pode-se dizer que não há manipulação ao oferecer aos crentes uma estrutura lógica já acabada para orientá-los em suas opções políticas. Se considerarmos as ideias acima de maneira mais abrangente, podemos dizer que tudo o que foi exposto aqui, beneficia grandemente ao crente por lhe poupar energia na organização básica da vida privada.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo tive a preocupação de apresentar alguns pontos que foram desenvolvidos nessa tese. O desejo não foi proporcionar uma narrativa histórica em associação com as LBs, como fiz nos outros capítulos, mas objetivou-se oferecer uma síntese dos elementos discutidos ao longo desse trabalho.

Mostrei que a teologia presente no movimento pentecostal foi construída a partir de uma realidade estruturada na vida cotidiana e foi apresentada nas *Lições Bíblicas* em forma de teologia universal. Apresentei algumas mudanças que entraram em debate nas ADs que alteraram significativamente os campos de atuação da denominação com o passar do tempo.

No primeiro tópico mostrei que o crescimento das ADs não ocorreu em um vazio social, mas esteve em associação direta com outros grupos. Isso influenciou na forma como foi pensada e elaborada a teologia pentecostal nas LBs. As disputas reais e imaginárias foram significativas para a atuação dos representantes oficiais da denominação.

¹⁵⁵ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1506200214.htm>> Pesquisado em: 20 jul. 2018.

Não somente os setores religiosos estiveram em disputa com as ADs pela construção da realidade objetiva, mas também setores educacionais, profissionais e interesses políticos, o que fez com que a denominação estivesse constantemente revendo suas estratégias de ação no mundo, alterando, conseqüentemente, suas “verdades universais”. Assim, pode-se dizer que *tabus* foram revistos enquanto novos pecados foram edificados.

No que diz respeito ao modelo de família apresentado nas LBs, as mulheres foram aquelas que mais granjearam a atenção dos comentaristas, sendo ponto essencial para as considerações teológicas presente nas revistas. Mais recentemente houve uma mudança na construção do modelo familiar, os homossexuais ganharam a atenção dos comentaristas a partir dos anos de 1980. Mostrei que o surto do HIV/AIDS e a desinformação quanto à doença contribuiu para a propagação de preconceitos, alterando substancialmente os sentidos da teologia pentecostal.

No que diz respeito ao mundo do trabalho, destaquei a ligação entre o modelo de cristão elaborado na revista e o tipo de trabalhador exigido no mercado de trabalho. Ressaltei que as alterações no sistema capitalista tiveram impactos no modelo de homem e mulher oferecido nas LBs. Levantei também provocações quanto aos novos ideais de cristãos que possivelmente surgirão a partir das alterações constatadas no campo econômico.

Posteriormente refleti sobre os rumos educacionais nas ADs, levantei a questão se as mudanças averiguadas constituem uma “primavera educacional” aos moldes do que Lopes (2018) apresentou ou é apenas uma instrumentalização da educação. Essa discussão é relevante, pois o conteúdo da teologia nas LBs se apresenta cada vez mais rígida na medida em que, oficialmente, a instituição se abriu para a educação formal.

Por fim, apresentei uma síntese no campo político, resgatando a ideia de que a negação da política nos primeiros anos do movimento deu lugar ao cristão pentecostal militante. A separação do mundo, como propuseram os primeiros pentecostais abriu espaço para atuação no mundo a partir da cosmovisão pentecostal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese se apresentou como esforço de resgatar parte da teologia pentecostal das Assembleias de Deus em associação à vida cotidiana. O objetivo não constituiu oferecer uma versão que se alinhasse aos discursos oficiais da denominação, mas sim, que estivesse conexo à realidade objetiva construída socialmente pelos pentecostais das ADs. Por isso, a opção pela análise das revistas *Lições Bíblicas*, principal órgão de transmissão da mensagem pentecostal nessa denominação.

Se para Gedeon Alencar (2013) as ADs podem ser apresentadas como a “matriz do pentecostalismo brasileiro”, nesta tese, afirmo que a coluna dorsal dessa teologia são as *Lições Bíblicas* para a Escola Dominical. A comprovação para essa afirmação se dá através da relevância desse material para a própria instituição.

O surgimento das LBs faz parte de um período onde o movimento pentecostal passava por sua fase de institucionalização, sendo assim, o objetivo de seus produtores era apresentar uma mensagem que fosse síntese dessa teologia. É daí que vem a constante necessidade de seus representantes em ressaltar uma “unidade teológica” nesses materiais. No entanto, vimos aqui que essa unidade é mais uma projeção ideal do que uma constatação empírica, haja vista as variações de pensamentos no próprio conteúdo apresentado.

Em todo caso, não se pode negar a importância das LBs para a religiosidade brasileira, haja vista a marca que as mesmas deixaram em sua cultura. Pode-se dizer que a relevância dessas revistas ultrapassou os limites da própria religião, uma vez que a visão de mundo oferecida por meio das LBs encontrou ecos em ambientes fora do espaço religioso, tais como na educação e política.

É bom ressaltar o caráter conservador das LBs já em sua estrutura nascente. Isso pode ser definido pelo aspecto biográfico de seus primeiros comentaristas. Samuel Nyström, creditado como fundador da revista, é conhecido por conseguir imprimir um perfil burocrático e conservador nessa instituição em oposição à outras visões de mundo.

Para melhor facilitar a didática e a comunicação dos resultados obtidos, essa pesquisa foi dividida em três períodos, a saber: 1930 a 1945; 1946 a 1972 e 1973 a 2000, conforme informado ao longo do texto. A exceção do primeiro e último capítulos, que ficaram

responsáveis pela introdução e síntese, cada capítulo ficou responsável por analisar um desses momentos.

O primeiro período ficou marcado pela presença dos missionários suecos; o segundo, pela influência dos norte-americanos e o terceiro pela grande atenção que os comentaristas deram quanto à questão da santidade, missões e escatologia. Também fiz, nesse terceiro período, algumas projeções e tendências que se firmaram na teologia assembleiana no século XXI. Essas projeções foram organizadas para mostrar continuidades e rupturas da teologia pentecostal na contemporaneidade e não para exaurir o assunto.

Para que a pesquisa não divagasse nos diversos assuntos presentes nas LBs, selecionei quatro eixos estruturantes, a saber: a família, o trabalho, a educação e a política:

Quanto à família o modelo ideal dos homens, mulheres, jovens e crianças foi cunhado e redefinido com o passar dos anos. Podemos dizer que o espaço doméstico foi entendido como o primeiro lugar para a manifestação da ação de Deus na vida do crente.

É na família que consideram a ocorrência dos principais embates espirituais, este é um dos temas basilares das LBs. Acredita-se que as forças malignas estão dispostas a agir primeiramente nessa área para destruir a sociedade, mas constitui-se também o lugar onde a providência de Deus pode chegar em socorro ao fiel.

O ideal de marido foi se construindo em torno da figura masculina que o vê como líder, provedor, marido respeitador, aquele que toma as principais decisões e é reverenciado por isso, enquanto as mulheres ficaram relegadas a segundo plano, apenas a ajudar o esposo a administrar a casa e zelar para que ela esteja sempre agradável.

Embora esse discurso esteja presente desde as primeiras revistas e perdurar até os dias de hoje, não corresponde ao todo da discussão. Esse assunto ainda é ponto de debate na instituição.

Na medida em que crescem as conquistas femininas aumenta-se os ataques dos comentaristas a essa “desvirtuação”, reafirmando a ideia de que as esposas pentecostais não podem seguir as tendências pós-modernas.

O que outrora era simplesmente uma indicação de um bem viver torna-se um posicionamento político claro, contra qualquer movimento organizado que deseja apresentar outro modelo familiar que não a família nuclear tradicional e burguesa. Chega a ser até mesmo constrangedor para uma mulher que não vive em um “lar ideal” – não por falta de amor e sim

por falta do macho em casa – participar de uma aula da EBD sem se sentir constrangida e deslocada.

A tendência é considerar que são as mulheres, com o seu corpo e lascívia, que estão dispostas a tirar os homens do caminho de Deus, por isso, os jovens obreiros são convidados a orar antes de contrair casamento para que sua companheira não seja um entrave para seu ministério.

Ainda falando sobre a criação dos filhos, as homossexualidades são conferidas às ausências dos homens no lar. Este tema, embora seja constante nos dias, atuais somente mais recentemente tornou-se uma preocupação dos comentaristas. As razões históricas para isso foram definidas no último capítulo.

Saindo do espaço familiar e adentrando no âmbito da vida do trabalho, devemos considerar as orientações das LBs sobre a conduta ideal do crente nesses ambientes. Se no espaço da vida doméstica parece que há um procedimento linear e coerente ao longo dos anos, mesmo sendo na reafirmação do machismo, o mesmo não ocorre aqui.

Ficam evidentes as opiniões controversas dos comentaristas sobre o comportamento ideal do cristão na vida cotidiana. Os posicionamentos vão desde considerações mais radicais, de afastamento total do mundo, até as mais liberais, onde os crentes não somente devem estar cientes do que ocorre nestes meios, como devem trabalhar para ser agentes de transformação no universo, para que as leis humanas estejam mais ajustadas aos supostos padrões divinos.

Para os primeiros comentaristas havia segmentos que provocavam a corrupção. Por isso seria impossível de se manter o testemunho cristão atuando nesses lugares. O comércio foi visto com suspeita pelos primeiros missionários, principalmente pela necessidade de enganar a clientela para se manterem competitivos ou até mesmo por vender produtos não aceitos por Deus, tais como fumo e bebidas alcoólicas.

Esses autores também estavam preocupados com os tipos de relações de trabalho que os crentes estariam desenvolvendo. Orientava-se que na vida cristã a honestidade era valor inegociável e por isso o empregado deveria ser correto na execução de seu labor e o patrão deveria ser mais humano nas exigências com o seu empregado.

O trabalho era visto como uma forma de alcançar a subsistência e não construir fortunas. Os endinheirados eram identificados como os causadores de todo sofrimento vivenciados pelos pobres, pois além de não aceitarem a mensagem pentecostal, os crentes se desviavam ao

conseguir as riquezas. Até os anos 50, não existe, nas revistas, nenhum incentivo para que os fiéis se envolvessem com as classes altas, pois esses estavam impedidos de viver a fé cristã por causa da servidão ao dinheiro.

Na medida em que os pentecostais vão ascendendo socialmente começam a se ter outras concepções sobre os meios necessários para adquirir a subsistência. Não se abandonam os conselhos sobre o proceder cristão nas atividades sociais, mas parece ter maior aceitação com os ricos na comunidade. Ao que tudo indica, na medida em que as condições sociais vão melhorando, as opiniões das lideranças em relação à riqueza também se alteram.

Com a entrada no século XXI, a visão sobre o sistema capitalista muda radicalmente, pois, se a princípio o mesmo era o lugar onde o diabo e seus anjos agiam, devendo o cristão ter cuidado com tal mundo, agora ele é entendido como meio balizador da justiça, onde suas leis e regras devem ser respeitadas, sob a penalidade de desagradar ao próprio Deus. Fazer a vontade divina é claramente seguir também as leis do sistema econômico na égide contemporânea.

Passando para o tema da educação, pode se perceber que ele está atrelado a três elementos; ao conteúdo, às estruturas e ao propósito das revistas. A forma como os comentaristas escreviam seus textos nos revela algumas questões, a saber: que estavam sintonizados com as práticas educacionais mais adequadas às suas intenções e necessidades, que respeitavam o público a quem escreviam e que esses textos faziam relação direta com a vida diária do crente, não incorrendo apenas em divagações teológicas.

Sabe-se, pela história educacional do Brasil, que durante boa parte do século XX a população brasileira era composta por alto índice de analfabetismos¹⁵⁶. Nesses casos os autores priorizaram textos mais curtos com perguntas e respostas, claramente para facilitar a memorização dos crentes. Esses escritos eram acompanhados de referências bíblicas que legitimavam o dogma e endossavam as verdades que os autores queriam frisar.

Com o passar do tempo, os textos foram se tornando mais complexos, tanto em sua escrita quanto no conteúdo. Sendo assim, pode-se dizer que, na medida em que esse público vai se escolarizando e necessitando de reflexões mais aprofundadas as revistas para as EBDs vão acompanhando esse processo, embora não deixem de lado o seu caráter dogmático.

¹⁵⁶ Em algumas regiões do Brasil durante os anos 20, a taxa de analfabetismo, de acordo com o IBGE chegava até a 85% da população e nos anos 60 poucos avanços havia ocorrido na diminuição desse índice, podendo chegar até 72% da população brasileira (FERRARO & Kreidlow, 2004).

As orientações sobre a educação nas revistas LBs não se restringem somente ao método, mas também ao conteúdo, ou seja, existe uma preocupação para que a doutrina pentecostal não se macule com outras correntes de pensamento.

A preocupação para que as ferramentas pedagógicas de entendimento da Bíblia não tomassem o lugar e a presença do Espírito Santo esteve presente desde as primeiras edições, mesmo reconhecendo que essa linha seja demasiadamente tênue. Até que ponto as conclusões a que se chegava devem-se a uma revelação divina ou elas seriam fruto de metodologias mundanas sem inspiração? São questões pertinentes para o crente pentecostal.

Quando se aborda o tema da educação tem-se a preocupação com o método de ensino, mas também com o que se ensina. Em cada época o conteúdo apologético está intimamente ligado a uma tentativa de estruturar o pensamento doutrinário da igreja.

Abrangendo o tema da educação formal e profissionalizante, os comentaristas tinham outra questão relevante, diziam que a luz do Espírito Santo supera qualquer qualidade intelectual. Embora esse tema seja constante nas LBs, mais recentemente é notório a atenção que as lideranças das ADs deram para a fundação de institutos bíblicos e faculdades.

O tema da política é um assunto que tem ganhado relativa atenção dos pesquisadores das ADs nos últimos anos, principalmente após a crescente participação destes nos recentes pleitos eleitorais. O fortalecimento da Bancada Evangélica e sua ampla aparição midiática contribuiu para o aumento desse interesse (MARIANO & PIERUCCI, 1992; FRESTON, 1993).

De todos os assuntos, esse é o que mais nitidamente é possível verificar um contraste com o que era apresentado nos primeiros anos e o que é exposto na contemporaneidade. Isso se deve, também, à forma como esses crentes passaram a enxergar seu próprio lugar na história.

Apenas para dar algumas indicações de como essas questões apareciam nos primeiros anos, Nyström insistia na ideia de que era dever do crente cumprir a lei, pagar os tributos e obedecer às lideranças constituídas sem questionar. Por em dúvida as leis ou as autoridades constituídas não era um assunto com que os cristãos deveriam estar preocupados. Buscar primeiro o reino de Deus era fundamental para a boa prática cristã, mas sem esquecer as obrigações civis, até porque os crentes também eram beneficiários da convivência social.

A influência dos norte-americanos, a partir dos anos 50, nos revela outro panorama de leitura da teologia, vinculando a existência do pentecostalismo com a biografia do povo judeu. Logo, a interpretação do passado se dá a partir de uma construção mítica judaizante em conjunto

de uma mentalidade escatológica. Isso contribui para que os fatos hodiernos sejam decifrados a partir da existência de uma relação direta de Deus com Israel.

O dispensacionalismo ganha espaço nas Assembleias de Deus e livros com essa temática são anunciados em larga escala nas LBs. Essa visão dá crédito à narrativa do pentecostalismo inspirada no Antigo Testamento, quando afirma o controle de Deus desde a fundação do mundo, passando por Atos 2 até o avivamento pentecostal no início do século XX. Sendo assim, o pentecostalismo assembleiano está em acordo com o desenrolar da história. Essa leitura do mundo ajuda o indivíduo a encontrar respostas diante de um quadro de incertezas e contribui para maior empoderamento social e político.

Como visto, as LBs foram construídas a partir de realidades concretas e a teologia expressa em suas páginas está em associação direta à organização da vida cotidiana, sendo mais importante para o crente do que qualquer sistema teológico abstrato.

FONTES PRIMÁRIAS – REVISTAS

Coleção *Lições Bíblicas* Vol. 01 (1934 - 19 40). Rio de Janeiro: CPAD 3ª Imp., 2012

Coleção *Lições Bíblicas* Vol. 02 (1941 – 1945). Rio de Janeiro: CPAD 3ª Imp., 2012

Coleção *Lições Bíblicas* Vol. 03 (1946 – 1950). Rio de Janeiro: CPAD 3ª Imp., 2012

Coleção *Lições Bíblicas* Vol. 04 (1951 – 1955). Rio de Janeiro: CPAD 2ª Imp., 2012

Coleção *Lições Bíblicas* Vol. 05 (1956 – 1960). Rio de Janeiro: CPAD 2ª Imp., 2012

Coleção *Lições Bíblicas* Vol. 06 (1961 – 1965). Rio de Janeiro: CPAD 1ª Ed., 2013

Coleção *Lições Bíblicas* Vol. 07 (1966 – 1970). Rio de Janeiro: CPAD 1ª Ed., 2013

Coleção *Lições Bíblicas* Vol. 08 (1971 – 1975). Rio de Janeiro: CPAD 1ª Ed., 2013

Coleção *Lições Bíblicas* Vol. 09 (1976 – 1980). Rio de Janeiro: CPAD 1ª Ed., 2013

*As Revista *Maturidade Cristã* (1985 – 1993) & *Lições Bíblicas* após os anos de 1980 foram conseguidas a partir de acervo pessoal e disponibilizadas em sites na internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Gedeon. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleia de Deus (1911 – 2011)*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013
- _____. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911- 1946)*. São Paulo: Arte Editorial; 2010
- _____. *Protestantismo Tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte editorial, 2005
- _____. *Pastores assembleianos na Universidade: a Polissemia assembleiana da Terceira Geração Pastoral*. REFLEXUS – Ano VIII, n. 12, 2014
- _____. *Ecumenismos & Pestecostalismos: a relação entre o pescoço e a guilhotina?* São Paulo: Editora recriar, 2018
- ALMEIDA, José Silva. *“Pelo Senhor, marchamos”*: Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Niterói-RJ: Tese de doutorado apresentado a Universidade Federal Fluminense, 2016
- ALMEIDA, Joéde Braga de. *Construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembléias de Deus no Brasil*. Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017
- ALVES, Giovanni. *Trabalho e Subjetividade: ensaio sobre o metabolismo social da reestruturação produtiva do Capital*. Tese de doutorado: Marília, 2008
- ARAÚJO, de Isael. *História do Movimento Pentecostal no Brasil: o caminho do Pentecostalismo Brasileiro até os dias de hoje*. Rio de Janeiro-RJ: CPAD, 2016
- BANDEIRA, Wesley Silva. *Ética neopentecostal e o mundo do trabalho*. São Paulo: Fonte Editoria, 2015
- _____. *O discurso de Silas Malafaia na formação do empreendedor cristão*. São Bernardo do Campo/SP: VIII ECLESIOCOM, 2013
- BARROS DE LIMA, Daniel. *A educação pentecostal por meio do jornal Boa Semente (1919-1921)*. São Leopoldo: Anais do Congresso internacional da Faculdade EST, 2016
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*, Petrópolis: Vozes, 2004
- BISPO, Daisy Mota Ferreira. *Vida e obra de Frida Maria Strandberg Vingren*. DISCERNINDO – Revista Teológica Discente da Metodista v.3 n.3, 2017
- BITUN, Ricardo. *Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiência, ênfase e desafios*. Revista Caminhando v. 14, n.2, 2009
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007

BRUNNER, Flávia Silva Cruz. *Pedagogia Pentecostal: quando a igreja age em espaços que o poder público ignora (o caso da Escola Dominical da Assembléia de Deus ministério do Belém na zona urbana de Presidente Prudente)*. Dissertação de mestrado. UNESP, 2004

CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: São Paulo-SP: REVISTA USP n. 67, 2005*

CAROBIM, Antonio Luiz. *Uma análise dos usos e costumes adotados pela convenção geral das Assembléias de Deus no Brasil – CGADB. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Teológica Batista de São Paulo-SP, 2008*

CARVALHO, Osiel Lourenço de. (In) *Versões político-escatológicas no pentecostalismo brasileiro: Uma análise da posição e ação política das Assembleias de Deus de 1930-1945 e 1978-1988 a partir do jornal Mensageiro da Paz. São Bernardo do Campo-SP UMESP, tese de doutorado, 2016*

CORREA, Marina. *Assembleia de Deus: Ministérios, Carisma e Exercícios de poder. São Paulo: Fonte Editorial, 2013*

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. *O papel da mulher no meio pentecostal: novíssimas relações de gênero nas Assembleias de Deus. Curitiba-PR: Cad. Gên. Tecnol. V.9 N.33, 2016*

D`AVILA, Edson. *Assembléia de Deus no Brasil e a política: uma leitura a partir do Mensageiro da Paz. São Bernardo do Campo: Dissertação de mestrado apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2006*

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998*

DE OLIVEIRA, Sérgio Batista. *O lugar da hermenêutica bíblica na formação teológica da Igreja evangélica Assembleia de Deus. Dissertação de Mestrado apresentado a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012*

DE PAULA, Wesley Américo Bergamin Granado. *Assembleia de Deus avante vai!?: transformações e tensões na construção da Igreja evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1911 - 1980). Dissertação de Mestrado apresentado a Universidade Estadual de Londrina, 2013*

DIAS, Zwinglio M. *Um século de religiosidade Pentecostal: algumas notas sobre a irrupção, problemas e desafios do fenômeno pentecostal. Belo Horizonte-MG: HORIZONTE v.9 n.22, 2011*

DOWBOR, Ladislau. *A Era do Capital Improdutivo. São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2017*

DURAN, Marília Claret Geraes. *Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. Curitiba-PR: Diálogo Educ v.7, n.22, 2007*

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. São Paulo-SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992*

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de deus no Brasil urbano (1946-1980). Tese de doutorado apresentado a UNESP, 2015*

- _____. De Lutero a Berg e Vingren: uma aproximação possível? In: LIMA, Daniel Barros de; ALENCAR, Gedeon, Freire de; CORREA, Marina Santos. Reforma Protestante e pentecostalismo: convergências e divergências. Vitória-ES: Editora Unida, 2017
- _____. Assembleia de Deus no Brasil: uma igreja que cresce enquanto se fragmenta. AZUZA – Revista de Estudos Pentecostais v. 5 n. 2, 2014
- FANON, Frantz. Os condenados da terra. Lisboa: Editora Ulisses, 1965
- FERNANDES, Rubeneide de Oliveira Lima. Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal. Dissertação de Mestrado apresentado a UNIMEP, 2006
- FIGARO-GARCIA, Claudia. O ato de fugir de casa na adolescência: algumas hipóteses a partir de casos atendidos no projeto Caminho de Volta. Revista aSEPHallus, 2017
- FILHO, Francisco Negreiro. A Escola Bíblica Dominical, da Assembleia de Deus e sua contribuição para a educação e a cidadania. Vitória-ES: UNITAS Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões v.5 n.2, 2017
- FOCAULT, Michael. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro-RJ: Graal, 1989
- _____. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997
- FONSECA, André Dioneu. A revista *A Seara* e o anticomunismo no Governo João Goulart. São Paulo-SP: Projeto História n.51, 2014
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013
- FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado apresentado à Universidade de Campinas, 1993
- GILBERTO, Antonio. Manual da Escola Dominical: pela excelência do ensino da Palavra de Deus. Rio de Janeiro-RJ: CPAD, 1998
- GOMES, Aura Rejane. A questão da Palestina e a Fundação de Israel. Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Metodista de São Paulo, 2001
- GOMES, Francisco Alexandre. Lições Bíblicas que se transformam em sermões: possibilidade de usos da Revista *Lições Bíblicas* no Ceará (1950-2000). XI Encontro regional nordeste de História Oral. UFC, 2017
- GOMES, José Ozean. Da Objeção ao reconhecimento: uma análise da política eclesiástica da Assembléia de Deus brasileira em resposta à educação teológica formal (1943-1983). Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 2013
- GUIMARÃES, Robson Franco. Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos. REVER Revista de Estudos da Religião n. 1, 2005
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. O peregrino e o convertido: a religião em movimento. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008
- LIMA, Daniel Barros de. A educação pentecostal por meio do jornal Boa Semente (1919-1921). São Leopoldo: Anais do Congresso internacional da Faculdade EST, 2016
- LIMA, Delcio Monteiro de. Os demônios descem do norte. Francisco Alves, 1987

LIMA, Denise Maria de Oliveria. Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu, Salvador-BA: Cógito, 2010

_____. Diálogo entre a Sociologia e a Psicanálise: o indivíduo e o sujeito. Salvador-BA: Edufba, 2012

LOPES, Marcelo. Metanoia pentecostecostal: sinais de uma primavera educacional na Assembleia de Deus no Brasil. Juiz de Fora-MG: Tese de doutorado apresentado a Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018

MACEDO, Emiliano Unzer. Pentecostalismo e religiosidade brasileira. Tese de doutorado apresentado à Universidade de São Paulo-SP, 2007

MARCHIORE, Rogério Lacerda. Os desafios da Educação Cristã na Escola Bíblica Dominical do Século 21. Revista Ensaios Teológicos, v. 2 n. 2, 2016

MARCONDES, Lea Rocha Lima e. A formação de professores em educação cristã: uma leitura a partir da experiência com *Abordagem Relacional*, dissertação de mestrado, Puc - Pr, p. 145, Curitiba, 2005

MARX, Karl. O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte. São Paulo: Centauro, 2006.

MARIN, Jérri Roberto. A Assembleia de Deus nos anos de 1990: a “Década da Colheira”. Belo Horizonte-MG: HORIZONTE v.12 n.34, 2014

MAYNARD, Cândido Luiz Santos. O dispensacionalismo e a utilização de símbolos judaicos nos cultos evangélicos. Dissertação de Mestrado apresentado a Universidade Federal de Sergipe, 2016

MELLO, Isabel Cristina Veiga. As relações de poder no pentecostalismo brasileiro: uma identidade forjada no calor de sua história. Azuza – Revista de Estudos Pentecostais, S/D

MENDONÇA, Antonio Gouvêia. Protestantismo no Brasil. São Paulo-SP: REVISTA USP n.74, 2007

NETO, Francisco de Paiva Lima. Crer, aprender e sentir: o tripé estratégico para transmissão de visão de mundo do casal Kaller, na inserção do protestantismo no Brasil no século XIX. Tese de doutorado. UNESP, 2010

NORONHA, Claudio Pereira. O “sagrado selvagem” nas periferias urbanas: as tensões entre tradição e modernidade. São Paulo-SP: Ciências da Religião – História e Sociedade v. 11 n.1, 2013

OLIVEIRA, David Mesquiati de. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance. REVER ano 17 n 2, 2017

_____. *et al.* O dispensacionalismo no pentecostalismo brasileiro: introdução ao estudo de recepção da obra *O Plano divino através dos séculos*. Vitória-ES: Revista Eletrônica de Teologia das Religiões, v.4 n.2, 2016

OLSON, Nels Lawrence. O Plano divino através dos séculos. Rio de Janeiro-RJ: CPAD, 1981

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. “Branca para casar, mulata para F..., Negra para trabalhar”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Tese de doutorado apresentado à Universidade Estadual de Campinas, 2008

PAIXÃO, Daniel dos Santos. A missão sueca na construção da identidade assembleiana no Brasil. *Azuza – Revista de Estudos Pentecostais*, S/D

PEREIRA, Alan Ricardo Duarte. O medo à liberdade no pensamento humanista de Erich Fromm. *Goiânia* v.6 n.10, 2011

PICOLOTTO, Mariana Reinich. O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. *Revista Contraponto*, 2016

POMMERENING, Claiton Iva. Oralidade e escrita na Teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. *Azuza – Revista de Estudos Pentecostais*, S/D

RAMOS, André Luiz. Escola Dominical: história e situação atual. Dissertação de Mestrado, Mackenzie, 2013

RIVERA, Paulo Barrera. Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo na América Latina. São Paulo: Olho D`Água, 2001

_____. Festa, corpo e culto no pentecostalismo: notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano. *Juiz de Fora:MG Numen: revista de estudos e pesquisa da religião* v.8 n.2, 2005

ROTTA, Helen Rocha. A doutrina Truman e a criação do Estado de Israel: o Lobby judaico na política americana. *Revista Historiador* n. 5 ano 5, 2012

SANTANA, Marco Aurélio. Classe trabalhadora, confronto político e democracia: o ciclo de greves no ABC paulista e os desafios do sindicalismo atual. São Paulo: Lua Nova, 2018

SANTANA, Sonia Caravinho de. A Escola Bíblica Dominical atuando na prevenção do HIV/AIDS – Um estudo a partir da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Dissertação de Mestrado apresentado à Escola Superior de Teologia, 2012

SANTOS, C. S. S.; PAIVA, A. M. Educação Cristã e Escola Bíblica Dominical. In: Encontro Nacional Latino-Americana de Estudos Pentecostais, 2017, Manaus. Reforma protestante e pentecostal: convergências e divergências. Manaus/Vitória: FBN/Editora Unida, 2017. v. 1. p. 197-214

SANTOS, Ciranda Campos Santana dos; SANTOS, Laís de Souza dos. A Nova Imprensa: como os veículos de comunicação realizaram a cobertura do Estado Novo. Faculdade Social da Bahia, 2007

SANTOS, João Marcos Leitão. Religião e Educação: contribuição protestante à educação brasileira 1860-1911. *Top. Ecuad\c.*, Recife, v. 17, n. 1-3, p. 113-151, 2007

SANTOS, Lyndon de Araújo. O protestantismo no advento da república no Brasil: discursos, estratégias e conflitos. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH ano III n. 8, 2010

SIQUEIRA, Marcos da Cruz Alves. “Nesta escola não há lugar para bichinhas [...]”:
Diversidade sexual e homofobia no ambiente escolar. Dissertação de Mestrado apresentado à
UNESPAR/Paranavaí, 2015

SOUZA, Heitor Galvão. Educação e a Assembleia de Deus no Brasil: comparações, resultado,
tendências. Dissertação de Mestrado apresentado a Universidade Metodista de São Paulo, 2013

SOUZA, Jessé. A Ralé Brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte-MG: Editora UFMG,
2009

_____. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017

_____. A Ética Protestante e a ideologia do atraso brasileiro. Revista brasileira de
Ciências Sociais v. 13 n.38, S/D

_____. Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio
de Janeiro-RJ: Leya, 2018

_____. A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixou manipular pela
elite. São Paulo: Editora Leya, 2015

TERRA, Kenner Roger Cazzotto; OLIVEIRA, David Masquiati de. Hermenêutica do Espírito:
a leitura Bíblica na Reforma Radical. São Leopoldo: Estudos Teológicos v. 57 n. 1, 2017

TOPEL, Marta Francisca. A inusitada incorporação do judaísmo em vertentes cristãs
brasileiras: algumas reflexões. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV,
n. 10, 2011

VALÉRIO, Samuel Pereira. Pentecostalismo de migração: terceira entrada do pentecostalismo
no Brasil. Dissertação de Mestrado apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, 2013

_____. Pentecostalismo brasileiro de imigração: contexto, cotidiano e
institucionalização da Convenção das Igrejas Batistas Independentes. Tese de Doutorado
apresentado à Universidade Metodista de São Paulo, 2019

VIEIRA, Cezar Romero Amaral. Imigração protestante norte-americana e ilustração brasileira
no século XIX. VII Congresso LUSO-BRASILEIRO de História da Educação, 2008

WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Companhia das
Letras, 2004